



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO EM ENSINO

TIAGO AFONSO SENTINELI

TRAVESSIAS E ENCONTROS: SOBRE A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE

Santo Antônio de Pádua-RJ

2022

TIAGO AFONSO SENTINELI

TRAVESSIAS E ENCONTROS: SOBRE A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Fochi Nogueira
Insfran

Santo Antônio de Pádua, RJ.

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S474t Sentineli, Tiago Afonso
Travessias e encontros: sobre a (de)formação docente /
Tiago Afonso Sentineli ; Fernanda Fochi Nogueira Insfran,
orientadora. Santo Antônio de Pádua, 2022.
206 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Santo Antônio de Pádua, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGEn.2022.m.09645698766>

1. Formação docente. 2. Formação continuada. 3. Roubo do
tempo. 4. Classe docente. 5. Produção intelectual. I.
Insfran, Fernanda Fochi Nogueira, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto do Noroeste
Fluminense de Educação Superior. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

TIAGO AFONSO SENTINELI

TRAVESSIAS E ENCONTROS: SOBRE A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Fernanda Fochi Nogueira Insfran - Orientadora

Universidade Federal Fluminense

Prof^ª Dr^ª Maristela Barenco Corrêa de Mello – Membro Interno

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Fauston Negreiros – Membro Externo

Universidade Federal do Piauí

Santo Antônio de Pádua

2022

DEDICATÓRIA

À todas as professoras, professores e a classe docente como um todo deste país. A quem, historicamente, foi negado o direito de acesso à formação crítica e transformadora de suas práticas pedagógicas e políticas no chão da escola.

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo que governa o universo, às forças espirituais, ancestrais e sociais que me ampararam e me fortaleceram para insistir em todo este processo/jornada de pesquisa e escrita.

À classe trabalhadora e aos pobres que compõem a maioria absoluta da população deste país que, com o suor do seu trabalho, pagaram os impostos que foram destinados à manutenção dos gastos e despesas deste curso de mestrado, no interior, que me possibilitou estar neste espaço de conhecimento e saber ainda tão restrito e elitizado.

Às idealizadoras e idealizadores que sonharam e batalharam para abrir este programa que vem abrindo tantas portas, janelas e oportunidades nesta região tão pobre e abandonada do Estado do Rio de Janeiro. Isso foi e é fundamental para que professoras e professores da educação básica como eu possam acessar este espaço de formação.

À minha Orientadora, Prof^a Dr^a Fernanda Fochi Nogueira Insfran, pelo carinho, afeto, cuidado, compreensão e luta incansável por mim e pelos/pelas seus/suas. Sua ética, seu carisma, seu entusiasmo, sua postura política e profissional foram inspiradores e fundamentais em toda a minha trajetória até aqui. Obrigado por não desistir de mim, por comprar meus barulhos, por segurar as minhas mãos, por me acalmar nos meus picos de ansiedade, por ver potência onde eu enxergava fracasso, por ser essa orientadora/mãezona/leoa feroz e por conjugar junto comigo o verbo esperar. Obrigado por tanto aprendizado e por ser essa companheira ímpar nas lutas mais nobres e necessárias às causas da educação e da classe docente. Passamos a maior parte do curso em isolamento por conta da pandemia, mas em momento algum me senti solitário e desamparado. Obrigado por caminhar comigo!

À todo corpo docente do INFES/UFF. Em especial às professoras e professores que colaboraram e influenciaram diretamente na construção dessa pesquisa e na delimitação desse tema.

À turma do mestrado “*Apesar de você*”, do ano de 2019 por dividir comigo tantos momentos de aprendizagem e de crescimento profissional e humano. Em especial à Tânia Rodrigues (*in memoriam*) que não pode concluir conosco a jornada. Sinta-se representada e lembrada. Jamais esquecerei seu sorriso e a sua companhia.

Ao meu coletivo, o Núcleo de Estudos Interseccionais em Psicologia e Educação – NEIPE/UFF/CNPq – pela companhia, pela presença nos momentos mais cruciais do desenvolvimento da pesquisa e por dividir medos, angústias, sonhos e esperança. Paulo

Afonso do Prado, Márcia de Oliveira Lima Fitaroni, Thalles Azevedo Ladeira, Sâmela Estéfany Francisco Faria e Katiany Franco dos Santos, o meu muito obrigado pelas tantas contribuições e pela companhia na construção de tantos saberes e na produção científica. Esse espaço de micropolítica meu salvou e não permitiu que eu desistisse e afogasse.

Um agradecimento especial ao querido amigo e Professor Dr. Fábio Alves Gomes de Oliveira pelo afeto, cuidado e por me inspirar tanto na vida e na pesquisa.

À minha família, que mesmo sem compreender a grandiosidade e o significado dessa realização, me apoiou e vibrou comigo em cada passo dado. Sou o primeiro Professor Mestre das famílias do meu pai, Gilmar, e da minha mãe, Rosângela. Ao estar aqui hoje eu honro a luta de todos/todas os/as meus/minhas ancestrais.

Às colegas e aos colegas professoras e professores que dividiram e dividem comigo o chão de escola no CIEP 267 – Maria Aparecida Lima Souto Tostes e no Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças. A companhia cotidiana de vocês nos corredores, nas salas de docentes foram fundamentais para as minhas reflexões e observações.

Às amigas e diretoras escolares Jaraney Camacho, Márcia Emília Azevedo Machado Fravoline, Janaína Elias e ao amigo e diretor Sérgio Mattos pela compreensão e incentivo em todo este processo de dividir o tempo de trabalho com o tempo de estudo.

À minha Professora de História Maria de Fátima Rangel Mercante (*in memoriam*) por ser uma grande inspiração e uma das principais responsável pela escolha profissional do magistério.

Ao amigo Waldyr Barcellos Júnior por acreditar em mim, por sempre me incentivar, por caminhar comigo desde a graduação e pelos tantos ensinamentos/aprendizagens que pudemos compartilhar nas nossas vivências.

Aos queridos amigos e irmãos de vida e de sempre Antônio Lúcio Carneiro Nogueira, Luiz Bertrand Abreu Pestana e Rodolfo Freire do Nascimento por me apoiarem e por sempre acreditarem no meu potencial humano e profissional. Obrigado por tanto!

Às amigas Glaucia Nunes, Ingrid Palmeiras e aos amigos Gean Alves e Iago Gadelha por toda força, carinho e apoio que vocês me deram durante todo esse processo e por compreenderem a minha ausência e distância durante este tempo. Amo vocês!

À amiga e Professora Sabrina dos Santos Arruda por sonhar junto comigo este mestrado. Reprovamos, tentamos de novo, conseguimos e concluímos juntas. Nós conseguimos! Essa conquista é nossa!

E por fim, quero agradecer de forma muito especial às cinco professoras heroínas por terem cedido parte do seu valiosíssimo tempo contribuindo com a pesquisa que integra esta dissertação. Todo meu respeito e carinho a cada uma de vocês!

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de pesquisa um debate teórico crítico sobre a formação docente e as dificuldades existenciais de dar continuidade à formação; uma pesquisa de campo, em formato de rodas de conversa, com o objetivo de debater, com um grupo de docentes, sobre as inquietações teóricas que motivaram a pesquisa em um todo. A abordagem exposta em seu título, ou seja, (de)formação, foi a definição escolhida para sintetizar a formação docente carente de crítica e pensada em uma perspectiva sem enraizamento social e histórico. Uma formação que reproduz um modelo de educação que atende aos ditames da sociedade capitalista neoliberal, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais. O trabalho tem como ponto de partida um memorial que resgata as minhas experiências com a docência e, a partir das inquietações advindas dos exercícios de reflexão crítica sobre essas vivências no trabalho docente, foi se desenhando o caminho teórico escolhido para a discussão subsequente que contempla a alienação e o roubo do tempo, aspectos existenciais da sociedade capitalista neoliberal que produzem e sustentam a (de)formação. Na sequência, utilizando argumentos teóricos da Psicologia Escolar e da Pedagogia histórico-crítica, discute-se a formação inicial e o desencontro que ela provoca entre docentes e a escola real, atravessada pelas desigualdades sociais, e algumas das dificuldades impostas à formação continuada. As políticas de sabotagem e (des)incentivo à formação continuada na rede pública estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro é analisada e discutida em recorte e a partir da análise da legislação federal e estadual no que concerne à formação continuada. Em sua parte final, o trabalho apresenta os resultados da pesquisa “Professores na Pandemia – fase 3”, realizada no formato de rodas de conversa com um grupo de cinco professoras. A ação de realizar a pesquisa teve e tem como objetivo criar espaços coletivos que visem a superação da (de)formação e a mobilização da classe docente em torno das lutas e debates urgentes para a melhoria da prática educativa e das condições de trabalho/existência.

Palavras-chave: Travessias; encontros; (de)formação; formação continuada; alienação; roubo do tempo; chão de escola; classe docente; coletivo.

ABSTRACT

This essay had as its research object the continuing formation of university teachers. More specific the ones that act on the Fluminense Federal Institution. The choice of this group came from the realization of its idiosyncrasies, once they are future teachers trainers. And the inicial questions that surrounded it, from a personal expectation are: what are the challenges faced by these teachers when acting out their profession? If their inicial formation does not make the university teacher able to face routine from the instructor practice, where can we find this hability? Looking for investigating and finding possible answers for those questions, a quantitative research was done, a questionnaire and a focus group were used as instruments to collect data, besides bibliography, that pointed to a continuing formation as an important tool for the professional development and facing challenges. From the historical, documental analyses and from the educational legislation, such as the model promoted and developed through our history. Concluding that the same does not contemplate the type of continuing formation that is held on this essay. This way three meetings with the focal group were done. Formed by six teachers that act on the Fluminense Federal Institution graduation, where the continuing formation service was able to be practiced, where they could share their thoughts, feelings, experiences, their identity and what they consider continuing formation and as challenges on the whole of a college education. It is expected that this paper must be “provocative”, that it contributes to deconstruct concepts and resignify the continuing formation.

Keywords: continuing formation; teaching in college education; graduation; challenges.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1- CAMINHOS, TRAVESSIAS, ENCONTROS E ATRAVESSAMENTOS DE UM PROFESSOR	17
2 – A EXISTÊNCIA ATRAVESSADA PELA ALIENAÇÃO NEOLIBERALISTA	27
3 – SOBRE O ROUBO DO TEMPO E A PRECARIZAÇÃO DA VIDA	34
4 – SOBRE A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE	43
4.1 – O (des)encontro com a escola real: pensando criticamente a formação inicial	44
4.2 – Políticas de sabotagem e (des)incentivo à formação continuada na rede pública estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro	54
5 - METODOLOGIA	62
6 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS RODAS DE CONVERSA E RECORTES DA PESQUISA “PROFESSORES NA PANDEMIA” – TERCEIRA FASE	71
6.1 – Considerações e apontamentos gerais sobre as rodas de conversa e suas participantes	73
6.2 – Professora Ana	77
6.3 – Professora Rose	83
6.4 – Professora Eliete	88
6.5 – Professora Lúcia	94
6.6 – Professora Sônia	101
6.7 – Considerações sobre os resultados das rodas de conversa	106
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO	122

INTRODUÇÃO

A pesquisa que pretendo aqui apresentar não foi a idealizada e proposta quando, em 2018, tentei, pela primeira vez, ingressar no programa de mestrado em Ensino. Meu tema e objeto de pesquisa versavam sobre a complexidade do fracasso escolar em Miracema, como sendo um produto da omissão do estado, enquanto garantidor de um direito básico, e da influência das facções ligadas ao tráfico nos territórios marginalizados da cidade. Portanto, minha pesquisa objetivava investigar fenômenos que aconteciam com o outro, a partir da observação da trama que se desenrolava no cotidiano dos espaços em que atuo como professor. Porém, ao fim do primeiro semestre presencial em 2019, quando escrevi um artigo para ser entregue como trabalho de conclusão da disciplina de epistemologias, os rumos da pesquisa começaram a mudar. Nesse trabalho nos foi proposto como objetivo central pensar a partir do nosso campo de pesquisa, tendo como base as leituras, aportes teóricos e as autoras e autores que caminharam conosco durante esse percurso e que nos instrumentalizaram a interpretar nossos objetos de estudo e produzir a partir dele. A ação de produzir este artigo/trabalho, que se apresenta em sua essência no primeiro capítulo, me proporcionou a oportunidade de realizar uma imersão, um exercício interno de pensar o que acontecia comigo a partir do contato com meu campo de pesquisa e objeto de estudo.

Com a chegada de 2020, trazendo em seu bojo a pandemia e, com ela, o aprofundamento da precarização da vida e das condições de trabalho e existência das/os professoras/es, novos exercícios de consciência foram acontecendo em mim, o que reforçou o que já vinha sendo construído internamente no sentido de mudar a perspectiva e o foco da pesquisa. Arrisco a dizer, por todo o “movimento” que ocorreu, que houve uma inversão, uma virada ao avesso nas minhas pretensões de estudo propostas até então. Repensei as minhas travessias no campo de aviação – nome popular do bairro onde se situa a escola pública onde atuo – e, a partir do encontro com autoras e autores que me acompanham desde 2018, senti que o que de fato me movia e me incomodava enquanto pesquisador era o que estava acontecendo em mim, era a mudança de perspectiva e de leitura/interpretação de mundo que eu experimentei desde que comecei a atuar no CIEP 267 em 2010.

Essas travessias, encontros e atravessamentos me proporcionaram um exercício de consciência sobre o meu papel enquanto educador, sobre o lugar que ocupo e o que eu produzo e reproduzo dentro da engrenagem social a partir do meu fazer pedagógico, do

meu contato e relacionamento com meus alunos e colegas de profissão, que dividem o chão de escola comigo. E, ao realizar este exercício, um ponto em específico me chamou a atenção e, de certo modo, me fez chegar ao tema que aqui apresento.

Entre tantas reflexões sobre a trajetória que me trouxe até aqui, pensar criticamente sobre a minha formação no curso de graduação e licenciatura se tornou algo urgente a discutir. Uma formação limitada que produziu em mim (de)formação: esta foi a forma que escolhi para interpretar e denominar o que aconteceu comigo e que continua a acontecer com tantas e tantos outras e outros que se dispõem a cursar uma licenciatura para atuar na carreira docente. A atuação de docentes, seu comportamento e posturas no chão da escola, bem como sua formação no Brasil são temas já bastante abordados e discutidos por muitas/os pesquisadoras/es há décadas (Ribeiro, 1984; Patto, 2005; 2009; 2015; Asbahr & Lopes, 2006; Souza & Checchia, 2016; Insfran, 2017; Checchia, 2020). Porém, acredito que novas perspectivas e interpretações acerca do tema contribuem ainda mais para enriquecer o debate.

Diferentes lugares de fala, seja a partir da ótica da psicologia, da pedagogia ou da antropologia nos oferecem diferentes ângulos, possibilidades e sentidos para interpretar. Aqui, quem fala, quem deseja saber e pesquisar é um professor da educação básica, trabalhador do chão de escola. Um professor branco, que fala a partir de um contexto de uma cidade interiorana, da região mais pobre do Estado do Rio de Janeiro e que atua em uma escola localizada em um bairro preto e periférico. Acho extremamente necessário deixar isso bem marcado, pois dessa forma deixo explícito, intencionalmente, o “DNA” que compõe essa pesquisa: um professor que fala e reflete sobre sua formação (de)formada.

Pretendo, portanto, discutir os problemas e ausências que uma formação incipiente causa e provoca ao não fornecer elementos básicos para que professoras e professores atuem em um cotidiano escolar diverso e entrecortado por heranças históricas e sociais. Para tanto, num primeiro momento, para elucidar o fio condutor da pesquisa, trarei uma narrativa da minha trajetória, dos caminhos de percorri, das minhas travessias, experiências e encontros com teóricos e autores que me acompanharam nesse percurso, me inspiraram e me fizeram olhar de novo e de novo para enxergar novamente. Feito isso, pretendo fazer uma discussão sobre os caminhos e o contexto históricos que produziram este formato disforme de formar professoras e professores. Trazer para o debate o peso da influência do pensamento liberal enquanto formatador e indutor das formas de se ver e pensar as relações sociais, como justificador das desigualdades e como mantenedor da

ordem social burguesa (CHAUI, 1997; MÉSZÁROS, 2016; HOBSBAWN, 2020a; 2020b). Também, entender como as ciências, em particular a psicologia, trabalhou para justificar as disparidades e para individualizar as vitórias e fracassos (PATTO, 2015). E no que tange à psicologia escolar tradicional, discutir como ela influenciou na construção de concepções deturpadas e desconexas da realidade social, prejudicando o olhar docente na prática cotidiana.

Também achei necessário, a título de construir uma fundamentação teórica, discutir e pensar sobre o roubo do tempo na sociedade capitalista e neoliberal. Pretendia, a princípio, trazer essa discussão em um tópico do próximo capítulo, onde pretendo falar especificamente sobre a (de)formação. Porém, por se tratar de uma discussão que perpassa os vários aspectos da existência humana na sociedade em que vivemos, e por ser algo que vem me inquietando e me incomodando há um certo tempo, resolvi, de última hora, dedicar um espaço/destaque maior à essa questão. O botão dessa inquietação/incômodo foi ligado em outubro 2019, em um encontro no IFF de Santo Antônio de Pádua, quando ouvi a fala profunda e convidativa do professor Fábio Oliveira a respeito dessa temática. Essa fala vem ecoando em mim desde então, me inspirando a pensar criticamente nesse aspecto que atravessa profundamente o nosso viver. Considero essa discussão muito necessária dentro da minha pesquisa, pois me sinto sensivelmente afetado pelo roubo do tempo. Em (LAROSSA, 2015; SOUSA, 2019;) encontrei espelhado muitos aspectos da fala do professor Fábio e alguns dos subsídios teóricos para fazer essa discussão.

Em sequência, pretendo discutir a (de)formação em si, ou seja, o que uma formação apartada de uma visão crítica de mundo e sociedade vem produzindo e reproduzindo no seio da sociedade. Que tipo de docentes essa formação vem (de)formando. Listar as possíveis hipóteses das causas que contribuem para (de)formar. Enumerar alguns dos principais males e prejuízos que essas práticas (de)formadoras podem acarretar para a educação.

As possíveis hipóteses/causas da (de)formação que, num primeiro momento, desejo levantar são: a) ausência de conteúdos básicos de psicologia e pedagogia em sua perspectiva histórico-crítica escolar nos currículos das licenciaturas; b) a falta de uma política de incentivo e investimento em formação continuada para que a classe docente seja, de fato, formada, preparada para atuar na escola real, que de fato forneça melhorias nas práticas pedagógicas cotidianas e na valorização efetiva das/dos professoras/es; c) a extensa carga horária, as longas jornadas de trabalho e a desvalorização salarial que faz

com que professoras e professores tenham vários vínculos de trabalho ficando afogados, oprimidos e sem tempo para que se dediquem à formação; d) a existência histórica de práticas autoritárias nas formas de conduzir a tomada de decisões nas políticas educacionais no Brasil – o que acaba fazendo com que o professor não se sinta como parte integrante daquilo que faz, que perca o significado e o sentido real da docência.

Trazer as/os docentes para centro do debate e pensar no papel que essas/esses profissionais desempenham no meio de toda essa dinâmica que se impõe sobre nós, enquanto sociedade, é meu objetivo, também, com essa parte. Para tanto, quero trazer neste momento da pesquisa, um aporte teórico para sustentar essas hipóteses (PATTO, 2005; 2009; 2015; CASTRO, 2020; CHECCHIA & SOUZA, 2016) e os dados da pesquisa “professores na pandemia” desenvolvida pelo NEIPE/UFF (Núcleo de Estudos Interseccionais em Psicologia e Educação) em 2020 junto aos professores que atuam nos diversos níveis da educação e que se defrontaram com o ensino remoto.

Como parte final da pesquisa, pretendo apresentar os possíveis caminhos e possibilidades para superar a (de)formação a partir do fortalecimento dos espaços coletivos que possibilitem a formação e o exercício de consciência. Entre esses espaços pretendo destacar: a) grupos de estudo e pesquisa; b) facilitar a participação de professores como ouvinte nos programas de pós graduação nas universidades; c) cobrar e reivindicar a implementação de formação continuada como grupos de estudo e pesquisa, participar como ouvinte.

Esses espaços foram fundamentais para que eu pudesse ter os meus encontros e desenvolver uma postura mais crítica a respeito dos processos de ensino/aprendizagem. Esses encontros e atravessamentos fizeram de mim um professor mais humano, empático e mais preparado para lidar com a diversidade que perpassa a escola. As portas que foram abertas de forma despretensiosa no INFES me mostraram outras formas de ver e entender o panorama social no qual estou inserido. No NEIPE/UFF encontrei companheiras e companheiros que me fortaleceram e me ajudaram a estar em constante formação e em exercício cotidiano de consciência. Mais que isso, dividiram comigo os fardos, angústias e frustrações em um 2020 de pandemia e de extrema precarização da vida, trabalho e existência das professoras e professores sobrecarregados pelo ensino remoto. Partindo dessa experiência particular e inspirado em pesquisas que ressaltam a importância da coletivização (CASTRO, 2020), pretendo propor algumas alternativas para que a classe docente busque e ocupe esses espaços para superar as “deformidades”. Entre essas a organização de rodas de conversa como ferramentas de formação continuada e

acolhimento professoras e professores da educação básica com o objetivo de partilhar histórias de vida, discutir os problemas e aflições do cotidiano escolar e promover encontro com autoras e autores que foram exilados e apartados de nós quando fizemos nossas graduações e licenciaturas. Esta é a forma com a qual pretendo transbordar minha pesquisa, fazer com que ela tenha relevância social e ultrapasse os muros da universidade.

Espero e sonho que essa pesquisa e minha história possam inspirar outros muitos encontros que possibilitem a desconstrução das deformidades. Nesses últimos três anos eu cresci e melhorei muito enquanto ser humano e enquanto professor. Tenho consciência de que existem forças muito maiores e todo um aparato que deseja que a (de)formação prevaleça e que a educação continue produzindo desigualdades e fracassos para a manutenção dos privilégios de poucos. O sistema deseja que as/os professoras/es continuem sendo mal formadas/dos e que tenham pouca noção crítica. Nesse formato autoritário ele opera no sentido de excluir e de estagnar a classe (SENTINELLI e INSFRAN, 2020; INSFRAN et al., 2020). Com isso são eliminadas quaisquer possibilidades de articulação da luta por uma educação que seja, de fato, emancipadora e que a classe docente tenha clareza da real importância de seu papel enquanto transformadores ou reprodutores da ordem social predominante. A inconsciência produzida pela (de)formação afasta a classe dos reais ganhos e valorização que ela merece e necessita. Portanto, acredito no coletivo como força capaz de amenizar nossas dores, exercitar a consciência e organizar a luta.

Como uma última observação, quero registrar que os capítulos pensados até aqui ainda estão em fase de gestação. Novas referências foram surgindo e não houve ainda tempo hábil para incorporá-las como subsídios ao texto. Ao fim das referências utilizadas irei citar, à parte, essa bibliografia que poderá ser complementada nos escritos futuros de acordo com os apontamentos da banca.

1 – CAMINHOS, TRAVESSIAS, ENCONTROS E ATRAVESSAMENTOS DE UM PROFESSOR

“Quero lhe contar como eu vivi

E tudo que aconteceu comigo”

(Belchior)



O QRcode acima contém um link que encaminha a/o leitora/leitor para acessar o vídeo “*Uma travessia, um lugar de fala*”, hospedado no YouTube. O vídeo em questão foi produzido para a ocasião da defesa da presente dissertação. Ele se propõe a oferecer e a apresentar, para quem se sinta convidado a conhecer o presente trabalho, o lugar de fala, a comunidade, a escola pública, enfim, e a realidade social onde este professor que vos fala/escreve atua. Este recurso audiovisual explicita e elucida as *Travessias* – com a inicial maiúscula – que tanto evoco no decorrer do texto e que me marcaram tanto neste processo de vivências, experiências, pesquisa e escrita.

Também, na epígrafe, aproprio-me dos versos de Belchior para enunciar o que pretendo desenvolver ao longo desse texto. A música sempre foi um tipo de linguagem/arte muito constante e presente em minha trajetória pessoal. Sempre recorri a esta arte para tentar dizer, expressar coisas e sensações que a palavra dita ou escrita não davam conta de externar. Além de professor, e até mesmo antes de o ser, sou músico e, no presente, me coloco como pesquisador. Por tudo isso quero justificar a presença desses versos para, de certa forma, explicar como eles atingem o âmago dessa produção, a essência dela e como ela começou a ser gestada em mim. Pretendo, de fato, escrever sobre o que aconteceu em mim, sobre o que me estremeceu, me balançou, sobre o que me capturou a partir do contato com uma realidade específica e me fez fazer esse exercício

interno de remodelamento da minha consciência a partir das vivências e atravessamentos que me ocorreram e continuam a ocorrer desde que me tornei professor. Pretendo, aqui, fazer uma reflexão sobre esses acontecimentos, sobre essas vivências e experiências à luz de leituras que me foram fundamentais, que me ajudaram a ajustar o foco para clarificar e pensar sobre outras possíveis interpretações daquele cotidiano no qual eu estava inserido. Desejo falar sobre como essas leituras me ajudaram a superar visões e leituras limitadas a respeito daqueles espaços que habitei e hábito. Enfim, um exercício de um professor inquieto que se propôs a pensar o funcionamento das engrenagens daquele espaço (escola e comunidade) e o lugar que ocupa dentro desse mecanismo.

Fica bem latente nas minhas linhas, e desejo que fique bem explícito, que foram as minhas experiências e vivências que me trouxeram até essas linhas e páginas. Foram elas que me atravessaram e que aconteceram em mim. E assim como recentemente escreveram Sentineli e Insfran (2020) sobre esta rica relação da experiência com a produção de conhecimento, também quero deixar bem claro aqui que este foi o fluxo que fez emanar esta pesquisa. Segundo o/a autor/autora:

(...) Essas experiências nos sensibilizaram e foram o fio condutor que nos animou a escrever e a fazer este exercício de imersão nessas realidades, de pensar sobre elas. A experiência foi o nosso campo fértil e motivador para a produção desse texto (...) (SENTINELI e INSFRAN, 2020, p.120).

Tenho usado com frequência os termos experiência, acontecimento e atravessamento na minha escrita. Eles irão me acompanhar durante todo o percurso dessa pesquisa. Como já deixei claro, eles me tomaram pela mão e foram me conduzindo pelo caminho, de acordo com o que a minha curiosidade me suscitava e de encontro aos arcabouços teóricos que me serviram de alicerce de interpretação e leitura do mundo. Nesse sentido, os escritos de Jorge Larrosa foram grande inspiração e respaldo para que eu pudesse trazer essa escrita embebida no sentir, no observar, no acontecer e no atravessar. O autor faz uma importante reflexão sobre as possibilidades de conhecimento que a experiência nos possibilita. A respeito dessa forma de produção do conhecimento, em seu livro *Tremores: Escritos sobre experiência*, Larrosa nos diz que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender

a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p.25).

A vida é e sempre será algo que me convida e convidará à escrita. Escrever sobre o que eu vivo, sobre o que sinto, sobre o que me angustia, sobre o que me causa revolta, sobre o que me aguça a curiosidade, sobre o que me desconforta e sobre o que me inquieta é algo que me atrai e me causa brilho nos olhos. Assim como também me inspira a perspectiva de escrita de Madalena Freire:

Escrever com sangue, dor e prazer é falar do que corre em nossas veias. Falar de amor, ódio, sonho.

Ousar colocar, socializar para o outro, o que pensamos, somos, dói, "a dor é prova de existência". "A dor retrata a diferença." Não nos cabe fugir dela, e sim enfrentá-la "para a construção do prazer, do conhecimento de nós mesmos, do outro, da realidade" (FREIRE, 1996, p.22)

Portanto, reafirmando, achei necessário trazer aqui, nesta primeira parte, neste hall de entrada, a trajetória e os caminhos que me trouxeram até ao curso de mestrado em Ensino.

Cheguei no INFES, no início de 2018, para o meu primeiro processo seletivo de ingresso no mestrado com um outro objeto de estudo, com um outro projeto e com uma outra perspectiva de pesquisa. E, no primeiro semestre de curso, já em 2019, nas aulas, nos encontros presenciais, nas orientações e nas reuniões do grupo de pesquisa (NEIPE/UFF) fui percebendo que a minha pesquisa tinha muito mais a ver comigo, com a minha (de)formação, ou seja, com as ausências que marcaram a minha licenciatura, com a minha trajetória do que com o outro em si diretamente. Pretendia eu pesquisar sobre o fracasso escolar de adolescentes e jovens pretos, pobres e periféricos que, sem oportunidades dentro de uma sociedade neoliberal excludente, se envolviam com facções criminosas ligadas ao tráfico. Após o fim do primeiro semestre de estudo e no transcorrer do ano de 2020 notei que algo falava mais alto em mim, que existia algo mais urgente a pesquisar, pensar, refletir e discutir. Concluí que eu precisava fazer um exercício de reflexão sobre o que experienciei, experimentando e sentindo ao longo desses anos. E para estender os limites dessa pesquisa, considero que falar sobre mim é também falar sobre o/a outro/outra. Falar sobre a minha “deformidade” é falar sobre a condição em que se “forma” e que se encontra grande parte das professoras e professores da educação básica como eu. É pensar como esta classe está posicionada nas dinâmicas sociais e o que este coletivo de indivíduos produz e reproduz. Pois bem! Deixe-me então falar sobre como as coisas aconteceram comigo e em mim.

Em 2009 eu já atuava oficialmente como professor contratado em uma escola de uma rede particular em Miracema: o Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças. Neste ano eu prestei concurso para a Prefeitura de Santo Antônio de Pádua e para a SEEDUC/RJ. Em 2010 fui convocado nesses dois concursos. A partir deste momento fui designado para atuar como professor da educação básica da rede pública de ensino. Na rede municipal, em Santo Antônio de Pádua, nos distritos de Campelo e Paraoquena – na zona rural da cidade – e na rede estadual, na cidade em que resido, Miracema. Cidades do noroeste fluminense, do interior e que se localizam na região de maior pobreza do Estado do Rio de Janeiro. Em 2014 fui convocado novamente em um segundo concurso que prestei para a rede estadual e assumi meu segundo vínculo, passando a trabalhar somente em Miracema onde, após alguns meses no Instituto de Educação de Miracema, comecei a atuar no CIEP 267 – Maria Aparecida Lima Souto Tostes.

As minhas vivências e experiências cotidianas no CIEP 267 serão o recorte dessa pesquisa. Essa escola fica localizada na parte alta da cidade, no morro. Trata-se de uma área periférica, marginalizada e marcada por um processo histórico de favelização. Lugar onde, aos poucos e aos montes, os pobres da cidade foram sendo depositados e se amontoando de forma precária, de acordo com suas necessidades prementes.

O prédio da escola foi uma das primeiras construções erguidas sobre o antigo campo de aviação da cidade, hoje bairro Vila Nova. O bairro ainda é conhecido popularmente assim: “campo de aviação”. A construção do CIEP tem a simbologia de uma pedra angular para o nascimento e desenvolvimento do próprio bairro, pois a implantação dessa unidade escolar significou a desativação do campo de aviação e a liberação para a construção de casas e habitações. Ela foi construída em uma das extremidades da área, no fundo do antigo campo, no ponto em que os aviões partiam para a decolagem e onde eles encerravam a aterrissagem. Logo, para se chegar até a escola, é preciso atravessar todo o bairro/campo. Em todos em que trabalho no CIEP eu faço essa travessia. Esse exercício constante de realizar essas travessias nesse espaço, de presenciar e observar a dinâmica-ação que se apresentava diante de mim nesse cotidiano me afetou em diversos aspectos. Essas travessias e os atravessamentos que elas provocaram em mim são a matéria prima desse texto. Elas são uma parte fundamental da inspiração desses escritos que brotaram a partir dos encontros e confrontos do real com o teórico e me conduziram à novas leituras e interpretações de possibilidades de mundo.

Farei uma breve exposição/descrição sobre o bairro/campo que atravesso. A constante observação e contato com esses espaços, e como eles foram sendo constituídos

e ocupados historicamente, me causaram profunda instigação, reflexão e curiosidade. Principalmente quando penso sobre a simbologia e o significado da existência da escola naquele espaço. Por isso acho necessário descrever, superficialmente, este espaço que atravesso e que me atravessa.

O lugar onde a escola se localiza. Lugar anterior de chegadas e partidas, de início da decolagem e de fim da aterrissagem dos aviões. Espaço onde foi construído um prédio escolar que inaugura o povoamento da área. Fora isso, ela se coloca em uma zona limítrofe entre a favela e o antigo lixão da cidade, que fica localizado atrás da escola e, onde hoje, no local, funciona uma cooperativa que recolhe o lixo de toda a cidade. A escola também era, há bem pouco tempo, o divisor de fronteira, a zona limítrofe entre os territórios de facções rivais ligadas ao tráfico de drogas. Na parte anterior foi construída uma creche municipal que atende a comunidade. Ao lado dessa creche, um conjunto esportivo composto por duas quadras (uma delas coberta) e um campo de futebol. Esse conjunto nunca foi inaugurado e aberto oficialmente para o uso e aproveitamento da comunidade, está totalmente abandonado e se deteriorando com o tempo. A partir desse conjunto esportivo se segue o emaranhado de casas e barracos que se estendem por toda extensão do campo, até a outra extremidade, formando o bairro.

A minha chegada nessa comunidade foi marcada pelo estranhamento, por preconceitos e estigmas. Apesar de ter origem humilde, de ter vindo da zona rural morar na cidade com meus pais sem eira e nem beira, aquele ambiente me causava desconforto. O quadro vivenciado por aquelas pessoas, suas formas de viver, sua condição de totalmente despossuídas, jamais foi vivenciado por mim e meus pais. O estranhamento foi se tornando angústia, gerada em mim pelo confronto com aquele mundo. Nesses primeiros contatos, e nos anos que se seguiram, meu olhar foi de culpabilização daqueles indivíduos pela condição em que se encontravam. Era um tempo em que eu estava imerso no discurso da meritocracia capitalista neoliberal, tentando refletir a história do outro na minha. E quem era eu naquele instante? Que história/trajetória eu havia construído sobre mim até então? Um menino pobre, branco, que veio da zona rural com os pais para morar de favor em um quarto, que trabalhou desde os nove anos de idade – estudou ao mesmo tempo –, que conseguiu fazer faculdade, que passou em concurso público e que, por mérito, conquistou seu lugar ao sol. Não tenho vergonha de admitir, esse era eu: absorto por esse discurso meritocrático, alienado e inconsciente da realidade material na qual estava inserido. Mas o tempo foi descamando o meu olhar sobre aquele cenário. O tempo me proporcionou a sorte de ver diferente. Digo sorte, pois o sistema em que vivemos

opera num sentido de se legitimar e impedir, por diversos meios, que a grande maioria das pessoas acessem esse entendimento mais crítico e material-histórico da sociedade. Realizar este exercício infelizmente é uma ação que poucos conseguem.

A interação diária com os despossuídos foi me inquietando no sentido de buscar outras perspectivas, interpretações e possíveis novos entendimentos sobre as suas condições vida e existência. Essas inquietações provocaram em mim um desejo, cada vez maior, de investigar e de observar mais detalhadamente aquela dinâmica social que estava posta sobre os meus olhos cotidianamente. A observação mais acurada daquele campo e da vida dos sujeitos que o povoam provocou em mim uma transformação. Foi mudando minha leitura de mundo aleijada que, por conseguinte, me fazia reproduzi-la de forma distorcida, culpabilizando, criminalizando e operando como mais um algoz do sistema neoliberal meritocrático. Portanto, pretendo desenvolver aqui algumas reflexões que foram surgindo a partir dessas *travessias*, da observação desse campo onde eu via, e vejo, a ação e em contraponto com autoras/res, teóricas/os que fui *encontrando* pelo caminho.

A práxis que esse cotidiano apresentou diante dos meus olhos foi me incomodando e me impulsionando a buscar arcabouços teóricos e leituras para me auxiliar na tarefa de interpretar de forma mais crítica aquela realidade. Buscava eu, naquele momento de incômodo e inquietação, me encontrar para tentar entender. Como citei anteriormente, o marco inicial desses encontros aconteceu no primeiro semestre de 2018, quando fui convidado a cursar como aluno ouvinte a disciplina de *Tópicos Especiais em Psicologia e Educação*, no programa de mestrado em Ensino no INFES/UFF, ministrada pela professora Fernanda Insfran. Nesse momento, entre tantos outros encontros que me marcaram, quero destacar Patto (2015) e Freire (1987). Em 2019, já aprovado como aluno e cursando as aulas do programa, os encontros passaram a ser mais frequentes e constantes. A partir das lentes dessas/desses teóricas/teóricos pude fazer uma releitura daquela realidade, desvelando alguns traços e aspectos que não se apresentavam explícitos ao meu olhar inicial, ou que se apresentavam de forma turva diante de mim.

As travessias e esse transitar constante pelo campo, esse ir e vir, foi trazendo à tona muitos questionamentos. A própria forma como me apresento, habito e produzo esse texto é consequência dessas leituras. No contato com essas vivências a *enação* me foi um instrumento valioso, pois como afirma Najmanovich (2001):

A enação permite pensar na emersão sincrônica do sujeito e do mundo na experiência contextualizada, corporalizada e histórica. A *enação* nos afasta das metáforas visuais e propõe considerar uma multiplicidade de formas de percepção do sujeito encarnado em co-evolução com o seu ambiente. O mundo vivencial não tem uma existência independente,

não pertence a uma esfera transcendente mas, como afirma Antônio Machado: *se faz caminho ao andar*. Tampouco existe uma mente ou um eu substancial que seja sede fixa e imutável da experiência. (NAJMANOVICH. 2001, p.27)

Portando, a fala sobre esse cotidiano, o que eu produzo a partir dele será inevitavelmente habitado por mim, pelas minhas marcas, pela forma que ele toca o meu olhar e pela minha historicidade. E, com isso, advém, também, a responsabilidade de se ter consciência sobre aquilo que irei criar, pois a criatura pode deturpar, reproduzir ou provocar reflexões críticas sobre a realidade habitada com fins de transformá-la ou perpetuá-la. Além do mais, toda fala e tudo o que se produz a partir do cotidiano traz consigo uma responsabilidade. “O sujeito encarnado desfruta do poder, da criatividade e da escolha, mas deve assumir o mundo que co-criou” (NAJMANOVICH, 2001, p.29). Pensando dessa forma, a vigília sobre o que se fala e o que se reproduz deve ser constante. A fala de um pesquisador sobre o mundo ecoará nele, irá dizer sobre ele trará consigo um arcabouço de convicções e posicionamentos desse sujeito e seu lugar de fala. Daí a necessidade de se reafirmar a responsabilidade sobre o que se fala e o que se produz.

Pensando sobre a minha fala e sobre as minhas impressões a partir da observação desse campo, Paulo Freire foi uma importante bússola de orientação e inspiração nesse momento de me encontrar e de me posicionar criticamente diante desse mundo e desse meu campo específico de atuação. Principalmente quando se trata da produção de conhecimento no campo das ciências humanas, onde se torna impossível qualquer tentativa de postura neutra, de se eximir da natureza política dos nossos atos em meio à sociedade. A esse respeito, em sua obra *A Importância do Ato de Ler*, Freire afirma que:

"Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. Neste sentido é que todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar ou anunciar. Mas é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. (FREIRE, 1985, p. 15)

Além de me orientar quanto ao meu lugar de fala, Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1987) me auxiliou muito a pensar de forma crítica as vivências no campo e na escola ao longo desses anos. Como citei anteriormente, minha entrada inicial naquele ambiente, meu transitar por aquele território, foram atravessados por cegueira, falta de criticidade, estigmas e pré-conceitos. Ao transpor o campo, em dias úteis, em horário de

trabalho, indo ou voltando da escola, observava os indivíduos depositados nas portas de seus barracos. Eu os reproduzia como pessoas entregues ao ócio e aos vícios, culpabilizava-os pela condição em que se encontravam. Aos meus olhos aquilo soava como vagabundagem, criminalidade, apatia e anestesia. Afirmo novamente: preciso dar a mão à palmatória, pois era eu mais um opressor que estava imerso e afogado em um sistema inundado pelo discurso meritocrático da sociedade capitalista neoliberal. A esse respeito, à força/pressão que esse sistema exerce sobre nós, Freire (1987) irá dizer o seguinte:

Este é um dos problemas mais graves que se põem à libertação. É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências. Nesse sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isto é que, só através da práxis autêntica, que não sendo “blábláblá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. (FREIRE. 1987, p.21)

Como Freire bem disserta e, como disse anteriormente, realizar este exercício de reflexão para acessar um vislumbre crítico e real da sociedade não é tarefa fácil. Demanda de nós o pensar criticamente para emergir à superfície desse sistema perverso e criar a consciência que nos conduzirá rumo à libertação e à liberdade. A partir do momento em que se adquire essa consciência na ação de emergir, encontramos e entendemos nosso lugar na trama do mundo. Nesse momento e que se começa a entender o funcionamento dessas engrenagens que nos afogam e o que o operar delas implica em nossa condição real de existência. Temos a possibilidade de nos movimentar pelo mundo com mais clareza diante dos nossos olhos. Temos em mãos e mente os instrumentos para pensá-lo num sentido de transformação e de diminuir o peso da opressão e das desigualdades sociais.

Essa fala de Freire atinge de forma fulminante o que aconteceu comigo. Ela resume bem a condição em que se encontram a grande maioria das pessoas oprimidas, despossuídas e exploradas: gente afogada que respira (submersa) e sobrevive. E de forma metafórica, era eu um total afogado que, a partir desse exercício, vem emergindo e tomando fôlego e força para respirar na superfície.

Como a essência desse texto é dizer o que está acontecendo em mim na interação com esse campo, quero trazer a fala de Maria Helena Souza Patto que está ecoando em mim nesses últimos anos. Tenho grande admiração por essa autora. Identifico-me muito com tudo que ela escreve e produz. Meu encontro com ela marcou e mudou profundamente a minha vida. Essa fala me remeteu à minha situação de observador e de

pessoa que transita por este bairro/escola (micro) e me fez pensar em questões maiores (macro) que pairam sobre todo o país e o mundo, reproduzindo desumanidade e negação de viver.

O resultado está nas calçadas, nas esquinas e sob as pontes das cidades onde se abrigam como podem os que não podem morar; na desolação dos bairros habitados pelos destituídos; nas favelas que cresceram mais de 100% nos últimos anos; na precariedade das escolas públicas de primeiro e segundo graus, que formam, em número crescente, analfabetos escolarizados; nas filas degradantes dos que vão em busca de benefícios incertos e irrisórios, no escuro das madrugadas às portas de institutos de previdência social; nas milhares de pessoas de todas as idades e de todos os níveis de escolaridade que se aglomeram onde quer que se ofereça alguma oportunidade de trabalho, não importa o salário; nas regiões rurais e urbanas do país em que milhões sobrevivem abaixo da linha da pobreza, sem energia elétrica e sem dentes, sem saneamento básico e sem registro de nascimento, sem alinhamento e sem qualquer direito, não raro em regime escravo de trabalho; nos saguões e corredores de hospitais povoados de doentes em macas, em bancos ou em pé, à espera de atendimento; nas marchas de despossuídos que riscam estradas de norte a sul do país pelo direito de plantar e de colher; nos corpos assassinados – de rapazes pobres ou de famílias inteiras, quase todos negros – expostos em praça pública e oferecidos como espetáculo pela *mídia*; nas condições desumanas e humilhantes de vida em penitenciárias (que o cinismo oficial considera “reeducativas”) e em instituições de reclusão de crianças e jovens em conflito com a lei (que a desfaçatez oficial chama “fundação de bem-estar” e, mais recentemente, “fundação casa”); na violência desmedida e impune da polícia; na boçalidade da indústria cultural. A lista é interminável e perfila formas de barbárie em franco processo de multiplicação. (PATTO, 2009, p.14).

Essa fala, publicada há mais de uma década atrás, é muito atual e condizente com o contexto em que estamos inseridos atualmente. Essas palavras revelam, de forma clara e explícita, a realidade que o sistema pretende e opera para esconder. O acesso à verdade conduz à formação de consciência e, por conseguinte, a tomada de atitudes, a mobilização no sentido de transformar o mundo.

Acredito eu que, se esses “encontros” com Paulo Freire e Maria Helena de Souza Patto tivessem acontecido, mesmo que de forma básica, na minha licenciatura, os meus olhares e interpretações nessas travessias seriam outros. Talvez eu fosse um professor mais preparado para atuar numa escola real com alunos reais. O impedimento desses encontros, acredito eu, produz falta de empatia, alienação e o afastamento da verdade que a sociedade capitalista neoliberal não deseja que seja vista.

E, para concluir, quero fazer uma (re)leitura crítica da configuração do campo que apresentei no início do texto a partir dos contrapontos e dos encontros. Na minha interação com este espaço e com as leituras surgiram alguns questionamentos e inquietações epistemológicas. Talvez essas inquietações não sejam o foco específico da

pesquisa, mas valem o registro como marcas do exercício de novas interpretações à luz da psicologia e da pedagogia em suas perspectivas histórico-críticas.

Não seria o antigo campo de aviação um foço? Um campo de afundamento social talvez? Um campo de despejo de pessoas e extensão do lixão da cidade? A escola ocupa, de fato, a linha limítrofe entre a humanização e o descarte material de pessoas? Ela recicla, descarta ou ressignifica? O estado de abandono que se encontra o conjunto esportivo, que fica entre, a creche a escola de um lado e os barracos do outro, materializa visivelmente o descaso e o desleixo do poder público para com a comunidade em si. O esvaziamento total da cidadania e dos direitos são gritantes. Não é minha pretensão imediata encontrar as respostas, pois como afirma (NAJMANOVICH, 2001, p.23) “só podemos conhecer o que somos capazes de perceber e processar com o nosso corpo. Um sujeito encarnado paga com a incompletude a possibilidade de conhecer”.

Ao emergir enquanto pesquisador e indivíduo, que interage e se encontra nesse campo, espero contribuir com discussões significativas e que possam somar no sentido de pensar possibilidades para alterar e transformar esse estado de coisas que tanto me incomodam ao longo desses anos. Fora isso, como disse anteriormente, espero que as minhas *travessias e encontros*, enquanto professor, inspirem outras travessias, atravessamentos, acontecimentos e encontros.

2 – A EXISTÊNCIA ATRAVESSADA PELA ALIENAÇÃO DO CAPITALISMO NEOLIBERAL

Discutir o neoliberalismo de maneira geral, contextualizar historicamente, os impactos econômicos e culturais, falar do neoliberalismo enquanto uma ideologia.

O título deste capítulo/seção surgiu de uma conversa com Fernanda, minha orientadora. Nessa conversa nós discutíamos sobre a façanha que fizeram os inventores e ideólogos responsáveis pela elaboração do liberalismo, enquanto doutrina social e econômica construída e pensada para impor o modo de vida da burguesia capitalista na passagem da modernidade para a contemporaneidade. Hoje, dados os novos tempos e revezes e crises econômicas pelos/pelas quais o mundo passou, essa doutrina assumiu a sua nova roupagem: o neoliberalismo. Porém, manteve e conservou sua essência e eficácia nos efeitos que ela exerce sobre a sociedade e sobre os indivíduos que a compõe. Falávamos, de forma sarcástica e crítica, na ocasião: “que invenção perfeita o tal do liberalismo! Quem o inventou está de parabéns!”.

Essa conversa aconteceu em pleno 2020, em uma de nossas reuniões de orientação da dissertação. Ano em que a pandemia da COVID-19 aprofundou a precarização da vida de modo geral e, de modo específico, o trabalho e as condições de vida e existência das professoras e professores que, diante da imposição do ensino remoto, reagiram a ele dizendo que ele seria um “desafio” ou uma “reinvenção”. Essa reação, ou opinião, dada por muitas e muitos docentes frente à este modelo de ensino, que foi materializada objetivamente no segundo questionário da pesquisa “professores na pandemia”, que desenvolvemos ao longo do ano de 2020 nos fez pensar em como somos ludibriados pela ideologia neoliberal, em como ele exerce força sobre nós, em como ele nos seduz, nos induz, nos convence e nos faz crer, piamente, que tudo, dentro da sociedade, pesa sobre os ombros do indivíduo, sejam suas vitórias ou fracassos.

Nessa ideologia/doutrina social, o mérito é a palavra de ordem e as oportunidades borbulham para quem se esforce o bastante para alcançá-las. Eis a façanha do liberalismo: isentar a sociedade burguesa capitalista dos problemas que ela impõe e causa, fazendo com que o indivíduo acredite que ele é o único responsável pela realidade na qual ele está inserido; que ele carrega sozinho, sobre os ombros, este pesado fardo.

A respeito da concepção e definição de ideologia, Marilena Chauí afirma que:

(...) A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o *aparecer* social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. (...) A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante (CHAUÍ, 1997, p.3).

Como bem explicitou a autora, a ideologia age num sentido de construir uma representação do imaginário coletivo a partir da visão de mundo da classe dominante. A ideologia atua no sentido de ocultar e mascarar a realidade; ela age no sentido de camuflar aquilo que a sociedade não deseja que seja exposto para que a ordem social não seja contestada ou criticada pelas mazelas que ela produz.

Aqui no Brasil, na perspectiva de Ribeiro (1979) a classe dominante logrou grande êxito no sentido de levar a cabo seu projeto alienador. Neste país, que tem em sua história um passado de exploração colonial e de escravidão, o neoliberalismo encontrou terreno fértil. De acordo com a análise do autor, não existiu no mundo um projeto de dominação de uma classe sobre as demais tão eficiente como aqui no Brasil. Ele denomina, com ironia, a nossa classe dominante de “façanhuda” e elogia a sua capacidade de se impor e de submeter as demais classes. Em suas palavras:

Nunca se viu, em outra parte, ricos tão capacitados para gerar e desfrutar riquezas, e para subjugar o povo faminto no trabalho, como os nossos senhores empresários, doutores e comandantes. Quase sempre cordiais uns para com os outros, sempre duros e implacáveis para com subalternos, e insaciáveis na apropriação dos frutos do trabalho alheio. Eles tramam e retramam, há séculos, a malha estreita dentro da qual cresce, deformado, o povo brasileiro. Deformado e constringido e atrasado. E assim é, sabemos agora, porque só assim a velha classe pode manter, sem sobressaltos, este tipo de prosperidade de que ela desfruta, uma prosperidade jamais generalizável aos que a produzem com o seu trabalho, mas uma prosperidade sempre suficiente para reproduzir, geração após geração, a riqueza, a distinção e a beleza de nossos ricos, suas mulheres e filhos (RIBEIRO, 1979, p.7)

E se pensarmos sobre a realidade e o contexto do Brasil atual, onde presenciamos e vivenciamos a escalada ao poder de uma direita conservadora e reacionária, fazer essa discussão/reflexão é demasiadamente necessário. A criminalização dos pretos e pobres, o ataque aos direitos humanos, a deslegitimação das políticas públicas afirmativas – como o sistema de cotas para cargos públicos e vagas em universidades –, a negação do nosso passado colonial, escravocrata e de suas heranças, enfim, tudo isso são fortes sintomas da influência do pensamento neoliberal sobre o pensamento coletivo.

Em um país de maioria pobre, preta e explorada presenciamos, no nosso cotidiano, e nas redes sociais, esse projeto de apagamento da consciência coletiva ganhar cada vez mais força. Constatar essa incoerência e essa vitória é reconhecer como o pensamento liberal tem eficácia e sucesso em convencer e confundir as classes subalternizadas sobre o seu espaço e lugar dentro da sociedade. O êxito desse pensamento, como explicou Freire (1987), em fazer o oprimido se identificar com o opressor é notável!

Dentro do projeto neoliberal de imperar sobre as consciências, a falta de crítica social e a alienação são traços/características marcantes. Segundo Patto (2005), as consequências desse projeto são catastróficas e caóticas nos campos social, político, econômico, cultural e educacional. São forças que operam de forma subterrânea e proposital no sentido de destruir, aniquilar e extirpar quaisquer possibilidades de questionamento contra hegemônico.

No interior da política econômica e cultural em tempos sombrios de neoliberalismo, vi com amargura, nos anos 1990, o aprofundamento desse estado de coisas na Educação e na Psicologia. De um lado, a desnecessidade crescente da instrução pública como formadora de mão-de-obra, num cenário de desemprego estrutural, e como instituição disciplinadora, substituída que foi pelo recrudescimento da violência policial; de outro, a desvalorização do pensamento; a redução da crítica à condição de postura ridícula de “neobobos”; a ditadura do pensamento único; o instrumentalismo triunfante; o otimismo impostor dos *best-sellers* de “auto-ajuda”; o império da realidade virtual; a estupidez da indústria cultural; o neo-assistencialismo, o neo-organicismo e o neo-darwinismo social (PATTO,2005, p.10).

Metaforicamente falando e usando as leis da Física e da natureza, o indivíduo, dentro da sociedade liberal, está sujeito às suas forças invisíveis, involuntárias e indutivas.

O liberalismo exerce uma espécie de magnetismo ou praticamente uma força de gravidade. Essas forças estão lá, nos conduzindo, nos oprimindo, nos influenciando em nossas opiniões sobre nós e sobre o outro, na nossa forma de ver e ler o mundo e a sociedade que nos envolve. Mas assim como os grandes físicos, como Isaac Newton, que observaram e debruçaram seus estudos para entender o funcionamento dessas leis, nós, também, não podemos ficar inertes e passivos diante das forças do liberalismo. Precisamos entender a sua lógica de funcionamento, questioná-lo de forma crítica e enxergar as suas grandes limitações e o que ele reproduz. Pensar sobre os prejuízos que ele causa à sociedade e ao indivíduo, pensar o lugar que ocupamos dentro dessa engrenagem e nos questionar sobre como estamos nos comportando dentro dessa lógica – e este é um ponto latente e primordial que pretendo abordar nessa pesquisa. Precisamos pensar sobre as mazelas sociais, a falta de equidade, o adoecimento e a vida precária que essa doutrina reproduz.

Estou tratando da (de)formação de docentes nessa pesquisa. Eu fui (de)formado em minha graduação/licenciatura. Falo a partir do lugar de quem sofreu os prejuízos dessa formação insuficientemente capaz de me preparar para atuar em um cotidiano escolar real, diverso e heterogêneo. Essa (de)formação das/dos docentes é produto da alienação produzida de forma intencional dentro da sociedade neoliberal. As leituras de mundo carregadas de estigmas e rótulos culpabilizantes são sintomas da alienação promovida pelo neoliberalismo. Essa formação limitada, raquítica e capenga, por consequência, é projeto e produto do neoliberalismo. Portanto, por ser uma questão existencial da sociedade capitalista neoliberal, considero necessário tratar da alienação antes de tratar da questão focal em si: a (de)formação.

Para tanto, como afirma Patto (2015) é preciso recorrer ao modo materialista histórico como para que possamos entender criticamente como este modelo de sociedade foi constituído. Segundo ela, não há como pensarmos a realidade social hoje dissociada desse percurso histórico que foi constituído na passagem da modernidade para a contemporaneidade e solidificado no século XIX. Em sua importante obra, *A produção do fracasso escolar*, a autora estabelece este elo indissociável entre a História e o estado de coisas que se perpetuaram no panorama social e, particularmente, na esfera educacional atual, pois a escola reflete e reproduz o modelo de sociedade na qual ela está inserida. No primeiro capítulo do livro são discutidas as raízes históricas que geraram

esse contexto que vivemos e que deu à burguesia capitalista o triunfo e a dominação sobre as demais classes que emergiram a partir da dupla revolução: a Industrial e a Francesa.

Segundo Hobsbawm (2020), é impossível imaginar o mundo moderno e, por consequência o contemporâneo, sem pesarmos a importância singular dessa dupla revolução que, segundo ele:

(...) constituiu a maior transformação da história humana desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Esta revolução transformou, e continua a transformar, o mundo inteiro. (...) A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da “indústria” como tal, mas da *classe média* ou da sociedade “*burguesa*” liberal; não da “economia moderna” ou do “Estado moderno”, mas das economias e Estados em uma determinada região geográfica do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo. (HOBSBAWN, 2020, p.16).

O neoliberalismo, portanto, nasce a partir do triunfo da classe burguesa que, a partir de então, passa a orquestrar todas as esferas – política, econômica, cultural e ideológica – para manter seus privilégios de classe, convencendo as demais classes de que a nova ordem social, forjada a partir da dupla revolução, é mais democrática e justa. Constrói-se uma ideologia/doutrina social para apresentar ao mundo um modelo de sociedade perfeito, onde transbordam as oportunidades advindas da liberdade e da igualdade de oportunidades para todos apregoada pelos seus ideólogos e teóricos (HOBSBAWN, 2020).

Uma das características marcantes da sociedade capitalista neoliberal é o culto ao indivíduo e o esvaziamento da noção de coletividade e de pertencimento à uma comunidade de iguais. Esse aspecto é um traço marcante da alienação, tanto para efeitos subjetivos e objetivos para com o outro. Digo isso no sentido de individualizar sucessos, fracassos e fortalecer a meritocracia. Nesse sentido, as noções de responsabilidade, de cuidado e de compromisso com o coletivo – que são naturais do ser humano enquanto animal político e social – também são esvaziadas, se perdendo no horizonte social. Segundo Mészáros:

Como resultado dos desenvolvimentos capitalistas, desaparece completamente a noção de um instinto social “implantado em todos os homens por natureza”. Agora são as liberdades *individuais* que aparecem como pertencentes ao domínio da “natureza”, e os vínculos *sociais*, em contraposição, parecem ser artificiais e impostos, por assim dizer, “a partir de fora” a um indivíduo autossuficiente (MÉSZÁROS, 2016, p.235).

E de acordo com Mézáros (2016), enfrentar a alienação e seus efeitos catastróficos no mundo é uma ação necessária, urgente e que não perde a sua atualidade diante do avanço destrutivo do sistema capitalista neoliberal. O chamado e o alerta do autor para refletirmos profundamente sobre os males produzidos pela alienação ou, em uma interpretação na perspectiva dessa pesquisa, da falta de consciência que produz (de)formação, é imperativo. Nas palavras do autor, no prefácio da obra escrito em 2004, ele deixa latente este chamado.

Ao longo do século passado, quando sofremos a destrutividade de duas guerras a alienação do controle que antes era benéfica tornou-se esmagadoramente negativa devido ao fim da ascendência histórica do sistema. Tanto isso é verdade que hoje - como a forma concebivelmente mais extrema de alienação auto-imposta - a própria sobrevivência da humanidade está ameaçada. É por isso que é imperativo enfrentar o grande desafio da incontrolabilidade global do capital em nossos dias, antes que seja tarde demais para isso. A urgência histórica da crítica da alienação, no espírito marxiano, não poderia ser maior do que é hoje (MÉSZÁROS, 2016, p.14-15).

É com essa tonalidade que, por hora, pretendo encerrar e justificar a necessidade de trazer esta discussão. A alienação é um aspecto da sociedade capitalista neoliberal muito profundo em sentido teórico. Pretendo e necessito desenvolvê-lo com mais consistência e robustez futuramente. Falar sobre os efeitos caóticos e destrutivos que a alienação produz, coletivamente e individualmente, é algo que não pode perder o uso, o interesse e o esforço nosso enquanto sociedade. Essa discussão e a tomada de consciência sobre esses efeitos e consequências implica, num âmbito mais geral, na nossa sobrevivência enquanto humanidade, e num âmbito mais particular, em nossa realização individual, na diminuição das precariedades e das dores que esse modelo de vida e sociedade impõe em nosso cotidiano. E em se tratando do contexto brasileiro, onde a alienação provocou a escalada de uma horda reacionária, conservadora e fundamentalista

ao poder, onde a destruição da vida avança e acontece de forma praticamente generalizada, esta ação torna-se ainda mais urgente para adiar o apocalipse!

3 – SOBRE O ROUBO DO TEMPO E A PRECARIZAÇÃO DA VIDA

“Vem cá me dê a mão
Me conta essa aflição que te alucina
Vem cá me dê a mão
Encosta a sua urgência na cadência”
(Caio Prado)

Como venho pontuando constantemente, e assim como me inspirou Freire (1996), grande parte dessa pesquisa é sobre aquilo que eu vivo, sobre o que me afeta, sobre o que me aflige, sobre o que me dói, sobre o que me incomoda enquanto sujeito social e enquanto professor. Acredito que muitas das minhas dores e incômodos são as dores e incômodos do outro. Um dos objetivos centrais dessa pesquisa é transbordar a vida. É trazer muitas das marcas, chagas, feridas e fraturas que eu venho carregando comigo desde os tempos em que eu sentia a dor e o peso, mas não sabia a causa geradora.

Fazer esse debate teórico/reflexivo a partir das leituras, espelhadas nas vivências, sobre a forma como tempo nos é roubado e subtraído na sociedade em que vivemos é mais uma das urgências que eu venho carregando comigo. Seguirei este fluxo para conduzir a minha discussão. Primeiro trazendo algumas provocações advindas das vivências que tive e depois apresentando o aporte teórico que consegui lançar mão neste momento (LARROSA, 2015; SOUSA, 2019) para estabelecer esse diálogo entre o roubo do tempo, a precarização da vida e a inconsciência/alienação. A subtração do tempo é algo que atravessa o nosso viver em sociedade, o nosso existir e o nosso realizar-se subjetivamente. O tempo que nos é tirado nos impede de viver de forma plena. Por isso a necessidade de tratar desse tema antes de seguir com o caminho da pesquisa no tocante à (de)formação, que eu interpreto como a falta de consciência. Conduzir a discussão a partir da exposição de aspectos gerais, materiais e constituidores da sociedade e seguir para os pormenores e particularidades que se deseja relacionar na pesquisa. É algo que eu venho sentindo a necessidade de escrever e de falar faz algum tempo e que, recentemente, encontrei lugar para desaguar nessa pesquisa. Por isso peço perdão, caso eu ainda não ofereça um texto bem sustentado e embasado teoricamente. Mesmo assim, é com grande entusiasmo e prazer que me debruço sobre a tecitura dessas linhas. Pretendia eu, como disse anteriormente, trazer essa discussão em um tópico no próximo capítulo. Mas, dada

a importância do tema e a sua dimensão teórica, resolvi dedicar esse espaço à parte, esse compartimento mais exclusivo para falar sobre essa questão do tempo que me é tão cara e pungente.

As palavras “dor” e “fratura” têm me acompanhado muito desde que 2020 chegou com a pandemia da COVID-19. Esse contexto de pandemia aprofundou muitos dos problemas sociais, econômicos e políticos que já enfrentávamos enquanto sociedade regida pelo capitalismo neoliberal em um país governado por uma direita conservadora e fundamentalista. Foi um ano em que eu, particularmente, me coloquei em profundo estado de reflexão sobre as minhas formas de existir e sobreviver. Essas reflexões me conduziram no sentido de constatar o quanto a minha vida vem sendo precarizada e o quanto isso vem me custando ao longo dos anos em várias esferas/âmbitos da minha vida.

Acredito, também, que essa forma de abordagem que me inspirou, onde faço o uso de uma expressão/linguagem mais objetiva, clara e prática, ajude no despertar das consciências para algo que o coletivo da sociedade deve se apropriar. A tônica e a referência dessa linguagem está embebida e embasada na filosofia marxiana e no seu conceito/essência de mais-valia, ou seja, o trabalho excedente que não é pago ao trabalhador, do que é retirado e roubado do trabalhador e de onde provém o lucro do burguês. Porém, aqui, para a construção do raciocínio, inspirado na fala do professor Fábio, que tratarei a diante, troquei o termo “trabalho” por “tempo”. Acredito que o discurso da ciência e do conhecimento acadêmico, quando muito eruditos e técnicos, se apresentam como algo inacessível e distante, ausente, por exemplo, do chão de escola e dos espaços habitados pela classe trabalhadora. Essa abordagem/interpretação é um esforço e um cuidado no sentido de facilitar o entendimento e a absorção de uma problemática muito profunda, talvez complexa, mas que afeta a vida humana de um modo geral. Como trabalhador do chão de escola, docente da educação básica e como sujeito oriundo da classe popular, acredito que a academia precisa se esforçar cada vez mais para alcançar de forma mais prática e objetiva a vida cotidiana, usando discursos e abordagens mais claros e diretos para atingir a coletividade, para criar, assim, condições para que as pessoas exploradas e oprimidas tenham instrumentos para transformar suas vidas. As forças políticas reacionárias da direita conservadora se valem desse formato de discurso objetivo e direto para cooptar as mentes para seus projetos nefastos de destruição da vida. Precisamos nós, que somos alinhados à um pensamento ideológico de esquerda, nos comunicar com as massas de forma mais próxima, apresentando argumentos práticos que dizem sobre a sua vida material e real. Portanto, acredito que esta mensagem, da forma

como se apresenta, atinge o âmago da questão da exploração que se processa no ceio do capitalismo.

O nosso tempo é roubado! Uma mãe ou um pai de classe trabalhadora não tem a possibilidade, e tempo, de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos e filhas no momento em que eles mais precisam da presença dela. Uma criança de origem humilde não tem tempo e direito de somente se dedicar aos seus estudos, pois precisa ajudar no sustento de sua família. As professoras e professores enfrentam jornadas triplas, quadruplas e até quintuplas para garantir um sustento mais ou menos digno nesse país. Em meio a este vendaval de opressões, onde sobra tempo para se formar, existir, viver e se realizar? Estes são poucos dos muitos exemplos práticos desse banditismo que opera sobre nós enquanto sociedade. Não nos é dado tempo para que tenhamos, sequer, a possibilidade de tomar consciência de que o nosso tempo poderia pertencer mais a nós, para ganho, crescimento e realização subjetiva. A maior parte do nosso tempo nos é tirada para que seja produzido para o outro, para uma minoria que nos explora, enriquece, vive e se realiza abundantemente às custas da cadência que extenua e exaure a grande maioria.

Como citei na introdução, venho pensando especificamente sobre o roubo do tempo desde o dia 23 de outubro de 2019, quando ouvi uma fala que me estremeceu e me provocou nessa direção. Desde dia em diante me pus a refletir sobre a profundidade, importância e necessidade de pensar, falar e escrever sobre essa temática. Neste dia estava acontecendo no IFF de Santo Antônio de Pádua o II Colóquio sobre qualidade da Educação. Tive a grata oportunidade de assistir à mesa redonda *Medicalização e interseccionalidades sob uma perspectiva crítica e decolonial*, composta pelas professoras Fernanda Insfran e Lygia Viégas e pelo professor Fábio de Oliveira. Foi uma noite de muito aprendizado e de conversa sobre temas muito caros e urgentes.

Em sua fala o professor Fábio discutiu conosco, a partir de uma perspectiva marxiana, como o tempo nos é roubado. Ele trouxe a natureza do conceito de mais-valia em Marx e fez uma associação/extensão para o valor do nosso tempo e, não somente, para o trabalho não remunerado que gera o lucro para os detentores dos meios de produção. Essa abordagem, por se tratar de uma questão central da vida e do cotidiano, atingiu de forma bem direta os que estavam ali assistindo e ouvindo as falas, principalmente a mim. Ele conseguiu fazer uma discussão de algo que, aparentemente, é complexo, de uma forma simplificada. Foi quase uma “tradução objetiva de Marx”. Achei isso fantástico! Saí do evento muito provocado e inundado por aquela fala.

Larrosa (2015), em sua obra *Tremores: Escritos sobre experiência*, traz uma concepção muito particular sobre o conhecimento que se adquire através da experiência. Ele faz uma rica e sensível discussão sobre a *experiência* em sua natureza existencial. Aqui eu quero me apropriar da experiência, na dimensão do autor, no sentido de uma possibilidade/caminho/meio de se acessar a consciência tendo em vista o grande caos produzido pelos modos de viver da sociedade em que estamos inseridos. E de acordo com o autor:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2015, p.18).

Notem que ele diz que “*tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça*”. Essa parte da fala contempla um ponto central da conversa que pretendo estabelecer aqui. Mais adiante retomarei esta fala para relacioná-la com o que pretendo comunicar. Por hora, quero seguir explorando o conceito de experiência na concepção de Larrosa.

Como citei anteriormente, para o autor, a experiência, que nos conduz ao conhecimento verdadeiro e significativo, deve fazer sentido, deve *acontecer* em nós. Como venho escrevendo desde a introdução e do primeiro capítulo, esta ação de acontecer mudou os rumos da minha pesquisa. A partir do momento em que eu me voltei pra dentro de mim, que eu me demorei mais para observar o que estava acontecendo comigo, esses rumos mudaram. Meu encontro com Larrosa ocorreu depois dessa tomada de decisão. Foi uma grata surpresa me reconhecer e me identificar nessas palavras embebidas de leveza. Perceber que a fala do professor Fábio e a minha atitude estavam espelhadas e ancoradas nesse texto tão necessário me trouxe grande satisfação, pois encontrar um referencial de pensamento sintonizado e alinhado com aquilo em que se acredita como projeto de vida é sentir-se menos sozinho no mundo e achar significado para aquilo que se faz.

O *acontecer* então adquire um foco central na obra de Larrosa. O conhecimento, a real consciência sobre a natureza das coisas do mundo, só é alcançado quando algo *acontece* verdadeiramente em nós, nos tocando e nos marcando profundamente. Porém, ele faz algumas observações, diferenciações e circunstâncias do existir na sociedade atual que dificultam a experiência e que não devem ser confundidos. Na sequência vou trazer, resumidamente, essas diferenciações, circunstâncias e críticas que o autor vai elencando

para nos conduzir à uma profunda reflexão sobre como o nosso como a cultura neoliberal opera no sentido de produzir noções e entendimentos distorcidos sobre conhecimento e consciência. Ele também entrega uma crítica robusta e objetiva sobre a forma como a vida vem sendo conduzida na sociedade contemporânea, onde temos afastado as pessoas de uma possibilidade real de existir com consciência.

Larossa (2015) discorre, elenca e nos alerta a partir de quatro argumentos. O primeiro alerta é sobre saber diferenciar e afastar a experiência da informação. Vivemos em um mundo onde existe o culto ao excesso de informação. “É mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (p.18). Somos bombardeados pela informação, mas “a informação não faz outra coisa que cancelar as possibilidades de experiência” (p.19) e, portanto, devemos discernir e diferenciar a informação da experiência. Ele também faz um importante alerta sobre a informação, pois ela se encontra em um polo diametralmente oposto à experiência e a consciência. A informação mecânica e auto direcionada também é perigosa devido à falta de criticidade e alienação que ela produz.

(...) E não deixa de ser interessante também que as velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitários do século passado, estejam sendo substituídas por metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um *look* liberal democrático. Independentemente de que seja urgente problematizar esse discurso que se está instalando sem crítica, a cada dia mais profundamente, e que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível (LARROSA, 2015, p.20).

Seguindo com o debate sobre experiência/acontecimento/consciência, Larossa acrescenta que “a experiência é cada vez mais rara pelo excesso de opinião” (p.20). Segundo o autor, a partir do momento em que estamos de posse da informação, somos compelidos a emitir uma opinião a respeito do que nos é apresentado. “E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que passa, se não tem julgamento preparado sobre qualquer coisa que lhe apresente, sente-se falso, como se lhe faltasse algo essencial” (p.20). A ânsia de se informar/opinar acaba por esterilizar qualquer possibilidade de experiência/acontecimento. E concluindo o autor afirma que:

(...) A informação seria o objetivo, a opinião seria o subjetivo, ela seria nossa reação subjetiva ao objetivo. Além disso, como reação subjetiva, é uma reação que se tornou para nós automática, quase reflexa: informados sobre qualquer coisa, nós opinamos. Esse “opinar” se reduz, na maioria das ocasiões, em estar a favor ou contra. Com isso, nos convertemos em sujeitos competentes para responder como Deus manda as perguntas dos professores que, cada vez mais, se assemelham a comprovações de informações e a pesquisas de opinião. Diga-

me o que você sabe, diga-me com que informação conta e exponha, em continuação, sua opinião: esse o dispositivo periodístico do saber e da aprendizagem, o dispositivo que torna impossível a experiência (LAROSSA, 2015, p.22).

Em sequência, e em total sintonia com o que venho pretendendo discutir aqui, no que diz respeito ao roubo do tempo e da possibilidade de construir consciência, Larossa afirma que, “em terceiro lugar, a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo” (p.22). O autor, de forma bem direta, traz a questão do tempo para o centro do debate. Ele nos convida a pensar sobre a nossa existência atual, sobre como ela anda corrida e sobre como este viver acelerado nos pouca e nos prejudica no sentido de poder acessar com mais profundidade os acontecimentos que são postos no nosso cotidiano. Quando o tempo nos é tirado, retiram de nós a possibilidade total de que alguma coisa nos aconteça via experiência. “A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (p.22). Esse *modus vivendi*, em constante aceleração e pressa, caracterizado pelo bombardeio de informação, de emissão de opiniões nos condiciona a vagar sem paradas, sem abrir espaço e tempo para que o conhecimento e a consciência se instalem através da experiência. E os danos gerados por esse dínamo incessante e voraz que toca a roda da vida são extremamente prejudiciais à nossa existência e na formação de uma consciência mais crítica sobre ela.

Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado do par informação/opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem que seguir o passo veloz do que passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece (LAROSSA, 2015, p.22-23).

Em um quarto ponto Larossa (2015) faz uma distinção entre experiência e trabalho, pois tradicionalmente existe a concepção de que só tem experiência aquela ou aquele que já desempenha há um certo tempo determinada função ou atividade. O excesso de trabalho é outro fator destrutivo da experiência e, por conseguinte, da consciência. O excesso de informação/opinião, a forma acelerada com que a vida se processa e a carga

pesada de trabalho anulam quaisquer possibilidades de experiência, de intimidade com o conhecimento e com a consciência.

O tempo adquire uma atenção central no texto de Larossa. Ele foi o fio condutor e o pano de fundo onde o autor desenvolveu todo o seu raciocínio. Na concepção do autor a *experiência* e o *acontecimento* exigem de nós uma demora para que possamos saboreá-los. E se não existem condições materiais para que possamos nos demorar, nada irá nos acontecer e seremos impossibilitados de acessar a consciência e a realidade. Nas atuais condições de vida em que nos encontramos, onde nos exigem demais e nos é dado de menos, o tempo é algo longe e distante.

Convergindo aparentemente com Larossa, o filósofo Byung-Chul Han, em sua obra *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (2016), faz uma discussão de essência semelhante a respeito do tempo. Ainda não tive o prazer de fazer o estudo direto na fonte, pois infelizmente o livro não se encontra disponível para venda no Brasil, muito menos em formato digital. Em contrapartida, Sousa (2019) me ofereceu os subsídios parciais a respeito da essência da obra. A respeito da obra, o autor afirma que:

No ensaio *O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (2016), publicado originalmente na Alemanha, em 2007, Byung-Chul Han sustenta que a nossa atualidade é dominada não por uma incessante aceleração do tempo mas, ao contrário, por uma crise temporal assente numa dissincronia (uma descontinuidade), que não é mais do que a atomização do próprio tempo sem rumo nem ordem ou conclusão que o impede de durar (demorar) de forma substancial nas nossas vidas. E é composto por momentos indistinguíveis e sequenciais, que faz com que qualquer instante pareça igual a outro, e não exista nem um ritmo, nem um rumo, que confira significado às nossas vidas (SOUSA, 2019, p.281)

Como sugere o título da obra e como analisa o autor no artigo, em consonância com o que venho expondo aqui sobre a obra de Larossa, o tempo e a vida estão acelerados. Nessa rápida sucessão de acontecimentos que se coloca no nosso cotidiano não nos é dado o tempo necessário de sentir o *aroma do tempo*. Não nos é permitida a demora para notar e desvelar os detalhes e texturas do existir. Nos são negadas quaisquer oportunidades de imersão e aprendizado real. A cadência da vida oprimida e precária não pode parar. Somos regidos pela automaticidade dos nossos impulsos e reações sem fazer o devido raciocínio ou ruminar das nossas atitudes e comportamentos. E tudo é orquestrado para que naturalizemos e normalizemos para nós mesmos as coisas como elas são.

Segundo Sousa (2019), Han:

(...) propõe um regresso revitalizante ao modelo da *vita contemplativa* (conceito associado a autores como Nietzsche, Heidegger, Aristóteles, Santo Agostinho ou

Tomás de Aquino, que cita no ensaio de forma sistemática, para além de outros autores de referência) em detrimento de uma relativização da *vita activa*, associada à perda do mundo e do tempo. Contra a pressa, a via proposta assenta no olhar contemplativo, menos veloz e, necessariamente, mais reflexivo, já que a *vita activa* tirou o tempo do ócio ao *homo laborians* (...) (SOUSA, 2019, p.281-282).

Larossa (2015) e Sousa (2019), a partir da obra de Han, apontam para uma questão central: a precariedade geral que caracteriza a existência da sociedade capitalista neoliberal. E como fica bem claro, essa precariedade está diretamente ligada ao roubo do tempo. Eles também apontam soluções e alternativas para que possamos pensar em um modo ideal de existência. Esses apontamentos sugerem uma reflexão sobre o tipo de vida e de sociedade que temos. Eles nos mostram possíveis direções para superar esse modo de vida que corrói o tempo e, com isso, anula as possibilidades de realização do ser humano.

Esse debate sobre o roubo do tempo está totalmente inserido e relacionado com o tema que proponho na presente pesquisa. Como propus na introdução do capítulo, essa questão é existencial e atravessa as vidas de todas e todos dentro da sociedade, principalmente as classes subalternizadas e exploradas. E em tempos de pandemia, onde não podemos dedicar o tempo para o salvamento de nossas vidas, para o cuidado com nossa saúde física e mental, o roubo do tempo fica mais evidente. A classe dominante pulveriza frases como “a vida não pode parar”, empurrando a classe trabalhadora para a morte. Tudo isso são evidências de que o nosso tempo, o tempo de viver, nos é arrancado à força. São tempos em que a precariedade da vida se aprofunda e onde se exige cada vez mais do nosso esforço para satisfazer o interesse do outro e não o nosso.

Quando era criança, não me foi dado o *tempo* de ser criança, muito menos *tempo* de somente estudar. Sempre estudei e trabalhei, desde os nove anos de idade. Desde o ensino fundamental até a faculdade divido o *tempo* de trabalhar e de estudar. Era péssimo em matemática, meus pais chegavam tarde do trabalho e não tinham *tempo* e nem sabiam como me ajudar. Sou o mais velho dos três filhos da família. O único do três que tem um terceiro grau e que sempre teve muito gosto em estudar, mas que nunca teve *tempo* exclusivo para isso. Meus irmãos começaram a trabalhar um pouco mais tarde que eu. Um deles não terminou o segundo grau, também não foi dado a nenhum dos dois o *tempo* para isso. Nossa família precisou sobreviver. Ou seja, é tudo sobre *tempo*. A questão do *tempo* é uma luta muito abrangente e que tem como causa principal uma vida digna e justa.

Desde que me tornei professor venho sentindo na pele o quanto do meu tempo é roubado. Antes só sentia a dor e tocava a vida pra frente sem me questionar. Hoje tenho um pouco mais de consciência sobre as causas e origens dessa dor. As frases: “enquanto descansa, carrega pedra” e “professor só pode cuidar da sua saúde em período de férias” eram ditas, internalizadas, naturalizadas e normalizadas por mim. Involuntariamente foram me furtando o tempo sem que eu percebesse ou desse conta do crime que estavam me infligindo. A péssima remuneração me fez encarar uma tripla jornada de trabalho. Tenho dois vínculos públicos e um vínculo particular. Fiquei sem estudar, sem dar continuidade à minha formação desde 2008: ano em que concluí a graduação em História e a pós graduação em História do Brasil. Hoje divido essa carga pesada de trabalho com o mestrado, com essa pesquisa e com as questões corriqueiras do viver, do dia a dia. Quem me dera ter *tempo* para me dedicar inteiramente na realização dessa pesquisa. Leituras à noite, após a jornada de trabalho, e aos finais de semana. As ideias e direcionamentos para a estruturação da pesquisa foram surgindo ao longo do segundo semestre do ano passado, mas a escrita foi acontecer, de fato, durante às férias. É muito doído constatar e escrever isso, pois na vida a gente sonha e se frustra. Talvez essa pesquisa pudesse ser muito maior e mais profunda, mas esse tempo foi tirado de mim. E ela será mais uma evidência do quanto o roubo do tempo é prejudicial.

Enfim, tudo é sobre o *tempo* que nos é tirado. Não temos o controle ou a administração sobre o nosso *tempo*. A decisão de como iremos utilizar o nosso *tempo* não é tomada por nós. E retomando Larossa (2015), “*tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça*” (p.18). A sociedade capitalista neoliberal é constituída, organizada e pensada nesse sentido. Ela se retroalimenta do roubo do tempo dos explorados pelo seu sistema injusto, cruel e perverso.

Quero registrar aqui o meu profundo agradecimento ao professor Fábio Oliveira. Aquela fala me tirou do lugar, me acordou e me incomodou no sentido de pensar essa questão do tempo. Uma abordagem direta, clara, objetiva e sensível faz todo um diferencial. Muita gratidão por existir no mesmo tempo que ele!

Reforçando e reafirmando: essa discussão, reflexão e exercício são extremamente importantes para que possamos pensar sobre a sociedade/mundo que temos e a sociedade/mundo que queremos ter. Precisamos pensar em formas de organização da sociedade onde o indivíduo possa ter a experiência do *acontecer*. Sem o tempo necessário, sem a devida demora, nada acontece e o aroma passa despercebido. Sem o tempo devido, não há consciência, não há formação e a (de)formação prevalece.

4 – SOBRE A (DE)FORMAÇÃO DOCENTE

Este capítulo, como sugere o seu título, se ocupará de discutir aquilo que denuncio no título no tema da dissertação: a (de)formação docente. Para tanto, em um primeiro momento, irei fazer uma discussão crítica sobre a formação inicial dos cursos de licenciatura e o (des)encontro que ela promove/provoca entre docentes e a escola de modo prático. Ou seja, a distância que existe entre as teorias oferecidas nas grades curriculares das licenciaturas – em especial a Psicologia da Educação – e a prática docente cotidiana. Teorias que carregam consigo uma concepção/entendimento individualizante e descontextualizada dos fenômenos que atravessam o chão da escola e as relações que se desenrolam no ambiente escolar. Cabe destacar que o foco de análise aqui escolhido não abordará, especificamente, as questões relacionadas aos currículos dos cursos de Pedagogia e licenciaturas, pois essa discussão requer uma atenção mais aprofundada. O que pretendo e o que cabe aqui, de modo particular a atender as pretensões da pesquisa, é pensar sobre os efeitos que essas concepções que permeiam os cursos de formação provocam na prática pedagógica docente.

Para realizar esta reflexão crítica sobre a formação inicial e o tipo de prática docente que ela vem reproduzindo, utilizarei os recursos das lentes da Psicologia Escolar e da Pedagogia em suas perspectivas histórico-críticas. As minhas companhias nesse percurso serão os escritos de Patto (2009; 2015), Checchia & Souza (2016), Checchia (2020), Asbahr & Lopes (2006), Ribeiro (1984) e Arroyo (2014).

No segundo momento deste capítulo, aparado e movido pelos pressupostos teóricos que foram apresentados no capítulo anterior, irei fazer uma discussão sobre as políticas de sabotagem e (des)incentivo à formação continuada na rede pública estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva de análise, a formação continuada surge como um possível caminho para superar os efeitos negativos da (de)formação. Porém, como continuar a formação se existe um conjuntura – um conluio talvez – de questões existenciais e políticas que sabotam as possibilidades de se continuar os estudos? Mais que isso, percebe-se que existe em curso, há décadas, na citada rede de ensino, uma lógica perversa que nega à classe docente o acesso a um direito garantido na legislação.

Para realizar tal discussão e apresentar meu raciocínio/denúncia, farei uso da legislação e de documentos, tanto da esfera federal quanto da estadual, bem como seguirei na companhia de Ribeiro (1984).

Por último, para efeito introdutório, vale destacar que, no decorrer e no desenrolar dessa pesquisa, fui compreendendo que a (de)formação pode ser vislumbrada, ou se apresenta, em duas dimensões que, embora sejam diferentes, se complementam. A primeira delas que identifiquei diz respeito ao desempenho das atividades laborais e pedagógicas do cotidiano escolar. A segunda está ligada à (de)formação da consciência de classe frente aos processos de precarização, de apagamento, de roubo do tempo e de exploração do trabalho. Esta segunda dimensão da (de)formação foi sendo percebida por mim durante o caminho de fazer/produzir essa pesquisa, tornando se mais latente/urgente a partir do ano de 2020 com a pandemia da COVID-19: momento em que houve o aprofundamento do quadro geral de precarização da vida da classe docente, expondo e levando ao extremo as fraturas de traumas e dores históricas (INSFRAN *et al.*, 2020).

As discussões pertinentes à esta segunda dimensão serão abordadas mais adiante na apresentação dos resultados da pesquisa “Professores na Pandemia – terceira etapa”.

4.1 – O (des)encontro com a escola real: ausências e limites da formação inicial

Como tenho utilizado o termo “*encontro*” para definir e marcar o momento em que tive acesso aos conteúdos e conhecimentos que proporcionaram a formação para a melhoria da minha prática docente, quero utilizar o avesso deste – (des)encontro – para, em tom de crítica, refletir sobre a (de)formação docente. Nessa perspectiva, a formação que não forma produz deformidades. As deformidades, por conseguinte, implicam em uma compreensão ou leitura deturpada da realidade. A (de)formação promove, portanto, uma prática docente (des)encontrada com a realidade escolar. Nesse sentido, é preciso que haja um conhecimento sobre a escola real em contraposição à escola ideal, pintada no imaginário docente nos cursos destinados à formação de profissionais que irão atuar no magistério.

Como descrevi no memorial do capítulo 1, escolhi a palavra “encontros” para definir o momento em que comecei a ter acesso aos conhecimentos que me proporcionaram uma reflexão crítica sobre a minha prática docente. As travessias são o movimento de continuar refletindo e melhorando minhas práticas, minha atuação profissional e meu relacionamento/intimidade com o meu trabalho no sentido de educar humanamente e de promover, por meio das minhas práticas e atitudes, a libertação das pessoas que sofrem com as amarras da opressão, como preconiza a ideia central da obra de Freire (1987). Seguindo essa perspectiva de interpretação/definição, o (des)encontro

predominava antes desses encontros que me libertaram para uma prática/atuação mais condizente com os reais papéis e funções primeiras da educação. Principalmente a educação pública oferecida às classes que são oprimidas e exploradas dentro da conjuntura de uma sociedade capitalista neoliberal.

Como tenho frisado – e ainda irei deixar marcado em diversos momentos na minha escrita – as minhas experiências particulares no chão da escola são os gatilhos que me conduzem para as minhas reflexões. Porém, não são apenas experiências particulares e isoladas. Tudo que me afeta se reflete em toda uma classe profissional que é fundamental dentro da cadeia de todo o processo educativo que se desenvolve na escola. Após os exercícios de reflexão que fiz – e venho fazendo – sobre as minhas práticas, concluí que este (des)encontro é fruto/consequência da formação inicial que tive no meu curso de graduação/licenciatura. Também atribuo a continuidade desse desajuste à dificuldade de acesso à formação continuada que desse conta de corrigir esse desacerto. Desajuste, desacerto e desencontro entre a escola que me foi pintada – teoricamente – durante meu processo de formação e a escola real que encontrei quando comecei a atuar no magistério. Mais que isso, um desencontro com ideal de aluno/aluna que as teorias oferecidas na grade curricular me fizeram acreditar que encontraria.

Esse desencontro com a escola real marca o início da carreira da grande maioria das pessoas que ingressam no magistério. E como apresentarei nos resultados da pesquisa futuramente, esse desencontro, por vezes, gera um choque de realidade nesses/nessas docentes. A teoria oferecida na formação inicial, orientada pelo ideário liberal de sociedade, calcada no foco sobre o indivíduo, está muito aquém de proporcionar a compreensão necessária dos problemas que atravessam o chão da escola. Principalmente quando se trata de entender as causas dos problemas de aprendizagem e que provocam, por exemplo, o fracasso escolar.

A formação docente que vem sendo oferecida nos cursos de licenciatura é extremamente carente de crítica social e limitada no sentido de compreender o indivíduo dentro de um contexto social, histórico, cultural e econômico, ela acaba não formando e, sim, (de)formando os/as docentes que ela entrega à sociedade para atuar no magistério. Essa formação, da forma como vem sendo produzida e pensada tradicionalmente, não concebe os processos educativos de forma socio-referenciada (ASBAHR & LOPES, 2006). As teorias ministradas nas disciplinas que deveriam orientar a prática educativa nesses cursos não preparam estes/estas profissionais para a prática de fato, passam ao largo dessa tarefa. E nesta chegada docente à escola real, que é marcada historicamente

pelos conflitos sociais, acontece um (des)encontro entre a teoria e a prática, pois as professoras e professores, em sua grande maioria, não foram formadas/dos para lidar com os diferentes corpos que a elas/eles se apresentam na sala de aula (CHECCHIA, 2020). Mais que isso, a escola, num todo, enquanto instituição, projetada e pensada para atender e educar os filhos e filhas da classe burguesa, não está preparada e organizada para receber, acolher e atender cada um/uma em suas subjetividades e particularidades. Uma escola que é hostil, perversa e que repele as classes populares dos seus espaços de aprendizagem (RIBEIRO, 1984; PATTO, 2015). Crianças, adolescentes e jovens que são historicamente marcados pelas diferenças e desigualdades sociais. Diferenças que são negadas, camufladas e apagadas pela ideologia liberal. Uma ideologia que produz uma cultura que insiste em afirmar a igualdade entre esses corpos para, na verdade, garantir a hegemonia da classe burguesa e perpetuar a sua proeminência no topo dessa hierarquia social (PATTO, 2015).

Percebe-se aí um grande desajuste entre a teoria ministrada na formação inicial docente e a prática cotidiana escolar. Um desajuste que é tradicionalmente atribuído à esfera pessoal e individual, sem levar em conta questões históricas, econômicas e sociais.

Maria Helena de Souza Patto, no primeiro capítulo de *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia* fez uma importante reconstituição histórica dos caminhos percorridos pela sociedade capitalista atual. A partir de uma fundamentação baseada no materialismo histórico-dialético a autora, neste primeiro capítulo da obra, constrói uma minuciosa análise sobre as *Raízes históricas das concepções sobre o fracasso escolar*. Ao realizar tal análise, a autora nos mostra como foi construída, historicamente, as concepções de escola e de educação que predominam atualmente. Um modelo de escola que emerge após um processo revolucionário tocado pela classe burguesa e para atender a classe burguesa. Uma escola feita e pensada pela burguesia para a burguesia.

Reconhecer os limites, carências e ausências existentes na formação inicial docente no sentido de guarnecer e preparar, professores e professoras, para atuar de forma prática na escola. Sendo a escola uma instituição social. e pensar nas dificuldades de acesso à formação continuada para superar esses limites e carências. Acredito ser este, por hora, um caminho possível para se transitar por essa temática.

O título/abordagem parte de um conceito forjado nas minhas reflexões sobre a forma como vem acontecendo a formação de professoras e professores nas últimas décadas em nosso país. Essa reflexão, como venho insistindo no decorrer de todo o texto,

tem como ponto de partida um exame, um exercício de consciência sobre a minha formação. Logo, a (de)formação sugere uma crítica e uma reflexão sobre como a formação de professoras e professoras tem se demonstrado incapaz de preparar as graduandas e graduandos de licenciaturas para atuar em um chão de escola heterogêneo, diverso e atravessado por diversas questões como as de gênero, desigualdades sociais, racismo, entre outras. Essa formação pouco crítica, deficitária de conteúdos de psicologia e pedagogia escolar, em uma perspectiva histórico-crítica, produz inconsciências e leituras de mundo insuficientemente capazes de abarcar e desvelar os atravessamentos de uma sala de aula. Nesse sentido, a/o professora/professor acaba reproduzindo em suas práticas um discurso neoliberal, culpabilizante, criminalizante e meritocrático. Elas/Eles acabam operando como algozes do sistema a partir da escola: instituição que define os rumos da vida de todas as pessoas.

Além do mais, estou convicto de que a (de)formação é um projeto maléfico, conduzido e arquitetado de forma proposital pelas classes dominantes. Um projeto que tem intenções e propósitos bem definidos dentro de uma sociedade marcada pela desigualdade. Pois, se a educação se apresenta como o único caminho para superação das disparidades e mazelas sociais, ela deve ser conduzida e gerida no sentido de reproduzir as desigualdades e manter os privilégios dos opressores em detrimento dos oprimidos. Portanto, (de)formar significa impedir que a classe docente tenha uma consciência crítica a respeito da sociedade na qual ela está inserida. Significa produzir profissionais úteis no sentido de alimentar a continuidade da sociedade constituída pelo capitalismo, impossibilitando quaisquer possibilidades de transformação. Pensar sobre a (de)formação é um convite à uma reflexão sobre o que essa classe reproduz e o lugar que ela ocupa dentro das dinâmicas da sociedade atual.

Como venho afirmando no decorrer do texto, o contato e leitura dos conhecimentos em psicologia escolar e pedagogia escolar, em sua perspectiva histórico-crítica, me foram fundamentais e muito caros no sentido de me auxiliar nas minhas práticas pedagógicas e no meu cotidiano escolar; principalmente no que diz respeito ao entendimento de problemas de aprendizagem e de fracasso escolar. Porém, como também citei, não tive contato com esses conteúdos na minha graduação, quando fiz o curso de Licenciatura em História, concluído em 2007. Acredito que eu seria um professor mais bem preparado para atuar na sala de aula se eu tivesse tido o acesso a esses conteúdos nos anos em que fiz o curso de graduação. Recentemente tomei à mão meu histórico do curso por curiosidade. Consta no histórico a disciplina de Psicologia da Educação com apenas

quarenta horas de carga horária. Esta foi mais uma triste constatação sobre a forma como vem sendo pensada e organizada a formação de professores em nosso país.

Psicologia da Educação, de acordo com Checchia e Souza (2016) e Checchia (2020), compõe o quadro de disciplinas dos cursos de pedagogia e licenciaturas, que versam sobre os Fundamentos da Educação e, portanto, carrega consigo um enorme potencial para orientar e instrumentalizar a formação e a prática de futuros/as docentes no que tange à compreensão processos de aprendizagem. As autoras fizeram um importante levantamento e análise das ementas dessa disciplina a partir das pesquisas de “Gatti (2009;2010), Gatti e Nunes (2009), Levandovski (2008), Pains (2006), Guerra (2003), Pereira, Almeida e Azzi (2002), e Larocca (2000), que abordam a discussão sobre contribuições desta disciplina para a formação inicial de professores” (CHECCHIA & SOUZA, 2016, p.298). A partir do levantamento dessas pesquisas as autoras consolidaram importantes considerações e conclusões a respeito dessa disciplina e de como ela não vem atendendo, historicamente, um objetivo primordial: preparar as/os formandas/formandos dos cursos direcionados ao magistério para o cotidiano real e prático da sala de aula. Em sua conclusão, a respeito da análise dessas pesquisas, as autoras afirmam que:

As considerações referidas até então elucidam o fato de que a disciplina Psicologia da Educação frequentemente abriga uma diversidade de abordagens teóricas psicológicas e que a escola, como uma instituição social e de ensino, consiste em um elemento praticamente ausente em suas ementas. Tendo-se, hegemonicamente, como foco central de análise os processos de desenvolvimento e aprendizagem, a estrutura geral dessa disciplina costuma contemplar a apresentação de um panorama histórico sobre a relação entre Psicologia e Educação, seguida da exposição de conceitos centrais proferidos em distintas abordagens psicológicas (tais como behaviorismo, psicanálise, psicogenética e histórico-cultural, dentre outras), com ênfase nas teorizações de Piaget, Vigotski e Wallon.

Evidencia-se, portanto, o predomínio da identificação dos conhecimentos relativos a processos de desenvolvimento e aprendizagem como alicerce das contribuições da Psicologia para a formação de professores, ao fornecerem bases teóricas com o intuito de instrumentalização da ação pedagógica, apresentando-se, contudo, como um dos principais desafios da disciplina Psicologia da Educação a superação da falta de articulação entre teoria e prática e entre o conteúdo ministrado e a realidade escolar (CHECCHIA & SOUZA, 2016, p.308)

Como fica claro, a formação de docentes vem se configurando de forma totalmente alheia às questões mais urgentes que a escola demanda. Preocupa-se demais em dar conta das questões individuais do desenvolvimento humano sem relacioná-las à um contexto sócio-histórico. Dessa forma, as contribuições da Psicologia, que poderiam auxiliar e instrumentalizar a/o professora/professor na sua lida, esvaziam-se em uma sequência de conteúdos que só alimentam ainda mais a individualização dos problemas

escolares no contexto de uma sociedade guiada pelo neoliberalismo meritocrático. Em conversa com a professora Fernanda, minha orientadora, chegamos à conclusão de que, essa disciplina, no formato em que vem sendo oferecida, serve, quando muito, “para ajudar na aprovação em concursos públicos”. Por tudo isso, considero que não temos e não tive, particularmente, uma formação e, sim, uma (de)formação.

Checchia e Souza (2016) também alertam para o fato de que essas ementas que compõem essas disciplinas dos cursos de formação docente no Brasil são legitimadas e autorizadas na legislação que orienta políticas públicas. Segundo as autoras:

A concepção hegemônica de que a principal contribuição da Psicologia da Educação para a formação inicial de professores centra-se na transmissão de conhecimentos relativos aos processos de desenvolvimento humano e aprendizagem é endossada por políticas públicas educacionais referentes à formação de professores, tanto em âmbito nacional quanto estadual, tais como as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica) (...) (CHECCHIA & SOUZA, 2016, p.308)

Nessa mesma linha de raciocínio de crítica à formação inicial de professores e professoras, Patto (2009) vai discorrer que:

Baseados em ecos da psicopedagogia do fim do século XIX, esses cursos concebem o ensino como técnica que visa garantir a rapidez, a produtividade e a eficiência do processo, para o que é preciso levar em conta as características individuais do alunado, entendidas, por sua vez, como aptidões naturais que vão determinar os diferentes níveis de aprendizagem e de escolaridade de que cada um é capaz. Assim, os professores são convencidos de que o mau rendimento escolar decorre de deficiências pessoais dos alunos ou de seu grupo familiar; de que a ineficiência dos professores é consequência de equívocos técnicos deles próprios ou de governos anteriores; de que novas reformas, novos projetos e novos cursos de reciclagem reverterão esse quadro. Então cada novo governo muda a orientação pedagógica e administrativa do ensino e impõem-se novas propostas técnicas supostamente salvadoras da educação escolar sempre à beira do colapso. (PATTO, 2009, p.190-191).

Percebe-se, então, que nossa formação docente vai de mal a pior – no que diz respeito à sua eficácia no sentido de preparar os professores para a lida cotidiana nas salas de aula e que a Psicologia, em sua interface com a educação, como citei anteriormente, é esvaziada e mal direcionada no sentido de dotar a classe docente de saberes práticos. Uma Psicologia da Educação descompromissada em sua função/natureza de entender os fenômenos educativos. Além do mais, todo o aparato das políticas públicas, orientadas pelo modo capitalista de pensar a escolaridade, alimentam, segundo Patto (2015) a produção do fracasso escolar.

Esta forma de se organizar a disciplina de Psicologia da Educação, que é orientada em uma legislação educacional oficial, revela a infeliz permanência da

influência de teorias raciais na condução das nossas políticas educacionais. Uma psicologia que individualiza, que segrega, que define, identifica e traça diagnósticos para rotular os aptos e os inaptos e quem será ou não educado. Uma Psicologia que, infelizmente, ainda carrega marcas profundas da teoria da carência cultural (PATTO, 2015). Constatar isso é entender que ainda temos a necessidade de avançar muito nos debates sobre como essa disciplina vem sendo pensada e como ela afeta as práticas docentes no cotidiano escolar. É preciso que haja um movimento no sentido de revisar as ementas dos cursos de formação docente para dotá-las de conteúdos que forneçam às/aos formandas/formandos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas insumos básicos para atuar nas salas de aula. Corroborando com a pesquisa de Checchia e Souza (2016), acredito que este seja um possível primeiro caminho ou solução para superarmos a (de)formação, afinando as teorias oferecidas nos cursos de formação docente com as reais necessidades das quais carecem os profissionais da educação para a sua atuação nos contextos escolares.

Segundo Patto (2005), a única saída para o quadro caótico que vem se repetindo ao longo das últimas décadas é através da valorização das/dos professoras/professores. Essa valorização, segundo a autora, começa a se consolidar na medida em que é dedicada a elas/eles uma formação adequada e comprometida a prepará-los para lidar com a/o aluna/o real.

A situação escolar que delineamos só será revertida, repito, quando os educadores forem valorizados. Respeitá-los é, entre outras coisas, deixar de “pseudoformá-los” como técnicos de ensino e passar a formá-los como trabalhadores intelectuais. Para tanto, é imprescindível uma proposta formativa centrada na reflexão sobre a realidade social em que vivem e sobre a relação dela com uma política educacional que vitima professores e alunos.

Somente assim os professores poderão um dia aliar-se aos alunos e comprometer-se com o direito deles à cultura, ao pensamento e ao respeito. Só assim haverá nas escolas ambiente propício à resolução coletiva dos conflitos. Só assim a escola poderá deixar de ser lugar de sofrimento generalizado para ser espaço de ação de pessoas desejosas de uma convivência escolar que caminhe na contramão dos interesses e da violência dos que dominam, marca registrada da sociedade brasileira (PATTO, 2005, p. 39-40).

Em outras palavras, docentes que experimentam uma formação mais adequada à realidade chegam na sala de aula desarmados/das, mais dispostos/dispostas a lidar com as intempéries do cotidiano escolar. Ao contrário, docentes (de)formados/das chegam armados/das em uma arena, pré-determinados/das à luta, à culpabilização, à criminalização etc. E a partir da (de)formação, onde docentes não são preparados minimamente para atuar na prática, qual é o quadro ou ambiente que se instala na escola?

O que esperar das relações escolares que serão desenvolvidas por uma/um profissional que chega na escola despreparado? Os conflitos, agressões, preconceitos e estigmas irão predominar nessas relações. Professoras/res, alunas/nos, famílias e escolas perdem. O capitalismo e a classe dominante vencem. Patto (2005) faz uma importante consideração a respeito dos danos que uma formação rasa e desprovida de crítica social pode acarretar. Segundo a autora:

Um aluno ideal povoa o imaginário de boa parte dos educadores, inclusive dos que planejam reformas e projetos nos órgãos administrativos centrais: acima de tudo, há de ser obediente. Mas não só. Há de poder comprar tudo o que a escola pedir, pertencer a uma família nuclear e legalmente constituída e contar com pais preparados para exercer a função de “corpo docente oculto”. Terá de ser, de preferência, branco, mas, se não o for, que pelo menos seja um “preto de alma branca”. Que seja, na pior das hipóteses, de classe média baixa, mas, se não o for, que pelo menos se oriente por valores, usos e costumes dos segmentos sociais “superiores”. Caso contrário, lá estará, sempre a postos no coração da escola - como instituição que é de uma sociedade de classes -, o preconceito contra pobres e negros, que secularmente os submete às dores da humilhação cotidiana em todos os espaços sociais. Sem que isso mude, qualquer reforma ou projeto pedagógico pontual será plantado em terra estéril (PATTO, 2005, p. 42-43).

A formação precária acaba por se configurar numa engrenagem de uma fábrica que reproduz uma imensa massa de educadores que são configurados a ter uma visão limitada a respeito dos problemas enfrentados pela nossa educação pública. Esses profissionais se deparam em um labirinto de escolhas e julgamentos de culpa pelo fracasso de seu esforço. No rol dos culpados estão: os alunos, suas famílias, culpam as técnicas e o modo de fazê-las acontecer, culpam os governos anteriores etc. Essa engrenagem os cega e os impede de enxergar o que de fato acontece e de onde vem a fonte de todos os problemas que enfrentamos, a raiz profunda dessa questão.

A impossibilidade, que também lhe foi imposta, de entender que a improdutividade da escola pública não é um revés, mas um programa político numa sociedade profundamente atingida pela lógica perversa deste momento do capitalismo internacional, só lhe deixa uma saída: pedir ajuda a especialistas na procura de técnicas que revertam o caos de uma escola em que professores e alunos – ensino e aprendizagem de conteúdos escolares – foram relegados à condição de trastes sem interesse para o capital (PATTO, 2009, p.191-192).

Analisado, por hora, o panorama em que se dá a formação inicial de docentes, reconhecendo seus limites a partir das críticas apresentadas, quero seguir para a segunda

parte que propus no início de minha fala: pensar nas causas que impossibilitam a formação continuada.

Meu raciocínio e argumento de condução lógica estão alicerçados na seguinte questão: se a formação inicial (de)forma, visto que as teorias voltadas para os saberes pedagógicos, oferecidas nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, não fornecem os subsídios necessários para a atuação prática na escola (CHECCHIA, 2020), o único caminho para superar o problema é a partir de uma formação continuada. Também entendida por Gatti (2003) como *formação contínua* ou *formação de professores em exercício*. Expostos alguns limites da formação inicial, caberá à formação continuada a função de fornecer aquilo que falta para instrumentalizar a classe docente em sua atuação e fazeres pedagógicos cotidianos.

Porém, se fizermos um recorte de análise dos professores da educação básica, tomando como exemplo amostral as respostas ao questionário da pesquisa “professores da pandemia”, desenvolvida pelo NEIPE/UFF em 2020, iremos concluir que este subgrupo da classe é o que mais vínculos de trabalho possui, é o que tem a maior carga horária de trabalho/maior número de turmas, o que é menos remunerado e – o que vale maior destaque para efeito das hipóteses levantadas – o que menos tem acesso à formação continuada a nível de cursos de mestrado e doutorado. Por consequência, é a parcela menos qualificada da classe docente.

E de acordo com as pesquisas de Patto (2015) e Ribeiro (1984), a educação básica comporta e contém os nossos maiores problemas históricos educacionais no que diz respeito ao fracasso escolar. Não quero, com essa hipótese, culpabilizar e fazer recair sobre os ombros da classe docente da educação básica o ônus e a culpa pela calamidade, que, segundo Ribeiro, se encontra a nossa educação. Ao contrário, quero provocar uma reflexão no sentido de pensarmos as condições de vida, existência e trabalho às quais estão submetidas esse grupo específico de professoras e professores do qual eu faço parte.

E traçando um perfil a respeito desses professores, tendo como base de análise a pesquisa realizada pelo NEIPE/UFF, referida acima, Sentineli e Infran afirmam que:

(...) São professores/as que não conseguem estender um olhar empático para enxergar injustiças, desigualdades e a falácia da meritocracia, pois não lhes é dado o direito a uma formação inicial (e muito menos continuada) crítica. E estão cada dia mais soterrados/as com burocracias, ementas, apostilas e diversas restrições à autonomia docente e à produção de conhecimento (SENTINELI & INFRAN, 2020, p.123)

A pesquisa exposta no artigo pelos autores ouviu 1406 docentes da educação básica e a análise dos dados e falas revelou que:

(...)

- 44% tem renda familiar entre 3 e 6 salários mínimos;
- 27,7% têm ensino superior completo; 45,1% têm pós graduação lato sensu; 17,8% concluíram o mestrado;

(...)

- 66,8% atuam em escolas públicas; 22,4% em instituições privadas; 10% em ambas; 0,8% em outras instituições (Terceiro setor/ ONG/ OS etc);
- 1,8% não estava dando aula para nenhum aluno no momento da pesquisa; 36,9% lecionavam para até 100 alunos/as naquele momento; 19,3% tinham entre 101 e 200 alunos/as; 27% tinham entre 201 e 400 alunos/as; e 14,8% lecionavam para mais de 400 alunos (SENTINELI & INFRAN, 2020, p.123-124).

No capítulo, Sentineli e Insfran se utilizaram dos dados acima com fins de tecer um estudo sobre a relação/contato dos professores com os alunos e suas famílias no contexto da pandemia. Para além disso, fica evidente na análise desses números que a carga horária de trabalho, bem como o grande número de alunos/as e turmas que estão sob a responsabilidade de cada docente interfere diretamente nas relações e no contato com esses/essas alunos/as e suas famílias. É impossível que haja atendimento e atenção individualiza a fim de suprir as necessidades de aprendizagem de cada discente. Essa realidade afeta substancialmente a prática docente. A pesquisa deixa evidente a sobrecarga de trabalho à qual está submetida a maioria das/dos participantes que responderam ao questionário. Docentes “soterrados/das” e afogados/das por uma carga horária de trabalho asfixiante e desumana. Essa pesquisa reflete a realidade geral em que se encontra a classe. Essa sobrecarga de trabalho está diretamente ligada à baixa remuneração que recebe a esmagadora maioria de professoras e professores no nosso país. Uma desvalorização histórica que os obriga a encarar múltiplas jornadas de trabalho no setor público e privado da educação. Fora o fato de ter de lidar com as questões corriqueiras e cotidianas que a vida impõe.

Logo, a partir da interpretação dos autores, a extensa carga/horária, os vários vínculos de trabalho assumidos individualmente – em virtude da desvalorização salarial – afoga as/os professoras/professores em jornadas absurdas. Por consequência, têm seu tempo expropriado e são, com isso, impedindo-as/os de superar a condição de (de)formação. São seladas, para eles e elas, as possibilidades de acesso aos espaços que poderiam lhes proporcionar uma formação crítica, questionadora e verdadeiramente capaz de prepará-los/las para atuar no chão da escola. Espaços de formação que possibilitem, através do diálogo e da troca com seus/suas colegas, a união e a articulação da classe docente em prol das lutas e conquistas de tanto necessita para ter a vida digna

que merece. A pesquisa e seus dados são atuais, mas as dores são antigas e se repetem no tempo. Uma multidão cansada, exausta, correndo e dopada – como analisou Brum (2016) – e que, por conta dessa existência precária, imposta pela pesada carga de trabalho, não consegue sair desse lugar. Gente de vida apaga pelo capitalismo neoliberal. Gente que sobrevive (SENTINELI, et al, 2022).

E de acordo com as análises de Insfran (2017), as reformas impostas pela política econômica neoliberal nas últimas décadas no âmbito da educação estão muito pouco preocupadas com a sobrecarga do trabalho docente. Para o capital não interessa a qualidade de vida e de condições de trabalho dessa classe. A educação é vista como um gasto a ser equacionado de forma que os resultados não levem em consideração as existências dessas/desses profissionais. De acordo com a autora:

Dentre as reformas mais importantes da nova LDB (MEC, 1996) tivemos a mudança no formato de financiamento, gestão e avaliação da educação pública brasileira, com o objetivo de torna-la mais eficiente e menos dispendiosa (aumentou-se significativamente o número de alunos por professor em sala de aula, apesar de comprovadamente isto reduzir a qualidade do ensino – num momento em que qualidade se tornou palavra chave dos novos referenciais) (...) (INSFRAN, 2017, p.192)

Dessa forma, levando em consideração os dados apresentados pela pesquisa “Professores na Pandemia”, publicados, em parte, por Sentineli e Insfran (2020), Ladeira, Prado e Insfran (2020) e Sentineli et. al (2022), a sobrecarga de trabalho vem provocando efeitos nocivos à classe docente. Uma vida extremamente precária e marcada pela alienação, pela medicalização e pelo apagamento. Nesse quadro geral caótico, percebo a (de)formação como um aspecto que engloba todas essas facetas perversas. A ausência da consciência crítica, como venho discutindo, emperra qualquer possibilidade de transformação e melhoria de vida da classe trabalhadora.

4.2 – Políticas de sabotagem e (des)incentivo à formação continuada na rede pública estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro

Após discutir, de forma geral, algumas das ausências e limites da formação inicial e de comentar, brevemente, sobre as condições existenciais da classe docente, pretendo, neste tópico, trazer uma discussão que muito vem me inquietado desde que iniciei meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEn. Muitas das discussões, reflexões e questionamentos que trago nessa pesquisa partiram de dores

minhas, de questões particulares. Neste meu exercício de reflexão, percebi que essas questões não eram apenas minhas, que elas não afetavam apenas a mim, mas uma classe por inteiro.

Falando mais especificamente, a classe docente da rede estadual pública de ensino do Rio de Janeiro, submetida à Secretaria de Estado de Educação, regida e regulamentada pelo Decreto nº 2479 de 08 de março de 1979, que institui o Regulamento do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro. Fora o Decreto que institui o estatuto, também utilizarei, para a minha discussão, a Lei nº 155, de 22 de agosto de 1977, que altera dispositivos do Decreto Lei nº155, de 30/06/75, e dá outras providências; o Decreto nº 41.668 de 03 de fevereiro de 2009, que delega competências à Secretaria de Estado de Educação; a Resolução SAD 2.400 de 15 de julho de 1994, que Institui o novo Manual de Agente de Pessoal, responsável por instruir e organizar a montagem de processos administrativos; e a Lei nº 5539, de 10 de setembro de 2009 que institui, entre outras ações, o adicional de qualificação para os servidores de que trata a lei nº 1614, de 24 de janeiro de 1990, nas condições que menciona e dá outras providências.

A nível federal, para efeito de contraste com a legislação estadual, utilizarei a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a Lei 12.056, de 13 de outubro de 2009, que acrescenta parágrafos ao art. 62 da Lei 9394/96.

Meu objetivo aqui é fazer uma discussão, em tom de crítica e denúncia, sobre alguns aspectos que evidenciam algumas contrariedades, incoerências e ironias entre a legislação estadual e a legislação federal. Essa discordância entre as legislações das diferentes esferas gera, na prática, um projeto de política perverso que promove a sabotagem e o desincentivo da formação continuada da classe docente do Estado do Rio de Janeiro. Uma situação prática que dificulta, não facilita, não incentiva e não valoriza a formação continuada dos professores e professoras dessa rede pública de ensino.

Em linhas gerais, e para ser bem objetivo, quero demonstrar com a discussão que todos esses dispositivos estabelecidos pela legislação estadual não facilitam a concessão da licença para estudos aos servidores e servidoras do Estado do Rio de Janeiro – em específico os/as da Secretaria de Estado de Educação. Fora isso, a valorização, em termos de remuneração e incentivo para que esses/essas profissionais fiquem na rede, é pífia, insignificante e não atrativa para profissionais que possuem a titulação de mestrado e doutorado.

Todos esses aspectos, como veremos, são mais evidências práticas de que o projeto de crise da educação, que foi denunciado por Darcy Ribeiro, e que afeta, principalmente a educação básica, está a pleno vapor. A desvalorização da classe docente é um dos muitos aspectos nefastos desse projeto que deixa a escola pública em estado de calamidade. Pois como ele mesmo apontou:

Creio haver provado que só há uma solução para os problemas brasileiros da educação. Uma única. Exclusivamente uma solução: *é levar a educação a sério*. É enfrentar a tarefa de criar, aqui e agora, para todas as crianças, a escola primária universal e gratuita que o mundo criou. Isto não tem mistério nenhum. A escola que alfabetizou o mundo consiste, essencialmente – como repeti tantas vezes ao longo desta palestra –, em uma professora bem preparada, estimulada e provida de um mínimo de material didático para as crianças que não possam adquirir. (RIBEIRO, 1984, p.67)

A fala destaca, de forma bem nítida – e assim eu a interpreto –, que a formação e o incentivo da classe docente são pilares fundamentais para que a escola cumpra, de fato, a sua função social de educar para a evolução da sociedade como um todo. A valorização da classe docente é um dos aspectos que gera, automaticamente, a melhoria geral do processo educativo. Preparar, por meio da formação, facilitar o acesso a ela e remunerar adequadamente são ações essenciais. São ações que promovem o reencontro com a docência e a realização na atividade laboral. Se a classe docente está feliz e se sente valorizada, a educação vai bem.

Vejam agora, passo a passo, a partir da análise da legislação supracitada, aspectos que evidenciam a sabotagem, o desincentivo e a desvalorização da formação continuada.

Quero iniciar a discussão trazendo o que está estabelecido na legislação federal a respeito da formação continuada de professores e professoras. A Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, alterada pela Lei 12.056/2009 e pela Lei 12.796/2013, estabelece em seu art. 62, nos 1º e 4º parágrafos o seguinte:

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

§ 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública. (BRASIL, 1996)

Fica claro e óbvio, a partir do exposto acima, que a legislação federal entende a formação inicial e continuada como um direito da classe docente. Segundo a legislação, a formação, tanto a inicial quanto a continuada, devem ser promovidas e incentivadas, em

regime de colaboração pelos entes da federação. Também fica bem explícito que esses mesmos entes devem atuar de forma a facilitar o acesso e permanência dos professores e professoras nestes cursos de formação. Porém, na prática, o que acontece no Estado do Rio de Janeiro, está em total discordância e desarmonia com o que se estabelece na LDB.

De acordo com inciso XIII, do artigo 79, do Decreto nº 2479/79, que institui o Regulamento do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro, fica estabelecido que:

Art. 79 – Será considerado como de efetivo exercício o afastamento por motivo de:

XIII – estudo no exterior ou em qualquer parte do território nacional, desde que de interesse para a Administração e não ultrapasse o prazo de 12 (doze) meses; (RIO DE JANEIRO, [1979])

Este artigo regulamenta a possibilidade de afastamento dos servidores e servidoras, na forma de licença, sem prejuízo do exercício, para efeito de contagem de tempo de serviço, não excedendo 12 (doze) meses.

A Lei nº 155, de 22 de agosto de 1977, que altera dispositivos do Decreto Lei nº155, de 30/06/75, cronologicamente anterior ao Decreto 2479/79, era mais discricionária e detalhista a respeito desse afastamento por motivo de licença para estudos. Vejamos o que ela expõe no recorte abaixo:

Art. 1º - O funcionário estável do serviço público civil do Estado do Rio de Janeiro poderá obter afastamento para estudo no exterior ou em qualquer parte do território nacional, nas seguintes condições:

I – com direito à percepção do vencimento e das vantagens do cargo efetivo, quando se tratar de bolsa de estudo diretamente oferecida pela entidade concedente ao Governo Estadual, desde que reconhecido pelo Governador o interesse para a Administração e o afastamento não ultrapasse a 12 (doze) meses; (RIO DE JANEIRO, [1975])

Tanto o Decreto 2479/79 quanto a Lei 155/75 deixam bem claro e explícito que o afastamento será concedido em caso desde que haja interesse da Administração Pública Estadual. Este aspecto é imperativo e muito vago. Fora isso, a Lei 155/75 ainda prevê o agravante de o/a servidor/servidora, caso a licença não atenda aos interesses da Administração Pública, ficar sem o seu vencimento e/ou vantagens que são acrescidas mensalmente como, por exemplo, vale transporte, auxílio alimentação, difícil acesso, entre outras.

O Decreto nº 41.668 de 03 de fevereiro de 2009 delega, especificamente à Secretaria de Estado de Educação a competência para conceder ou não a licença para

estudos aos servidoras e servidores de seus quadros. Neste Decreto percebemos a continuidade da exigência de se atender aos interesses da Administração Pública.

Art. 1º - Ficam delegadas à Secretária de Estado de Educação as seguintes competências:

I - autorizar afastamento de servidores da Secretaria de Estado de Educação para o exterior ou qualquer parte do território nacional, nos casos legalmente previstos, para realização de cursos ou participação em eventos, desde que no interesse da Administração e não ultrapasse 12 (doze) meses; (RIO DE JANEIRO, [2009])

Para requerer a licença para estudos, o/a servidor/servidora deve montar um processo administrativo na unidade em que exerce a sua função. A montagem dos diversos tipos de processos administrativos, a nível do Estado do Rio de Janeiro, é regulamentada e instruída pela Resolução SAD 2.400, de 15 de julho de 1994, que institui o novo Manual de Agente de Pessoal. De acordo com o que está estabelecido na página 149 deste manual, o servidor ou a servidora, que venha a requerer a licença para estudos deverá montar o processo administrativo atendendo às seguintes exigências burocráticas listadas abaixo:

- Formulário Padrão;
- Requerimento com Exposição dos Motivos;
- Comprovante de Inscrição no Curso;
- Comprovante da Estrutura Curricular do Curso, com Tradução Juramentada quando no Exterior, constando Data de Início e Término;
- Declaração do Chefe Imediato, de que não se opõe ao Afastamento e como será suprida a Carência do Servidor;
- Declaração de que encaminhará, mensalmente, ao Órgão de Pessoal, Comprovante de Participação no Curso e ao Final Apresentará Cópia da Tese;
- Declaração de que Aguardará em Exercício a Publicação da Licença;
- Declaração de estar ciente que o Decreto nº 41668/09 Ampara a Licença para Estudos, desde que no Interesse da Administração e não ultrapasse o prazo de 12 (doze) meses;
- Declaração citando Nome Completo, Matrícula e Número de Tempos referentes ao Funcionário que Substituir o Servidor em Tela caso a Licença pleiteada seja Concedida, com Ratifico do CGP;
- Cópia do Ato de Investidura;
- Cópia do Último Contracheque;
- Cópia do CPF, RG, PIS/PASEP;

- Cópia do Comprovante de Residência

Como se pode verificar, pela extensa lista de exigências, o processo é extremamente burocrático e obstaculizado. O fato de os interesses da Administração Pública terem proeminência sobre os interesses particulares do/da servidor/servidora impossibilitam o êxito na conclusão do processo, de forma a beneficiar-lhe com a concessão da licença. Em uma análise mais crítica e metafórica, enfrenta-se todo um calvário para se requerer um direito, estimulado pela legislação federal (LDB) e que deveria ser facilitado, não dificultado. Muitos/as colegas nem chegam a montar tal processo. Diante de tamanha burocracia, desistem antes de começar. Uma lista de exigências que se assemelham à um purgatório. As exigências geram a sensação extremamente pesada, pois ela joga toda a responsabilidade sobre os ombros do/da requerente. Digo isso pela exigência de constar no processo a explicação, por parte do/da servidor/servidora – ou do/da seu/sua chefe imediato – de como a carência do seu cargo será suprida. Isso soa como um fardo. Uma responsabilidade individual que deveria estar a cargo do sistema que gere a instituição que aqui, no caso, se trata de uma rede pública de ensino.

Eu e mais alguns colegas da turma do mestrado de 2019, também professores e professoras da rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro, procuramos nos informar sobre a possibilidade dessa licença de estudos para que pudéssemos – mesmo a licença contemplando apenas a metade do tempo de duração do curso (12 meses) – nos dedicar com mais tranquilidade ao curso.

Uma colega e eu, em específico, além de procurar os agentes de pessoal de nossas unidades, fomos até a Regional Noroeste Fluminense conversar com a Coordenadora Regional de Gestão de Pessoas para nos informar melhor a respeito da licença, visto que nas nossas unidades não existia histórico dessa modalidade de licença para servir de modelo prático. Não existia nenhum caso concreto de algum servidor ou servidora que demonstrasse para nós que essa licença seria algo possível e alcançável. Nessas conversas com os agentes de pessoal e com a coordenadora, as primeiras informações soaram como penalidade. Nos foi informado que, caso conseguíssemos a licença, perderíamos todas as vantagens que são acrescidas mensalmente aos nossos vencimentos. Auxílio transporte, difícil acesso, difícil provimento e auxílio alimentação – como foi citado anteriormente. Algo que, atualmente, em termos de valores, giraria em torno de R\$ 900,00 (novecentos reais) por vínculo, caso o servidor ou servidora tenha um

vínculo de 16 horas. No meu caso e no caso dessa colega, como temos dois vínculos de 16 horas e trabalhamos em escolas de difícil acesso e provimento, a perda mensal seria, por baixo, de R\$ 1.800,00 (mil e oitocentos reais). Com isso, teríamos de sobreviver apenas com o valor do nosso piso salarial. Lembrando que estamos falando da realidade do Estado do Rio de Janeiro, que ocupa a 15ª posição no ranking do piso do magistério segundo dados atualizados (G1, 2021). Fora isso, foi nos informado que perderíamos a lotação na unidade onde atuamos. Com isso, findado o período de gozo da licença, poderiam nos mandar para qualquer outra unidade dentro da Regional Noroeste Fluminense.

No tocante à valorização dos/das profissionais da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro que possuem titulação de mestrado e doutorado, a Lei 5539/09, como exposto na parte introdutória do tópico, institui o adicional de qualificação para os/as servidores/servidoras. Trazendo para os valores atuais, este auxílio, para docentes com nível de mestrado, é de: R\$ 293,44 para docentes de 16, 22 e 25 horas; de R\$ 550,21, para docentes de 30 horas; e de R\$ 586,85 para docentes de 40 horas. Para docentes com doutorado, os valores são, respectivamente, R\$ 586,85, R\$ 1.100,36 e R\$ 1.173,79 (SEPE/RJ, 2022).

Antes de seguir com o debate, sinto a necessidade de fazer uma pausa para expor um questionamento que venho carregando comigo desde o momento em que me foram informadas as “consequências” da licença para estudos: isto é, de fato, uma licença ou uma punição? As advertências sobre essas consequências soaram para mim como terrorismo.

Para efeito amostral, quero tomar como exemplo a turma de 2019 do mestrado em Ensino, da qual faço parte. A turma tinha um total inicial de 23 discentes e está encerrando com 21, pois uma faleceu e a outra desistiu. Desse total, somos, ao todo, 8 professoras e professores da rede pública estadual de ensino. Duas já são aposentadas e seis ainda atuam na sala de aula. Nenhum/nenhuma desses/dessas seis conseguiu tirar a licença. Dois desses seis professores/as nem chegaram a cogitar a possibilidade de montar o processo administrativo. Cientes do pesado e burocrático trâmite que teriam de enfrentar, nem chegaram a fazê-lo. Sendo assim, todos/as tiveram que conciliar o trabalho com o curso. E não resta dúvidas de que este fato influencia significativamente o desempenho acadêmico e a dedicação ao curso. O tempo que é dividido não é um tempo dedicado e direcionado. A licença deixaria todo o processo muito mais leve. E com isso, a partir dessas constatações, ficam alguns questionamentos para futuras indagações. Qual

é o número de professores e professoras que essa licença já beneficiou a nível estadual? Acredito eu que um número irrisório e insignificante diante. Também valeria estabelecer um comparativo com outras esferas para pensarmos nos contrastes e discrepâncias existentes entre as diferentes redes de ensino público. Por hora, consegui me ater apenas à análise da conjuntura estadual do Rio de Janeiro.

Diante de todo exposto, percebo que existe, em pleno curso e à todo vapor, uma política desumana, perversa que sabota e (des)incentiva a formação dos/das docentes que compõem o quadro da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Uma política totalmente contraditória e incoerente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira. Um total desajuste e discordância da legislação federal que, como foi citado no início do tópico, estabelece que os estados e municípios incentivem, facilitem e oportunizem a formação. Uma legislação obsoleta, que precisa, urgentemente, ser revista, atualizada e que esteja em sintonia com a LDB para que se cumpra e facilite o direito à formação, negado por décadas aos professores e professoras da rede pública estadual de ensino.

Por fim, fico a me questionar: qual será o interesse da Administração Pública do Estado do Rio de Janeiro? A quem esses interesses servem? Esses interesses condizem com os interesses da Educação Pública? Eles atendem aos interesses da classe docente da rede pública estadual? Ficam esses questionamentos. Porém, uma coisa é certa: a educação pública continua não sendo levada a sério. O centenário Darcy Ribeiro estaria decepcionadíssimo.

5 - METODOLOGIA

Como citei anteriormente, essa pesquisa foi desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica em obras de autoras e autores que me inspiraram, que me provocaram a alegria de encontros que me abriram novas janelas para ver e interpretar o mundo, refletir sobre a existência na qual estou inserido enquanto indivíduo e professor. Esses encontros me ajudaram a entender e a reinterpretar os processos pedagógicos, como as relações estão postas no ambiente escolar e como minha formação, deficiente de crítica social, prejudicava minha prática docente. Patto (2005; 2009; 2015), Freire (1985; 1987), Ribeiro (1984), Checchia (2020), Larossa (2015), Han (2015; 2016), entre outros/as. Escritos que, segundo Jorge Larrosa (2015), aconteceram em mim e que me acompanham e que me convidam para uma atitude de constante reflexão. Escritos e textos carrego comigo por este caminho e o tornam menos solitário e mais lúcido a cada leitura com os olhos sempre atentos na vida material. Escritos que me inspiraram a produzir esta dissertação que certamente será um divisor de águas na minha existência e jornada rumo a um lugar de professor e ser humano melhor. O termo “ENCONTRO” escolhido por mim – e aqui eu quero destacar em caixa alta para realmente dar a ênfase que ele merece – define e delimita bem – neste instante acredito eu – o que foi e tem sido a experiência de escrever a partir desta pesquisa bibliográfica que, primeiramente, eu quero deixar bem demarcada aqui neste espaço onde geralmente se expõe os modos de fazer e métodos utilizados durante essa trajetória de escrita e pesquisa. Porém, a meu ver e entender, não basta apenas descrever de forma fria e desapassionada. Esse destaque ou menção é, para mim, uma reverência e um agradecimento por tudo que essas leituras, autores e autoras me provocaram, me deslocando de um lugar onde hoje não me vejo mais. A experiência que tive com as leituras a partir dessa pesquisa bibliográfica me proporcionaram a “licença poética” para escrever, para me apresentar e para me entregar nessas linhas de forma leve, despreocupada e apaixonada.

A psicologia e a pedagogia escolar em suas perspectivas críticas, o materialismo histórico-dialético e, em parte, a Sociologia são as lentes que tomei como ferramentas para interpretar, ler e desvelar o que tenho pesquisado. Aqui quero destacar mais uma vez, entre outras e outros autores, Maria Helena de Souza Patto, Paulo Freire e Darcy Ribeiro como expoentes dessas linhas de pensamento que me iluminam, instrumentalizam e orientam o meu olhar de professor/pesquisador.

Além da pesquisa bibliográfica, parte dessa pesquisa foi escrita a partir da análise crítica em documentos oficiais e na legislação a respeito dos temas que estão relacionados à formação continuada da classe docente, tendo como recorte a rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa de campo “Professores na pandemia”, desenvolvida de forma totalmente online, pelo NEIPE/UFF/CNPq, em 2020 e 2021, em três etapas, também é parte integrante dessa dissertação. A pesquisa nasceu praticamente no meio do meu percurso de produção da minha dissertação de mestrado e em um momento crucial de definição dos rumos que a minha pesquisa iria tomar como um todo. As duas pesquisas, para o grupo e para a conclusão do mestrado, caminharam lado a lado e me ajudaram bastante no sentido de, não apenas verificar hipóteses ou erigir constatações, mas no sentido de sentir e acompanhar com mais proximidade as dinâmicas das vivências de parte das pessoas que compõem o grupo foco de interesse anunciado neste trabalho: a classe docente. Fora isso, como irei expor à frente, e na apresentação dos resultados, a pesquisa desenvolvida pelo grupo me proporcionou a oportunidade de realizar uma ação que, a meu entender, fez transbordar a pesquisa para fora dos muros da universidade, cumprindo um papel social. Acredito que seja cabível justificar, aqui, os motivos que me levaram a trazer a pesquisa de campo para compor a dissertação. Entendo que tudo que se pretende se apresentar como completo, redondo e acabado, perde a sua validade a partir do instante em que manifesta esta intenção. Digo isso em sentido de vaidades. Mas acredito firmemente que se uma pesquisa ou dissertação fala sobre vidas, no mínimo, elas devem movimentar-se no sentido de tocá-las de alguma maneira e esforçar-se para ser relevante para essas vidas. Esta foi uma das principais orientações que entendi que o curso de mestrado em Ensino exigiria de mim. Em minha opinião, a boniteza de uma pesquisa, que tem como essência e origem um incômodo social, se revela a partir do momento em que ela anuncia algum tipo de atitude ou movimento no sentido de alterar aquilo que ela denunciou. Isto posto, colocarei me agora a descrever, brevemente, como a pesquisa de campo aconteceu.

As duas primeiras etapas foram desenvolvidas através da plataforma Google Formulários e a terceira etapa foi desenvolvida no formato de rodas de conversa pelo Google Meet. Uma parte significativa desses dados já foi publicada enquanto resultados das duas primeiras etapas, referentes às respostas dadas aos dois questionários por SENTINELI e INFRAN (2020), INFRAN et al. (2020), LADEIRA, PRADO e INFRAN (2020) e SENTINELI et al (2022). O que irei utilizar aqui, para análise e

discussão na apresentação de resultados, serão as rodas de conversa que compõem a terceira etapa/fase da pesquisa. Acredito que seja importante destacar que, tanto eu quanto minha orientadora, no instante de definição dos rumos da pesquisa, quando decidimos realizar as rodas de conversa através do grupo de pesquisa (NEIPE/UFF/CNPq), percebemos que seria importante e coerente dar seguimento na pesquisa com participantes do mesmo grupo que vinham contribuindo conosco desde o início da pesquisa nas duas fases anteriores.

E para ser coerente, mesmo não utilizando aqui, de forma bruta como citei anteriormente, dados de todos os questionários, acho necessário comentar, mesmo que de forma breve, como a pesquisa foi pensada, estruturada, desenvolvida, como os dados foram obtidos e de que forma foram analisados.

Os questionários foram encaminhados via e-mail e WhatsApp para que professoras e professores respondessem perguntas, objetivas e subjetivas, que foram elaboradas coletivamente pelo grupo de pesquisa em reuniões realizadas pelo Google Meet que ocorreram previamente de forma semanal. As perguntas foram elaboradas a partir de questões que tinham com o objetivo sondar e ouvir a classe docente que enfrentava os dilemas, as cobranças, os assédios e o peso do ensino remoto concomitantemente à urgência de enfrentar e sobreviver à pandemia da COVID-19, que levou ao extremo a precarização da vida e a exploração desses/dessas trabalhadores/as e de toda a classe trabalhadora de modo geral. As temáticas das perguntas giraram em torno dos temores em relação à crise sanitária; das condições de vida, trabalho e existência; das aflições em relação às questões econômicas, políticas e culturais; saúde física, mental e medicalização; das relações escolares e de trabalho, entre outras. As questões foram gestadas principalmente com o objetivo de escutar essas pessoas a partir de suas vivências em meio ao cenário pandêmico.

O primeiro questionário, correspondente à primeira fase da pesquisa, foi encaminhado para ser respondido nos meses iniciais da pandemia – entre abril e maio de 2020. O segundo questionário, correspondente à segunda fase da pesquisa, foi encaminhado já no segundo semestre do ano, em agosto. O primeiro questionário contou com 36 perguntas e o segundo questionário com 20 perguntas. Obtivemos 1906 respostas ao primeiro questionário e 337 respostas ao segundo questionário. A partir dessas respostas criamos categorias e utilizamos o método de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Vale destacar que o objetivo do segundo questionário foi o de sondar, passados cinco meses de período pandêmico e de ensino remoto, o que havia mudado na vida

daquelas mesmas pessoas que escutamos naquele momento inicial da pandemia. Saber se os seus temores, percepções, condições de vida e existência ainda eram os mesmos, ou se algo havia mudado. E como detalharam SENTINELI et al (2022), “A maioria das perguntas deste segundo questionário era fechada e dando como alternativas de respostas as categorias que criamos a partir das respostas dadas por eles ao primeiro questionário” (p.198).

As respostas nos revelaram um panorama das condições de trabalho, vida e existência da classe docente em meio à pandemia. Panorama este onde fica bem explícito o aprofundamento de um quadro de precarização geral da vida já enfrentado pela classe dos profissionais da educação no Brasil. A extensa carga horária, o grande número de alunos, o adoecimento psíquico e a medicalização são alguns dos aspectos que pudemos perceber, interpretar e escrever a partir dessas falas (INSFRAN, F. et. al., 2020). Também pudemos analisar, a partir das falas e respostas, aspectos das dinâmicas das relações escolares entre professores, famílias e escolas que se alteraram com a pandemia (SENTINELI & INSFRAN, 2020). O objetivo da inserção dessas análises tecidas a partir dos dados do questionário é de corroborar hipóteses, fazer contrapontos, elucidar e enriquecer a pesquisa. Acredito que trazer esses dados a partir das falas da classe docente é uma forma de materializar o que venho pretendendo pesquisar, é tentar responder às perguntas que tenho feito a mim mesmo desde que meu objeto e tema de pesquisa foram definidos e delimitados.

Por fim, como possível sugestão de provocar o transbordamento da pesquisa e como forma de colocá-la a serviço da classe docente, realizamos, através de ação do grupo de pesquisa (NEIPE/UFF/CNPq), a terceira fase da pesquisa “Professores na Pandemia”, no formato de rodas de conversa ou, como tecnicamente são nomeados, de grupos focais segundo Gatti (2005). Os grupos focais aparecem na história nos anos 1920, mas passaram a ser utilizados, mais recentemente, como técnica ou método de investigação científica, a partir da década de 1980. Segundo a autora:

A utilização do grupo focal, como meio de pesquisa, tem de estar integrado ao corpo geral da pesquisa e a seus objetivos, com atenção às teorizações já existentes e às pretendidas. Ele é um bom instrumento de levantamento de dados para investigações em ciências sociais e humanas, mas a escolha de seu uso tem de ser criteriosa e coerente com os propósitos da pesquisa. (GATTI, 2005, p.8)

Aqui na pesquisa irei nomeá-los dessa forma, como rodas de conversa. Porém, busquei as orientações metodológicas da autora supracitada para me guiar na condução deste percurso de desenvolver este instrumento de investigação científica.

Como citei anteriormente, as pessoas que participaram são do mesmo grupo que veio colaborando conosco desde abril de 2020 na primeira fase da pesquisa. No formulário que encaminhamos em agosto para a segunda fase da pesquisa, respondido por 337 participantes, como foi citado. Neste questionário, assim como no anterior, deixamos um espaço para que, quem desejasse, deixasse o seu contato de e-mail para entrarmos em contato futuramente, para criar vínculo com os/as participantes, informar sobre possíveis publicações/frutos da pesquisa e para solicitar deles/delas a participação em novas ações vinculadas à pesquisa. Neste espaço, dos/das 337 participantes, 274 deixaram o contato de e-mail. Foi a partir desses contatos deixados neste segundo questionário que disparamos os e-mails, em 22 de abril de 2021, com o convite para quem estivesse interessado/a em participar e contribuir conosco nas rodas de conversa. Neste e-mail de convite foram sugeridos possíveis dias e horários para que todos e todas pudessem responder e participar de acordo com a disponibilidade de agenda. Aguardamos por um tempo para que pudéssemos receber o máximo de respostas possíveis para organizar os possíveis dias e horários e, em 31 de maio de 2021, retornamos o e-mail para os mesmos contatos informando que os dois primeiros encontros aconteceriam nos dias 16 e 17 de junho de 2021, das 18 às 19 horas. Nós tínhamos, a princípio, a intenção de montar dois grupos de rodas de conversa. Isso ficou estabelecido pelo fato de acreditarmos que grupos grandes não oportunizam tempo para que todas e todos participantes pudessem falar e se manifestar com tranquilidade. Isso também tem relação com o tempo de duração que foi escolhido por nós do grupo. Naquele momento em que a classe docente se encontrava sobrecarregada e exausta com as demandas do ensino remoto, e por ficar muitas horas em frente às telas de computadores e celulares, nos fez projetar um formato de rodas de conversa com esta duração (uma hora) para não saturar ainda mais e tornar cansativa a atividade. No e-mail também informamos que enviaríamos na véspera dos encontros, via e-mail, os links da sala do Google Meet.

Também acho importante mencionar que, a cada vez que enviávamos os e-mails informativos sobre as rodas, encaminhávamos para todos os 274 contatos que mencionei acima para, assim, talvez, conseguir repescar e sensibilizar mais participantes para os encontros. Essa atitude ocorreu em virtude da nossa grande expectativa, pois estávamos desenvolvendo a terceira fase de uma pesquisa que começou com a participação de 1906 pessoas, que depois caiu para 337, onde tínhamos os contatos de e-mail de 274.

Obtivemos poucas respostas aos e-mails e, como se constatará adiante, poucas/os participantes. Algumas pessoas nos responderam pedindo que fossem excluídas da lista

para não serem mais importunados/das com as demandas do grupo e da pesquisa. Nessa reação, enquanto pesquisador, percebi e tive a impressão que, para as pessoas, quando se trata de responder questionários, que é algo mais impessoal, a tarefa é mais fácil, leve e vai mais no automático. O questionário demanda seu tempo apenas naquele momento em que você o responde e, mesmo assim, muita gente, quando os recebe, ainda assim resiste e não responde. Agora, imaginem se comprometer em participar de uma pesquisa que irá tomar uma hora de um dia de sua semana? Não estou de forma alguma criticando ou pressupondo nenhum rótulo ou estigma, só estou aqui, refletindo sobre as atitudes e comportamentos das pessoas diante das nossas investidas e tentativas de contato para dar seguimento à essa pesquisa que contou, em sua fase inicial, com um número tão elevado de participantes. E este número, na época, nos deixou muito empolgados/das e entusiasmados/das enquanto grupo de pesquisa. Acho interessante e necessário fazer este contraponto aqui e registrar esta minha sensação enquanto pesquisador. E vale reafirmar que esse registro não é, de forma alguma, um juízo de valor ou uma suposição sobre essas pessoas. Tenho consciência de que o momento era de muita atribulação, exaustão e de profunda precarização da vida, das condições de existência e sobrecarga de trabalho. Portanto, longe de mim estar aqui pressupondo ou imaginando coisas que depõem contra a classe da qual faço parte. E após fazer toda uma discussão importante nesta pesquisa sobre as condições precárias em que existimos na sociedade capitalista neoliberal, não quero ser eu mais um a culpabilizar professores e professoras por não disponibilizar o tempo que lhes é roubado. Não por vontade própria e consentimento, mas sim pelas amarras cruéis, muitas vezes involuntárias, de um sistema que lhes esteriliza e retira muitas possibilidades de se organizar em prol das mudanças e reformas de suas estruturas. Portanto, mais uma vez, esse registro não é sobre os/as outros/as, é sobre as minhas percepções, expectativas, interpretações e constatações sobre o fazer e o acontecer deste processo de pesquisa.

Por motivos de problemas de concomitância de eventos na agenda do grupo de pesquisa tivemos que adiar o início dos encontros das rodas de conversa que, a princípio, estavam marcadas para os dias 16 e 17 de junho, sendo adiadas para os dias 23 e 24 do mesmo mês.

Também acho importante destacar aqui que, antes de acontecerem os encontros com os/as participantes das rodas de conversa, duas outras reuniões do grupo de pesquisa foram realizados por meio do Google Meet para alinhar, planejar e detalhar como se dariam e se desenvolveriam as rodas de conversa, pois, além de serem utilizadas como

objeto de estudo, análise e pesquisa para esta dissertação, pretendemos, enquanto grupo de pesquisa e coletivo a serviço da sociedade, torná-las uma ação permanente junto à classe docente. E, na primeira dessas duas reuniões prévias, contamos com a participação, com as contribuições e a experiência de Karina Rocha Rosa de Castro, que desenvolveu sua pesquisa de mestrado no INFES/UFF (CASTRO,2019), utilizando, também, as rodas de conversa como objeto de pesquisa. Fora isso, seu capítulo “*Formação continuada de professores em tempos de pandemia: empoderamento, resistência e possibilidades*”, (CASTRO, 2020), no livro organizado pelo grupo de pesquisa, foi uma importante ferramenta de referência, orientação e inspiração para pensar e organizar essas rodas de conversa.

Na segunda reunião prévia terminamos de definir e projetar como aconteceriam as rodas. Como citei anteriormente, pensamos no formato de encontros com a duração de uma hora e de forma quinzenal. Esse formato, como salientei anteriormente, foi pensado para que os encontros não fossem cansativos e nem sobrecarregassem os/as participantes. Esses dias e horários ficaram de ser definidos e fixados nos dois primeiros encontros, juntamente com quem estivesse participando, a partir das disponibilidades de dias e horários oferecidos. Para estes dois primeiros encontros, além da definição das datas e horários em que aconteceriam os demais encontros, ficou estabelecido que este primeiro encontro/contacto seria reservado para o acolhimento das/dos participantes, apresentação da pesquisa “Professores na Pandemia” e para ouvir as pessoas que estivessem participando. Conhecê-las e escutá-las a partir de suas vivências neste momento: este foi o objetivo pensado para estes dois primeiros encontros. Também definimos que, a partir desses dois primeiros encontros, dependendo do número de pessoas que comparecesse, manteríamos dois grupos ou montaríamos um grupo só em dia e horário semanal para nos reunir dali em diante. Ficou acordado que os temas que seriam abordados em cada encontro seriam sugeridos e colocados para que fossem votados e decididos coletivamente em cada ocasião para os encontros subsequentes, que aconteceriam quinzenalmente, como foi exposto. Esses temas gravitariam em torno das urgências apresentadas pelo coletivo. Esse caráter democrático e deliberativo das rodas, e o nosso comportamento enquanto pesquisadores e pesquisadoras, foi colocado como uma diretriz e uma premissa fundamental para conduzir os encontros. Optamos por sugerir pequenos textos para leitura e para provocar as discussões e reflexões em cada encontro. Também foi pensado, para esses dois primeiros encontros, a criação de um ou dois grupos de

WhatsApp, dependendo do número de participantes, para facilitar e viabilizar a comunicação, o contato e os informes para os próximos encontros.

Conforme exposto acima, aconteceram os dois primeiros encontros de acolhimento e apresentação (23 e 24/06/2021), dois encontros em julho (08 e 22/07/2021) e um último encontro em agosto (05/08/2021), totalizando cinco encontros que acreditamos ser, naquele momento, suficiente e bastante como material de análise para os objetivos da pesquisa. Todos os encontros aconteceram pelo Google Meet, pontualmente entre das 18 às 19 horas e, como estabelecido por nós previamente, tiveram a duração de uma hora, não ultrapassando muito este limite. Todos os encontros foram gravados com a prévia autorização de todas as pessoas participantes. As gravações serviram de material de análise que será apresentado nos resultados da pesquisa.

Como esperado, o número de pessoas participantes não foi alto e pudemos criar apenas um grupo a partir das disponibilidades de data e horário apresentadas nos dois primeiros encontros. Solicitamos nesses dois encontros que as participantes compartilhassem conosco os seus contatos telefônicos para criarmos um grupo de WhatsApp, para postar os comunicados sobre dias, horários e materiais que possivelmente seriam utilizados em cada encontro.

No que diz respeito ao tratamento dos dados qualitativos obtidos através das falas, optei por uma análise e interpretação simultânea conforme apresentarei adiante. Isso seguindo as orientações a respeito do manejo de dados em uma pesquisa qualitativa apresentadas por Gomes (2002).

(...) Há autores que entendem a *“análise” como descrição dos dados* e a *“interpretação” como articulação dessa descrição* com conhecimentos mais amplos e que extrapolam os dados específicos da pesquisa. Outros autores já compreendem a *“análise”* num sentido mais amplo, abrangendo a *“interpretação”*. Somos partidários desse posicionamento por acreditarmos que a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa. (GOMES, 2002, p.68)

Ainda seguindo a perspectiva e método de análise do autor, passado os encontros, tomei uma certa distância e tempo para refletir e retornar às gravações para assisti-las novamente para evitar simplificações dos dados, conclusões superficiais ou equivocadas (GOMES, 2002).

Para transcrever as falas e, depois, analisá-las, optei por subir os vídeos para o meu canal no YouTube e, após carregados, a própria plataforma oferece a ferramenta de *“abrir transcrição”* que fica localizada no canto esquerdo, abaixo dos vídeos quando são carregados. A ferramenta não oferece uma transcrição fiel dos discursos e falas, sendo

necessário um ajuste ortográfico e gramático para colocar as falas de forma adequada. Porém, a ferramenta ajudou e adiantou bastante o trabalho de transcrição para as posteriores análises e reflexões que foram feitas nos meus comentários a partir das falas. Portanto, os resultados das rodas serão apresentados dessa maneira: comentários a partir das falas e, quando necessária, a transcrição na íntegra de algumas falas para fazer o cruzamento com o que discuti, em termos de teoria, nos capítulos anteriores.

Os dados suscitados com a realização do grupo focal, especialmente os relacionados aos desafios da prática docente, conduziram ao retorno à pesquisa bibliográfica, pois era necessário investigar o que se havia produzido teoricamente acerca das questões apresentadas, buscando construir o diálogo entre teoria e prática. O que já era esperado, na realidade, pois ao incorporar à pesquisa as falas e significados trazidos pelos sujeitos, pretendia-se analisar a relação dialética entre seus discursos e os discursos teóricos já existentes. (CASTRO, 2019, p. 86)

Por fim, cabe destacar que optei por dividir a apresentação dos resultados das rodas de conversa a partir dos cinco encontros que foram realizados com o objetivo de organizar e compartimentar a apresentação. Porém, agrupei os dois primeiros encontros de acolhimento e apresentação por terem a mesma temática. Os três outros encontros serão apresentados em separado.

6 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS RODAS DE CONVERSA E RECORTES DA PESQUISA “PROFESSORES NA PANDEMIA” – TERCEIRA FASE

No decorrer de toda a minha jornada, enquanto pesquisador, fui sendo tomado por uma necessidade urgente. Principalmente quando a pesquisa foi mudando de rumo, de foco, de temática e, enfim, de nome. Algo me incomodava. E este incômodo foi materializando um desejo de me movimentar em sentido de atitude diante da (de)formação da classe docente, este problema que me trouxe até aqui. O que fazer diante desta situação que está posta? Algo tão prejudicial para a classe e para as práticas pedagógicas que acontecem no chão da escola. A formação inicial, como bem refletiu Checchia (2020), precisa ser repensada e iluminada, a partir das contribuições da Psicologia Escolar em sua perspectiva crítica, para que realmente forme docentes com uma visão menos estereotipada, estigmatizada e que fortaleça uma concepção de educação mais humanizada e comprometida com a justiça social.

Ademais, o que venho acompanhando ao longo dos últimos anos, a partir das vivências no chão das escolas onde atuo, e na educação pública brasileira de forma geral, vem me causando grande preocupação e incômodo. O que vejo não me agrada e me preocupa. Quanto mais estudo, leio, me informo e me formo; quanto mais me abasteço junto ao meu coletivo, mais me assombro e me coloco em atitude de busca por novos caminhos e maneiras de confrontar e contornar tal estado de coisas. Penso que devo fazer a minha parte a partir dos espaços onde atuo e nas micropolíticas que estabeleço através das minhas relações.

Os espaços e coletivos de formação continuada que eu encontrei e que me acolheram me ajudaram de forma excepcional a adquirir uma consciência crítica sobre a realidade educacional brasileira, sobre a minha formação inicial, sobre a minha função social de pessoa que educa e que trabalha com educação. Ou seja, me percebo, no tocante à minha profissão de duas formas: como aquele que deve exercer a sua profissão de forma a cumprir corretamente o seu papel social e como trabalhador que deve sempre estar em constante luta, na defesa dos interesses de sua classe profissional. Isso tem ficado bem claro na minha mente a partir dos meus estudos nos últimos anos. É assim que eu percebo a verdadeira formação. Acredito que seja dessa forma que ela atinja seus objetivos: formando profissionais que possuem consciência crítica no fazer das suas atividades laborais.

Os estudos que tive de fazer para desenvolver essa pesquisa mestrado, e que venho fazendo no grupo de pesquisa, me proporcionaram a formação dessa consciência crítica e me ajudaram a entender, sob outra ótica, as dinâmicas das relações que se estabelecem dentro da escola. Meu relacionamento com alunos e alunas na sala de aula, com suas famílias; com meus colegas e minhas colegas que dividem aquele espaço de ensino e aprendizagem; minhas atitudes e compreensão frente às políticas educacionais. Enfim, hoje me considero um professor e um ser humano muito melhor e mais bem preparado; formado de fato, para estar onde estou. Sempre aprendendo e melhorando a cada dia. E é muito prazeroso e gratificante ter a consciência do lugar onde estou, de onde eu vim e para onde estou indo. E o meu maior sonho ou objetivo de vida é poder dividir com mais e mais pessoas este lugar, tomá-las pelas mãos e convidá-las para estar nesta jornada comigo. Contagiar cada vez mais e mais gente para que possam se sentir como eu me sinto hoje.

E foi desse desejo, a partir dessa sensação e desse sonho que surge essa vontade de realizar essas rodas de conversa para compor esta pesquisa. As rodas, de certa forma, me proporcionam essa sensação de estar em movimento e de poder fazer algo de forma prática no sentido de intervir naquilo que me incomoda a partir das minhas vivências. E sendo um pouco metafórico, talvez até poético, essas rodas são uma possibilidade de transformar a arena em que se encontra a classe docente, em uma ciranda onde possamos, organizados/das de forma coletiva, nos apoiar mutuamente para as lutas que são tão caras e urgentes para a educação e para a classe docente. Como discuti no capítulo em que trato da (de)formação, precisamos pensar em formas, ações e possibilidades de aproximar a universidade do povo, da classe trabalhadora, colocar aquilo que ela produz a serviço dessas pessoas. Principalmente a universidade pública desse país, lugar de produção de ciência. Caso isso não aconteça, ficaremos apenas no discurso academicista. Um discurso que, muitas vezes, não alcança as massas e se esvai em si mesmo e entre aqueles e aquelas que habitam esses espaços. A princípio, esta ação não constava no meu projeto de pesquisa apresentado para concorrer à vaga no Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGEn, mas hoje sinto-me realizado e muito feliz por estar concluindo-o dessa forma.

Até aqui eu estava a fazer as minhas justificativas e a firmar os meus tratados para apresentar e explicar a partir de que urgências surgiram as rodas de conversa. Daqui para frente estarei a apresentar os resultados e as reflexões que fiz a partir delas e das falas das participantes.

6.1 – Considerações e apontamentos gerais sobre as rodas de conversa e suas participantes

Cabe destacar, em primeiro momento, que as rodas foram desenvolvidas, assim como a quase totalidade dessa dissertação escrita neste momento pandêmico que estamos enfrentando. Estes tempos em que vivemos o isolamento social, a crise sanitária, econômica, política e social, provocada pela pandemia, deu uma outra cadência e uma outra tônica à nossa existência. As relações humanas modificaram-se demasiadamente e tiveram seus rituais corriqueiros e cotidianos alterados (HAN; 2021). As pessoas estão vivendo tempos de ansiedade, de adoecimento físico e psíquico, fragilizadas emocionalmente e a ordem do dia é sobreviver (SENTINELLI, *et al.*, 2022).

Conscientes desse panorama, tanto eu quanto meu coletivo, o Núcleo de Estudos Interseccionais em Psicologia e Educação (NEIPE/UFF/CNPq), através da pesquisa “Professores na Pandemia”, nos colocamos em atitude de escuta e acolhimento das pessoas que acorreram a nós. Isso ficou muito evidente quando recebemos, como citei anteriormente, a grande quantidade de respostas ao primeiro questionário da pesquisa. A necessidade premente das pessoas, neste primeiro momento – em 2020 – era de serem ouvidas, escutadas em suas angústias, temores, inseguranças, opressões, enfim, dividir o fardo pesado de suas existências que, neste momento, se tornaram mais agudas e precárias. Momento em que o trabalho remoto, por conta do ensino remoto, invadiu o espaço doméstico e não respeitou a necessidade principal daquele momento: cuidar da vida e não morrer. Os resultados da pesquisa, dos dois primeiros questionários, nos motivaram a realizar as rodas de conversa.

Avançamos para 2021 onde muitas e muitos da classe docente foram obrigados/as a retornar aos seus postos de trabalho presencial sem vacina no braço e sem que as escolas estivessem devidamente preparadas para recebê-los/las com a mínima segurança. Discentes, docentes e demais profissionais foram empurrados para suas escolas para desenvolver as suas atividades. Pessoas atordoadas e apreensivas com a crise econômica, com o aumento do custo de vida, com a inflação corroendo seus salários – muitos com salários reduzidos – e com a insegurança alimentar. Um quadro caótico alimentado por um desgoverno inerte, negacionista, que trabalha a favor do vírus e da morte, que nada faz para socorrer a quem mais precisa.

Por todo o exposto, quero frisar – e deixar bem-marcado – que o objetivo principal e primeiro das rodas foi escutar e acolher todas as pessoas afogadas e desesperadas em meio a este caos. A escuta, neste momento, é das atitudes humanas mais

urgentes, necessárias e significativas neste momento que enfrentamos (GARCIA 2022). Além da escuta, o nosso desejo, enquanto grupo de pesquisa, era de formar um coletivo e criar um espaço onde as pessoas possam encontrar apoio e sentir-se menos solitárias neste momento tão difícil que enfrentamos. Membros e membras do grupo de pesquisa, de forma alternada, participaram das rodas e fizeram algumas intervenções, compartilharam suas vivências e contribuíram com os debates que foram surgindo. Sempre nos colocando e falando de um mesmo lugar: de professoras e professores que sofriam das mesmas questões e dores que afetavam as pessoas que participaram e contribuíram conosco para a pesquisa. Porém, priorizando a escuta no lugar da fala. Fizemos o possível para que as participantes fossem as verdadeiras protagonistas e ocupassem um espaço central nos debates, pois além do acolhimento enquanto atitude, desejávamos escutar mais do que falar para que pudéssemos ter material para análise, para pensar a partir das falas e dos discursos das participantes.

Ainda falando de modo geral sobre as rodas e os encontros, quero frisar que foi uma experiência muito gratificante e que atingiu positivamente as minhas expectativas e as expectativas do grupo, como será frisado no último encontro, em uma fala minha, como consta no anexo nas últimas páginas. Apesar do número pequeno de participantes – seis professoras ao todo – se comparado com o número de participantes das fases anteriores. O pequeno número de participantes também teve o seu lado positivo, pois nos possibilitou conhecer melhor cada participante e estabelecer vínculos de afeto, de maior intimidade e confiança. Também considero positivo pelo fato de que, em virtude do tempo de duração de uma hora, houve espaço para que todas as participantes pudessem falar e se manifestar de forma tranquila. Portanto, o formato que escolhemos, com duração de uma hora, foi adequado ao número de pessoas que participaram e contribuíram conosco com suas falas e vivências.

Ao final dessa bateria de encontros, quando anunciamos que iríamos dar uma pausa para que pudéssemos analisar o material gravado até então, as participantes lamentaram. Foi nesse momento que para mim ficou nítido que nós já havíamos feito algo de positivo por aquelas pessoas. Também ficou mais claro ainda para mim e para o grupo de pesquisa que esse tipo de ação é um caminho possível para superarmos a (de)formação, para provocar a união da classe e construir um espaço de apoio, que fomente e forje nas consciências a criticidade necessária para promover as mudanças que são urgentes. São espaços pequenos, porém muito promissores e potentes no sentido de estabelecer micropolíticas que podem salvar vidas. Assim aconteceu e vem acontecendo comigo,

desde 2018 e, portanto, pode ser um modelo perfeitamente aplicável. É um possível caminho de fazer acontecer pequenas e significativas revoluções.

Não foi utilizado ou planejado nenhum tipo de roteiro pré-estabelecido para direcionar os encontros. Como o próprio nome sugere, as conversas e os debates correram livres e de acordo com as necessidades das participantes. Os temas fluíram de acordo com as urgências das professoras. Um aspecto muito interessante ocorreu: os temas e os debates acabaram por seguir o mesmo fluxo que adotei nesta dissertação. Primeiro, nos três primeiros encontros – sendo os dois primeiros de apresentação e acolhimento e o terceiro com temática específica e pré-determinada – discutimos a existência, as precariedades impostas pelo capitalismo neoliberal em tempos de pandemia; e no quarto e no quinto encontro discutimos, consecutivamente, sobre formação inicial e formação continuada.

Nestes dois últimos encontros, como era de interesse da minha pesquisa, discutimos sobre as limitações e as ausências da formação inicial e, no que diz respeito à formação continuada, discutimos sobre as dificuldades de dar sequência nos estudos. As participantes compartilharam suas vivências e memórias de sua formação inicial e as dificuldades que enfrentaram ao longo de suas jornadas para se formar e continuar estudando. O aspecto em comum é que todas, indiscutivelmente todas, são histórias de dor, de sacrifício, de abnegação e de muita luta. A formação, e a formação continuada, para todas elas, sem exceção, foi uma questão de busca e de um esforço individual; muitas vezes um esforço sobre humano que não pode ser naturalizado ou normalizado.

Foram sugeridos dois textos provocativos: um para o terceiro encontro e um para o quinto encontro. Para tratar da precarização da vida, em tempos de pandemia, sugeri o texto de Han (2021) e, para tratar da questão da formação inicial e da formação continuada, em interface com a Psicologia Escolar Crítica, sugeri o texto de Asbahr & Lopes (2006). Não houve a obrigatoriedade de as participantes comentarem os textos e de que eles ocupassem um lugar central nos encontros. As leituras foram apenas sugeridas e os comentários das participantes sobre elas aconteceu de forma voluntária.

Outras questões também foram surgindo de acordo com o desenrolar das conversas. Temores quanto à nova reforma do ensino médio e o medo de sobrar no quadro de horários de suas respectivas escolas; os ataques e acusações que a classe vem sofrendo por conta da pandemia e do ensino remoto; a solidão do ensino remoto e a desigualdade que ele inerentemente carrega em si, por ser justo e desigual; o abandono das escolas pelo poder público com a falta de pessoal para realizar atividades básicas como limpeza e

serviço de secretaria e a ausência de uma política pública que facilite e incentive a formação continuada da classe, como citei anteriormente. Outros assuntos e temas foram surgindo, mas que irei comentar de forma particular a partir das falas das professoras.

A escrita de apresentação dos resultados se deu a partir da imersão nessas falas. Estas estão integralmente disponibilizadas ao final da dissertação no anexo após as referências. Escutar novamente, assistir aos vídeos e olhar para as expressões nos rostos me fez reviver aqueles momentos e me causou até uma certa nostalgia. O processo de transcrição foi demorado e muito cansativo. Porém, essa demora, essa atividade artesanal de produzir a pesquisa, tem o seu propósito. Ouvir, ouvir de novo, pensar nas entrelinhas daquelas falas, prestar atenção no tom de voz, notar a expressão dos rostos e olhar de novo pode trazer à tona algo que não ficou explícito naquele momento em que se deram as rodas. Coloquei uma caixa de som bem potente plugada no computador para escutar com qualidade e tentar reproduzir a transcrição da forma mais fiel possível ao que aconteceu.

Apenas dois trechos foram prejudicados e não foram transcritos. Um referente ao final do primeiro vídeo e o outro em uma das falas do Paulo Afonso – membro do grupo de pesquisa – como, também, está registrado no anexo. Fui fazendo a transcrição e anotando, simultaneamente, as questões que as participantes iam trazendo. Escrevi a partir das falas, problematizando-as e refletindo sobre elas em interface com a parte teórica. Em alguns momentos percebi que as falas escreviam por si só e que traziam questões que, a princípio, nem imaginava que iriam surgir.

A respeito das participantes, comentarei brevemente, e de forma geral, alguns dados e informações sobre elas. As demais informações e particularidades sobre a vida de cada uma delas serão apresentadas em separado na parte reservada para as suas histórias. Adotei nomes fictícios para preservar a identidade das participantes. Os nomes de algumas professoras foram inspirados nas personagens da série “Segunda Chamada”, disponível na plataforma Globo Play. Como fica evidente, pelo pronome usado, tivemos apenas participantes mulheres. Como citei anteriormente, tivemos um total de 6 participantes. Porém, apenas 5 contribuíram de forma significativa conosco, sendo que 4 delas participaram até o final dos cinco encontros que ocorreram. As outras duas apenas participaram nos encontros de apresentação. Uma delas (professora Priscila) falou pouco e apenas se apresentou. Disse de onde era e onde trabalhava. Não mencionou mais nada e nem partilhou sobre as suas vivências de professora com o grupo. A outra (professora

Rose), apesar de ter participado apenas do primeiro encontro, falou um pouco mais, compartilhou suas vivências e contribuiu com seu relato para as discussões.

Essas cinco mulheres são majoritariamente brancas, apenas uma mulher preta. Sua faixa etária varia dos 36 aos 59 anos de idade. Duas são casadas (Rose e Eliete) e duas são mães (Ana e Eliete). São de diferentes espaços, redes e níveis de atuação no ensino, bem como de diferentes instituições. Três delas são da educação básica (Rose, Eliete e Sônia) e duas do ensino técnico e tecnológico (Ana e Lúcia). Apenas uma delas, a professora Sônia, atua em instituições privadas. Todas possuíam formação superior (graduação) e especialização *lato sensu*. Três participantes possuíam o título de mestre. Rose está cursando o doutorado.

E sobre as participantes que não seguiram nos encontros conosco, acredito eu que deva ter sido por incompatibilidade de dias e horários e, também, pelo fato de já estarem muito sobrecarregadas pelo árduo e cansativo trabalho imposto pelo ensino remoto. Além disso, entendo que algumas mulheres eram mães. Este fato torna a jornada cotidiana mais corrida e dificulta ainda mais a disponibilidade de tempo para se dedicar a outras atividades, principalmente em um ano pandêmico onde as mulheres mães tiveram as suas jornadas de cuidado com a casa, os filhos e o trabalho aumentadas significativamente.

Vale destacar, e fazer o registro, de que todas elas, de forma unânime, afirmaram que estavam participando as rodas porque gostam e acham importante contribuir com a pesquisa. Achei muito nobre da parte delas e, por isso, acho necessário fazer este registro.

A seguir, apresentarei as histórias de cada uma delas e suas contribuições e reflexões a partir de suas falas. Acredito que este formato, sugerido pela Professora Fernanda, minha orientadora, seja mais viável, objetivo e didático para apresentar esses dados de forma a estar em consonância com a pesquisa. E em uma opinião muito particular, este formato evoca um maior protagonismo e destaque para essas mulheres professoras a quem devo tanta gratidão pelo tanto que compartilharam. E assim, reafirmo e registro aqui o meu agradecimento a cada uma delas mais uma vez.

7.2 – Professora Ana

Ana é branca e hoje está com 59 anos. Ela é divorciada e teve dois filhos no casamento. Um deles e a mãe, de 97 anos, vivem com ela. Ela é a gestora da casa e das questões corriqueiras do lar. Dentro dessas questões, é latente e explícita a

responsabilidade pelos cuidados com a mãe, já muito idosa e atravessando um contexto de pandemia. Nas conversas que tivemos nos encontros ela relatou que teve sua rotina de cuidados aumentada significativamente, coisa que ficou muito evidente em lares onde vivem pessoas idosas que foram as primeiras vítimas fatais da pandemia. Ela nos relatou que tem cuidadoras que a ajudam com a mãe que, apesar de não ser acamada, precisa de auxílio para tomar banho, para se alimentar e para se locomover. Pelo seu relato, pude notar que essa situação, nesse contexto de pandemia, a deixou bastante sobrecarregada e em constante estado de preocupação. Ana é uma filha, mãe e professora muito devotada. Isso ficou claro em seu tom de fala baixo e calmo, mas que, ao longo das conversas, revelou sinais de exaustão, pressão, opressões e muito stress.

Ana pediu para se apresentar primeiro, pois teria que sair uns 10 minutos antes do término do encontro para dar aula às 19 horas. Por isso a sua história se apresenta como a primeira nesta série de cinco histórias que compõem esse recorte de pesquisa. Aliás, isso foi muito recorrente em todos os encontros. Ana sempre pedia para ser a primeira a falar por conta de seu horário. Ela estava sempre correndo e preocupada com o relógio. Isso já me fez notar, logo de cara, como que a roda do tempo é sempre furiosa. O tempo do Capitalismo está sempre à espreita, a nos devorar, a nos espremer por entre as suas frestas que conseguimos abrir aos empurrões. O nosso tempo é aquele que nos sobra. O nosso tempo é ponta de estoque. E nessa sobra, nessa correria, como afirmou Larrosa (2015), nada nos acontece, como discuti na parte teórica. Ana é uma, entre as tantas bilhões de vidas, que tem o seu tempo roubado.

Ana é professora do Instituto Federal (IF) do Norte Fluminense, onde atua como professora em um dos cursos técnicos oferecidos na unidade, desde 1981. Ela é a coordenadora do curso e tem um vínculo de 30 horas com dedicação exclusiva. Em termos de formação, ela nos disse que, na época, fez um curso técnico que contava com uma parte técnica e uma parte didática. Ana tem um mestrado em sua formação e disse que não pretende fazer o doutorado. O curso em que trabalha é vinculado à área da Engenharia e, pelo que pude perceber nas entrelinhas de suas falas, um curso ocupado, majoritariamente por homens. Ela atua no curso há 40 anos. Ela se aposentou em um primeiro vínculo que teve com a instituição e, atualmente, está em um segundo vínculo. Ela nos contou que teve de retornar, pois o curso é pequeno e difícil de ter procura, segundo ela. Porém, segundo ela, é um curso muito necessário, pois toda cidade precisa de um técnico em estradas. Ela disse que gosta de participar dos cursos e oportunidades de formação que surgem para se atualizar, para se aperfeiçoar e para dialogar com pessoas

de diferentes áreas de formação. Ela afirmou isso repetidas vezes em suas falas nos encontros.

Professora Ana – (...) Assim, eu também estou nesse grupo que sempre abraça as causas de educação. E, para completar, também, – duas coisas que eu nunca pensei – no meu de final de carreira, né? Eu sou a professora velha/nova. Mas que eu não fosse fazer que era ser coordenadora. Mas eu peguei por uma questão mesmo pra ajudar e agora eu estou partindo para o sindicato, pra fazer parte de uma chapa de sindicato também pra ajudar a contribuir. Então a gente sempre, né, faz mil e uma para poder, de repente, ter algum avanço, alguma possibilidade(...).

Eu adoro, adoro. Assim, parece que a gente se renova com os alunos, a gente tem essa, essa coisa assim... eu não gosto de falar esse negócio “ah, no meu tempo” não sei o que não. Eu me dou bem com o pessoal novo, sabe? Sempre querendo e não tem que criticar. Tô sempre junto, tenho a alma jovem. Eu entrei para trabalhar com 18 anos. Eu não sou velha. Tô com cabelo branco mas é de família, sabe? Eu não sou velha não. É brincadeira (risos). Mas eu gosto muito de dar aula, de estar com os alunos, de estar com os professores. É muito bom! Muito rejuvenecedor.

Essas falas foram retiradas do primeiro encontro de apresentação. Ela se referiu a si mesma, por mais de uma vez, como consta no anexo das transcrições da conversa, como “a professora velha/nova” e brincou com a sua aparência. Também se referia aos demais professores do curso e do campus, como “professores mais novos”. Notei, nos bastidores e nas entrelinhas de sua fala, especificamente nessas expressões de se referir a si e aos outros/as, uma certa opressão muito típica da sociedade atual. Vivemos os tempos do império da estética e dos padrões de beleza. Vivemos em um momento em que envelhecer é crime. Principalmente o atual momento, de teletrabalho, onde nos defrontamos com a nossa imagem nas telas em uma frequência jamais vista. Tempos em que, segundo Han (2021), temos uma crise de narcisismo e de recorde de pesquisas no Google por procedimentos de estética facial. Talvez esta análise sobre esta opressão nem seja o foco da pesquisa. Porém, me pareceu que esta opressão está atrelada à necessidade constante da professora buscar formação e atualização. Pode ser que seja uma forma dela compensar o fato de ser, talvez, a pessoa mais velha trabalhando no seu curso e na sua instituição de ensino. Isso não é uma certeza, mas é algo que me colocou a pensar e a refletir sobre esta possibilidade de haver esta relação.

E como foi citado anteriormente, ela ocupa a função de coordenadora do curso. Ela viu, também, nas rodas uma possibilidade de ajudar os professores e professoras que coordena, principalmente em sentido pedagógico e didático. Em diversos momentos futuros das conversas ela compartilhou conosco que o curso, e a grande maioria do corpo docente, é muito carente em didática, das questões pedagógicas e das formas de ensinar. Essa queixa ficou muito evidente e se repetiu em suas falas. Por isso, em sua condição de coordenadora, ela se sente na responsabilidade de buscar aquilo que falta, em sentido

didático-pedagógico, nas rodas de conversa, e nos demais cursos de capacitação/especialização que fez ao longo de sua formação.

Como comentei na parte geral, o fato de contarmos com a participação de pessoas de diferentes instituições e áreas do ensino, enriqueceu muito nosso debate. As participantes, a partir de seus lugares institucionais de trabalho, puderam refletir sobre os contrastes existentes entre as diversas esferas do ensino municipal, estadual e federal. Ficou evidente o quanto temos que avançar em termos de valorizar, equiparar e equalizar essas diferenças para, assim, valorizar a classe docente como um todo. Essa diferenciação contribui apenas para dividir e esquadrihar a classe através das rivalidades que, involuntariamente, o sistema cria e delas se abastece. Em suas falas Ana trouxe algumas evidências desse triste sintoma do todo do nosso sistema educacional, onde docentes da educação básica, principalmente das esferas municipais e estaduais, são os que mais sofrem com a falta de oportunidade e incentivo para ter acesso à formação continuada. Fora isso, Ana também comentou sobre as diferenças físicas e estruturais das escolas federais que oferecem uma estrutura muito mais bem equipada para se desenvolver de forma mais eficiente o trabalho docente.

Professora Ana – (...)Eu acho assim, que a gente da rede pública, principalmente da rede federal, a gente é muito privilegiado, com certeza. Eu falo com os meus alunos, falo com meus colegas que a gente tem muito que devolver para a sociedade, em função desse privilégio que a gente tem, né, de ter uma escola bem montada, com todo apoio à questão de capacitação, de equipamento – se bem que nos últimos anos a gente teve uma queda muito grande na questão de verba, na questão de apoio – mas com certeza é bem melhor do que particular e do Estado. Então eu parablenizo vocês. (...)

Professora Ana – (...) E, assim, eu vejo, assim, outras, tipo o Estado, né? Eu tenho duas irmãs que são do Estado, elas não têm essa oportunidade. Muitos que fazem né, curso de graduação às vezes – que até a escola, lá o IF tem as licenciaturas – mas fazem com muito sacrifício né? Já a gente não. A gente, da parte Federal, tem bastante motivação e até, né, oportunidade. (...)

Como fica explícito na fala da professora há, na rede estadual de educação do Rio de Janeiro, uma política de sabotagem e de não incentivo à formação da classe docente. Isso é uma parte muito sensível e uma grande questão que abordo nas minhas discussões. Venho vivenciando na pele e na carne esse desestímulo por parte da rede pública estadual. Existe sim uma política de sabotagem e cancelamento da formação continuada de professores e professoras da educação básica no Rio de Janeiro. Não há licença e incentivo à formação. Não há interesse público em formar, em preparar a classe docente para que se reverta o caos em que se encontra a educação básica no nosso país (RIBEIRO, 1984).

A esse respeito, dessas diferenças de esferas do ensino e de instituições, Fernanda, enquanto mediadora, no encontro subsequente, fez importantes reflexões sobre essa estratificação e como que ela acaba trazendo inúmeras perdas e prejuízos para a classe docente. Essa divisão prejudica e atrapalha a mobilização da classe. Cria rixas e desentendimentos que retroalimentam o sistema e deixam a classe cada vez mais esqualida e com a visão turva para aquilo que mais importa para si. Também ficou evidente nas suas intervenções que, o fato de estarmos ali reunidos, refletindo sobre esses contrastes, a partir dos nossos diferentes lugares, é necessário e frutífero no sentido de pensarmos juntos/as sobre essa questão que tanto nos atrapalha a evoluir para um lugar uníssono enquanto classe.

Mediadora (Fernanda) – (...) A conversa que a gente teve ontem foi muito nesse sentido da gente tentar entender que... é... eu acho que o que de certa forma contribui para essa precarização, para essa situação toda que a gente tem visto né, tanto no ensino privado quanto no ensino público, tem muito a ver com essa estratificação que foi feita com a nossa categoria né? Professores do privado, professores do público. Quem dá aula pro ensino superior, quem dá aula pro ensino básico né? Então uma coisa meio de uma rivalidade, de uma rixa que só contribui pra gente né, enfim, cada vez mais ir fragilizando a categoria que tinha que ser a única. Professores e professoras né? Educadores, enfim. Mas a gente tá apostando bastante nesse trabalho aqui né? Que é muito mais do que uma pesquisa, na verdade é um encontro né? De pessoas que querem o melhor para, enfim a educação brasileira né? Para além de a gente pensar na nossa... é... óbvio que eu imagino que a gente pensando na educação brasileira, a gente está pensando também nas nossas carreiras, nossas vidas, nas nossas alegrias né, com a docência né? (...)

Mediadora (Fernanda) – E foi legal você trazer isso Lúcia [Lúcia é uma das professoras que compõem essa pesquisa e que aparecerá nos tópicos futuros], dessas realidades diferentes, porque eu acho que a gente ganha muito com essa diversidade, no sentido de exercitar, também, empatia né? E de nos percebermos enquanto uma categoria que é ampla, que é diversa e que vive cada um na sua realidade. Vive as dificuldades de sermos de uma categoria que já, há algumas décadas, está sendo desvalorizada e deslegitimada né?

Ana, em diversos momentos de suas falas, também deixou evidente que a formação para ela, apesar de seus privilégios institucionais de incentivo, foi uma questão de busca pessoal. Isso vai ficar evidente nas falas das demais professoras que irei trazer nas análises mais a diante. Não existe política pública sólida que oportunize, facilite e incentive a formação/capacitação de profissionais de educação. Este é um traço marcante da existência em uma sociedade capitalista neoliberal. Esta sociedade do culto ao desempenho e ao individualismo, como afirmou Han (2015; 2021) e Brum (2016). O discurso de que a busca deve ser solitária e individual, que o sacrifício é algo que deve ser naturalizado e que é apenas uma questão de esforço para se chegar no lugar da oportunidade. A história da professora Ana converge com as histórias das demais professoras nesse aspecto. Converte, inclusive, com a minha história. E eu fico a me questionar: por que tem que ser assim? Por que tem de ser sempre tão dolorido? Por que

tem que ser sempre tão pesado? Que lógica é essa e a quem ela serve? Segue parte do relato dela sobre suas dificuldades de seguir com a sua formação.

Professora Ana – (...) Então sempre procurei me informar. E aí depois eu fiz português, inglês; depois eu fiz uma faculdade de... que era pra poder capacitar. Aqui não era engenheiro. E aí foi uma parte didática e a parte técnica, né, que foi dada. Era sábado, domingo e feriado no posto. A gente dava aula durante a semana e o curso era nesses dias mesmo: sábado, domingo e feriado. A gente ficou dois anos sem férias, sem nada, sem folga. E eu sempre assim, tive muita, gostei muito de palestra. Tanto que eu já tenho, né, todo esse tempo formada, né, e continuo fazendo os cursos porque eu acho que é importante a gente tá, né, assim, participando, tá se atualizando. (...)

Fora as questões relacionadas à formação, a fala de Ana também nos revelou uma pessoa que vive extremamente sobrecarregada, cobrada, pressionada e à beira da exaustão. Disse que o serviço se tornou muito mais denso e burocrático com o ensino remoto durante a pandemia, que foi cobrada a fazer planejamentos que nunca fez antes e que se sentia despreparada frente às novas demandas que se impuseram. Antes de iniciarmos a gravação do quarto encontro ela comentou conosco que não estava se sentindo bem, pois havia passado por um episódio muito estressante mais cedo e que, por isso, não poderia ficar muito tempo conosco. Como citei mais acima, ela é a chefe da família, vive com a mãe idosa e é coordenadora do curso. Usando de recurso metafórico, Ana é uma “malabarista” ou, talvez, uma “contorcionista”. Ter de fazer esse malabarismo é mais uma das muitas violências impostas pelo capitalismo neoliberal. Nesses tempos de pandemia, Ana é mais uma entre tantas mulheres/professoras desrespeitadas em seu direito de cuidar de si e de cuidar das questões mais importantes e urgentes.

Professora Ana – (...) É porque eu vou dar aula às sete. Pra ficar tranquilo. Então, nesse período né, eu, eu tive algumas dificuldades assim... bem complicado. Eu Sou coordenadora, eu não tenho dado aula, mas a parte de coordenação a gente tem que dá conta de muita coisa né, pra poder as coisas funcionarem. E no início da pandemia a gente não sabia o que era, o quê que ia fazer, quanto tempo ia ficar. E aí eu moro... Minha mãe mora comigo, eu tenho um filho. Somos só nós três e ela tem 97 anos. Fez 97 anos agora em maio. E tem as cuidadoras. Então, eu pedi para as cuidadoras, a menina que me ajuda aqui, pra todo mundo ficar em casa. Não deixei ninguém trabalhar. Paguei três meses, sei lá quantos meses sem ninguém trabalhar. Deixei todas em casa. E aí eu assumi todas as tarefas e, ainda, a coordenação. E, assim, foi muito, muito estressante mesmo né? Apesar da minha mãe se uma pessoa assim... não é acamada, mas tem 97 anos. Estava no início do ano. Ela precisa de ajuda pra tomar banho, pra comer e tal. Enfim. E a pressão na coordenação. Eu até chorei um dia na coordenação. Porque, assim, parecia que eu era uma idiota. E todo mundo “não, que tem que fazer isso, que o coordenador tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que buscar caminhos”. Então, assim, eu disse “gente, vocês estão num mundo diferente do meu”. Porque eu tô passando por dificuldade, eu não tô vinte e quatro horas. E e essa pressão de resolver problemas enquanto tinha que resolver problemas, né, da minha casa, dar conta de tudo, de almoço e da minha mãe. E agora a pandemia, que era algo que todo mundo desconhecia. Então, assim, foi muito difícil. E aí eu disse “não, vamos com calma”. E aí depois me ligaram “não Ana, vai devagar, não sei o quê, não é assim”. Mas no início tinha muita pressão né? E como eu também não sou muito tecnológica. Não sou muito de tele... assim, não tenho muito conhecimento nessa parte de aula online. A escola queria que a gente fizesse curso online para poder dar conta da carga horária. Então, foi muito complicado mesmo, mas graças a Deus eu

consegui. Mas eu sempre dava um estouro (risos) porque assim, parecia assim, que a gente tava, que não tava acontecendo nada, que a gente tinha que dar conta daquilo tudo. (...)

A respeito do texto de Han (2021), que foi sugerido como provocação para as discussões do terceiro encontro, quando discutíamos as precariedades da nossa existência em tempos de pandemia, Ana fez um comentário muito pertinente que mereceu atenção e destaque. Como venho discutindo e analisando, a (de)formação é consequência de uma sociedade pautada no discurso capitalista neoliberal. Esse discurso é extremamente nocivo à medida que ele aliena e impossibilita a formação de uma consciência crítica e capaz de confrontá-lo (SENTINELLI *et al.*, 2022). A fala da professora incidiu exatamente neste ponto. Precisamos de crítica para questionar este modo de existir. Precisamos de crítica para repensar e refletir nosso comportamento, nosso discurso e as relações sociais diante do que está posto. E, fazendo este exercício, estaremos, também, melhorando a nossa prática, enquanto docentes. Esta foi a reflexão que a professora Ana trouxe e que eu, em seguida, concordei.

*Professora Ana – (...) Mas o que que a gente pode fazer nessa engrenagem? Parece que a gente não tem. Parece não, a gente não tem o poder. Eu acho que o poder que a gente pode ter é a questão no ensino crítico né? Diante de tudo que a gente recebe é ter uma certa crítica. Porque parece assim... parece não, é um rolo compressor. A gente faz as coisas mecanicamente, sem perceber a questão do neoliberalismo né, da questão de você não ir no bolo, ir no conjunto. Você... parece que não tem como frear. É uma situação muito difícil. Mas o quê que a gente pode fazer diante de tanta, tanto poder que a gente não tem como frear? Então eu acho que é essa a questão. É a gente dar esse olhar crítico né? Botar a pulga atrás da orelha dos alunos.
Mediador (eu) – Sem dúvida Ana! A crítica é o caminho! Você disse tudo! É, de fato, a única saída, a única tábua de salvação pra gente ir revisitando, repensando essas práticas, essa nossa existência. Pra gente ir reformando né, aos poucos né? Visto que as coisas estão postas né, de forma quase que, assim, engessadas. Então a gente realmente, pra gente fazer essa... digamos... não digo a revolução, mas a transformação. Eu acho que o único caminho é por aí.*

Como citei na parte introdutória, este material coletado a partir das rodas de conversa é muito vasto e cada um/uma pode, de repente, trazer outras análises e outros pontos de vista. Ciente das minhas limitações, e de que o conhecimento não é produzido de forma neutra, espero ter abordado e discutidos pontos importantes e convergentes com as autoras e autores que convidei para pensar essas falas. A princípio, sinto-me satisfeito com os pontos que foram tensionados a partir das falas da professora Ana.

7.3 – Professora Rose

Rose foi uma das duas participantes que esteve contribuindo conosco no primeiro encontro das rodas de conversa, onde nos propusemos a acolher e a escutar quem aparecesse para conversar conosco, como expliquei anteriormente. Ela participou apenas

deste encontro e não apareceu para os demais. Porém, a sua fala me trouxe inúmeras contribuições para pensar e refletir a partir do arcabouço teórico que utilizei para produzir essa dissertação.

Rose tem mais de 37 anos, é branca, casada e não tem filhos. Mora na zona rural de Itaocara, interior do Rio de Janeiro. É professora da educação básica na rede pública estadual do Rio de Janeiro, onde tem dois vínculos de 16 horas em duas regionais vizinhas: Serrana e Noroeste Fluminense. Também é mediadora do Cederj. Atua há 7 anos na rede pública estadual de ensino. Na época que participou das rodas de conversa estava, também, com 18 tempos de carga horária extra (GLP – Gratificação por Lotação Prioritária) na rede estadual, perfazendo uma carga horária total de 42 aulas em sala de aula no ano de 2021. Fora o trabalho voltado para o planejamento. Rose é licenciada em Química e Física e, recentemente, como nos contou, também se graduou em Geografia. Concluiu um mestrado em Ensino de Física pelo IF, em Campos dos Goytacazes e estava participando do processo seletivo de doutorado pela UENF, o qual a estava causando ansiedade naquele momento, pois havia acabado de passar pela fase de entrevista. Conseguiu ser aprovada e, atualmente, está cursando o doutorado.

A sua fala, que deveria ser uma fala de apresentação, ultrapassou essa necessidade num misto de desabafo, catarse, revolta e muitos outros sentimentos e sensações que vieram para mim e o grupo em um turbilhão. Mas tudo bem. Que bom que estávamos ali exatamente para escutá-la e apoiá-la.

Ela nos contou que a graduação em Geografia, uma área bastante diferente das que ela já atuava – Física e Química – ocorreu por motivo de necessidade e sobrevivência dentro da profissão. Digo isso no sentido de não ficar sem aulas sobrando no quadro de horário e, mais que isso, pelo que entendi, como uma forma de complementar a sua renda através de carga horária extra (GLP), visto que a remuneração paga no Estado do Rio é baixa e está muito aquém de conseguir cumprir com o necessário para se ter uma vida digna. Essa condição, essa necessidade premente de sobreviver, que Rose apresentou logo no início de sua fala, e que ficou claro para mim, foi o primeiro dos muitos gritos de socorro e denúncia. Uma fala encharcada de sofrimento, de luta, de revolta, de abusos, de falta de esperança, de desilusão e de decepção. Rose é uma das muitas pessoas que chegou ao magistério e à docência com sonhos, com esperança e com encanto e que, agora, se percebe desmotivada e, de certa forma, endurecida depois de anos de desmandos, desmontes e desvalorização.

A fala de Rose muito me lembrou da fala da professora Wanda, apresentada no subtítulo “*Um pedido de socorro*”, que consta no capítulo “*Sob o signo do descaso*”, na obra “*A Cidadania Negada: Políticas Públicas e Formas de Viver*”, que versa sobre o tema da educação, organizada por Patto (2009).

(...) Com vinte e cinco anos de magistério e à beira da aposentadoria, queixa-se, como tantos professores da rede pública de ensino fundamental e médio, das condições de trabalho e do salário; de problemas de saúde; das imposições pedagógicas vindas das instâncias que definem a política de educação e que inesperada e sucessivamente recaem sobre os educadores e cerceiam-lhes cada vez mais a autonomia; cursos que não ajudam, geram gastos aos professores e, como regra, só servem para somar pontos para fins de ascensão na carreira; da falta de interlocutores, que a condena a um sentimento profundo de solidão e desamparo: “*Porque você também tem seus problemas. Então você também não está vinte e quatro horas ligado na escola. Você também tem problemas em casa, de dinheiro, de outras coisas. Então você também é uma pessoa que necessita de uma ajuda, de uma palavra, de alguma coisa (...) A gente traz muita coisa da nossa vida. Você também é um ser humano, como o seu aluno. Ele tem problemas? Você também tem*”. (PATTO, 2009, p.189)

Os relatos de Rose e Wanda são amostras de histórias que representam a realidade da grande maioria de educadoras e educadores da escola pública do nosso país. Aliás, eu enxerguei a professora Wanda em diversos aspectos das falas das demais participantes. Este sentimento profundo de solidão é desamparo exala de todos os relatos.

A fala de Rose me tocou profundamente e me fez refletir sobre o abismo de abandono em que se encontram as pessoas que compõem a nossa classe. Não são histórias e vivências isoladas. Isso compõem um quadro geral das vidas das professoras e professores da educação básica do nosso país.

Professora Rose – (...) Eu gosto muito de trabalhar e eu sempre gostei dessa área, mas vem da necessidade, vendo que às vezes a minha própria área de Química e Física estava assim... mais estrita. Então eu fiz a graduação em geografia para buscar outras oportunidades de emprego né? Fiz um mestrado em ensino de Física no IFF, Campus Centro, terminei ano passado e estou buscando uma vaga no doutorado na UENF. Participei de uma entrevista na semana passada e estou na expectativa, muito ansiosa, esperando a minha nota para ver se eu consigo, em nome de Jesus!

Também ficou claro na fala de Rose – e isso será algo que vai se repetir nas falas de outras participantes – que a formação, seja ela inicial ou continuada, sempre depende de um esforço e de uma busca individual – e da vontade de Deus –, que não existem políticas públicas que favoreçam e facilitem o acesso à formação. O espaço de formação está sempre oculto e escondido aos olhos. Você precisa desbravar um árduo caminho e cavar com afinco para encontrá-lo. E fazer sacrifícios para encontrá-lo. Também notei que a formação está sempre atrelada à ideia de valorização financeira. Coisas do discurso

capitalista neoliberal: o esforço, o mérito e a monetização que sempre se apresenta enquanto valor que irá suplantar todos os demais valores que envolvem o exercício de uma atividade (PATTO, 2009). Isso apresenta um aspecto característico do *modus operandi* dessa sociedade que destitui a classe trabalhadora de um relacionamento sadio com a sua atividade laboral. O indivíduo não se realiza naquilo que faz e apenas sobrevive a troco da venda de sua força de trabalho (SENTINELI *et al.*, 2022).

É muito corriqueiro de se ouvir, quando perguntamos a professoras e professores o porquê de escolher o magistério como carreira profissional, que foi por amor ou por vocação. Essa romantização do magistério, que também é uma artimanha alienante do discurso neoliberal, afasta o indivíduo da compreensão de que ele ou ela é um profissional como outro/a qualquer e que merece ser respeitado e valorizado como tal. Esse discurso está presente de forma implícita na fala de Rose. É interessante e lamentável perceber, dentro da mesma fala, o encanto e o desencanto, o sonho e a decepção.

Professora Rose – E como né educadora a gente vê que a situação está cada vez né mais difícil. A desvalorização profissional de nós, professores, é muito grande e eu sempre sonhei ser professora, sempre. Eu sempre busquei isso gosto, do que eu faço, amo que eu faço. Mas em certas situações a gente fica um pouco assim bem abalado. Porque, além da desvalorização financeira, e isso mexe com a gente infelizmente, porque as contas elas chegam no final do mês, e quando você vê que não dá para pagar, você fica, né, atordoado. Tem também que, às vezes, assim a gente parece que o professor nunca tem problema, só o aluno. Então a gente tem que sempre entender a visão do aluno, a situação dele, mas e a gente, nós, professores? Então essa questão da pandemia, quando começou, você vê, no primeiro mês, eu moro na zona rural e a minha internet aqui é a rádio. Então, meu rádio queimou, eu tinha que trabalhar e só para comprar um rádio aqui é setecentos reais. Aí, quer dizer, eles não querem saber se eu tenho disponibilidade de dinheiro para pagar. Querem saber que eu tenho que dar aula. Então eu tive que arrumar um dinheiro para comprar um rádio, porque eu tinha que trabalhar. Aí o celular ruim porque antes eu nunca liguei muito para essa parte tecnológica. No final do ano, de tantos grupos, de tantas mensagens de grupo de aluno, meu celular deu defeito. Tive que comprar. Então, quer dizer... você tem que se ajeitar, você tem que dar o seu jeito, porque o governo não quer saber e, infelizmente, a escola também não quer saber. Quer saber que você tem que atender o aluno 24 horas. Porque é 24 horas! Porque é noite, é domingo, é sábado e ninguém respeita nada.

Fora isso, fica latente na fala o sofrimento e a revolta por ter sido abandonada à própria sorte para poder continuar trabalhando nestes tempos de pandemia. Teve de dispor de recursos próprios para arcar com os custos para sustentar o ensino remoto. Esta condição de abandono e de falta de suporte material se estendeu à toda a classe docente neste momento em que o ensino remoto se tornou uma obrigatoriedade diante da pandemia. Ademais, Rose deu claros sinais do quanto estava exausta e esgotada com a sobrecarga de trabalho.

A participação de Rose foi muito importante e a sua fala, como citei anteriormente, trouxe muitas denúncias e gatilhos para muitas reflexões importantes que

contrastam com as teorias que me acompanham nessa jornada e nessas travessias que a pesquisa vem me proporcionando.

Em continuidade à fala da professora Rose, Paulo, membro do grupo de pesquisa, que também é professora da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, fez uma fala muito profunda que nos fez refletir sobre o início de carreira profissional docente. A fala foi muito tocante e confesso que me emocionei muito ao escutá-lo. Assim como Rose, Paulo relatou uma vivência de sacrifício e de muita luta para ingressar e permanecer na carreira docente.

Mediador (Paulo) – (...) E aí eu me vi muito na fala da Rose né? E quando eu cheguei em Itaocara, eu passei meses tirando dinheiro do bolso para poder pagar para trabalhar aqui, até conseguir me estabilizar. Fiz muita GLP. Muita, muita, muita GLP mesmo. Trabalhei nos dois primeiros anos em 5 escolas diferentes né, inclusive em dois municípios. Sem ter condução, dependendo do Brasil, que atrasa toda hora. Vivia chegando atrasado nas escolas por conta disso. Recebi ajuda de outros colegas professores onde eu dormia na casa deles, fazia refeições na casa deles. A direção da escola chegou a me oferecer o vestiário da escola para que eu pudesse dormir, tomar banho e ficar no final de semana e não precisar voltar para casa para economizar uma grana, né? Até aos poucos ir conseguindo construir um espaço aqui dentro do município, ter a minha a minha casa, né, ter a minha família, viver aqui com meu companheiro que é parte muito importante nesse processo todo. E aí é engraçado a gente discutir isso, e falar disso, porque a importância dessa roda é tão grande né? Porque às vezes a gente acha que a gente passa perrengue sozinho né? E quantas são as semelhanças na jornada de cada um dos professores que a gente encontra pela vida né? E saber que mesmo assim a gente acaba se acostumando com tanta precariedade no nosso trabalho e com tanto desrespeito que a sociedade impõe para gente né? E, se nós somos tão importantes assim na formação das pessoas, por que que nós somos os primeiros a sermos acusados por destruir sonhos, por acabar com projetos, por semear discórdia ou então interesses supostamente políticos na cabeça e na vida dos nossos alunos? Quando, na verdade, a gente só quer abrir a janela do mundo para eles para que eles possam decidir o que a vida pode fazer por eles né? E, apesar de tudo isso, eu não me vejo fazendo outra coisa não ser dar aula. A sala de aula é o que me realiza. Olhar e ver os meus alunos é o que me faz bem. Apesar dos dois primeiros anos terem sido para mim, assim, a prova de vida né? Porque eu quis abandonar. Eu quis abandonar sim. E foi justamente meu companheiro, que conversando muito comigo, falando muito sobre essas questões, que me ajudou a mudar de ideia e seguir na carreira. (...)

O relato do Paulo também convergiu com a fala da professora Rose no sentido de que expor um mesmo temor: de se adequar ao quadro de horário para se manter dentro de uma mesma escola e de não ter de viver correndo de uma escola pra outra para cumprir a carga horária e ver o magro salário se esvaír em gastos com transporte. Este temor está sendo exponencialmente aumentado frente ao temor da chegada da reforma do ensino médio. Essa aflição também será apresentada por mais participantes nos encontros futuros.

Mediador (Paulo) – (...) Ah, eu trabalho com Filosofia e Sociologia. Mas assim, também, igual a Rose, também já peguei outras disciplinas para conseguir manter um espaço dentro da escola. E agora muito temeroso né? Com essa nova grade que vem para o ano que vem né? Será que vamos sobrar? Não vamos? Vamos perder lotação? Não vamos? (...)

As falas da professora Rose e do Paulo, as suas histórias de penúria, acima de tudo, convergem em um ponto fundamental e muito sensível, em uma questão antiga e histórica da classe docente desse país: a baixa remuneração e a desvalorização dos/das profissionais de educação. Os baixos salários obrigam professores e professoras à uma vida precária, de prostituição travestida de carga horária extra, de correria, de sufoco e de muitos vínculos para ganhar um mínimo necessário para sobreviver. Esta é a questão central e o quadro geral que caracteriza as vidas das pessoas que compõem a classe docente neste país. É doído, é doloroso e é, no mínimo, revoltante! Portanto, é completamente compreensível a desilusão, a frustração e a decepção com a carreira docente. Precisamos urgentemente nos unir, enquanto classe, para que possamos recuperar o brilho nos olhos dessas pessoas.

7.4 – Professora Eliete

Eliete foi a única professora participante das rodas de conversa de fora do Estado do Rio de Janeiro. Como a pesquisa foi respondida por professoras e professores do Brasil inteiro, já era expectativa minha que tivéssemos pessoas de outros locais do país. E para nossa grata surpresa e sorte, eis que Eliete compareceu no segundo dia dos primeiros encontros de acolhimento e contribuiu muito conosco em várias questões que ela trouxe. Fora isso, seu bom humor e sua personalidade forte e marcante que agregou muito nos nossos encontros, acalorando nossos debates.

Eliete é de Salvador, Bahia. Baiana arretada: como em alguns momentos nos referimos a ela e como o seu jeito de ser deixou transparecer. Aquela que não leva desaforo pra casa e nem se curva aos fascistas que ela encontra pelo caminho. Eliete tem 45 anos, é casada e mãe de um menino. O sogro, já idoso, também vive com a família. Ela fez um curso técnico em Enfermagem e, assim que possível, com muita luta, conseguiu fazer a graduação em Pedagogia. Foi aprovada no concurso da Prefeitura de Salvador, quando estava já no fim da graduação e possui dois vínculos de 20 horas na rede municipal. Ela é professora de Fundamental I e, antes de atuar neste nível do ensino básico, trabalhou um tempo em uma instituição para menores infratores, também em Salvador.

Eliete procurou as rodas, segundo ela, em um momento muito delicado, pois estava se sentindo muito fragilizada, em crise e com o seu emocional bem abalado por conta das incertezas e inseguranças que a pandemia gerou. As rodas de conversa foi um

lugar onde ela buscou socorro, refúgio e um lugar para dividir o peso que estava carregando, pois estava se sentindo muito solitária e necessitada de conversar com colegas da mesma classe. E o fato de ela estar entre pessoas, a princípio, desconhecidas, foi a licença para se sentir mais à vontade. Apesar de ser bastante extrovertida, notei que Eliete é bem reservada com suas questões.

Professora Eliete – (...) E o que eu posso dizer assim... o fato de estar na roda foi porque, quando eu recebi os questionários, eu estava em um momento de crise mesmo sabe? Eu digo assim... Não, eu preciso compartilhar com outros, com outras pessoas né. Então me chamou muita atenção o trabalho de vocês. E é uma coisa interessante Sônia, que eu sinto falta de compartilhar com meus pares, aqui, meus colegas sabe? A gente criou no WhatsApp um grupo, que é a única forma que a gente pode compartilhar mesmo, mas ainda assim, como eu sou, digamos que nova na escola, né? Eu sou concursada, tenho 14 anos, mas eu sou uma pessoa que, por questões pessoais, precisei mudar de escola duas vezes né? Para ficar mais próximo da minha casa. Então assim ainda digamos que eu não consegui criar um vínculo com a galera. Posso dizer assim... eu não criei um vínculo, vínculo com a galera. Então são poucos professores que eu consigo ter realmente conversa mais. E eu senti muito isso, eu fiquei muito impactada né? Pela questão pessoal, de ter comorbidade, de ter um sogro de oitenta e poucos anos né? Então a gente tem essa situação de ter vivenciado ano passado essas questões. (...)

(...) Eu tenho muitas colegas, muito próximas, muito queridas que faleceram ou que adoeceram. E o retorno delas pra escola né, porque alguns tiveram que retornar, porque tem cargo de confiança. Tudo é muito problemático. A recuperação assim. Então, eu, sinceramente, eu devo dizer a vocês assim, que a questão mental, e o fato de estar participando da roda, foi justamente por conta disso sabe? Porque eu senti essa falta. Apesar da direção da escola ter feito algumas reuniões. No primeiro momento não se cobrou nada assim da gente sabe? Ter essa preocupação de falar sobre a questão afetiva, a questão do nosso equilíbrio emocional mesmo. Porque tem muito, eu tive muitos parentes que faleceram. Então você fica... eu fiquei desorientada né? E por ter uma comorbidade que eu sei né, que eu tenho uma insuficiência renal. Então a gente fica com mais, digamos assim, a pressão é pior. Tem filho pequeno? Piorou ainda! Mas essa condição é bem complicada. E assim, é o que eu digo: hoje, amanhã mesmo tá fazendo uma formação por conta própria. Então cada colega, a gente fez um grupo, assim é curso de isso, tal. Porque não houve investimento nenhum da nossa secretaria do município. Porque a gente tem muita pressão e muita cobrança. E outras questões assim, que são bem pontuais né? Em termos de estratégia. Eu acho que é estratégia de desestabilizar o professor. A secretaria toda semana cria documentos ou, como disse o colega, fatos, situações para desestabilizar emocionalmente o professor. (...)

Como se pode verificar pelas falas acima, Eliete também se encontrava enlutada pela perda de familiares e de colegas de trabalho que a pandemia levou. Mais uma pessoa entre milhões de brasileiros e brasileiras que foi impedida de vivenciar o seu luto, que teve de reservar a sua dor e seguir adiante (PRADO, LADEIRA & SENTINELI, 2020).

Eliete trouxe para nós mais um relato de abandono e de solidão frente ao contexto pandêmico. Nos contou que não teve nenhum suporte, investimento ou treinamento por parte de sua rede de ensino para dar conta das atividades inerentes à execução do ensino remoto. Tudo teve de partir de sua iniciativa: materiais e investimento em tecnologia para trabalhar; cursos de capacitação e formação para lidar com as novas demandas da nova modalidade de ensino, enfim, tudo a cargo de seu esforço particular e individual. Este abandono e este descaso lhe causaram revolta e muita indignação e, depois de um certo

tempo, apatia e desmotivação. Aliás, revolta foi um termo muito recorrente em sua fala. Como citei anteriormente, Eliete não se dobra e tem um senso crítico bem aguçado.

Professora Eliete – (...) Eu vou dizer a vocês eu fiquei muito, muito revoltada. Indignada, que não queria nem mais fazer atividade. Porque todos os recursos são nossos, é nosso. Eu tive que comprar um outro computador. Meu notebook pifou. Acho que isso aí foi geral de todo mundo né? Acho que é sobrecarga. O WhatsApp a gente nem fala né? Diversos cursos. Não houve investimento, assim... na formação dos professores. Eu não sei usar esses recursos tecnológicos. Eu assim... utilizar câmera... Eu estou aprendendo porque agora eu me desafiei. Disse “não, eu que tenho que fazer, aprender os recursos pra poder ter um contato maior com meus alunos”. Então, toda atividade que eu envio, eu faço, eu digito. Que a gente vai lá, bola atividade, é uma preocupação de fazer essas coisas de corrigir, de retornar. (...)

A história de Eliete, no que diz respeito à sua formação, tanto inicial quanto continuada, também repete o mesmo padrão de todas as histórias demais professoras que comparecem nessa pesquisa. A busca individual, o sacrifício, o esforço sobre-humano, o corre-corre, o tempo roubado, enfim, mais do mesmo que, como venho dizendo, não pode ser naturalizado e normalizado. Eliete é uma professora nômade. Estava sempre trocando de escola. Ela nos contou que isso é uma situação que, hora era motivada por vontade própria, por querer mudar de ares; hora era motivada por questões pessoais de vida, como, por exemplo, trabalhar mais próxima à sua casa. O fato é que, essas andanças, de escola em escola, também propiciavam a ela o contato e o diálogo com pessoas e ideias diferentes que acabavam por sempre renovar e fazê-la repensar suas práticas. E nessas jornadas entre escolas, Eliete pôde trabalhar com uma coordenadora pedagógica que sempre realizava ações voltadas à formação continuada. Ela nos relatou que aquilo era muito particular e que não era uma política geral e permanente da Secretaria de Educação de Salvador. No mais, tudo que ela fez, em termos de formação, foi alcançado por uma busca própria e individual, como ficará explícito nas seguintes falas:

Professora Eliete – (...) Depois, é, eu sempre fui, sempre gostei de estudar, mesmo trabalhando. Trabalhando feito uma louca, porque era plantonista. Saía do plantão e ia para a faculdade, e fazendo aquela loucura dessa rotina que é a nossa vida né? (...)

(...) Eu tenho 14 anos já na rede municipal. E o que eu posso dizer, assim, das formações, nesse processo todo. Particularmente, todas as informações que eu fiz fui eu que busquei, né? Todas. As outras formações que a própria, a própria Prefeitura Municipal de Salvador fez. Algumas tinha, tinha muita reunião, né? Algumas GRs – que aqui é dividido por GR, né? – Assim, então chamava gente, fazia formação. Mas assim, na maioria das vezes era eu mesmo. Então, eu sempre tive muita dificuldade em lidar – que eu ensino de 1º ao 5º ano. Eu tive oportunidade...

Mediador (eu) – Então você tá dizendo que, assim, você nota uma ausência do poder público, do Estado, no sentido de fornecer uma, uma... de proporcionar formações que te dê, no caso, instrumentos...

Professora Eliete – Sim. Suporte.

Mediador (eu) – Nesse sentido, né?

Professora Eliete – É. Tem a situação, tem algumas formações e geralmente, assim, você falou sobre a questão de formação, preparação sobre a questão de gênero, racismo, tal. Foram poucas,

né? Normalmente, geralmente é, quando vem a formação, vinha de lá pra gente fazer uma vez por semana, digamos assim, mas que era muito pouco. E dentro da escola eu também sou uma pessoa que caminho muito. Eu não fico muito tempo. Tem um período que eu fico na escola, mas aí por questões de desajuste em minha vida eu sempre peço remoção. Não é que o problema é a escola não. Eu vou assim. Eu não consigo, lugar distante de minha casa, engravidei. Então eu disse: “ó, perai!”. Eu sou uma pessoa que procura muito isso. Então, eu caí numa escola muito interessante, porque a coordenação da escola tinha a preocupação em fazer as formações. Então a formação, muitas vezes ela era proporcionada pela coordenação, porque ela buscava muito. E isso era muito bom.

(...)Então, as especializações que eu fiz foi por quê? Pelo interesse, né? Mas eu percebi assim, que, nessa pandemia, eu sofri muito, muito mesmo no início. Aí, o que eu fiz? Eu comecei a buscar as lives. Lives de formação de professores, né? Então eu me joguei! (...) (...) Acho, que de uma certa forma, como eu sempre gostei de estudar, de ler. Então eu fui fazendo, fui procurando. Assim, eu sinto isso você falou mesmo. Essa falta de investimento nos setores públicos, né? Essa... esse retorno que não tem um retorno, né? Uma cobrança que não tem... (...)

Eliete também levantou uma questão muito recorrente em respeito à formação docente no Brasil atual. A formação só acontece em momentos pontuais, para “apagar incêndios” emergenciais, que o currículo demanda e, principalmente em anos em que ocorrem avaliações para efeito de classificação (Saeb 2021). Essa formação que é oferecida nesses momentos pontuais tem por objetivo influenciar os resultados da avaliação para serem utilizados com fins eleitoreiros. Portanto, não se tratam de uma política pública permanente.

Professora Eliete – (...) E eu posso dizer, assim, que no governo de... eu vou dizer né? Que no governo de ACM Neto houve um... um distanciamento né? Eu como tenho 14 anos na prefeitura, eu entrei na outra gestão. Então tinha pouca formação, mas ainda assim se buscava. Mas na gestão de Neto, foi muito difícil. Só tinha mesmo quando era a questão do... da questão do IDEB, é que veio esse IDEB porque a gente tinha que fazer essa formação. Mas direcionada, né, pra um processo de aprovação. (...)

(...) Então, o que eu vejo, na realidade Tiago, é a iniciativa sempre são dos nossos colegas mesmo, gestores que estão, que tem esse olhar, sabe? Mas de uma forma geral, da rede, nem estado, nem município. Acho que é discurso político mesmo que a gente tá vivendo dessa, dessa, desse governo ou desgoverno. (...)

Mais adiante, no quinto e último dos encontros, Paulo também levantou essa questão sobre a formação continuada pontual e emergencial. Ele relatou que, este jeito pragmático de inserir a formação, também é uma prática da SEEDUC na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

Mediador (Paulo) – Eu vejo que a secretaria aqui ela tá muito preocupada em colocar cursos né, de formação continuada, pra a gente, no que diz respeito às necessidades emergenciais do calendário. Surgiu uma demanda x ou y, então eles abrem uma possibilidade, mas é uma coisa muito pontual, solta dentro do currículo né, e acaba servindo, muitas vezes, só pra cumprir tabela.

Eliete também trouxe em seu relato – quando falou sobre formação continuada, especialização e mestrado – dificuldades de vida bem semelhantes às das colegas que participaram da roda. Ser mulher, preta, casada, mãe, cuidar do sogro e conciliar todas essas questões da vida com os estudos não foi e não é fácil. Em muitos momentos ela

ficou sem seus finais de semana, abdicou de seu momento de descanso e, certamente, deve ter faltado como mãe e como esposa. Mais que isso, deve ter se culpado pela falta. Sacrifícios em prol da formação. Isso não pode ser romantizado e naturalizado. Como citei na discussão, o discurso que diz “enquanto eles dormem, você trabalha” é muito cruel e tóxico (HAN, 2015). Devemos questionar e confrontar este discurso sempre!

Professora Eliete – (...) Em relação à formação, hoje eu tô fazendo uma terceira especialização. Talvez eu possa dizer, assim, por falta de oportunidade e, também, pelas demandas pessoais, eu não fiz e nunca me inscrevi num mestrado. Toda vez, eu tenho uma amiga que sempre puxa minha orelha e me leva, né? Assim, “vão bora Eliete! Vão bora!”. Dai eu digo, tá certo. Ai, quando começo mesmo a estudar, eu paro. Pelas necessidades mesmo da vida, né? Algumas coisas. Quem é mãe também, a questão do cuidado com meu sogro, então? É um pouco complicado. Mas minhas formações, geralmente eram em finais de semana gente. Era final de semana sexta, sábado, domingo estudando, entendeu? (...)

Então, eram às vezes uma vez por mês, ou então uma vez, uma semana. Então durante um mês eram semanais. Geralmente, todas as minhas formações, que eu sempre fiz, era assim, final de semana, sabe? Me desesperando (risos). Porque isso que acontece quem é mãe, quem é dona de casa também. (...)

Ainda sobre formação e formação continuada, a professora Eliete se queixou em sentido de não ter retorno. Assim como a professora Rose, Eliete se vê desvalorizada financeiramente e relatou para nós uma conversa que teve com seu marido no dia anterior a um dos encontros. Na conversa, Eliete pediu ao seu marido que aumentasse a sua carga horária de trabalho para aumentar a renda familiar para que pudessem conseguir arcar com as despesas da casa. Em sua fala notei algo bem típico no professorado brasileiro: atrelar a formação ao ganho financeiro e material. É lógico que a formação vai muito além do ganho financeiro e material. Mas eu lanço a seguinte questão: como sonhar, enxergar e idealizar outras possibilidades/utilidades na formação se a vida é uma constante penúria? A realidade é dura e o salário não dá conta de torná-la mais amena. A classe docente precisa urgentemente ser respeitada financeiramente para recuperar sua saúde, seu equilíbrio, seu prestígio e, assim, poder voltar a sonhar e a nutrir as suas ideologias para uma educação melhor. Escrevo isso em um momento em que o (des)presidente da república tentou, de várias maneiras, descumprir o reajuste devido no piso nacional do magistério, estabelecido na Lei 11.738 de 2008, sancionada pelo presidente Lula (EXAME, 2022). Porém, a lei não é cumprida e o piso não é pago na esmagadora maioria dos municípios e estados do país; onde sobrevivem professoras como Eliete, Rose, Sônia, Márcia, Paulo, eu e tantos outros e outras que precisam de um salário digno para viver. O piso é algo que não chega na ponta. É utopia para a grande maioria da classe docente da educação básica brasileira. Então, não julgo e não condeno os

professores e professoras que buscam formação com o fim de adquirir vantagem remuneratória, pois todos os outros aspectos de suas vidas serão fortemente influenciados pela sua saúde financeira. E este é um tema que me motiva e me move para estudos futuros.

Professora Eliete – (...) E hoje, digamos assim, eu dei uma pirada com meu marido em relação a isso. Porque eu tô estudando, eu tô fazendo a formação; eu tô fazendo uma capacitação e uma especialização, eu tô terminando e, assim, é investimento pessoal sempre! É um desgaste também essa situação da gente não ter esse retorno desse investimento. E é uma fala. Uma colega tava me falando assim. Falou uma coisa que eu me lembrei ouvindo a fala de vocês, que é muito sutil. Sempre se fala assim: que é o professor que tem que fazer, que é o professor que pode abraçar. (...)

E para finalizar o recorte que fiz sobre a professora Eliete, quero trazer uma fala dela que me tocou muito e que aqueceu meu coração. Sabe aquela sensação do dever cumprido? Pois então. É sobre isso.

O intuito das rodas de conversa, como foi exposto e marcado insistentemente por mim, era de promover a formação continuada da classe docente, de criar um espaço para que pudéssemos desenvolver alguma ação nesse sentido. Dialogar, trocar ideias, apresentar autores, autoras e seus textos para provocar reflexão sobre a prática docente no chão da escola. Além disso, provocar a formação política para articular a classe frente aos desmontes históricos que vem sofrendo. A seguir, está o relato da professora e a sua reação ao ler o texto de Asbahr & Lopes (2006), que foi sugerido como provocação para os debates nos encontros. É muito prazeroso poder dividir o conhecimento e ajudar minhas colegas e meus colegas a caminhar o caminho de uma prática docente mais empática e mais humana.

Professora Eliete – (...) Aí, eu lendo o texto, eu tive assim, um grande choque porque, muitas falas, que tava ali no texto, são falas minhas, algumas, falas das minhas colegas. Às vezes são falas de cunho preconceituosas mesmo, sabe? E alguns aspectos ali foi muito pontual. E aí eu me lembrei de algumas situações que eu vivenciei na minha escola, na minha outra escola que eu passei. E digo a você: o fato de mudar de escola faz com que você tenha contato com inúmeros colegas de realidades, também, diferentes. E é um preconceito mesmo, viu gente? Da questão da alfabetização, de... eu nunca fui alfabetizadora e eu sempre falo isso. Que você, pra ser alfabetizadora, você tem que investir na sua formação; e que a gente não tem esse retorno, né? Então é sempre a busca do professor, sabe? Eu já trabalhei com diversas, né, anos e eu sempre me deparo com situações. E eu parei quando eu terminei o texto falando assim: então, eu acho que, o caminho que a coordenadora me deu, foi a gente analisar cada aluno – inclusive a educação de jovens e adultos – e ver que a gente tem que fazer, numa sala que tem 30 alunos, planos individuais. Sabe? Pra atender a demanda daquele aluno, ver a dificuldade, fazer os encaminhamentos. Mas eu acho que, enquanto professora, a gente tem que se despir de preconceito. Se despir totalmente de preconceito. Porque a gente vai encontrar muita coisa. E você falou da fome e eu encontrei isso a vida toda. E eu disse assim: eu trabalhei um período da minha vida na Fundac, que aqui trabalha com menor. Eu nunca trabalhei com menor infrator porque eu não quis. Porque na época que eu passei no concurso, alguns anos atrás, eu me recusei. Então eu trabalhar com crianças menores, que é o que eu gosto. E aí, trabalhei um período, passei no vestibular, fiz Pedagogia. Quando concluí, no pulso, passei no concurso da prefeitura. E

quando eu saí fui para prefeitura, que na época eu era vinte horas, que eu cheguei na escola, aí eu fiz assim: “oxente! Eu mudei de instituição, mas eu continuo vivenciando as mesmas, os mesmos dramas”. Da miséria, né? Da culpabilização do outro, sabe? Da questão da responsabilidade. E quem é, realmente de fato, que deveria ser responsabilizado, que é o Estado, que é toda uma estrutura dessa sociedade, que tem imposto. Na minha caminhada de formação que vim entender, também né? Digamos assim: que essa sociedade que a gente vivencia, que nós estamos vivenciando hoje ainda muito mais. Que a miséria, assim, ela permeia em todas as instituições. Então, isso pra mim foi impactante. Então eu falei uma vez com uma colega que tem situações e situações, mas o que eu vejo aqui é uma questão da sociedade. E aí foi um quebra-pau danado porque ela tinha umas ideias. E aí é que eu falo, é a questão do preconceito. (...)

7.5 – Professora Lúcia

E seguindo a lógica da sequência de ordem das apresentações, Lúcia foi a terceira professora que falou nos encontros, comparecendo no segundo dia das apresentações das rodas de conversa. Lúcia tem 48 anos e mora sozinha na cidade do Rio de Janeiro. É professora de Francês e atua na Faetec. Ela tem dois vínculos com essa instituição estadual de ensino, cada um deles de 20 horas. Atua nos cursos técnicos que a instituição oferece em duas escolas diferentes. Uma delas oferece o curso de Turismo e uma outra é um CVT (Centro Vocacional Tecnológico).

Lúcia é uma mulher de voz calma e baixa. Foi muito prazeroso escutá-la e, também, um pouco difícil de transcrever as suas falas devido às limitações tecnológicas e a tecnologia que nem sempre nos proporciona a qualidade que necessitamos para realizar nossas atividades. Principalmente em um momento em que passamos a depender tanto dela para sobreviver, trabalhar e nos comunicar. Mas Lúcia me aparentou ser uma mulher muito tranquila, serena e sensível. Também notei nela muita empatia em seus posicionamentos e preocupações com seus alunos e com as pessoas que se encontravam em situação de maior vulnerabilidade durante a pandemia. Também comentou, sem dar muitos detalhes, que fazia trabalho voluntário enquanto professora.

A sua reação de contentamento ao participar das rodas foi visível e foi algo que também me chamou a atenção nestes primeiros momentos. Principalmente porque estávamos com as câmeras abertas. Ela viu rostos de pessoas e ficou contente com isso. Como disse anteriormente, Lúcia vive sozinha. Percebi que o trabalho na escola, assim como para tantos e tantas professores e professoras, era um meio de sociabilização e de convivência. Por isso, a primeira sensação que ficou latente nela foi a solidão e a saudade que ela estava sentindo do contato com seus/suas alunos/as e de apenas conversar com outras pessoas. Uma solidão que ficou muito evidente quando ela relatou para nós sobre as suas experiências com o ensino remoto e o fato de seus/suas alunos/as não abrirem, em sua grande maioria, as câmeras durante as aulas.

Professora Lúcia – Ah eu posso falar né? É sempre assim, difícil a gente começar a falar, mas agora a gente está começando a falar com câmera né? E para os meus alunos câmera aberta é tão difícil. Tem algumas turmas que abrem a câmera sem nenhum problema. Os outros fecham a câmera e a gente fica “não é classe!? Não é classe!?”. Aquele silêncio, aquela tristeza total. (...) (...) A Faetec pensou no seguinte: o que você faria sala de aula você joga pro computador. Isso não funcionou porque todo mundo ficou abalado, ninguém sabia exatamente como trabalhar, os alunos não tinham acesso à internet ou, se tinham acesso, tinham pelo telefone celular. Então, não foi fácil, não foi fácil. Agora eles estão assim com muitas saudades da escola. E como eu meio que me equipei, falei: bom, eu preciso comprar um computador, com uma câmera decente pra poder da aula. O meu computador tava bem defasado. Mas eu já tava com esse pensamento. A pandemia meio que acelerou isso. Mas eu já tava com esse pensamento de comprar. Mas eu comecei as aulas mesmo agora em maio/junho. Dia 10 de junho. E tem sido interessante porque eles estão com muita saudade da escola, com muitas saudades dos professores, dos colegas. Isso na semana passada eu cheguei até apresentar umas fotos para eles assim... porque era o segundo ano, que foi o primeiro ano passado e que só teve um mês de aula. Aí eu cheguei apresentar para eles umas fotos do que a gente fez né, de como a escola trabalhava, e eles falaram assim: “nossa professora! Pelo amor de Deus, tira isso! A senhora quer matar?”. Eu falei: “Ih caramba! O que é que eu tô fazendo com eles aqui?”. Que era só pra mostrar como a escola trabalhava né? E aquilo, eles falam muita palavra gatilho. Nem sabia o que era isso. “Ai professora que gatilho, que gatilho é esse pelo amor de Deus?”. Mas eles gostaram, não fundo eles gostaram. Estão doidos pra voltar, pra tomar a vacina e ter esse convívio que é importante pra eles. Mas eu não tenho contato com todo mundo. Muitos alunos, hoje eu mostrei as fotos né, também, foi na semana passada, e hoje para outro grupo. “Quem é? Quem é? Quem é? Esse é fulano, fulano e tal”. Mas ninguém abriu a câmera. (...)

Além da solidão das câmeras fechadas, a fala da professora revela um total abandono de sua instituição no sentido de planejamento de ações diante do ensino remoto. Nota-se que ficou a cargo da iniciativa individual a tomada de atitudes para implementar as atividades para desenvolver o ensino. Por diversas vezes a professora mencionou que a instituição deixou o corpo docente muito solto e livre para fazer o que quiser. Nos relatou que houve uma demora e uma total falta de iniciativa da instituição em contactá-la para desenvolver alguma ação. Fora isso, como citei anteriormente, a fala da professora revela a sua personalidade afetiva e empática, sempre preocupada com as questões que envolviam o acesso das suas turmas à internet e às tecnologias necessárias para que os/as estudantes pudessem acessar os conteúdos e assistir às suas aulas. Também trouxe a questão da exaustão provocada pelo ensino remoto e do quanto se sentiu perdida frente às demandas da nova modalidade de ensino imposta pela pandemia, apesar de gostar de lidar com as tecnologias. Relatou que teve uma colega, também professora de francês, que teve maiores dificuldades com o ensino remoto por não ter habilidade com as tecnologias necessárias para desempenhar as suas atividades laborais. Disse que ela e mais um colega teve de ajudá-la para que ela conseguisse desenvolver o seu trabalho.

Professora Lúcia – Por que eu não me lembro de tudo né? Mas assim, os professores do Estado tiveram, foram logo inseridos no contexto. Nós ficamos mais ou menos livres. Porque até Faetec tomar uma decisão do que era para fazer, demorou um pouco. A gente ficou 15 dias parados, aí foi indo, foi indo... o que você vai fazer, como vai fazer... A coisa engrenou mais ou menos a partir de julho. E sem contar a exaustão. Porque você fica... como eu falei né? Eu entrei no grupo, tinha

trocado meu e-mail, mas ficou o francês em cima. Eu devia ter desligado e entrada no outro. Sem contar os inúmeros e-mails que a gente tem. Um pessoal, o outro institucional, o outro que eu criei pra falar com eles. Esse eu criei para falar com eles, né? Enfim, é prazeroso de uma maneira porque eu gosto de trabalhar com tecnologia, mas é muito cansativo né? É muito cansativo. E francês, então, imagina? Não dá para dizer: “lê ali”.

(...)Então eu nós fomos nos ajudando. Entendeu? Eu, como professora de francês. Somos duas professoras de francês. Mas uma não tem muita... ela sequer tinha telefone celular. Não sei se eu cheguei a comentar isso da outra vez. Então pra ela foi muito difícil tomar pé de toda a situação. Muito difícil. Ela conta com a ajuda de um outro colega pra trabalhar. (...)

Este comportamento nobre e louvável, essa proatividade da professora em relação à colega que passava dificuldades para desempenhar as suas atividades, é o que se espera de nós enquanto seres humanos sensíveis e dispostos a ajudar a quem precisa. A solidariedade deve sempre ser uma atitude e um princípio que deve permear as relações humanas. Porém, não podemos romantizar tal comportamento e deixar de lançar crítica sobre esta situação em si. Fica claro que o Estado, através de suas secretarias e de suas instituições falha miseravelmente no sentido de dar o suporte adequado, capacitando e preparando docentes para que possam exercer as suas funções.

Além da falta de capacitação, a professora Lúcia nos revelou o quadro caótico e calamitoso em que se encontravam as unidades em que ela trabalha. Como citei anteriormente, a falta de funcionários terceirizados que realizam as tarefas básicas e elementares para o funcionamento das escolas foi um dos muitos problemas levantados pelas professoras e que ficou muito latente na fala de Lúcia. A professora se demonstrou muito apreensiva e preocupada com a iminência de um retorno presencial. Como atender com dignidade os alunos e alunas que frequentam a escola sem o pessoal necessário para cuidar da limpeza e do preparo da merenda, por exemplo? A professora se demonstrou bastante indignada e preocupada com essa situação de total descaso e abandono. Uma situação recorrente e corriqueira que se repete e ecoa há décadas em nosso país, como afirmou Ribeiro (1984). A educação continua não sendo prioridade no Brasil.

Professora Lúcia – Só que a gente. Me desculpa. Só que nós não temos funcionários pra voltar. Temos essa questão. Não há terceirizados, não há. Lá é integral, é são dois turnos. Não há quem faça o almoço, né. Então eu não sei como essa volta pode ser.

Logo em seguida, Márcia, que também é professora da Faetec faz parte do NEIPE, compartilhou a realidade vivenciada no seu polo aqui no interior do Rio, em Itaperuna, confirmando que o abandono era geral.

Mediadora (Márcia) – (...) Mas nós temos esse mesmo problema aí: não temos terceirizados, não temos ninguém nem pra limpar um pátio. E a gente é que tá revezando. Porque lá eu estou na coordenação. Então, tem uma funcionária que é inspetora e a diretora. Nós três é que estamos nos revezando na secretaria. Porque não tem ninguém. Tem dia que até o pátio, tudo a

gente que resolve varrer e limpar, porque não tenho ninguém. Não tem ninguém pra fazer serviço de secretaria, não tem ninguém. (...)

(...) Então tá com esse empecilho todo. E, principalmente por não termos funcionários. Como é que a gente vai organizar isso tudo sem ter ninguém? Eles não contratam ninguém. Enquanto a gente tá lá fazendo o serviço de secretaria, você acha que vão contratar? E nem limpeza. Não tem ninguém pra cuidar, pra limpar, para nada!

Quando, nos encontros, tocamos no tema da formação inicial, Lúcia fez seu relato e rememorou o momento em que concluiu a sua graduação. Nos contou que foi desencorajada e desestimulada por uma professora do curso. Segundo ela, a professora disse que ela e os/as demais formandos/das da turma não deveriam seguir nos estudos, que deveriam ir logo para o mercado de trabalho para sobreviver. E naquele momento foi o que ela fez. Nesse exemplo de vivência fica muito visível o quanto a classe trabalhadora não tem escolha, não tem oportunidade e é impedida de se realizar totalmente. É negado à classe trabalhadora o direito de se capacitar, de se formar adequadamente para se ter a possibilidade de concorrer de forma justa no mercado de trabalho. Ou seja, para a classe trabalhadora, a ordem do dia sempre foi sobreviver com as migalhas que sobram.

Professora Lúcia – (...) Realmente. Não, porque, realmente a formação, a formação, né, nossa, depois da faculdade, passa a ser – acho que agora não – mas quem é mais antigo, passa a ser um esforço pessoal. Antigamente a gente retornava, a gente fazia uma prova. Eu me lembro que quando eu terminei, a própria professora falou assim: “olha, vocês não podem fazer mestrado, vocês não estão preparados pra isso, é muito forte e tal. Vai pro o mercado de trabalho”. Aí tá. Eu tinha até um exemplo de um colega, que tinha feito uma prova, e tirou zero, zero! Aí uma outra colega falou assim: “gente, mas como é que esse pessoal dá zero? Nem, pelo menos um dois, né? Pra... zero!?! O garoto não conseguiu nada?” Era francês e literatura francesa. Aí, a gente foi trabalhar e, quando você começa a ganhar dinheiro, quando começa a ganhar dinheiro, trabalha, entra numa escola, entra num curso. E sair é muito difícil, né?

A professora também relatou para nós como foi a sua chegada na escola pública depois de um período trabalhando na iniciativa privada. Ela contou como foi esse choque de realidade que, na parte da discussão sobre a formação inicial, eu trato como o (des)encontro com a escola real.

Como apontam os escritos de Ribeiro (1984) e Patto (2015), a escola pública que temos hoje foi pensada e organizada para atender a burguesia. Essa escola não se encaixa à realidade das pessoas oriundas das classes populares. Dessa forma, os cursos de formação docente, preparam e formam professoras e professores para atuar em uma escola totalmente adequada à realidade material da burguesia. Porém, ela atende, em sua maioria, as crianças, os adolescentes, os jovens e adultos da classe trabalhadora. Eis aí o

grande desajuste: uma escola moldada para acolher a burguesia, mas que se torna totalmente inapta aos anseios e necessidades da classe trabalhadora.

Esta compreensão crítica da realidade material não é colocada nos cursos de formação docente. Daí, quando professoras e professores se deparam com a escola real, tomam este choque que a professora Lúcia e o Paulo nos relataram nos trechos a seguir.

Professora Lúcia – (...) Depois foi que eu fiz um concurso pra escola pública. E eu me lembro que até minha professora na época perguntou – da especialização – “e você vai assumir?”. Eu falei: “ai, não sei”. Foi quando eu conversei com a professora que tava se aposentando ela falou assim: “ah é você? Olha, assim, eles não querem nada, não aprendem nada”. Era um ano só, também, francês. “Não querem saber de nada?”. E eu: “ai, meu Deus do céu!”. Era uma realidade completamente diferente. Eu trabalhava em uma empresa na época. Curso, assim, da empresa pra funcionário. Para os próprios funcionários. E era uma experiência bem assustadora. Desgastante. E eu achava, assim, que podia fazer várias coisas e eu me dei conta que não. Era todo um outro momento, toda uma outra coisa. Até hoje, né?

Mediador (Paulo) – (...) E aquela coisa. Eu tinha a mesma imaginação que a Lúcia, né? De que eu chegaria, né? “Nossa vou fazer muitos projetos, todo mundo vai se interessar”. Era o ano que a Sociologia e a Filosofia tinham acabado de retornar pra a grade do Ensino Médio, né? Então eu tava muito empolgado com essa possibilidade da gente trazer outros tipos de discussões pra escola. E aí quando, eu chego na escola pra estagiar, na escola de periferia, o prédio correndo o risco de cair. Do lado, pertinho da fábrica da Sadia. Então aquele cheiro de galinha escaldada era horrível, né? A primeira coisa que eu ouço “ih, mais um professor viado chegando na escola. Ai que saco, né? Ai, lá vem a bicha. Ai, vamo ter aula com a bicha”. Ai eu já “pool”! Murchei, né? Não sabia me impor, não tinha, né? Então, essa foi a primeira, a primeira noção de realidade, né? (...)

Professora Lúcia – (...) E como eu trabalhava em escola, na Aliança Francesa. Quer dizer, principalmente e, também, em fábrica. Já trabalhei em fábrica, ensinando francês pros funcionários. Quando eu entrei na escola pública eu tive um choque total. Porque eu falava. E eu falei: “como assim? Eu não posso falar francês em sala de aula e ninguém me entende?”. E nas outras, nos outros lugares eu falava e as pessoas me entendiam. Então pra mim foi muito complicado trabalhar em escola pública. (...)

Fica evidente e gritante o contraste que a professora sentiu ao sair da iniciativa privada para ir trabalhar na escola pública que atende a classe popular. Essas defasagens da formação inicial prejudicam a construção de uma leitura crítica sobre sociedade que, conseqüentemente, a escola que reproduz. Essa experiência, na grande maioria das vezes, faz com que docentes concluam que a escola está desempenhando de forma correta o seu papel, o seu fim social de forma adequada. Aqueles e aquelas que fracassam, são desajustados e desajustadas que não se esforçaram o bastante para serem aprovados/das e seguirem adiante em seus estudos. A Psicologia Escolar crítica ajuda a entender esses processos de forma contextualizada ou sócio referenciada. Na sua interface com a Educação, a Psicologia Escolar pensa e entende as pessoas – e seus problemas de aprendizagem – dentro de um contexto histórico, social, cultural e econômico. Ela ajuda a pensar as relações e os fenômenos que se dão no interior do ambiente escolar dentro

desse contexto mais amplo e deslocado da esfera individual (CHECCHIA, 2020). Por isso ressalto a importância de pensarmos criticamente a formação inicial e a necessidade fomentar uma formação continuada guarnecida dessa leitura crítica para alterar este estado calamitoso do nosso sistema educacional (RIBEIRO, 1984).

Quando conversamos, no último encontro, sobre formação continuada, onde também foi sugerido como leitura provocativa o texto “*De quem é a culpa?*” (ASBAHR & LOPES, 2006), Lúcia relatou para nós alguns dos atravessamentos de sua vida quando terminou sua graduação. Como citei anteriormente – e como ficou marcado na própria fala da professora – o imperativo naquele momento era sobreviver. Logo, ela não pôde seguir com seus estudos. Ela nos contou que tentou por várias vezes retomar os estudos, investir num possível mestrado, mas não obteve êxito. Disse que na época o processo seletivo era mais difícil e por isso precisava se preparar e montar um projeto de pesquisa bem consistente para ser aprovada. Segundo ela, era extremamente pesado conciliar os três vínculos de trabalho e conseguir elaborar o projeto. Tentou cursar um tempo como aluna especial, mas não conseguiu. Assim que pediu licença na Aliança Francesa, onde ela trabalhava – foi mandada embora. E isso a fez desanimar. Mesmo quando começou a trabalhar na Faetec, exigia-se a aprovação no certame para que lhe fosse concedida a redução de carga horária para conseguir estudar. Isso também a fez desanimar. Depois de relatar toda essa jornada de várias tentativas frustradas a professora disse:

Professora Lúcia – (...) Quer dizer, eu sinto falta de formação. Sinto falta. Vejo que existe uma geração – uma nova geração né? – que conseguiu entrar, que conseguiu fazer estudos. Eu parei, realmente, no tempo. Parei no tempo.(...)

Esse “parei no tempo” foi um soco no estômago para mim. A questão do tempo, como venho discutindo, é algo muito sensível para mim. É um tipo de discussão que se tornou um divisor de águas na minha vida. Questionar criticamente a forma como o nosso tempo é equacionado se tornou um propósito meu enquanto pesquisador e enquanto pessoa que sofre a exploração do meu tempo. A expressão da professora é mais uma evidência que me fez pensar no quanto a gente se culpabiliza pelos fracassos que a gente coleciona pela vida. Fracassos que estão muito além da nossa responsabilidade, mas que o discurso – positivo e tóxico – da sociedade do desempenho, como afirmam Han (2015) e Brum (2016), quer nos infligir. Penso que nós temos que ser mais gentis com nós

mesmos e dar a culpa a quem, de fato, merece carregar o peso dela. Essa autossabotagem e essa exploração velada é o que há de mais ardiloso e eficaz na sociedade capitalista neoliberal. A formação continuada, que me possibilitou o encontro com Han (2015), Larrosa (2015), Brum (2016), entre outros/as, aliviou demasiadamente este fardo e me fez deixar para trás muitas das culpas que eu carregava.

E a respeito da formação continuada e culpabilizações, um outro trecho do relato da professora Lúcia também me fez pensar muito sobre as urgências da formação continuada no sentido de discutir e formar a classe docente sobre temas como a medicalização, por exemplo. A necessidade de olhar para cada aluno, para cada aluna e pensar em estratégias de se ensinar – e de se fazer aprender –, é algo muito necessário; mas que se torna utopia se não reavaliarmos a forma como os sistemas de ensino são pensados (RIBEIRO, 1984).

Professora Lúcia – (...) Essa questão que a Eliete levantou, em relação do número de alunos, acho que isso é fundamental. Porque imagina ela for fazer um plano pra 30 alunos? Eu não consigo fazer isso. Hoje eu falei pra uma aluna; eu falei – porque eu mandei um recado pra ela – “olha, diz pra Fernanda pra aparecer”. Ela, de vez em quando, aparecia na aula. Ai hoje ela apareceu, eu perguntei pra ela e ela me disse que descobriu é... diz que é TDA, TDAH, alguma coisa assim. E ela disse que toma um remédio pra parar a ansiedade, mas ela se esquece de muita coisa, ela fica muito lenta. Ai eu até aconselhei. “Por que que você não faz um pouco de meditação?”. Ela disse: “ai professora, acho que não funciona não”. Ai eu falei: “ah, mas é aos poucos né? As coisas vão voltando aos poucos”. Porque ela tava se sentindo completamente aérea. Quando ela vi as conversas do zap, ela diz: “nossa! Já passou a aula? Aula de não sei de quê, de não sei de quê”. A gente tá vendo muito aluno, ou diagnóstico está sendo bastante preciso. Porque eu me lembro, e a gente tem que falar: “na minha época a gente não tinha isso”. Esses diagnósticos, os alunos, as crianças, os adolescentes não iam pra psicóloga. Era muito raro, era difícil ter acesso a esse tipo de profissional, né? Ia pra um psicólogo porque tinha dinheiro. A realidade era essa. O resto era a psicologia da mãe, do pai né? Era essa a psicologia. Então, é isso! (...)

A fala da professora, proferida em a partir de sua reflexão sobre o texto de Asbahr & Lopes (2006), trás uma consideração importante: como poder analisar caso a caso, dar atenção a cada discente, em suas necessidades particulares, se temos salas superlotadas e docentes extremamente sobrecarregados (INSFRAN, 2017)? É algo muito plausível para se pensar para que se possa, de fato, fazer vigorar uma prática que realmente faça a diferença e contemple nossos/as educandos/as.

A presença da professora Lúcia nas rodas foi muito importante e suscitou muitas outras questões e discussões. Espero, por hora, ter podido contemplar os principais aspectos contidos em seu discurso.

6.6 – Professora Sônia

A Professora Sônia foi mais uma grata surpresa que compareceu para contribuir conosco nas rodas. Assim como Eliete e Lúcia, ela veio para o segundo encontro de apresentação. Ela participou apenas deste encontro e do quinto e último. Estava com problemas de horário devido às suas aulas de pilates que estava fazendo por problemas de coluna. Também nos explicou que o período que aconteceram o terceiro e o quarto encontro coincidiram com o período de recesso e que ela, por conta do extremo cansaço e exaustão, causados pelo ensino remoto, fez a “rebelia” de se permitir ter os quinze dias de descanso das telas. Este ato, por si só, político, já me chamou a atenção. Mas mesmo tendo participado apenas desses dois encontros, as suas contribuições, falas, questionamentos e seus relatos de experiência contribuíram muito para pensarmos as questões que estavam sendo postas em discussão e debate.

Sônia tem 36 anos, mora no Rio de Janeiro, é separada, não tem filhos e divide o apartamento onde vive. Ela fez graduação em Sociologia, fez uma especialização voltada para o Ensino de Sociologia na UFRJ – que na época teve 50% das suas vagas reservadas para docentes da rede pública estadual – e fez um mestrado. Ela tem dois vínculos de 16 horas na rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro e mais dois vínculos com instituições privadas, perfazendo uma carga horária de 40 horas semanais, segundo ela.

Logo de início, na sua fala, Sônia apresentou o mesmo temor já compartilhado por outros colegas do grupo de pesquisa quanto à reforma do novo ensino médio. Sociologia, Filosofia, História e Geografia, ou seja, o grupo de componentes curriculares que compõem o ensino de ciências humanas, tiveram sua carga horária reduzida na grade curricular. Isso, involuntariamente, gerou um grande temor em docentes formados e concursados para atuar nessas áreas. É uma sensação de descarte, de menosprezo e de que você ocupa um lugar de segunda categoria no rol dos saberes. Sônia é uma dessas professoras que se sente afetada por essa reforma que mais parece uma “implosão” do ensino médio e que, segundo alguns pesquisadores, prejudicará o ensino. A reforma nega aos/às estudantes conhecimentos importantes, basilares (BRASIL DE FATO, 2022) e causa grande insegurança na classe docente.

Como era a pauta do momento do segundo encontro de apresentações, Sônia trouxe em seu relato uma reflexão sobre os contrastes entre a fala dela – de seu lugar de professora que atua na rede pública e privada – e a fala de demais colegas que participavam naquele encontro. Comparou as diferenças atitudinais – em sentido da

implantação e começo do ensino remoto – das diferentes instituições, públicas e privadas; manifestou a sua preocupação com a desigualdade e a dificuldade de acesso de estudantes pobres e nos relatou a sua experiência frente às imposições e demandas da nova modalidade pandêmica de ensino. Sua fala foi de frustração e de solidão. Um padrão que também se repetiu e que escancara a mentira que foi o ensino remoto, visto que a grande maioria de estudantes pobres não possuem as condições materiais para o acesso adequado. Saudade de seus/suas alunos/as, saudade do barulho das salas dos/das professores, enfim, sobre o vazio que a pandemia criou, sobre o que ela roubou de nós (HAN, 2021).

Professora Sônia – (...) E aí, quando Lúcia estava falando, senti que há uma diferença assim imensa entre a nossa realidade na pandemia, porque dois dias depois do decreto eu já tava trabalhando, via vídeo conferência, com os estudantes da escola privada. Então não tive... a gente costuma falar né, falar sobre esse momento como a gente trocou a roda do carro com ele andando né. A gente não teve nenhum tempo nem de respirar e tal. Então tá sendo bem complexo né? Ainda está sendo

Professora Sônia – Eu trabalho em duas escolas privadas né? Uma é o colégio Teresiano e outra é o Centro Educacional da Lagoa. E no Estado eu trabalho no Colégio Estadual Souza Aguiar. É tô falando agora da realidade da privada né, da rede privada. E lá todo mundo assim, tá presencialmente praticamente. Então ainda tem um desconforto né, com relação a isso. É, no Estado a gente também ficou de férias um tempo né? Quinze dias e voltou. Também, ainda, trocando a roda do carro andando. Porque realmente a gente não tem, não tem esse hábito. E o mais preocupante, os estudantes não têm condições, em sua grande maioria, de tá fazendo. Não tem tecnologia mesmo disponível e internet. A gente vê aí que é uma problemática. Até aqui mesmo entre a gente, a gente tá com problemas de conexão né? Enfim. E isso acontece em muito maior grau com eles. Então eu fiz uma tentativa no passado de fazer videoconferência, até exitosa em algumas turmas porque eu trabalho no centro do Rio de Janeiro né? Então tem um público que tem algumas condições. Só que pedagogicamente o Estado foi dando várias diretrizes e chegou com discurso né, nos estudantes, de que eles seriam aprovados a qualquer custo. Então foi minando essa participação, até que em muitos momentos no fim do ano passado eu fiquei sozinha esperando aluno videoconferência. E esse ano, praticamente, o mesmo tem acontecido. Não tô fazendo com a mesma regularidade, mas mesmo assim, das vezes que eu marco, aparece muito poucos estudantes. O diálogo com eles tem sido muito complexo. Então, existem milhares de frustrações para uma professora nesse momento de pandemia, com essas realidades que eu experimento. Tem a não participação física também né? Disso desses estudantes do Estado, que é a minha maior carga horária não poderem acessar né, enfim. Mas tem também frustrações relativas à participação dos estudantes né? Do tipo... aí uma sala, com 40 estudantes da rede privada e você pergunta. A sociologia tem esse viés muito reflexivo, e eu gosto disso. E você pergunta e resposta nenhuma. Então tem muitas frustrações aí dentro desse contexto para além de toda crise que a gente tá experimentando né? Com relação ao trabalho também eu imagino que nós professores estamos tendo variadas crises. E aí eu vi na pesquisa um pouco dessa oportunidade de falar sobre isso. E aí, também, como a Lúcia falou, sempre vou contribuir para assuntos científicos. Na tentativa de investigação sobre temas. Ainda mais sobre temas tão caros para mim como uma questão de educação, e vendo a possibilidade das rodas de conversas como uma possibilidade de conversar né, sobre isso já que, também, em isolamento, a gente tem tido pouquíssimas oportunidades de conversar. Eu pelo menos falo muito com os professores amigos assim, o quanto faz falta né, aquela sala dos professores. Ainda que eu sempre reclamasse é na época, e que dizia ficar, que preferia ficar com os estudantes na hora do recreio. Isso tem feito falta sim. Da conversa, do encontro né, de estar partilhando as coisas que estão acontecendo. Então, eu vi aqui essa possibilidade por isso que eu vim. Então é isso!

Sônia também, em sua busca por se formar e se capacitar dentro de sua profissão, passou pelos mesmos processos difíceis que as demais professoras passaram e relataram.

A busca pessoal, o esforço sobre-humano, a abnegação, o sacrifício, enfim, todos esses tipos de violências e penúrias impostas à vida de quem faz parte das classes subalternizadas. Ela também nos contou que essa busca por formação se deu quando começou a trabalhar na escola pública e passou pela mesma experiência de choque de realidade que o Paulo e a professora Lúcia relataram. Segundo ela, a formação continuada foi motivada pela necessidade de se apropriar de conhecimentos, de buscar novas estratégias para poder atuar na escola pública.

Professora Sônia – (...) Mas eu queria muito falar desse processo que aconteceu comigo. Porque eu acho que essas histórias se cruzam. Então, essa introdução que o Tiago fez, né, de a gente tá sempre, assim, buscando para além. Nada é dado muito de graça, a gente que tem que fazer um esforço sobrenatural pra fazer essa formação continuada. E aí eu lembro, assim, que eu me especializei né? Eu sou de Sociologia. E aí, quando acabou a graduação, e eu comecei a trabalhar, né, no Estado, eu falei assim: gente, eu preciso de algo a mais, porque não foi suficiente o que eu tive de formação, né, pra trabalhar, especialmente na época quando eu entrei no Estado. Eu trabalhava numa escola compartilhada, noturna, né, com um índice de vulnerabilidade, assim, com estudantes que não sabiam ler direito, sabe? E, assim, eu me deparei com aquilo e eu fiquei, assim, muito chocada com uma realidade. Eu entrei no Estado em 2010. E aí comecei a pensar, né? Eu preciso de fazer alguma coisa, né, pra me qualificar melhor. Porque eu não tô sabendo trabalhar. E aí, na época, tava abrindo especialização na UFRJ o CESPEB, né – que é direcionado para professores da Educação Básica – e era a primeira turma de Ensino de Sociologia. E aí eu falei: vou me inscrever nisso aqui. E eu não tinha quase tempo, porque eu trabalhava em ONG, eu trabalhava no Estado e tinha que ir pra Praia Vermelha, né, pra UFRJ, duas vezes por semana, à noite. Mas, mesmo assim, eu falei: vou me enfiar aqui porque eu preciso de algo, né, pra trabalhar. E aí foi muito bom! Não só o curso da formação. A formação foi boa, mas o melhor foi o contato com colegas, da rede, já que tinham anos, assim, de experiência. Então, a gente trocava muito. Foi muito interessante, também, o movimento da troca que se fazia ali nesse, nessa especialização. (...)

Como fica claro na fala acima, a professora destaca que a especialização que fez foi muito válida para instrumentá-la em sua lida diária no chão da escola. Porém, para ela, o fato de estar reunida com colegas da mesma rede, trocando ideias e experiências, foi a parte mais gratificante e enriquecedora da formação. E é exatamente isso que buscamos com as rodas: fortalecer e unir a classe; promover o crescimento profissional, político e pessoal dos/das integrantes da categoria através desses espaços.

Sônia também relatou que foi a partir dessa especialização que surgiu o interesse particular em dar seguimento nos seus estudos e na pesquisa acadêmica. A especialização foi um trampolim para o mestrado. Porém, a professora trouxe alguns questionamentos interessantes sobre a sua experiência no mestrado. Em primeiro lugar, disse que os horários das aulas eram, em sua grande maioria, nos turnos da manhã e da tarde; horários que, geralmente, a grande e absoluta maioria dos professores e professoras, principalmente da educação básica, estão trabalhando em sala de aula. Portanto, não tinham aulas à noite para atender estudantes/professores/as/trabalhadores/as.

Professora Sônia – (...) E lá, também, eu comecei a me interessar por pesquisa na área de educação. E aí, depois, foi isso que me possibilitou fazer um mestrado, né, na área, né? Investigar currículo, depois de Sociologia e fazer o mestrado. Foi esse contato, também com a universidade. Mas assim, quando eu fui fazer mestrado, uma das minhas maiores queixas com a instituição, né, era que a gente, que aquele programa de pós-graduação, eles, de certa forma, enchiam a boca pra falar que, aquele programa, era cheio de professores. E era mesmo! Mais de 50 e cinquenta por cento, né, do grupo que tava fazendo mestrado, era de professores da Educação Básica, mas que não tinha, por exemplo, aula durante a noite. A aula era galera manhã e tarde, né? E aí a gente tinha que fazer um esforço sobre-humano de conseguir conciliar as coisas. Eu trabalhava, trabalhei na época, assim, tava trabalhando 52 horas semanais e, mesmo assim, com o mestrado. Sorte minha que eu tinha uma orientadora que entendia né? Esse processo de um estudante trabalhador né?

Esta fala da professora, que na verdade é uma queixa me fez pensar em alguns questionamentos a respeito da universidade que devem ser levados em consideração. Será que universidade, em seus cursos voltados para as ciências humanas, está se comportando de forma realmente humana? Será que a universidade, principalmente a pública, tem levado em consideração as demandas da classe trabalhadora, principalmente quando estrutura os horários que oferece seus cursos? E os cursos voltados para a formação continuada da classe docente? Eles criam oportunidades para que a classe ocupe estes espaços e se aproprie dos saberes que eles oferecem? Neste caso em específico, não. Sem generalismos, mas são questões sérias a se pensar. A universidade, sendo uma instituição que é mantida pelos impostos que são pagos, em sua maioria, pelo povo pobre deste país, deve criar as condições para que este mesmo povo acorra a ela, permaneça em seus espaços e desfrutem daquilo que eles oferecem. A universidade precisa estar em constante diálogo com as demandas da classe trabalhadora e se articular a partir dessas demandas.

A sorte da professora Sônia foi o fato de ter encontrado neste processo uma orientadora humana, compreensiva e empática. Eu, enquanto estudante/professor/trabalhador também tive e tenho esta sorte de poder contar com o apoio e a compreensão da minha orientadora. Porém, como o próprio termo diz, é sorte. Sorte não é regra. Sorte é exceção. Entendo essas exceções como micropolíticas dos afetos que vamos construindo nos espaços em que atuamos. Nelas encontramos o apoio para prosseguir, mesmo diante de tantos obstáculos. Essas micropolíticas é que possibilitam, em muitos casos, a realização desses feitos sobre-humanos.

Bem logo na sequência da fala da professora Sônia, o Paulo, fez um comentário sobre a nossa realidade aqui do interior do Estado do Rio de Janeiro. Uma região que, há bem poucos anos atrás, não tinha a oportunidade de formação que hoje é oferecida no INFES/UFF. Então, além da questão dos horários, quem vive no interior tem de lidar com esta dificuldade de viver em uma região desprivilegiada, historicamente atrasada e pouco

desenvolvida. Árida e estéril em possibilidades de formação e capacitação. Um “sertão” que o INFES vem desbravando nesses últimos anos.

Mediador (Paulo) – (...) Então, é tão raro pra gente, aqui na nossa região, ter a oportunidade de ter cursos tão próximos, né, como que a gente tem aqui no INFES, né? Porque, senão, nós teríamos que ir pra Campos, pro Rio né? Ou, então, pra Juiz de Fora. Passar três, quatro horas no ônibus, né? E muitas vezes seria completamente inviável, justamente por conta da carga horária na escola né? Então, eu acho que, muitas vezes, a instituição, ela se preocupa em poder garantir o seu funcionamento, né, e privilegia pouco a necessidade do aluno nesse aspecto.

Outro questionamento que Sônia trouxe para nós foi a necessidade que ela sente de haver mais intercâmbio e troca entre a universidade e a classe docente. Ela, durante o tempo em que estava cursando o seu mestrado, sentiu uma distância enorme entre as teorias discutidas e a prática cotidiana das escolas públicas. Esse aspecto e o fato de, na época, ter de conciliar uma carga horária extensa com os estudos, a deixou um pouco desanimada e, de certa forma, traumatizada para prosseguir nos seus estudos em um possível futuro doutorado.

Professora Sônia – (...) Então, o mestrado foi muito, foi bom, mas também me trouxe é, questões que até agora não consegui fazer doutorado, cinco anos depois. Por conta, também, da pressão que é né? E, também, de eu não me sentir tão contemplada nas minhas questões. Então eu acho que tem essa, essa... isso né, na academia um pouco, né, da gente ter esse... essa... essa questão né, de não tá tão relacionado à prática, os professores que tão lá, muitas vezes, não estão tão envolvidos né, com as redes. Então, não tem essa dimensão e sempre fica esse questionamento, né? Como que eu vou aplicar esse conhecimento se ele não tá refletindo tanto a minha realidade? Então é isso! Acho que vale a pena sim a gente se qualificar, é sempre muito bom, mas eu acho que, também, tem que ver, tem que haver por parte da universidade essa, esse entendimento da nossa realidade. Eu acho que falta um pouco, ainda.

Depois de trazer esses questionamentos, a professora, exaltada em sentido de surpresa e alegria, recordou de uma prática que foi muito frutífera no sentido de promover este intercâmbio entre a universidade e a classe docente atuante no chão da escola. Ela nos contou que sempre gostou de receber estagiários e estagiárias do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Sônia recordou com muito entusiasmo a sua experiência com o programa que, segundo ela, matinha a universidade e a escola em constante comunicação e troca. Fora isso, ela ressaltou, mais uma vez, o quanto foi e é importante e enriquecedor o diálogo e o contato com os seus pares para a sua formação e para o fortalecimento da categoria.

Professora Sônia – Então, eu lembrei de outra coisa, de outra possibilidade de formação que, às vezes, não tá só restrita a cursos né? É o encontro com os pares eu acho que proporciona, também, essa formação continuada né? Então eu sempre recebia, tenho hábito de receber estagiários, né, da licenciatura. E, também fui supervisora do Pibid, né, que é um programa de bolsas pra alunos de licenciatura, pra fazer iniciação à docência na escola. Então eles chegam na escola, tipo, no segundo, no terceiro período, já pra fazer esse estágio dentro da escola, né? E aí eu sempre falo que essas duas as coisas, né: receber estagiários da licenciatura, lá no final do curso, mas também

os estudantes do Pibid, bolsistas do pibid, me promoveram, assim, uma formação continuada. Me promovem né? Agora, na pandemia, até isso me foi tirado. Porque eu não tenho nem uma coisa, nem outra. E aí, assim, esse diálogo, pra mim, é superimportante né? Porque eles tão ali, se formando e com um pensamento muito ligado aos jovens, são superatentos à juventude né? Que a maioria do meu público de trabalho é jovem, atualmente. Então eles tão super antenados com as coisas que podem funcionar dentro da disciplina com os jovens, e tal; e tão sempre em diálogo, também, com essa questão acadêmica né? Então me proporciona né? Ter esse diálogo com eles, e a gente trocar experiências, e eu acho que faz muito isso pro professor também. A gente aprende muito. Eu lembro que, conversando com a coordenadora do Pibid, eu falava pra ela que eles oxigenavam as minhas práticas, né? No sentido de que traziam essa nova, esse novo vigor, essa respiração né, no sentido de refletir sempre pra proporcionar novas coisas. Então eu queria – e isso me veio aí com a fala de vocês – e eu acho que a gente nunca pensa na formação continuada sendo esses diálogos, também, que a gente trava com os nossos pares. Não só na possibilidade de estágio, mas, também, em eventos acadêmicos – quem consegue participar – ou, então, em reuniões, né, de sindicatos ou de associações. Eu acho que isso também é importante mencionar.

Essa questão levantada pela professora Sônia me fez recordar uma situação que eu trago no primeiro capítulo dessa dissertação, quando falo com muita alegria e entusiasmo sobre os meus *encontros*. Após ter sido reprovado no processo seletivo de 2018, recebi o convite da minha orientadora para cursar a disciplina optativa na condição de aluno ouvinte. Essa atitude individual da professora Fernanda, que eu entendo que deve ser adotada como uma possibilidade de política permanente da universidade, é um meio de estabelecer estes intercâmbios, essas trocas que comunicam a universidade com a classe docente, com a classe trabalhadora e com a comunidade a quem ela deve servir. Precisamos estreitar esses laços e, a partir deles, produzir conhecimentos cada vez mais afinados com a realidade que a universidade pretende transformar. E, para além desses conhecimentos, como venho insistindo, esses laços possuem grande potencial para produzir a força de mobilização que a classe docente necessita para transpor a condição geral de precariedade em que se encontra.

6.7 – Considerações sobre os resultados das rodas de conversa

Todo processo que envolve a apresentação de resultados de uma pesquisa qualitativa é denso e, muitas vezes, pode não dar conta de expor com profundidade o que o material posto em análise pode apresentar. O que se pode fazer é, no máximo, apresentar as facetas de acordo com os interesses anunciados e pretendidos pela pesquisa. Uma fala é carregada de subjetividades e jamais conseguiremos dar conta da totalidade de ser o/a outro/outra, de estar no seu lugar e de perscrutar com exatidão o seu pensamento (BOGDAN e BIKLEN, 1994). E toda ciência humana que tem a pretensão de se apresentar como neutra, perde a sua validade e relevância no momento em que manifesta tal vontade. Todo este fazer científico é político e toda seleção de dados pretendem firmar

um compromisso com algum tipo de agenda (FREIRE, 1985). E que seja uma agenda comprometida com a melhoria da humanidade e com a justiça social. É deste lado que eu tenho me posicionado e onde pretendo estar. Neste lado tenho tentado afixar a minha bandeira de luta. É nesta luta que eu tenho colocado a minha força, meu esforço, meu suor, minhas lágrimas e, acima de tudo, a minha esperança.

Fica bem óbvio – e marcado – nas minhas interpretações e comentários, a partir das falas, o quanto eu sou afetado e quanto me identifico com todas as questões apresentadas e levantadas pelas cinco professoras. Eu me reconheci em cada angústia e em cada queixa de cada uma delas. Vi pedaços e fragmentos da minha jornada nas histórias de vida de todas elas. Portanto, ao realizar esta pesquisa fiz um exercício de dialogar comigo mesmo e com as questões que eu venho levantado ao longo de todo o texto da dissertação. Mas que fique claro que não foi apenas um exercício egoísta de querer aplacar as minhas urgências e de buscar novos entendimentos para os problemas que me incomodam enquanto docente. Neste exercício eu me olho no espelho. Porém, neste espelho, eu tinha outros rostos, eu tinha outras vozes. Essas vozes são as vozes de Ana, Rose, Lúcia, Eliete, Sônia e tantas outras vozes docentes que aqui se apresentaram e se somam para manifestar, através das suas vivências, as suas reivindicações, as suas críticas, as suas denúncias, os seus protestos, os seus sonhos e as suas expectativas. São questões e sonhos de uma classe profissional que, há muito tempo amordaçada, violentada e subalternizada tomam a forma deste texto para vociferar no mundo e ganhar eco.

Sinto-me privilegiado e, de certa forma, aliviado por poder ter conseguido chegar até este ponto de poder encontrar essas queridas professoras, escutá-las, estabelecer vínculos com elas e de poder ser, de certa forma, o porta-voz do que me foi apresentado em cada encontro. E eu espero poder conseguir representá-las, bem como desejo representar a classe docente por meio deste manifesto. Que esta pesquisa possa provocar futuras reflexões e fomentar políticas públicas que consigam, no mínimo, amenizar os problemas e questões que ela discute. Portanto, a força maior que orientou os rumos dessa pesquisa, e das rodas de conversa como um todo, foi a de criar um espaço coletivo para que pudéssemos pensar juntas as questões que nos afetavam como classe. E, mais que isso e não menos importante, criar a sensação de que não estamos sozinhos/as e que precisamos nos unir para que possamos conseguir prosperar nas nossas lutas.

Levei várias expectativas e ideais para estas rodas. Pensei em várias questões que poderiam ser levantadas e discutidas nos encontros. Porém, como citei na parte de introdução aos resultados, deixamos os encontros cumprirem aquilo que prometeram ser:

literalmente rodas de conversa. Nada muito engessado, mecânico, metódico ou pré-programado. Questões esperadas e inesperadas apareceram nas discussões. Os encontros pulsaram involuntariamente no ritmo das urgências das vidas que ali se apresentaram a nós. E como é bom perceber e dar conta de que tudo ocorreu exatamente assim: sem ritos ou liturgias.

Como citei, também, na parte de introdução aos resultados, os temas e questões seguiram o fluxo de discussão que eu adotei em toda a dissertação. As questões existenciais vieram primeiro e depois partimos para pontos específicos de interesse da pesquisa. Ou seja, os temas e questões se movimentaram no sentido de discutir criticamente os impactos da existência em uma sociedade capitalista neoliberal – dada a conjuntura de crise agudizada pela pandemia – para depois pensarmos em como essa existência afeta os corpos da classe docente enquanto grupo que compõe esta sociedade (SENTINELI *et al.*, 2022). Pois como venho discutindo, a (de)formação é fruto/rebento direto desse modelo de sociedade. A (de)formação contempla a agenda excludente do capitalismo na medida em que a educação não se torna, de fato, um instrumento de libertação/emancipação, como salienta Freire (1987).

As falas e relatos de todas as professoras, sem exceção, evidenciam a ideia liberal de que tudo, e em particular suas experiências de formação e formação continuada, depende de esforço individual, de sacrifícios e de dificuldades. Isso nos fez refletir, enquanto coletivo que ali se encontrou, que necessitamos urgentemente de políticas públicas que favoreçam e facilitem o acesso e a permanência nos espaços de formação. E dados os limites da formação inicial, o acesso à formação continuada deve ser respeitado e cumprido garantia que é por natureza legal. A formação continuada, enquanto direito da classe docente, deve ser incentivada em todas as esferas, principalmente na educação básica, para que tenhamos pessoal qualificado para reverter o quadro calamitoso em que se encontra a nossa escola pública, como explicitou Ribeiro (1984).

Fazer valer esse direito é uma tarefa urgente para que possamos dirimir o (des)encontro entre docentes e a escola real. Pois como foi discutido no capítulo sobre a (de)formação, a formação inicial, e o quadro teórico que a compõe, não dão conta de instrumentalizar a classe docente de uma compreensão sócio referenciada de indivíduo e da educação em si (CHECCHIA, 2020; ASHBAR & LOPES, 2006). Portanto, fomentar e fortalecer as políticas públicas para que haja o incentivo, a facilitação e a valorização da formação continuada está na ordem do dia.

Outro ponto das discussões que chamou a atenção foi o fato de que a formação, em especial a continuada, está, no imaginário docente, sempre relacionada a ganhos financeiros e materiais. Dessa forma, quando se coloca o interesse financeiro e detrimento do real ganho qualitativo da formação, esta ação se esvazia em mero interesse material e se afasta da compreensão dos reais valores dos cursos de formação para o melhoramento das práticas educativas em si (PATTO, 2009). Porém, dada a conjuntura de total desvalorização histórica da classe docente, que a obriga a enfrentar uma densa e pesada carga horária de trabalho, este comportamento observado nas falas de algumas participantes das rodas é completamente compreensível, se analisado dentro da esteira de um sistema extremamente violento, injusto e que explora da classe trabalhadora. Além do mais, e de forma geral, esse aspecto deixa latente nos discursos a questão do roubo do tempo. Professoras exauridas e violentadas pelo trabalho em excesso. Gente que abdica dos prazeres e alegrias da vida, que nulifica as questões cotidianas que são substanciais ao seu viver e apenas sobrevive (LAFARGUE, 2016; SENTINELI *et al.*, 2022). E se o tempo é roubado, por conta da exploração desmedida do trabalho, a vida se acelera. E em meio à essa correria exaustiva não há espaço/tempo para a reflexão crítica sobre a existência, não há tempo para poder contemplar e elaborar melhor o que se passa na realidade na qual estamos inseridos (HAN, 2015; 2016; 2021; BRUM, 2016). Notei este cansaço nas falas de todas as professoras.

E seguindo o fio da exploração capitalista, também ficou latente nas falas das professoras, dado o momento pandêmico em que as rodas aconteceram, o quanto o ensino remoto sobrecarregou e exauriu cada uma delas. Faltou organização e suporte por parte dos sistemas educacionais para capacitar e fornecer as condições materiais básicas para o desempenho das atividades docentes no contexto da pandemia. E mais uma vez, como é de costume em uma sociedade capitalista neoliberal, ficou a cargo do esforço individual prover os meios para que o ensino remoto acontecesse. A sensação geral, sem exceção, entre todas as professoras, foi de abandono e solidão. Fora isso, todas expuseram em suas falas a compreensão de que este modelo de ensino, além de ter sido implantado a toque de caixa, é totalmente injusto, pois não atende a esmagadora maioria de alunos e alunas pobres do nosso país.

Outra questão que também foi levantada – e para mim é algo muito caro e urgente a ser pensado – diz respeito às iniciativas onde acontecem uma maior aproximação e abertura da universidade para que a classe docente esteja habitando e participando dos seus espaços de saber. Essas atitudes, em específico o programa Pibid, que foi citado pela

Professora Sônia, a título de exemplo, aproximam a universidade do chão da escola e promovem um intercâmbio frutífero entre a teoria que se discute nos cursos de graduação e a prática pedagógica cotidiana. Portanto, penso e reafirmo que a universidade deve se empenhar mais no esforço de pensar a respeito dessas alternativas que promovam a aproximação, o acolhimento e o chamamento da classe docente para dentro dos seus espaços instituintes.

A última fala da professora Sônia que foi recortada e citada bem no final da apresentação dos resultados expressa bem o quanto os espaços coletivos proporcionam e provocam a formação.

Professora Sônia – (...) Ter esse diálogo com eles, e a gente trocar experiências, e eu acho que faz muito isso pro professor também. A gente aprende muito. Eu lembro que, conversando com a coordenadora do Pibid, eu falava pra ela que eles oxigenavam as minhas práticas, né? No sentido de que traziam essa nova, esse novo vigor, essa respiração né, no sentido de refletir sempre pra proporcionar novas coisas. Então eu queria – e isso me veio aí com a fala de vocês – e eu acho que a gente nunca pensa na formação continuada sendo esses diálogos, também, que a gente trava com os nossos pares. Não só na possibilidade de estágio, mas, também, em eventos acadêmicos – quem consegue participar – ou, então, em reuniões, né, de sindicatos ou de associações. Eu acho que isso também é importante mencionar.

Portanto, segundo a fala da Professora, esses espaços oxigenam e revitalizam as práticas pedagógicas, ajudam substancialmente no fazer docente cotidiano. Tanto no contato com os estudantes que integravam o Pibid quanto na especialização que fez, onde estive em contato com colegas da mesma rede de ensino. Enfim, sempre que se promove a coletivização por meio dessas ações, a classe docente ganha e a educação ganha mais ainda. Portanto, é no coletivo que eu acredito e deposito toda a minha esperança e a minha ideologia de que é possível encontrarmos saídas em meio ao caos que nos encontramos.

A classe docente sofre e padece ataques históricos no nosso país. É um dos grupos da classe trabalhadora mais injustiçados e que sofre sem cessar com os desmandos governamentais. A classe docente não é respeitada e é vista como profissionais de segunda categoria, onde o amor pela profissão justifica todo o tipo de dores das quais padece (PATTO, 2005). Muitos e muitas que escolhem o magistério como atividade laboral chegam à escola com esta mentalidade de que estão assumindo uma missão. Este pensamento faz com que professores e professoras acabem perdendo a noção de enraizamento social e histórico e, com isso, a sua combatividade enquanto classe profissional (GENTIL, 2021). Ademais, vivemos nos tempos do “Escola sem partido”, onde o conservadorismo e a ascensão da extrema direita, por meio de inverdades que inundam as redes sociais, transformaram as professoras e professores em inimigos nº 1

da sociedade (PASSOS & MENDONÇA, 2021). Vivemos, portanto, um momento muito triste onde a classe docente é alvejada de todos os lados. Desvalorizada em todos os aspectos, essa classe vem, aos trancos e barrancos tentando sobreviver e desempenhar minimamente o seu papel social nas unidades onde atuam. Uma classe profissional que é historicamente segmentada e dividida – de forma proposital e pensada – para o êxito do projeto do capitalismo neoliberal que tem desdém pela educação, principalmente a educação popular. Este panorama caótico provoca, instantaneamente, as sensações de desânimo, frustração e de que não há possibilidade de melhoras futuras.

Freire (1992) ao evocar a esperança, diante desse estado calamitoso em que se encontrava a educação, foi questionado. Disseram a ele que este comportamento, ou atitude, tendo em vista o contexto de crise profunda da educação que nos assola, era, no mínimo, um devaneio ou uma utopia. E assim como Paulo Freire “não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho” (p.5). A esperança, segundo ele, se converte, então, no ponto de partida para que possamos dar início às lutas substanciais em direção a transformação da educação e da existência em si.

Não quero dizer, porém, que, esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é o suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1992, p.5)

Portanto, assim como Freire tem a tradição de dizer/escrever as “primeiras palavras” antes de suas obras, precisamos da esperança para dar os primeiros passos em direção às transformações que virão logo após à longa jornada de lutas que devemos travar para chegarmos a um estágio melhor de existência. Sem esperança e sem luta coletiva não há mudança no mundo. A esperança é uma centelha, uma faísca talvez. Algo que pode parecer minúsculo ou insignificante de início, mas que tem uma enorme possibilidade de contagiar, de acender e de desencadear um processo de luz irreversível nas almas que ela toca. Logo, urge a necessidade de criarmos as condições para que essas células de esperança surjam e para que elas se tornem organismos inteiros, capazes de movimentar a existência de forma considerável.

Esta é a concepção/conclusão que eu particularmente tenho a respeito das rodas de conversa: células de esperança com enorme potencial para se tornarem os organismos capazes de executar as transformações que tanto almejamos para a classe docente e para

a educação como um todo. É só a partir das dinâmicas coletivas que conseguimos pensar as possibilidades, saídas e estratégias para as lutas sociais. Ao longo desses últimos anos, enquanto professor e enquanto pessoa humana, venho me nutrindo nos espaços coletivos. Neles eu tenho encontrado a esperança necessária para seguir lutando e acreditando na educação. Nesses espaços predominam o diálogo, as trocas, o acolhimento, a escuta, o afeto e a compreensão. Nesses espaços criamos o sentimento de identificação e, com isso, o aplacamos da solidão diante do pesado fardo que, por diversos momentos, sobrecarrega em demasia o peso da existência. São espaços de reabastecimento e de recomposição para seguir a viagem pelo caminho. Esta é a minha sensação ao passar pela experiência de realizar as rodas de conversa com essas cinco professoras e com o meu coletivo do NEIPE/UFF. É a partir deste tipo de ação/atitude que espero criar os movimentos instituintes para fazer acontecer a união da classe docente para que possamos fomentar a esperança em dias melhores para os professores e professoras deste país e para a educação como um todo.

Como ficou bem-marcado na fala da professora, e não só na fala dela, mas nas falas de todas e todos as/os participantes dos encontros, esses espaços são muito promissores e frutíferos. Não só para promover a formação continuada em sentido de melhorar e transformar as práticas de ensino, mas, também, para unir a categoria. O grupo em questão, como se pode ver, foi formado por docentes de diferentes áreas, lugares, instituições, redes e níveis do ensino, público e privado. O que prevaleceu, apesar das diferenças, foi a sensação e a certeza de que, em união, somos mais fortes e de que a luta não deve ser solitária e individual. Toda luta e toda batalha que se trava sozinha tem tudo para ser ingloria.

As rodas, mesmo em sua dimensão de micropolítica, provaram o seu grande potencial em ser semente, em ser promessa e em ser esperança. Portanto, onde há esperança existe a fé em novos possíveis futuros melhores. Essa experiência de reunir o meu coletivo com essas cinco únicas mulheres me causou grande contentamento e me fez constatar que existem caminhos sim para superar a (de)formação, para reivindicar aquilo que nos é garantido e que, ao mesmo tempo, nos é negado.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O memorial que compõe o primeiro capítulo dessa pesquisa, como ficou claro, é, além um registro da minha jornada enquanto professor da educação básica, um exercício de reflexão crítica sobre esta mesma jornada. Fazê-lo foi um divisor de águas e uma escolha de caminho que me levou para outros rumos de definição de objeto de pesquisa e estudo. Fazer este exercício crítico foi fundamental para mim não só pela finalidade da pesquisa, mas, acima de tudo, enquanto professor e enquanto ser humano que assume, a partir daí, um outro compromisso. Um novo compromisso com a vida, com a sociedade, com o meu trabalho – nas minhas práticas no chão da escola – e com a classe profissional da qual faço parte. Acredito que seja este o ponto fundamental e central dessa pesquisa: pensar sobre como ela aconteceu em mim e no que ela pode acontecer para o coletivo social em que me insiro. Tem sido muito prazeroso e intenso fazer, dia após dia, esta ressignificação e a constante redescoberta de novas perspectivas que a pesquisa pode abranger e oferecer. E quanto mais eu vou revisitando meus passos, quanto mais tomo distância deles, novas possibilidades vou descobrindo. Um dos mais recentes e óbvios aprendizados que tive neste processo é de que a pesquisa não é finita e não se esgota. Dentro de um mesmo corpo existem muitas outras janelas que oferecem pontos de vista diferentes para olhar uma mesma paisagem. Ou, talvez, por pressa, ou falta de atenção, não ficamos o tempo suficiente e necessário naquela exata janela para dar conta de toda a multiplicidade de detalhes que ela oferta para contemplar o horizonte. E este último, é sempre imenso, jamais esgotado pelos olhos humanos.

Também acho necessário e urgente mencionar que esta pesquisa foi escrita e produzida aos finais de semana, durante meus períodos de férias no tempo que me sobrava após a minha jornada de trabalho. Este fato tem muito significado e fala por si só, levando em conta toda a problemática existencial que a pesquisa discute. Palavras que brotaram por entre as frestas e possibilidades que consegui, a duras penas, abrir para poder falar e não ser mais um a ser silenciado.

Sou um professor, um trabalhador, assim como tantos outros e outras trabalhadoras e trabalhadoras, que estão inseridos na lógica de uma sociedade capitalista neoliberal. Uma sociedade marcada pelo individualismo, pela ideia da meritocracia, pelo machismo, pela exploração da maioria, pelo roubo do tempo e por tantos outros males que oprimem, violentam, agridem, adoecem e matam uma infinidade de vidas ao longo da história. Todos esses males são camuflados pela cegueira da alienação, como venho

discutindo. Sair deste lugar de alienação, para começar a enxergar todas essas mazelas, requer este exercício de crítica e reflexão. Um exercício constante, pois o sistema vem se reformando constantemente para sustentar a mentira liberalista que a burguesia vem contando ao mundo desde 1789 com a Revolução Francesa para explorar a maioria e se manter no poder. Uma mentira que reverteu a ordem social e que vem garantindo o seu triunfo e a sua hegemonia na hierarquia das classes (HOBBSAWN, 2020). A fajuta ideia de que as oportunidades são iguais para todas e todos. Portanto, é preciso pensar os indivíduos e as instituições sociais inseridos dentro dessa lógica. Não há como separar a parte do todo. Não há como pensar o corpo e o indivíduo desconectados da existência histórica e material.

O pensamento pedagógico crítico que, segundo Gadotti (2003), ganha corpo e forma a partir dos anos 1970, percebe e entende a escola enquanto uma instituição que reproduz a dinâmica da sociedade. Segundo o autor, as obras dos pensadores dessa escola de pensamento tiveram grande influência no pensamento pedagógico brasileiro erigido na mesma década. Portanto, não há como desvincular a escola – e aquelas e aqueles que nela atuam – do todo da sociedade. A escola, e as relações que se desenrolam em seu interior, têm seu ritmo fortemente influenciado pela cadência econômica, social, cultural e filosófica da sociedade capitalista neoliberal. Por isso, antes de chegar na escola e nos indivíduos que ela contém e comporta, me propus a refletir a existência onde gravitam esta instituição e essas pessoas. Aqui, em específico, para os interesses dessa pesquisa, indivíduos que compõem a classe docente.

Portanto, estes foram os caminhos escolhidos por mim para chegar até aqui. Foi necessário pensar criticamente sobre a existência antes de discorrer sobre a (de)formação especificamente. E sendo insistente – e talvez repetitivo – não há como pensar a formação de professores e professoras sem antes trazer o contexto histórico, cultural, social e econômico que a produz. Esta (de)formação, carente de consciência crítica, atende a interesses econômicos e sociais bem explícitos. Ela reproduz uma prática docente que perpetua as desigualdades e emperra as possibilidades de transformação e justiça social.

E como venho insistindo, essas práticas são fortemente comprometidas com a lógica capitalista, burguesa e neoliberal. Uma lógica que traz em seu bojo a ideia da meritocracia e de que existe igualdade de oportunidades para todos. Uma lógica que isenta o sistema social de toda a culpa pelas mazelas e pelas injustiças sociais e a faz recair sobre os ombros dos indivíduos. Estes ou estas são condicionados a pensar que são os/as únicos/as responsáveis pelo seu sucesso ou, na grande maioria das vezes, seu fracasso.

É inserida neste contexto que a escola comparece, enquanto instituição social, que tem como função socializar aos/às discentes o conhecimento humano produzido nas diversas áreas do conhecimento para prepará-los/las para a vida em sociedade e para o desempenho de suas atividades laborais que, no futuro, proverão os seus meios materiais de existência. Portanto, reside dentro da escola a potência

Visto isso e a partir de tudo que foi discutido ao longo dessa pesquisa – através dos/das autores/as utilizados/as e das vozes cansadas e exaustas das professoras participantes de nossas rodas – podemos, enquanto coletivo a serviço da educação, da sociedade e da classe docente ousar propor a continuidade destas rodas, num formato de ações universitárias extensionistas, como possibilidade de formação continuada e acolhimento para professoras/es.

As seguintes palavras, retiradas de uma das falas da Márcia Fitaroni, professora e pesquisadora do NEIPE/UFF, que esteve participando ativamente comigo nas rodas, definem bem a essência desse tipo de ação/atitude e o que isso pode causar de modo prático e efetivo nas vidas que se encontram em conversa, afeto e acolhimento.

Mediadora (Márcia) – (...) E esse grupo, realmente, a gente consegue isso. A gente ver que eu não tô sozinho, que tem mais alguém na luta comigo, tem alguém que, pelo menos, pode ver ouvir. Que às vezes a gente precisa só de uma escuta, de compartilhar experiência, não é? Alguém que nos ouça, que saiba do nosso sofrimento. Então, esse grupo eu acho muito legal, essa roda de conversa porque a gente tá tendo esse contato com outras pessoas que sofrem da mesma coisa que a gente sofre. Então, quem sabe a gente consegue pensar junto alguma coisa que nos auxilie, que facilite esse trabalho que a gente vem enfrentando e tendo experiências que a gente pode trocar? Eu acho que isso é muito importante. Principalmente pra minha pesquisa é, assim, um campo riquíssimo! Porque eu tô assim... me nutrido de muitas coisas, muita leitura boa, de visões de outras pessoas, assuntos que eu não tinha conhecimento. (...)

Em meio ao caos da desesperança pudemos encontrar um possível caminho, uma fresta para acender a esperança há muito apagada e esvaziada nas almas cansadas e ressequidas pela exploração do capital. É a partir desses espaços e dessas atitudes que esperamos unir forças, formar e capacitar a classe docente para que ela possa sair desse lugar de silenciamento e tomar para si a condição de sujeitos que questionam e exigem aquilo que lhes é de direito. Pois como afirma Arroyo (2014):

A tomada de consciência dessas populações mantidas por séculos sem direito a ter direitos ao teto, à terra, à saúde, à escola, à igualdade e à cidadania plena se fazem presentes em ações e movimentos, em presenças incômodas que interrogam o Estado, suas políticas agrária, urbana, educacional. Interrogam a docência, o pensamento pedagógico, as práticas de educação popular e escolar. (ARROYO, 2014, p.9)

Esta pesquisa é, portanto, a quebra desse silenciamento. Ela é, como citado anteriormente, um manifesto e mais uma ocupação coletiva do NEIPE/UFF. E assim como definimos nas primeiras palavras da obra *Fraturas Expostas Pela Pandemia: Escritos e experiências em educação*:

(...) Ocupamos para não sucumbir, para não desaparecer. Ocupamos para não desaparecer. Ocupamos este espaço e o tomamos por terra fértil às denúncias do que experienciamos neste momento. Escritos e experiências que expõem fraturas, dores, angústias. Escritos de/por aquelas e aqueles sem-direito-de-parar. (INSFRAN *et. al*, 2020, p.12)

Que este manifesto ecoe e reivindique de volta para nós tudo que nos foi tirado pelo capital e que o direito de nos reconhecermos e nos realizarmos plenamente por meio do nosso trabalho seja restabelecido pela força da luta coletiva.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; LOPES, Juliana Silva. “A culpa é sua”. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.53-73, mar. 2006.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. – Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 12.056/09. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112056.htm Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 12.793/13. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1 Acesso em: 03 fev. 2022

BBC NEWS. Por que enaltecemos os workaholics? **BBC News**. 2 de jul. de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-57314657> Acesso em: 01 mar. 2022.

BRASIL DE FATO. Alunos estão sendo enganados com o Novo Ensino Médio, afirma pesquisador e professor. **Rádio Brasil de Fato**. 24 de jan. de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/24/os-alunos-estao-sendo-enganados-com-o-novo-ensino-medio-afirma-pesquisador-e-professor> Acesso em: 01 fev. 2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUM, E. Exaustos-e-correndo-e-dopados. Na sociedade do desempenho, conseguimos a façanha de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo. **EL PAÍS**. 04 jul. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html . Acesso em: 21 jul. 2021.

CASTRO, K. R. R. **Formação continuada de professores em tempos de pandemia: empoderamento, resistência e possibilidades**. In: INFRAN, F. F. N. *et al* (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Campos dos Goytacazes (RJ): 2020, p. 102-117.

CASTRO, Karina R. Rosa. (2019). **A formação continuada de professores dos cursos de licenciatura: identidade, desafios e perspectivas**. Mestrado em Ensino. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense.

CHECCHIA, A. K. A. & SOUZA, M. P. R. **A disciplina Psicologia da Educação na formação de professores**. In: CAMPOS, H. R., Souza, M. P. R., & Facci, M. G. D. (Orgs). *Psicologia e Políticas Educacionais*. 1. ed. Natal: EDUFRN Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 2016, p. 295-323.

CHECCHIA, A. K. A. **Contribuições da Psicologia Escolar para a formação de professores: Um olhar para a disciplina Psicologia da Educação**. 1. Ed. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: limites, devir e incompletude**. In: _____. *O sujeito encarnado. Questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

EXAME. Aumento para professores: de onde veio a lei e até onde vai a discussão. **Revista Exame**. 28 de jan. de 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/aumento-para-professores-de-onde-veio-a-lei-e-ate-onde-vai-a-discussao/> Acesso em: 01 de fev. de 2022.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam. 9 ed. São Paulo: Cortez Editora / Editora Autores Associados, 1985

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

G1. Dia dos Professores: veja ranking com média salarial oferecida em cada estado. **Portal G1**. 15 de out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/15/dia-dos-professores-veja-ranking-com-media-salarial-oferecida-em-cada-estado.ghtml> Acesso em: 04 fev. 2022

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática, 2003. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2787>

GARCIA, Renata. A escuta ensina quem sabe ouvir. *In*: INFRAN, F. F. N., NEGREIROS, F. e GOMES, J. S. (Orgs). **Fraturas Expostas pela Pandemia: conjugando juntas o verbo esperar**. EDUFPI/FAPERJ: 2022, p. 176-209.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GENTIL, Plínio. **A escola-empresa e o professor gratiluz, por Plínio Gentil**. GGN: **O Jornal de Todos os Brasis**. 23 de ago. 2021. Disponível em: https://jornalggm.com.br/editoria/cidadania/a-escola-empresa-e-o-professor-gratiluz-por-plinio-gentil/#_ftn1 Acesso em: 03 mar. 2022.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **O Aroma do Tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora**. Portugal: Editora Relógio D'Água, 2016c, 144 p. (Coleção Antropos).

HAN, Byung-Chul. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. *Cultura*. **El País**. 22 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html> Acesso em: 07 jul. 2021.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 44.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOBBSAWM, E. J. **A era do capital**. 30.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

INFRAN, F. F. N. A formação de professores num contexto neoliberal: como resistir? *In*: LEMOS, F. C. S. *et al* (Orgs). **Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos da educação, saúde e direitos**. V. 7, 1. ed. Curitiba: CRV, 2017, p. 191-198.

INFRAN, F. F. N.; PRADO, A. P.; FARIA, S. E. F.; LADEIRA, T. A.; SENTINELI, T. A.; BARCELLOS, W. **A pandemia da COVID-19 como vitrine da precarização do trabalho docente e da educação: desafios para o ensino em uma democracia fragilizada**. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 6 -N. Especial II –p.166-187(jun -out 2020): “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”. DOI: 10.12957/riae.2020.52309

INSFRAN, F. F. N. *et al* (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação.** Encontrografia. Campos dos Goytacazes (RJ): 2020

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Coleção: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça: refutação do direito ao trabalho de 1848**/Paul Lafargue; tradução, apresentação e notas Alain François. – São Paulo: Edipro, 2016.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx.** 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

PASSOS, Pâmella. **O professor é o inimigo: uma análise sobre a perseguição docente no Brasil.** Pâmella Passos, Amanda Mendonça. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

PATTO, Maria Helena Souza (Org.). **A Cidadania Negada: políticas públicas e formas de viver.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia.** 4. ed., revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2015.

PATTO, M. H. S. **Exercícios de Indignação: escritos de educação e psicologia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **Nossa Escola é uma calamidade.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

RIO DE JANEIRO. Decreto 2.479, de 08 de março de 1979. Aprova o Regulamento do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/decest.nsf/968d5212a901f75f0325654c00612d5c/2caa8a7c2265c33b0325698a0068e8fb> Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Decreto 155, de 30 de junho de 1975. Dispõe sobre afastamento de funcionário para estudo ou missão no exterior ou em qualquer parte do Território Nacional e dá outras providências. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/decest.nsf/5f26f86a751527ae032569ba00834b5f/5cf0921c5b7feacd03256b6d0068bee8?OpenDocument> Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Lei n. 155, de 22 de agosto de 1977. Altera dispositivos do Decreto Lei n. 155, de 30/06/75, e dá outras providências. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/b24a2da5a077847c032564f4005d4bf2/0ca8251815e2746032565a30072ff76?OpenDocument> Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Lei n. 5539, de 10 de setembro de 2009. Majora vencimentos básicos dos integrantes das categorias funcionais que menciona, determina a absorção pelos vencimentos-base da gratificação criada pelo Decreto n. 25.959, de 12 de janeiro de 2000,

Institui Adicional de Qualificação para os servidores de que trata a Lei n. 1614, de 24 de janeiro de 1990, nas condições que menciona e dá outras providências. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/CONTLEI.NSF/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff/f9d9c199d86bdbfd83257631005e3302?OpenDocument&ExpandSection=-5> Acesso em: 03 fev. 2022

_____. Decreto n. 41.668, de 03 de fevereiro de 2009. Delega Competências à Secretaria de Estado de Educação e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 04 de fev. 2009.

_____. Resolução SAD n. 2.400, de 15 de julho de 1994. Institui novo Manual de Agente de Pessoal. Disponível em: http://www.silep.planejamento.rj.gov.br/resolucao_sad_2_400_-_150794.htm Acesso em: 03 fev. 2022

SENTINELI, T. A. e INSFRAN, F. F. N. Famílias, docentes e escolas na pandemia: do contato à relação. *In: INSFRAN, F. F. N. et al (Orgs). Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação.* Campos dos Goytacazes (RJ): 2020, p. 118-136.

SENTINELI, T. A. *et al.* Alienação e (r)existência em meio à pandemia: reflexões sobre vivências docentes e necropolítica. *In: INSFRAN, F. F. N., NEGREIROS, F. e GOMES, J. S. (Orgs). Fraturas Expostas pela Pandemia: conjugando juntas o verbo esperar.* EDUFPI/FAPERJ: 2022, p. 176-209.

SEPE/RJ. Veja boletim da Rede Estadual com tabelas da recomposição dos salários em janeiro de 2022. **SEPE/RJ.** 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.seperj.org.br/veja-boletim-da-rede-estadual-com-tabelas-dos-salarios-reajustados-em-janeiro-de-2002/> Acesso em: 06 fev. 2022

SOUSA, V. Han, B.C. (2016). **O aroma do tempo. Um ensaio filosófico sobre a arte da demora,** Comunicação e sociedade [Online], 35 | 2019, posto online no dia 28 junho 2019, consultado o 02 outubro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cs/815>

ANEXO
TRANSCRIÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA

Rodas de Conversa – 1º encontro (23/06/2021)

Transcrição

Mediador (eu) - Então vamos lá! Então boa noite a todas, todos e todes, né? Nós somos aqui do NEIPE, eu sou o Tiago, sou de Miracema é... sou mestrando no programa, no PPGEn, mestrando em Ensino, orientando da Fernanda e nós estamos aqui hoje nessa roda de conversa, né, com vocês para dar continuidade à pesquisa “Professores na Pandemia” que o grupo de pesquisa vem desenvolvendo desde abril e maio de dois mil e vinte. E eu, particularmente, devido a minha pesquisa, que é sobre a formação e a (de)formação de professores, que inclusive é um dos eixos de interesse dentro do nosso grupo de pesquisa né? É discutir as questões que atravessam a formação e, de forma crítica, né, de forma é... orientados pela psicologia, pela pedagogia escolar, na sua perspectiva histórico-crítica, né, trazer essas questões que a atravessam. E a minha pesquisa, ela resolveu também, eu resolvi me apropriar um pouco né? Tomar esses dados, essas falas de vocês, professoras e professores que responderam a nossa pesquisa. Porque, assim, eu cheguei à conclusão que esses espaços, né, de coletivização, onde a gente se encontra, onde a gente se escuta, onde a gente se apoia, onde a gente se acolhe, onde a gente se vê uns nos outros e umas nas outras, são espaços que ajudam a gente a lutar pela nossa classe, são espaços, também, formativos, né, de formação continuada, que às vezes, por conta dos atropelos da vida, a gente, de repente, teve uma formação de foi um pouco precária em certos conteúdos. Assim... no entendimento crítico do processo de ensino-aprendizagem. Não é uma educação, uma formação que tem como base educação sócio referenciada. Então, no final da minha pesquisa, né, que ainda está em andamento, eu coloquei como sugestão a gente realizar essas rodas de conversa com esse objetivo de fortalecer a formação e criar esses espaços com esse objetivo, né, de ter formação continuada, de propiciar esse apoio, esse afeto, essa escuta, né, que, acima de tudo, a gente está precisando nesse momento tão crítico de pandemia. Dialogar, se apoiar, se acolher. Outro dia, num um evento aqui do INFES, até a Fernanda comentou, né, que nunca, em tanto tempo, essa palavra né, coletivo, ela fez tanto significado. Tanto para mim quanto para nós todos aqui e todas do grupo; e que todo mundo tem que encontrar um coletivo para chamar de seu né? E como aquela música né? Acho que a Marina Lima gravou e o

Ney Matogrosso também gravou também, que é “um homem para chamar de seu”, mas “um coletivo para chamar de seu” né? Então, encontre um coletivo para chamar de seu, para se apoiar, porque eu acho que... acho não né? Tenho certeza! Porque para mim foi muito é... de muita valia né, de muita, de muita assim... eu não tenho como, as vezes faltam até um pouco das palavras para definir o quanto o grupo de pesquisa, o quanto esses espaços foram importantes para mim enquanto professor, o quanto esses espaços me abriram os horizontes e o quanto eu pude me reconhecer né, pertencente a um grupo, pertencente a uma classe, o quanto eu pude, também, revisitar as minhas práticas né? Então, a gente não tá aqui como especialista, como alguém que quer diagnosticar nada, como alguém que quer apenas observar comportamentos, ou constatar, ou não, hipóteses. A gente tá aqui como aliado. Aliados e aliadas de vocês né, professoras e professores da nossa educação e, assim, acima de tudo, a gente quer fazer desse espaço, além de um espaço de pesquisa, um espaço de acolhimento. Acho que é o primeiro ponto que a gente tem em mente, né, que é, assim, onde eu vislumbro essa função do coletivo. E, assim, grupo, né, o que é fazer parte de um grupo? O quê que é estar num grupo? É sentir parte de alguma coisa, é se sentir acolhido. E isso assim, foi fundamental para nós nesse momento de pandemia, onde a gente começou a se sentir agoniado né, por conta do ensino remoto né? E, numa reunião, lá em março, início de abril de 2020, a Fernanda sugeriu e a gente começasse a rascunhar alguns dos nossos, das nossas inquietudes, das nossas urgências, alguns dos nossos sofrimentos, algumas das nossas fraturas, das nossas dores e, com isso, surgiu essa pesquisa que a gente tá aí nessa terceira fase. E de pronto eu quero agradecer a participação, né, de vocês que estão conosco aqui hoje. Tanto você a Ana quanto a Rose, tá? E agora vou deixar que vocês se apresentem né? Que, também, eu já falei um pouco demais. O pessoal do grupo deve se apresentar também, e nós queremos que vocês se apresentem também.

Professora Ana – Eu posso começar? Porque, de repente, no final, né, que eu vou ter que sair os dez minutinhos antes de entrar na minha aula.

Mediador (eu) – Tudo bem Ana.

Professora Ana – Então, eu sou professora do Instituto Federal Fluminense, aqui no campus centro. Eu gosto já, há bastante tempo. Eu me aposentei e retornei porque eu tô no curso de estradas. É um curso um pouco difícil assim de ter procura e aí surgiu essa oportunidade. Então eu tô na escola como professora desde oitenta e um. Então eu tenho

já quase 40 anos (risos) de escola. Mas, eu sempre assim... gosto de participar, gosto de... me interesse pelas, pelos cursos, de estar atualizada, de estar participando, e eu vi assim... essa oportunidade de estar aqui com vocês, de poder participar e de poder até também ajudar os meus professores. Eu tô atualmente como coordenadora também. Então eu gostaria muito de alguma forma contribuir e, também, essa troca que é importante nos grupos, principalmente de pessoas assim variadas né, que tem várias formações. Então é isso.

Mediador (eu) – Obrigado Ana!

Professora Rose – Oi! Boa noite a todos! Meu nome é Rose, moro em Itaocara, sou professora da rede estadual do Rio de Janeiro e trabalho em duas escolas de regionais diferentes. Já falei né? Eu trabalho com as disciplinas de Química, Física e agora Geografia. Fiz uma graduação em Geografia. A própria necessidade né? Por que na rede estadual o salário é tão baixo que infelizmente né? Eu gosto muito de trabalhar e eu sempre gostei dessa área, mas vem da necessidade, vendo que às vezes a minha própria área de Química e Física estava assim... mais estrita. Então eu fiz a graduação em geografia para buscar outras oportunidades de emprego né? Fiz um mestrado em ensino de Física no IFF, Campus Centro, terminei ano passado e estou buscando uma vaga no doutorado na UENF. Particpei de uma entrevista na semana passada e estou na expectativa, muito ansiosa, esperando a minha nota para ver se eu consigo, em nome de Jesus! Gosto assim, muito de estudar, de sempre estar me aperfeiçoando. Sempre estou fazendo cursos. Sempre também gosto de participar quando alguém envia assim questionário para participar, eu gosto. Da mesma forma que eu precisei né, quando eu estava cursando o mestrado, a graduação. Então eu vejo né, quanto as pessoas precisam e o quanto é importante né a participação. E como né educadora a gente vê que a situação está cada vez né mais difícil. A desvalorização profissional de nós, professores, é muito grande e eu sempre sonhei ser professora, sempre. Eu sempre busquei isso gosto, do que eu faço, amo que eu faço. Mas em certas situações a gente fica um pouco assim bem abalado. Porque, além da desvalorização financeira, e isso mexe com a gente infelizmente, porque as contas elas chegam no final do mês, e quando você vê que não dá para pagar, você fica, né, atordoado. Tem também que, às vezes, assim a gente parece que o professor nunca tem problema, só o aluno. Então a gente tem que sempre entender a visão do aluno, a situação dele, mas e a gente, nós, professores? Então essa questão da pandemia, quando começou, você vê, no primeiro mês, eu moro na zona rural e a minha

internet aqui é a rádio. Então, meu rádio queimou, eu tinha que trabalhar e só para comprar um rádio aqui é setecentos reais. Aí, quer dizer, eles não querem saber se eu tenho disponibilidade de dinheiro para pagar. Querem saber que eu tenho que dar aula. Então eu tive que arrumar um dinheiro para comprar um rádio, porque eu tinha que trabalhar. Aí o celular ruim porque antes eu nunca liguei muito para essa parte tecnológica. No final do ano, de tantos grupos, de tantas mensagens de grupo de aluno, meu celular deu defeito. Tive que comprar. Então, quer dizer... você tem que se ajeitar, você tem que dar o seu jeito, porque o governo não quer saber e, infelizmente, a escola também não quer saber. Quer saber que você tem que atender o aluno 24 horas. Porque é 24 horas! Porque é noite, é domingo, é sábado e ninguém respeita nada. Hoje tinha uma discussão sobre isso e eu ainda não viu o auxílio tecnológico. Eu sei é que meu computador tá quase dando defeito também. Então, mas são situações que infelizmente a gente vivencia. A meu ver, eu que tenho pouco tempo de Estado, eu não vejo melhoria. Não tenho, infelizmente, hoje, a expectativa de que a situação algum dia vai melhorar. Não vejo isso. Porque a cada ano que passa só vejo piorar. Então, infelizmente isso aí nunca vai melhorar. Mas, esse é um reflexo da nossa sociedade né? A sociedade que não quer crescimento, não vê a importância da educação, não sabe escolher seus candidatos, aplaude para qualquer besteira que é falada. Então, infelizmente meu filho, quanto a sociedade inteira faz isso, como que você vai melhorar? Porque a única forma de nós melhorarmos nosso país, a nossa economia, né, a sociedade de uma forma geral, é na educação. Quando não se investe em educação nunca tem melhoria. Infelizmente. Mas eu não gosto né? Nunca ficar por trás. Eu gosto de sempre avançar, melhorar a minhas ideias. E a única forma da gente né ter esse crescimento é estudando e se aperfeiçoando. É por isso que eu tô sempre buscando, que e eu vejo quem sabe né? Às vezes um dia eu vou alcançar espaço maior, um degrau maior, em nome de Jesus. Em vista do que eu já fui, graças a Deus eu vejo o quanto eu já cresci. E tem coisas que o dinheiro não paga. Eu falo que conhecimento, o nosso crescimento social, a nossa mente. Isso dinheiro nenhum e ninguém tira. Então quanto é bom, né, a gente nem aprender e tem uma outra visão né? Uma outra forma de pensar, de analisar o mundo né? E isso se a gente só se adquire, né, com conhecimento, estudando, lendo bastante. É por isso que eu estou sempre buscando.

Mediador (eu) – Tá joia! Obrigado Rose! Só fazendo uma interrupção aqui, antes do pessoal falar. Depois a gente pode disponibilizar também os certificados dessa

participação de vocês conosco aqui, de vocês duas que estão aqui hoje conosco. Então a gente pode disponibilizar esse certificado também, tá joia?

Mediadora (Fernanda) – Eu acho que eu vou me apresentar então. Meu nome é Fernanda e eu sou professora da UFF há 8 anos, trabalho no Campus de Santo Antônio de Pádua, que foi para onde eu fiz o concurso, né, e tem seis anos tem seis anos que eu atuo também na pós-graduação é que a gente tem né no nosso campus, que é o programa de pós-graduação em ensino, onde Tiago tá fazendo mestrado, Paulo também e por onde já passaram quase... nem sei... mais de cem pessoas eu acho. A gente está no sexto ano. Enfim, a gente já tem contribuído para formar mestres do interior, né, que é uma coisa muito legal. A Rose tá falando, né, do doutorado na UENF. E a gente tem poucos campus que oferecem pós-graduação *stricto sensu* na região Norte e Noroeste, e é muito importante a gente ter esses espaços pra que principalmente, né, falando da educação para que nossos professores e professoras possam ter oportunidade de se capacitar, né, próximo de onde moram, de onde trabalham. Porque até muito pouco tempo atrás a gente só tinha isso nos grandes centros. E muito complicado né? Sair de Campos, sair de Itaocara, sair de Miracema para ir para o Rio, para Niterói para fazer um mestrado, um doutorado. Eu tenho até uma orientanda agora que tá fazendo doutorado em Niterói, que trabalha em Pádua e mora em Miracema. Então ela tá aproveitando o remoto para fazer as disciplinas para ver se quando acabar a pandemia ela já tenha feito as disciplinas e ela não vai precisar ficar indo para Niterói toda semana né? Porque fica muito pesado. Mas a gente tem né, como Tiago falou, a gente tem discutido essas questões da pandemia, né, e da educação e a educação na pandemia, porque é algo que tá totalmente atravessado ao nosso trabalho. O Tiago é professor do Estado, professor de escola particular, Paulo também, a Kathiany trabalha com a gente na UFF. Então a gente, todos nós aqui e vocês também, né, Ana e Rose. A gente foi atropelada pela pandemia. Assim... de repente veio, e uma coisa meio que do dia para a noite e mudou tudo né? Aí, e como a Rose estava falando né? Ela disse que não era muito ligado em tecnologia. Eu até era mas nunca me imaginei tanto tempo trabalhando na frente de telas. Não é uma coisa saudável. A maioria dos professores e professoras têm se queixado inclusive de e mais problemas de saúde que já tinha, né, porque tem, a gente sabe que tem muitos professores e professoras que tem adoecido por conta da situação mesmo de precariedade, né, do trabalho. Principalmente quem trabalha em escolas de municípios e estados. Como a Rose falou a gente tem uma desvalorização, inclusive financeira, muito forte né? Salários muito

baixos, o piso salarial nacional que tá, enfim, achatado há décadas, né, que a gente não tem uma valorização real desses profissionais. Então tudo isso contribui para o adoecimento, né, que a gente tem visto a olhos nus dos nossos colegas, nossos companheiros. E a gente tá buscando, né, assim. Acho que a universidade ela precisa se aproximar cada vez mais de quem tá na ponta né, dos profissionais da ponta. Seja na saúde, seja na educação, em outras áreas para que a gente possa sustentar as políticas públicas. Porque sozinhos esses profissionais eles não vão conseguir fazer frente a tantos desmontes e tantas né, cada vez mais dificuldades que a gente tem vivido por conta de estarmos inseridos num modelo que quer fazer de fato né um enxugamento do Estado e detonar com o pouco que a gente conseguiu avançar em termos de políticas públicas em educação. Então a gente precisa né tá muito unido e próximo para poder pensar junto né? Não é como o Tiago falou, eu não vejo no papel da Universidade como daqueles que tem, enfim, um saber a mais, ou que são especialistas, e que vão ditar as regras e dizer o que os professores e professoras tem que fazer. A nossa intenção, né, e eu vejo isso também em outros grupos de pesquisa e em grupos de trabalho, é construir junto. A gente precisa se aproximar para conhecer essa realidade, para saber. Ouvindo a Rose eu fiquei muito tocada pensando, né, no como esse cotidiano difícil vai minando inclusive esse, né, esse amor pela docência. Toda uma ideologia, né, que a gente cria quando começa a trabalhar com educação, que é uma profissão historicamente muito importante, né. Já não é de hoje, enfim, na história do mundo a gente sabe como é importante termos professores para abrir os nossos horizontes. Abrem janelas de possibilidades pro mundo. E todo mundo tem. É a profissão pela qual todo mundo passa, né, por um profissional de educação e que marca né? São marcas boas, às vezes marcas ruins. Mas a gente sempre lembra. Não tem uma pessoa que não lembre de algum professor ou professora marcante da vida. E assim, a gente precisa resgatar esse... essa... Não só o nosso valor social, né, que é uma coisa que, dentro dessa lógica que a gente vive, eu acho que ela tem contribuído muito para a gente ir perdendo esse lugar de importância na sociedade. Uma lógica meritocrática, uma lógica individualista. Isso acaba minando, né, de certa forma, esse papel tão importante do educador e da educadora. Bom, eu estou falando muito. Deixa outras pessoas aí se manifestarem.

Mediador (Paulo Afonso) – Então eu vou entrar na roda. Meu nome é Paulo, eu o moro em Itaocara há 12 anos, e conheci o município justamente para atuar como professor aqui no município. Tinha acabado de me graduar em 2006. Em 2009 então eu comecei a

trabalhar no Estado. Tenho duas matrículas, dois vínculos, trabalho em duas escolas de roça. Desculpa o barulho aqui. Em uma como regente e na outra como orientador educacional. E aí eu me vi muito na fala da Rose né? E quando eu cheguei em Itaocara, eu passei meses tirando dinheiro do bolso para poder pagar para trabalhar aqui, até conseguir me estabilizar. Fiz muita GLP. Muita, muita, muita GLP mesmo. Trabalhei nos dois primeiros anos em 5 escolas diferentes né, inclusive em dois municípios. Sem ter condução, dependendo do Brasil, que atrasa toda hora. Vivia chegando atrasado nas escolas por conta disso. Recebi ajuda de outros colegas professores onde eu dormia na casa deles, fazia refeições na casa deles. A direção da escola chegou a me oferecer o vestiário da escola para que eu pudesse dormir, tomar banho e ficar no final de semana e não precisar voltar para casa para economizar uma grana, né? Até aos poucos ir conseguindo construir um espaço aqui dentro do município, ter a minha a minha casa, né, ter a minha família, viver aqui com meu companheiro que é parte muito importante nesse processo todo. E aí é engraçado a gente discutir isso, e falar disso, porque a importância dessa roda é tão grande né? Porque às vezes a gente acha que a gente passa perrengue sozinho né? E quantas são as semelhanças na jornada de cada um dos professores que a gente encontra pela vida né? E saber que mesmo assim a gente acaba se acostumando com tanta precariedade no nosso trabalho e com tanto desrespeito que a sociedade impõe para gente né? E, se nós somos tão importantes assim na formação das pessoas, por que que nós somos os primeiros a sermos acusados por destruir sonhos, por acabar com projetos, por semear discórdia ou então interesses supostamente políticos na cabeça e na vida dos nossos alunos? Quando, na verdade, a gente só quer abrir a janela do mundo para eles para que eles possam decidir o que a vida pode fazer por eles né? E, apesar de tudo isso, eu não me vejo fazendo outra coisa não ser dar aula. A sala de aula é o que me realiza. Olhar e ver os meus alunos é o que me faz bem. Apesar dos dois primeiros anos terem sido para mim, assim, a prova de vida né? Porque eu quis abandonar. Eu quis abandonar sim. E foi justamente meu companheiro, que conversando muito comigo, falando muito sobre essas questões, que me ajudou a mudar de ideia e seguir na carreira. E acho que foi a melhor coisa que ele fez por mim. E quando a gente a gente pensa na necessidade de conversar sobre essas questões, eu acho que não há importância maior do que a troca de experiências que, justamente porque essa talvez seja uma forma da gente voltar a se reconhecer como classe né? E se reconhecer como classe faz com que a gente possa se impor diante da sociedade, resgatar o valor que a gente tem e fazer com que as pessoas voltem a nos respeitar como profissionais dedicados que somos né? Porque diante

de tanta coisa ruim que acontece a gente ainda permanece, a gente ainda persiste e luta por tudo aquilo que a gente acredita ser fundamental dentro da sala de aula. Ah, eu trabalho com Filosofia e Sociologia. Mas assim, também, igual a Rose, também já peguei outras disciplinas para conseguir manter um espaço dentro da escola. E agora muito temeroso né? Com essa nova grade que vem para o ano que vem né? Será que vamos sobrar? Não vamos? Vamos perder lotação? Não vamos? Enfim, tá até rolando paralelo agora uma assembleia do nosso sindicato né? Discutindo justamente essa questão por conta dessa nova orientação da secretaria, né, de reabrir escolas. De semana passada para cá são mais de quarenta cidades que voltaram a ter direito de abrir as portas para os alunos e espalhar conhecimento ou espalhar terror né? Com medo da gente levar a doença para dentro de casa.

Mediadora (Fernanda) – Kathiany quer falar um pouquinho?

Mediadora (Kathiany) – Boa noite! Vou abrir aqui a câmera. Deixa eu ver. Eu acho que não abriu não. Abriu?

Mediador (eu) – Abriu.

Mediadora (Kathiany) – Eu vou falar rapidinho né? Eu sou Katiane, sou secretaria do curso de pedagogia, na UFF de Pádua, e sou graduanda em serviço social e sou apaixonada pela pedagogia né? E faço minhas as palavras dos colegas. Então aí é mesmo pelo que a Rose tava comentando né? Pelo encanto, pela vontade de mudança. Porque não é fácil né?

Mediador (eu) – Nossa! Muito bom ouvir o Paulo. Até assim, hoje eu fiquei sabendo coisas que até então eu não sabia né? E chegou a cair um olho aqui no meu cisco, né? A gente tem que ter assim... muito orgulho né? Vi a Ana parabenizando o Paulo, parabenizando a gente pelas nossas jornadas. E eu também não me vejo fazendo outra coisa e, assim... depois que eu – veja bem – eu tenho onze anos de Estado, e só de 2018 para cá que eu passei a me entender como um professor de fato situado, dentro da profissão, a partir do momento que eu comecei a ocupar esses espaços coletivos né? Esses espaços de Formação, quando eu tentei, pela primeira vez, o processo seletivo não consegui né? Fiquei nervoso na hora da prova. Aí a Fernanda mandou o e-mail e falou “olha, eu vou oferecer uma disciplina optativa. Mesmo que vocês não tenham sido aprovados, eu gostaria muito de contar com a presença de vocês para gente dialogar, para apresentar alguns textos, algumas leituras. E isso me foi assim muito fundamental, porque a partir dali me abriu demais os horizontes. A partir das leituras que me foram

apresentadas, autores, autoras e pautas né que são muito caras para a nossa formação e para docência, né, como todo. Então assim, de 2018 para cá eu venho, né, assim, numa caminhada de me reconhecer cada vez mais dentro do meu processo, dentro da minha profissão, no desempenho do meu papel enquanto docente. Eu sou de História, também trabalho com Sociologia. E acabou que eu fui apresentando, falando da roda acabei de falar um pouquinho de mim. Eu tenho dois vínculos com o Estado e um vínculo particular, como a Fernanda disse né? Vivo aí nessa correria louca também né? Bom, hoje, daqui a pouco, já tá quase terminando aí o nosso tempo né? A gente não quer... o propósito das nossas rodas é que elas não sejam cansativas, é que elas sejam esses encontros pontuais a princípio de quinze em quinze dias. E a gente idealizou para essa roda não chegar aqui com uma receita pronta né? Com um modelo, com ementa, porque a gente quer, como isso aqui é um espaço coletivo, de construção coletiva de saberes, de troca, de diálogo a gente quer construir, coletivamente, o que a gente quer, o que a gente pretende discutir né? Porque de autoritarismo, de tradição autoritária, nas nossas escolas a gente já tá cheio, a gente já tá saturado. Então a gente está cansado de chegar nas nossas escolas e ter lá uma técnica, uma receita de bolo, uma prescrição que nos mandam fazer. E a gente só tem que fazer igual lagartixa, lá em cima do muro, e concordar. E, então, a gente não precisa mais de autoritarismo. A gente não quer ocupar mais um espaço onde as pessoas imponham, né, coisas para nós. Então a gente quer construir a nossa pauta coletivamente. A gente quer construir os nossos interesses aqui dos nossos debates de acordo com os interesses do grupo, né? Então, a gente também quer propor, se for da vontade de vocês, se vocês se sentirem a vontade, da gente criar um grupo de WhatsApp para facilitar a nossa comunicação, para a gente tá marcando os encontros futuros, para a gente tá resolvendo o que a gente pode, de repente, estar discutindo. De repente colocar os assuntos que são de interesse. Porque o nosso grupo é um grupo de estudos interseccionais. Eu até coloquei aí no chat para vocês o nosso site. Então a gente tem estudos em diversas nuances, em diversas frentes que são, assim, primordiais para nós dentro do ensino. Estudos na questão de gênero, formação de professores, fracasso escolar né? Até sobre o nosso próprio entendimento mesmo como classe, como como categoria. São questões que tem nos preocupado muito ultimamente. Então a gente quer construir essa pauta coletivamente com vocês. Fátima levantou a mão?

Professora Ana – Então, eu gostaria de te ver, né, como assim... não sei se vocês vão participar amanhã de novo, todos vocês, que estão aqui nesse momento? Você, Fernanda, Paulo... Então acho que só temos eu, Rose e a Kathiany também é do grupo de vocês?

Mediador (eu) – Isso! Isso!

Professora Ana – Se for de interesse de vocês, né, para vocês não ficarem divididos, e quiserem juntar amanhã. Porque apesar de eu dar aula, né, mas dentro do horário, né, tranquilo. Como disse ontem a professora, aquela epidemiologista que deu palestra pra UENF. Ela dava uma logo depois para a Austrália. Ela dava uma palestra também. Palestra não, ela ia participar de alguma reunião na Austrália. Nós só tomamos um copo d'água e engrenar. Não precisa pegar nem nada. Então e é tranquilo a gente seguir depois. Então vocês fiquem à vontade, se quiser me trocar para amanhã, para mim não tem nenhum problema. Não sei se, de repente, depois vai aparecer mais pessoas que vão querer participar, mas acho que depende, também, do número de pessoas que vão gostar amanhã né? Então vocês podem ficar à vontade pela minha parte. Não sei pela Rose, né? E assim, como eu falei eu tenho dois irmãos no estado trabalhando, porque eu também já estou de saída. Eu conheço muito essa realidade vocês. Eu quando eu estava grávida da minha primeira filha – minha filha agora tá com 30 anos – mas eu tive uma matrícula no Estado, que eu tinha que sair de casa cinco horas da manhã e meu ex-marido me levava lá na roça, aí esperava, que era, também, um lugar que eu tinha assim algum familiar e voltava. Então é uma realidade. O Estado, eu acho assim, pessoal guerreiro demais. Não sei e, como eu falei, não sabia né? Eu acho assim, que a gente da rede pública, principalmente da rede federal, a gente é muito privilegiado, com certeza. Eu falo com os meus alunos, falo com meus colegas que a gente tem muito que devolver para a sociedade, em função desse privilégio que a gente tem, né, de ter uma escola bem montada, com todo apoio à questão de capacitação, de equipamento – se bem que nos últimos anos a gente teve uma queda muito grande na questão de verba, na questão de apoio – mas com certeza é bem melhor do que particular e do Estado. Então eu parabeno vocês. Assim, eu também estou nesse grupo que sempre abraça as causas de educação. E, para completar, também, – duas coisas que eu nunca pensei – no meu de final de carreira, né? Eu sou a professora velha/nova. Mas que eu não fosse fazer que era ser coordenadora. Mas eu peguei por uma questão mesmo pra ajudar e agora eu estou partindo para o sindicato, pra fazer parte de uma chapa de sindicato também pra ajudar a contribuir. Então a gente sempre, né, faz mil e uma para poder, de repente, ter algum avanço, alguma possibilidade. Então podem contar comigo! Muito bom estar aqui com vocês. Tá bom? Eu vou ter que sair para minha aula.

Mediadora (Fernanda) – Antes de você sair a gente pode pedir para você colocar o seu telefone ali no chat para criar o grupo do WhatsApp?

Professora Ana – Sim.

Mediadora (Fernanda) – Eu gostei muito de te ouvir Ana!

Mediador (eu) – Eu também. Eu estou aqui encantado! Que satisfação!

Professora Ana – Eu adoro, adoro. Assim, parece que a gente se renova com os alunos, a gente tem essa, essa coisa assim... eu não gosto de falar esse negócio “ah, no meu tempo” não sei o que não. Eu me dou bem com o pessoal novo, sabe? Sempre querendo e não tem que criticar. Tô sempre junto, tenho a alma jovem. Eu entrei para trabalhar com 18 anos. Eu não sou velha. Tô com cabelo branco mas é de família, sabe? Eu não sou velha não. É brincadeira (risos). Mas eu gosto muito de dar aula, de estar com os alunos, de estar com os professores. É muito bom! Muito rejuvenescedor.

Mediadora (Fernanda) – Ah é verdade! Eu também não me vejo fazendo outra coisa na vida. E quando você fala desses privilégios né? Eu sempre penso nisso e sempre falo muito para os nossos alunos da graduação, do como a gente sabe que a gente vive num país que teria condição de todas as escolas terem como são os IFs.

Professora Ana – Sim.

Mediadora (Fernanda) – A primeira vez que eu entrei no IF de Pádua, que foi construído não tem cinco anos, tem sete anos. Foi no final do governo da Dilma, do primeiro mandato, 2014. Quando eu fui conhecer, e era uma coisa assim, tudo novinho né? Os laboratórios, os equipamentos. Eu fiquei muito emocionada né? E pensando nisso. Não por estar ali, mas por pensar que aquele lugar, com tudo aquilo, tinha que chegar para todo mundo; que os professores, eles merecem o salário que é pago nas federais. E os alunos do Brasil inteiro merecem aquela qualidade que o IF pode dar, e que a gente tem dinheiro para isso. Essa é a parte mais...

Professora Ana – A minha escola que tem 115 anos. O campus centro, como tem nas capitais, tem aqui em Campos. Porque aqui foi o presidente da república que fundou a escola técnica aqui de Campos. Então a gente tem esse diamante aqui.

Mediadora (Fernanda) – Foi Nilo Peçanha, não foi?

Professora Ana – Isso. Isso. Nilo Peçanha.

Mediadora (Fernanda) – Eu conheço um pouco da história do IF.

Professora Ana – Então a gente tem essa joia aqui no interior do Estado Rio. Então tá gente. A gente vai se falando. Muito bom falar com vocês, tá bom? Um abraço e a gente vai se falando pelo WhatsApp.

Mediador (eu) – Obrigado, viu? Pela sua fala, pela sua presença e por tudo.

Professora Ana - Tá bem. Ah obrigada! Um boa noite e uma boa semana pra vocês!

Mediadora (Fernanda) – Boa noite! Rose, você quer falar mais alguma coisa?

Professora Rose – Não, é eu fico a mesma situação da Ana. Se vocês quiserem, por mim, também na quinta-feira fica tranquilo. Fazer um grupo só na quinta.

Mediador (eu) – Isso que a gente ia perguntar hoje para vocês. Como assim a Ana já se prontificou e já anunciou, que por ela tudo bem, a gente vai ver amanhã né? Essa semana a gente tá fazendo, a gente tá jogando o nosso o nosso anzol, passando a rede. Estamos vendo quem é que tá aparecendo para contribuir com a gente com as falas né, com esse projeto. E assim, é um projeto que tá nascendo né? E que, futuramente, a gente tem muitos planos né? Muito frutíferos para o futuro dessas rodas. Que elas se tornem uma política mesmo nossa enquanto grupo de pesquisa, enquanto coletivo, de acolhimento, de escuta, de lugar de troca, de discussão, de formação continuada né? E então a gente vai juntar todo mundo na próxima reunião que a gente também quer fazer de forma quinzenal, né, para também não cansar. Porque a gente sabe que tá todo mundo já saturado de tela de computador e que não sejam compromisso a mais toda semana. E quem dera se os nossos compromissos fossem assim nesses encontros, onde a gente tá aqui. Como assim hoje é noite de São João né? A gente tá aqui com as fogueirinhas no nosso coração aquecendo o coração uns dos outros e umas das outras né? Para mim foi muito bom, muito importante hoje tá aqui nessa troca. Tá joia?

Mediadora (Fernanda) – Olha, devoto de São João nem sabia (risos)

Mediador (eu) – Não, porque assim... a gente acaba a gravando por conta das festinhas da escola. É mais uma coisa do calendário das escolas também que a gente costumava fazer todo ano na escola que esse ano também não vai ter, de novo.

Professora Rose – Bom, por mim tá tranquilo. Vocês podem marcar na quinta e é só me informar. E realmente, é de grande importância.

Rodas de Conversa – 2º encontro (24/06/2021)

Transcrição

Mediadora (Fernanda) – Vai lá Tiago! Pode ficar à vontade!

Mediador (eu) – Então, boa noite mais uma vez para todas! E eu digo aqui todas porque eu tô aqui numa roda de conversa, né, eu sou o único bendito fruto né? Um prazer tá aqui junto com essa mulherada potente, né? Professoras que assim são que eu sou, né?

Também sou professor, sou da rede estadual, tenho dois vínculos com a Secretaria Estadual e, também, um vínculo de uma escola particular. Eu sou graduado em História, trabalho na Educação Básica com fundamental II, e médio, e faço o mestrado em Ensino lá no campus, no INFES, lá em Santo Antônio de Pádua no braço da UFF que nós temos lá em Santo Antônio de Pádua. Eu sou orientando da Fernanda e assim nós estamos desenvolvendo uma pesquisa com vocês não e, de pronto, de início, eu quero agradecer pela insistência de vocês estarem conosco desde abril do ano passado. A Fernanda estava falando um pouco antes do restante de vocês entrarem, que tivemos quase 2000 respostas no primeiro questionário e tivemos um segundo questionário, 300 responderam e a gente resolveu retornar para quem enviou o e-mail, para quem manifestou interesse, é convidando para esse para essa terceira rodada da nossa da nossa pesquisa “Professores, docentes na Pandemia”. E, também, essa pesquisa, que surgiu das nossas urgências enquanto grupo de pesquisa, enquanto professoras e professores que compõem o nosso grupo de pesquisa que estavam vivendo as agonias, as tensões os conflitos, as angústias do ensino remoto em um momento em que as coisas caíram no nosso colo né? E tudo foi muito imposto autoritariamente, de cima para baixo, e a gente teve que, como a Fernanda costuma dizer sempre, entubar esse ensino remoto num momento em que a gente devia tá preocupado, primeiramente, com a questão da nossa saúde né? Sobre viver, sobre estar vivo, sobre sobreviver a uma crise sanitária de proporções que a gente nunca imaginou vivenciar. E, nessas urgências, eu também acabei encontrando com a minha pesquisa que versa sobre a questão da formação de professores e professoras, a precariedade que acontece essa formação inicial e, na parte final, da minha pesquisa, como como forma de transbordar né? Porque a gente faz pesquisa é para um fim social né, é pra gente discutir a sociedade, é para gente enfrentar as lutas que a nossa classe tanto precisa vencer, tanto precisa se fortalecer pra continuar lutando né? Então, me interessou muito aproveitar essa pesquisa, que a gente já vinha desenvolvendo e que produzimos já alguns artigos. Publicamos no ano passado o livro *Fraturas Expostas pela Pandemia*, relatos de experiência e alguns ensaios. Depois eu vou colocar para vocês o link do site.

Mediadora (Fernanda) – Eu vou colocar agora enquanto você tá falando.

Mediador (eu) – E, então, essas pesquisas, essas falas de vocês, elas nos inspiraram, nos provocaram a pensar muito sobre como, em que condições de existência, de trabalho, de vida se encontram a nossa classe né? A nossa classe, a nossa classe docente. E, assim, na

minha pesquisa, eu acho que, assim, eu penso que, a única forma da gente às vezes romper com essa condição né de precariedade, essas condições péssimas de trabalho, de salário, de vida que a nossa classe enfrenta, é a gente se unir, é a gente se fortalecer, é a gente se identificar enquanto coletivo, é a gente trocar, dialogar e nos fortalecer pra gente conseguir superar né? Porque eu acho que é o único caminho provável. E, também, é pensando essas rodas enquanto um espaço formativo, um espaço onde a gente possa dialogar sobre temas que são urgentes, que são caros para nós enquanto classe profissional, os temas que atravessam a questão do ensino-aprendizagem, que atravessam o chão da escola. As questões que, às vezes, nos faltam muito na nossa formação, mas que a gente pode buscar nessa formação continuada, nessas trocas, nesses encontros um meio uma, forma da gente se fortalecer e criar, né, as bases para gente romper, né, com muitas questões que estão enraizadas, problemas históricos sobre, por exemplo, fracasso escolar, sobre questões de gênero... muitas questões que, assim, são do nosso interesse né? Então, nós não estamos aqui enquanto apenas pesquisadores que querem sondar hipóteses, que querem esperar alguma coisa. A gente tá aqui, acima de tudo, como um grupo que quer criar um espaço de escuta, de apoio, de afeto, onde a gente possa se reconhecer uns nos outros, umas nas outras e se fortalecer. Então, a gente quer deixar claro aqui que nós estamos do lado de vocês, e que as pautas que forem surgir aqui, que a gente quer construir coletivamente com vocês. A gente não tá aqui com uma receita de bolo, ou com uma questão autoritária para: “Ah hoje a gente vai discutir isso!”. A gente não está aqui com nada pronto e acabado. A gente quer que todas as discussões sejam construídas a muitas mãos, a muitas mentes, a muitos corações né? Porque se tem uma coisa que a gente sabe é que professores e professoras precisam ter né, no nosso dia a dia de sala de aula, de chão de escola é ter sensibilidade. Então acho que eu até falei um pouco demais aqui, já me adiantei um pouco nos assuntos, mas agora eu queria passar a palavra para vocês, que vocês se apresentem, que vocês digam de onde são e digamos que a expectativa que, de repente, vocês estão trazendo aqui. O quê, que, de repente né, despertou nesse chamado de vocês persistirem aqui conosco. Então me digam aí! Vou deixar aqui aberto então para quem quiser seguir as apresentações, pode continuar.

Professora Lúcia – Ah eu posso falar né? É sempre assim, difícil a gente começar a falar, mas agora a gente está começando a falar com câmera né? E para os meus alunos câmera aberta é tão difícil. Tem algumas turmas que abrem a câmera sem nenhum problema. Os outros fecham a câmera e a gente fica “não é classe!? Não é classe!?”. Aquele silêncio,

aquela tristeza total. Mas vamos lá! Bom, eu fiz a pesquisa no ano passado. Uma colega me enviou. Antes de tudo eu me chamo Lúcia, eu sou professora de francês na escola técnica Adolpho Bloch, Estadual Adolpho Bloch, aqui no Rio de Janeiro, da rede FAETEC. Não me lembro quem me enviou. Minha memória não é muito boa. Não me lembro quem me enviou. E eu participo dessas pesquisas porque eu acho importante colaborar com a pesquisa de todo mundo. Só que tem um grave o problema. Se eu refizer essa pesquisa, provavelmente eu vou responder com uma outra coisa. Então às vezes eu até pensei: “gente eu acho que eu vou atrapalhar”. Porque foi um momento e que a gente na Faetec não estava trabalhando tanto. O nosso momento começou mesmo foi no final, foi a partir de... acho que de julho. Porque cada momento eles pediam uma coisa diferente para gente. E nós não estávamos preparados. E era aquela coisa: vamos antecipar o recesso. O recesso de julho foi antecipado para março né, pro dia 13 de março. Aí em duas semanas eles achavam que podia ficar melhor, e as coisas foram piorando. Aí mais um mês, mais um mês, mais um mês e a gente tá nessa até hoje. E o ano passado eu não participei de aulas síncronas. Eu participo sozinha. Nós fizemos – como professores de língua estrangeira moderna – nós fizemos um trabalho juntos. Inglês, francês e espanhol porque na escola tem esses três idiomas para determinados cursos. Às vezes um idioma só, às vezes dois ou as vezes os três, no meu caso no curso de turismo. E nós fizemos, trabalhos juntas. E ali, uma perguntava uma coisa, outra perguntava outra coisa, a outra falava pra que a gente pudesse ter um pequeno contato com eles. Porque a questão de postar trilhas é assim. A Faetec pensou no seguinte: o que você faria sala de aula você joga pro computador. Isso não funcionou porque todo mundo ficou abalado, ninguém sabia exatamente como trabalhar, os alunos não tinham acesso à internet ou, se tinham acesso, tinham pelo telefone celular. Então, não foi fácil, não foi fácil. Agora eles estão assim com muitas saudades da escola. E como eu meio que me equipei, falei: bom, eu preciso comprar um computador, com uma câmera decente pra poder da aula. O meu computador tava bem defasado. Mas eu já tava com esse pensamento. A pandemia meio que acelerou isso. Mas eu já tava com esse pensamento de comprar. Mas eu comecei as aulas mesmo agora em maio/junho. Dia 10 de junho. E tem sido interessante porque eles estão com muita saudade da escola, com muitas saudades dos professores, dos colegas. Isso na semana passada eu cheguei até apresentar umas fotos para eles assim... porque era o segundo ano, que foi o primeiro ano passado e que só teve um mês de aula. Aí eu cheguei apresentar para eles umas fotos do que a gente fez né, de como a escola trabalhava, e eles falaram assim: “nossa professora! Pelo amor de Deus, tira isso! A

senhora quer matar?”. Eu falei: “Ih caramba! O que é que eu tô fazendo com eles aqui?”. Que era só pra mostrar como a escola trabalhava né? E aquilo, eles falam muita palavra gatilho. Nem sabia o que era isso. “Ai professora que gatilho, que gatilho é esse pelo amor de Deus?”. Mas eles gostaram, não fundo eles gostaram. Estão doidos pra voltar, pra tomar a vacina e ter esse convívio que é importante pra eles. Mas eu não tenho contato com todo mundo. Muitos alunos, hoje eu mostrei as fotos né, também, foi na semana passada, e hoje para outro grupo. “Quem é? Quem é? Quem é? Esse é fulano, fulano e tal”. Mas ninguém abriu a câmera. Mas meu intuito sempre é colaborar com quem estuda. Mas eu digo que eu refaria a pesquisa. Quer dizer... eu refaria a pesquisa e provavelmente teria outras respostas. É isso!

Mediadora (Fernanda) – Mas hoje você já tá dando outras respostas então você não precisa refazer aquela parte.

Professora Lúcia – Por que eu não me lembro de tudo né? Mas assim, os professores do estado tiveram, foram logo inseridos no contexto. Nós ficamos mais ou menos livres. Porque até Faetec tomar uma decisão do que era para fazer, demorou um pouco. A gente ficou 15 dias parados, aí foi indo, foi indo... o que você vai fazer, como vai fazer... A coisa engrenou mais ou menos a partir de julho. E sem contar a exaustão. Porque você fica... como eu falei né? Eu entrei no grupo, tinha trocado meu e-mail, mas ficou o francês em cima. Eu devia ter desligado e entrada no outro. Sem contar os inúmeros e-mails que a gente tem. Um pessoal, o outro institucional, o outro que eu criei pra falar com eles. Esse eu criei para falar com eles, né? Enfim, é prazeroso de uma maneira porque eu gosto de trabalhar com tecnologia, mas é muito cansativo né? É muito cansativo. E francês, então, imagina? Não dá para dizer: “lê ali”.

Mediador (eu) – Olha Eliete, você é a primeira professora de francês que eu conheço pessoalmente.

Mediadora (Fernanda) – Eliete não, Lúcia.

Professora Lúcia – Eu já fui Francis (risos) Eu tô apagando a luz Tiago, eu tô apagando a luz praticamente (risos).

Mediador (eu) – Ah tá! Perdão! Oi Márcia!

Mediadora (Márcia) – Tiago, eu tive uma professora de francês quando eu fiz normal. Tive um ano de francês.

Mediador (eu) – Não tem aquela música? Acho que foi o Zeca Pagodinho que gravou. “Você sabe o que é caviar? Nunca vi, nem comi eu só ouço falar”. Na vida eu tenho, eu vou fazer 38 anos em agosto. Só ouvi que existem professoras de francês, mas nunca vi uma assim, ao vivo, conversei né? Tô até um pouco com medo aqui de você (risos).

Mediadora (Fernanda) – Quando a gente tiver mais íntimo, a gente pede a Ana pra poder cantar *ne me quitte pas* pra gente.

Mediador (eu) – Isso! Isso!

Professora Lúcia – Sem dúvidas, sem dúvidas. Cantar é demais. Mas amanhã, inclusive, eu vou apresentar uma música pra eles de rap, mas eu não consigo cantar nada.

Mediadora (Fernanda) – A Priscila falou que o áudio dela tá ruim. Eu tô usando porque é um negócio novo que apareceu aí. Não sei se vocês já viram. O Meet agora, ali nos três pontinhos, ele tem a opção legenda. E aí você pode ativar uma legenda e em mais de um idioma. Só que só tem português, inglês. Não sei se tem francês. Espera aí, deixa eu ver. Alemão, espanhol, inglês e português. E tem... é! Só isso! Aí não sei se ajuda né? Porque pode ser um problema de conexão. Aí, de repente, não sei se vai resolver.

Professora Priscila – Mas eu vou tentar. Nem sabia que existia.

Mediadora (Fernanda) – É, eu também. Descobri porque a gente agora tá com um aluno surdo. E aí a gente ficou sabendo e eu achei ótimo eles colocarem isso porque, né, a gente precisa incluir gente. Eu tenho uma amiga que é professora no ENES, que é a Escola Nacional de Educação de Surdos. Eles não conseguiram retornar o ano passado porque não tinha condição. Basicamente não tinha como fazer remotamente. Ninguém tinha, isso é uma questão. Ninguém aqui foi preparado para trabalhar. Quem não era professor de educação à distância, quem não conhecia as plataformas e as tecnologias, meio que caiu de paraquedas, né, na educação à distância. Uma loucura assim. Enfim, deixa mais gente falar senão a gente fica falando muito.

Mediador (eu) – A Sônia quer falar?

Professora Sônia – Eu posso ir. Ah não, a Priscila vai. Depois eu falo.

Mediador (eu) – Diga Priscila!

Professora Priscila – Vocês estão me ouvindo?

Mediador (eu) – Sim!

Professora Sônia – Sim!

Professora Priscila – Antes que eu caia, por favor! Eu já caí aqui uma vez já. Então, meu nome é Priscila, aproveitando o gancho eu sou professora do INES, que é o Instituto que

ela mencionou. Eu dou aula no fundamental I, eu sou pedagoga, né, e atualmente eu tô com.

Mediadora (Fernanda) – Você conhece a minha amiga então. A minha amiga é a Aline Lima, professora de Psicologia da Educação.

Professora Priscila – Ah sim! Ela é da educação superior. Mas eu conheço.

Mediadora (Fernanda) – Isso!

Professora Priscila – Talvez tenha sido ela que tenha mandado a pesquisa para mim (risos). É então. Bom, pra apresentação eu acho que é só. Eu acho que por conta do horário melhor não falar muito senão os outros não vão conseguir se apresentar. E sobre a questão do dia, para mim teria, se for só na quarta-feira, eu não poderia participar. Porque eu faço pilates justamente nesse horário, segunda e quarta. Então eu precisaria ficar nesse grupo de quinta-feira mesmo. Então é isso.

Mediador (eu) – Aproveitando, eu queria assim... depois, né, se você se sentirem à vontade, e, logicamente para deixar nossa comunicação mais objetiva, a gente tratar dos assuntos futuros, das rodas futuras, para nossa comunicação ser mais direta. Queria que vocês deixassem, depois, o contato que a gente queria montar um grupo de WhatsApp. Eu sei que tá todo mundo cheio de grupo de WhatsApp, que o celular já tá assim bombando, quase pifando, não é? Mas para gente se comunicar melhor e a gente vai definir esses dias né? A princípio, o pessoal que estava na roda de ontem disse que o horário de quinta-feira ficaria ok, que ficaria bom. Mas a gente vai, depois que conversar com todo mundo, que a gente vai realmente bater o martelo final sobre esse dia da semana, no sentido de juntar todo mundo. Mas vamos lá! Diga a Sônia!

Professora Sônia – Então gente, boa noite! Eu sou Sônia, sou professora de Sociologia, né, também é raridade. Quer dizer, talvez fique mais daqui a pouco com a implantação da reforma. Trabalho na rede estadual também, assim como o Tiago, no Rio de Janeiro né, no Estado do Rio e no centro do Rio. Na região metropolitana. E trabalho, também, em duas escolas privadas. E aí quando Lúcia estava falando, senti que há uma diferença assim imensa entre a nossa realidade na pandemia, porque dois dias depois do decreto eu já tava trabalhando, via vídeo conferência, com os estudantes da escola privada. Então não tive... a gente costuma falar né, falar sobre esse momento como a gente trocou a roda do carro com ele andando né. A gente não teve nenhum tempo nem de respirar e tal. Então tá sendo bem complexo né? Ainda está sendo. Ao contrário de muitos colegas eu não voltei ainda pro presencial né, porque eu tenho um laudo médico, eu sou do grupo de risco e tomei a vacina só agora no dia vinte e dois de maio, por conta da idade. E aí ainda estou sobre o

laudo médico até a completa imunização. Então, continuo trabalhando remotamente. Praticamente todo mundo na escola tá trabalhando presencialmente. E aí também fica uma outra coisa né?

Mediadora (Fernanda) – Qual a sua escola?

Professora Sônia – Eu trabalho em duas escolas privadas né? Uma é o colégio Teresiano e outra é o Centro Educacional da Lagoa. E no Estado eu trabalho no Colégio Estadual Souza Aguiar. É tô falando agora da realidade da privada né, da rede privada. E lá todo mundo assim, tá presencialmente praticamente. Então ainda tem um desconforto né, com relação a isso. É, no Estado a gente também ficou de férias um tempo né? Quinze dias e voltou. Também, ainda, trocando a roda do carro andando. Porque realmente a gente não tem, não tem esse hábito. E o mais preocupante, os estudantes não têm condições, em sua grande maioria, de tá fazendo. Não tem tecnologia mesmo disponível e internet. A gente vê aí que é uma problemática. Até aqui mesmo entre a gente, a gente tá com problemas de conexão né? Enfim. E isso acontece em muito maior grau com eles. Então eu fiz uma tentativa no passado de fazer videoconferência, até exitosa em algumas turmas porque eu trabalho no centro do Rio de Janeiro né? Então tem um público que tem algumas condições. Só que pedagogicamente o Estado foi dando várias diretrizes e chegou com discurso né, nos estudantes de que eles seriam aprovados a qualquer custo. Então foi minando essa participação, até que em muitos momentos no fim do ano passado eu fiquei sozinha esperando aluno videoconferência. E esse ano, praticamente, o mesmo tem acontecido. Não tô fazendo com a mesma regularidade, mas mesmo assim, das vezes que eu marco, aparece muito poucos estudantes. O diálogo com eles tem sido muito complexo. Então, existem milhares de frustrações para uma professora nesse momento de pandemia, com essas realidades que eu experimento. Tem a não participação física também né? Disso desses estudantes do Estado, que é a minha maior carga horária não poderem acessar né, enfim. Mas tem também frustrações relativas à participação dos estudantes né? Do tipo... aí uma sala, com 40 estudantes da rede privada e você pergunta. A sociologia tem esse viés muito reflexivo, e eu gosto disso. E você pergunta e resposta nenhuma. Então tem muitas frustrações aí dentro desse contexto para além de toda crise que a gente tá experimentando né? Com relação ao trabalho também eu imagino que nós professores estamos tendo variadas crises. E aí eu vi na pesquisa um pouco dessa oportunidade de falar sobre isso. E aí, também, como a Lúcia falou, sempre vou contribuir para assuntos científicos. Na tentativa de investigação sobre temas. Ainda mais sobre temas tão caros para mim como uma questão de educação, e vendo a possibilidade das

rodas de conversas como uma possibilidade de conversar né, sobre isso já que, também, em isolamento, a gente tem tido pouquíssimas oportunidades de conversar. Eu pelo menos falo muito com os professores amigos assim, o quanto faz falta né, aquela sala dos professores. Ainda que eu sempre reclamasse é na época, e que dizia ficar, que preferia ficar com os estudantes na hora do recreio. Isso tem feito falta sim. Da conversa, do encontro né, de estar partilhando as coisas que estão acontecendo. Então, eu vi aqui essa possibilidade por isso que eu vim. Então é isso!

Mediadora (Fernanda) – Ah legal Sônia! Eu gostei do que você falou. Me senti muito representada na sua fala (risos).

Professora Sônia – Que bom!

Mediadora (Fernanda) – Eu sinto a mesma coisa (risos). Eliete, você quer falar agora?

Professora Eliete – Oi gente! Boa noite! Eu abri a câmera aqui, mas não sei se como eu sou. Deixa eu explicar. Eu sou Eliete, sou de Salvador/Bahia, estou agora no interior, perto aqui Urutuba, perto de Cachoeira né. Então eu vim para cá esse período, só essa semana que aqui é São João. Ontem eu não participei porque ontem foi aniversário do meu marido, dia 23. Mas assim... eu tava... Sônia falou, Priscila falou, Lúcia falou que na hora que ela caiu... e o que eu posso dizer assim... o fato de estar na roda foi porque, quando eu recebi os questionários, eu estava em um momento de crise mesmo sabe? Eu digo assim... Não, eu preciso compartilhar com outros, com outras pessoas né. Então me chamou muita atenção o trabalho de vocês. E é uma coisa interessante Sônia, que eu sinto falta de compartilhar com meus pares, aqui, meus colegas sabe? A gente criou no WhatsApp um grupo, que é a única forma que a gente pode compartilhar mesmo, mas ainda assim, como eu sou, digamos que nova na escola, né? Eu sou concursada, tenho 14 anos, mas eu sou uma pessoa que, por questões pessoais, precisei mudar de escola duas vezes né? Para ficar mais próximo da minha casa. Então assim ainda digamos que eu não consegui criar um vínculo com a galera. Posso dizer assim... eu não criei um vínculo, vínculo com a galera. Então são poucos professores que eu consigo ter realmente conversa mais. E eu senti muito isso, eu fiquei muito impactada né? Pela questão pessoal, de ter comorbidade, de ter um sogro de oitenta e poucos anos né? Então a gente tem essa situação de ter vivenciado ano passado essas questões. E essa, eu posso dizer que aqui em Salvador, principalmente na Bahia, a gente está em estado de greve no município. Eu sou da escola município né? Então eu uma que, mesmo estando com atestado, com laudo, eu

não iria para escola. É uma fala assim minha bem complicada, bem forte, porque a gente também levanta essa bandeira e dizer: só quando estiver completamente imunizada também não é fácil. E em relação meu filho, eu tenho um filho que tem 11 anos. Então assim, é um discurso aqui muito complicado. Porque o ano passado tinha uma outra visão. Então, a crítica começa. Eu, particularmente, a questão da falta de investimento né? A falta distribuição de materiais para os alunos, de recurso tecnológico pra gente, enquanto professor, também a questão de formação. No início o que eu sempre faço. Eu faço atividades toda semana a gente envia atividades programadas. Então, em Salvador a gente tá vivendo uma situação com essa mudança de prefeito, de secretário assim, de impor determinadas coisas. Esse retorno no dia três de fevereiro. Olha gente, desculpa! Eu acho que eu tô falando assim, acelerado, pensando no tempo (risos). Então a gente teve assim, essa questão desse retorno. Então aqui a gente brigou, brigou, brigou. Poucas pessoas que retornaram. E o que foi que aconteceu na semana seguinte? O índice de pessoas contaminadas nas escolas foi terrível! “N” colegas, eu digo assim, colegas professoras que faleceram. Professoras que estavam na linha de frente distribuindo cesta básica. Toda uma programação que a prefeitura fez. Então, toda fala infelizmente, e da própria sociedade que a gente, de uma forma geral, da desvalorização do professor. Então o ano passado mesmo eu fiquei revoltada (risos). Eu vou dizer a vocês eu fiquei muito, muito revoltada. Indignada, que não queria nem mais fazer atividade. Porque todos os recursos são nossos, é nosso. Eu tive que comprar um outro computador. Meu notebook pifou. Acho que isso aí foi geral de todo mundo né? Acho que é sobrecarga. O WhatsApp a gente nem fala né? Diversos cursos. Não houve investimento, assim... na formação dos professores. Eu não sei usar esses recursos tecnológicos. Eu assim... utilizar câmera... Eu estou aprendendo porque agora eu me desafiei. Disse “não, eu que tenho que fazer, aprender os recursos pra poder ter um contato maior com meus alunos”. Então, toda atividade que eu envio, eu faço, eu digito. Que a gente vai lá, bola atividade, é uma preocupação de fazer essas coisas de corrigir, de retornar. Mas eu até por período me recusei a corrigir as atividades. Então digamos assim, que eu sou daquele que tem a postura um pouco, assim, certas coisas eu acho que a gente não pode abrir mão porque senão a gente cede muito e termina não tendo esse retorno. Principalmente assim com as constantes mortes, falecimento, adoecimento mesmo da classe e de muitos colegas. Eu tenho muitas colegas, muito próximas, muito queridas que faleceram em que adoeceram. E o retorno dela para escola né, porque alguns tiveram que retornar, porque tem cargo de confiança. Tudo é muito problemático. A recuperação assim. Então, eu, sinceramente, eu

devo dizer a vocês assim, que a questão mental, e o fato de estar participando da roda, foi justamente por conta disso sabe? Porque eu senti essa falta. Apesar da direção da escola ter feito algumas reuniões. No primeiro momento não se cobrou nada assim da gente sabe? Ter essa preocupação de falar sobre a questão afetiva, a questão do nosso equilíbrio emocional mesmo. Porque tem muito, eu tive muitos parentes que faleceram. Então você fica... eu fiquei desnorteada né? E por ter uma comorbidade que eu sei né, que eu tenho uma insuficiência renal. Então a gente fica com mais, digamos assim, a pressão é pior. Tem filho pequeno? Piorou ainda! Mas essa condição é bem complicada. E assim, é o que eu digo: hoje, amanhã mesmo tá fazendo uma formação por conta própria. Então cada colega, a gente fez um grupo, assim é curso de isso, tal. Porque não houve investimento nenhum da nossa secretaria do município. Porque a gente tem muita pressão e muita cobrança. E outras questões assim, que são bem pontuais né? Em termos da estratégia. Eu acho que é estratégia de desestabilizar o professor. A secretaria toda semana cria documentos ou, como disse o colega, fatos, situações para desestabilizar emocionalmente o professor. Porque, enquanto na escola a gente ainda tá engatinhando, tem colegas que criaram grupo de WhatsApp para os alunos, consegue fazer, né, digamos, se estruturar de uma forma melhor. A própria coordenação conseguiu. Tem colegas que foram por isso. O ano passado mesmo não foi validado nenhuma atividade que nós fizemos, 2020. Então isso impactou a classe né? Enquanto o governo do Estado hoje tem uma outra proposta, que fez formação com todos os professores, conseguiram. Tem até a televisão – do município também tem – mas não assim. O que eu falo enquanto professora – desculpe estar sendo repetitiva – é essa falta constante de investimento. Termina assim, com algo pessoal. Eu que busco, eu que vou atrás. Eu que tenho que... não é, não se tem esse investimento direto. Eu sei que isso também é a proposta da política que nós estamos vivenciando né? Desse constante desmantelamento das instituições públicas né? Mas é muito doloroso, porque o retorno não é também dos pais é complicado. Desculpe minha fala ter sido extensiva, viu? Desculpe aí, viu Márcia?

Mediador (eu) – Imagina Eliete...

Mediadora (Fernanda) – Eu perguntei para você aqui no chat, mas acho que você não viu. Perguntei se você conhece a Andreia. Andreia... desculpe. A Denise Souza, que é esposa do Wilton.

Professora Eliete – Sim, mas não pessoalmente né? Conheço de luta né? De ir para passeata, de ir para as manifestações da faculdade né? De um curso especialização que ela é muito atuante né?

Mediadora (Fernanda) – Ela terminou o doutorado no ano passado. Não! Foi 2019.

Professora Eliete – Foi 2017. Ou foi 18 ou 17. Porque eu fiz especialização sobre desigualdade e ela estava lá, ela era tutora.

Mediadora (Fernanda) – Ah ela participou daquele... daquele curso da pobreza?

Professora Eliete – Sim! Sim!

Mediadora (Fernanda) – Foi sensacional! Eu dei uma aula naquele curso.

Professora Eliete – Eu não lembro da sua aula não, me desculpa (risos).

Mediadora (Fernanda) – Foi 2017, eu tava grávida, fui lá de barrigão dar uma aula. Foi muito legal!

Professora Eliete – As aulas estavam maravilhosas. Assim, e essa questão da Denise, Denise é militante, é luta. Luta dura né? A gente faz parte do grupo do coletivo, criou o WhatsApp do grupo. Como eu digo, esses grupos. Mas assim, é um tempo todo a gente. A Secretaria criou uma estratégia mesmo para desestabilizar o professor. E aí o coletivo vai em cima, os professores se manifestam. É luta viu? É luta.

Mediadora (Fernanda) – Ah eu acho, assim, eu imagino que seja muito difícil e cansativo né, o tempo todo brigando para poder ter um pouquinho mais de decência né, pra trabalhar e em segurança né? Por que a questão agora é que a gente tá falando de vida e morte né? E a gente tá tendo que criar estratégias individuais, foi o que a Sônia falou né, que é uma coisa insana né? Aqui no Rio a gente teve que brigar contra os pediatras que estavam a favor do retorno presencial, e estavam fazendo um jogo de terrorismo inclusive né? Dizendo que... é... eu cheguei a ler algumas, algumas cartas públicas que alguns pediatras aqui do Rio, super influentes, publicaram e que eles diziam que as perdas né, e os traumas, enfim. Eles usavam termos, assim, que o senso comum toma né, como uma coisa assim muito grave né? Dizendo que aquilo ali ia ser irreversível para as crianças né? Que o confinamento e o afastamento da escola, e tal. E meio que jogando nas costas de professores né, a responsabilidade desse não retorno. Como se professores não quisessem voltar porque eles não estavam afim de trabalhar. Como se a gente não tivesse trabalhando horrores nesse formato que é muito mais pesado, e que é né? E eu percebo assim, tanto nas falas de vocês, quanto de muitas outras professoras e professores o como isso é frustrante. Porque a gente trabalha muito mais, é muito mais pesado e o resultado né, é menor. Assim, a gente vê a olhos nus. A Sônia trouxe isso né? De não ter diálogo, de não ter troca né, de você ficar falando sozinho. Essa semana eu consegui fazer uma... foi a primeira vez, em um ano e meio quase de trabalho remoto, que a turma abriu. A metade da minha turma abriu a câmera né? Faz diferença né? A gente pode achar que não, que a

gente já tá me acostumado a ver só bolinhas (risos), mas faz diferença. A gente fica muito mais... eu pelo menos né, assim... pra mim é outra aula. Quando eu consigo né, tá com os meninos, com as meninas e vendo todo mundo. E eu entendo. Eu já falei isso pra eles que quem não puder abrir. Porque tem gente que tá pelo celular, aí o celular não aguenta abrir a câmera, porque cai a conexão. Tem “n” situações né, que impossibilitam esse contato mais pessoal né? Dentro do possível né? Da pessoalidade que a gente tem em uma coisa dessas remota. Mas é difícil né? Muito difícil tudo isso que a gente tá vivendo e eu tô bem feliz de vocês estarem com a gente. Por que eu acho que é o que a gente quer mesmo né? Poder conversar sobre essas coisas e trazer essas nossas dores para transformar isso em algo que ajude nossa categoria né? A conversa que a gente teve ontem foi muito nesse sentido da gente tentar entender que... é... eu acho que o que de certa forma contribui para essa precarização, para essa situação toda que a gente tem visto né, tanto no ensino privado quanto no ensino público, tem muito a ver com essa estratificação que foi feita com a nossa categoria né? Professores do privado, professores do público. Quem dá aula pro ensino superior, quem dá aula pro ensino básico né? Então uma coisa meio de uma rivalidade, de uma rixa que só contribui pra gente né, enfim, cada vez mais ir fragilizando a categoria que tinha que ser a única. Professores e professoras né? Educadores, enfim. Mas a gente tá apostando bastante nesse trabalho aqui né? Que é muito mais do que uma pesquisa, na verdade é um encontro né? De pessoas que querem o melhor para, enfim a educação brasileira né? Para além de a gente pensar na nossa... é... óbvio que eu imagino que a gente pensando na educação brasileira, a gente está pensando também nas nossas carreiras, nossas vidas, nas nossas alegrias né, com a docência né? Enfim, acho que a Márcia não falou ainda né gente? Oi Márcia! Tá ouvindo a gente?

Mediadora (Márcia) – Oi! Sim. Desculpa que eu tava aqui... tô aqui na cozinha (risos). Eu tô achando tudo muito interessante porque, inclusive a gente vê assim como que as nossas realidades né, são diferentes e como que as coisas vão acontecendo. Mas o nosso sofrimento o mesmo. Eu sou a Márcia, eu faço parte do grupo de pesquisa também. E eu pesquiso é... também estou fazendo o mestrado é no INFES, né? Porque é uma extensão da UFF. E pesquiso exatamente... Deixa eu abrir a câmera aqui. Eu pesquiso exatamente a questão diretamente ligado à questão do professor. Porque eu fui professora de curso normal até me aposentar no Estado, e hoje eu trabalho com ensino superior. Há um tempo que eu trabalho como tutora e coordenadora de posto do CEDERJ, e trabalho na FAETEC também. Só que na FAETEC eu tenho um vínculo de contrato. Aí eu também estou no curso e, também, oriento muitos alunos. E no processo de orientação é que eu tive essa

vontade de pesquisar mais. Por que? Os alunos chegavam para mim e às vezes não tinha intimidade nenhuma com a produção científica. Então eu comecei a pesquisar. Então eu pesquisei tudo na formação de professores, onde eu trabalhei me aposentei. Trabalhei 31 anos no Estado, e agora que eu tenho esse contato direto. E o meu orientador até, não é, no caso, a Fernanda, mas a Fernando me acolheu nesse grupo maravilhoso. Por quê? Esse grupo está me dando oportunidade de a gente discute vários assuntos, de ver a questão, assim, de outros professores também e de tá contribuindo com aquilo que eu pesquisei que a área exatamente de formação de professores né? E aí eu achei interessante quando a colega falou... eu não consegui gravar o nome da professora de francês. Ela falou é... da FAETEC também.

Professora Lúcia – Lúcia.

Mediador (eu) – Lúcia.

Mediadora (Márcia) – Eu sou da FAETEC aqui de Itaperuna. Eu moro em Natividade, que é bem interior do Estado do Rio, e trabalho na FAETEC de Itaperuna e trabalho no CEDERJ aqui. Então nós tivemos uma outra vivência. Por quê? A nossa unidade é bem pequena, nós temos somente um curso de pedagogia, com quatro turminhas apenas e nós, a maioria de nós, somos todos professores, são todos do CEDERJ. Então a gente já tinha um costume com educação à distância. Inclusive eu tenho até um pós-graduação da própria UFF que é nessa área de educação à distância. Mas nós temos o mesmo problema com relação aos alunos não ter o material, nós começamos com a aula remota por volta de maio. Então, houve esse mesmo problema de calendário, de acerto de atividades. Mas temos muitos alunos de zona rural, alunos que não têm acesso. Então tá sendo assim, é difícil. Mesmo para aqueles professores que já tinham um contato com educação à distância que o nosso caso, que é a tutoria. Só que a nossa tutoria era presencial. Então muitos professores também não dominavam. Não tinha, assim, acesso a fazer uma gravação, a fazer uma live, a fazer um nada nesse sentido. Então, pra gente também foi muito difícil. Mas nós começamos em maio, quando conseguimos terminar e a gente tá indo assim, mas com a mesma dificuldade, o aluno reclamando. Agora no TCC eu tô tendo que fazer, eu tô orientando quatro grupos. Porque lá a gente faz em grupos, geralmente em duplas. Então a gente tá fazendo assim. Fazendo live para orientar o TCC. A gente compartilha a tela, vai olhando o que precisa modificar, faz apresentação também assim. Mas é essa, esse sentimento, essa dor, ela é comum a todos nós. Por quê? Nós todos perdemos alguém. Eu já tenho 54 anos. Já vacinei, consegui tomar a primeira dose agora também. Mas assim, tive uma porção de problemas que eu vejo que por causa disso,

por causa da gente não estar em contato. É pressão que subiu, crise de ansiedade, taxas que se elevaram, ganho de peso excessivo. Então, são coisas que vão assim... adoecendo a gente. E é esse adoecimento, igual a colega falou, a Eliete se eu não me engano. A gente vê tanta coisa. E essa precarização tão grande né? E o professor é tão importante. E a gente vê que as famílias não dão conta dos seus filhos em casa. Agora tem muito mais gente falando, valorizando o trabalho professor. E a gente ainda escuta gente falando que nós não trabalhamos, que a gente não quer voltar, que a gente não quer trabalhar. Então é uma questão assim, dolorosa. E esse grupo, realmente, a gente consegue isso. A gente ver que eu não tô sozinho, que tem mais alguém na luta comigo, tem alguém que, pelo menos, pode ver ouvir. Que às vezes a gente precisa só de uma escuta, de compartilhar experiência, não é? Alguém que nos ouça, que saiba do nosso sofrimento. Então, esse grupo eu acho muito legal, essa roda de conversa porque a gente tá tendo esse contato com outras pessoas que sofrem da mesma coisa que a gente sofre. Então, quem sabe a gente consegue pensar junto alguma coisa que nos auxilie, que facilite esse trabalho que a gente vem enfrentando e tendo experiências que a gente pode trocar? Eu acho que isso é muito importante. Principalmente pra minha pesquisa é, assim, um campo riquíssimo! Porque eu tô assim... me nutrindo de muitas coisas, muita leitura boa, de visões de outras pessoas, assuntos que eu não tinha conhecimento. E eu gosto de saber um pouquinho de cada coisa. Por quê? Na hora de orientar meus alunos eu não rejeito. E tem gente que fala assim: “ah eu sou oriento o determinado tema”. Eu não. Eu pego e começo a trabalhar junto com eles. Eu começo a pesquisar junto e vou atrás. Então, para mim, é um momento muito caro, muito especial mesmo. Principalmente é... com o Tiago, que é meu colega de turma e a Fernanda, que por incrível que pareça, minha professora tão querida eu ainda não a conheço pessoalmente. Nós só tivemos contato, né Fernanda? Então, o dia que a gente se encontrar vai ser... é... acho que o dia inteiro de conversa, não vai ter jeito! Mas isso tá sendo muito bom para minha formação. E ter é... esse contato com vocês, principalmente assim a gente vê que cada um é de um lugar, cada um tem uma experiência diferente, mas as nossas dores são as mesmas. Eu acho que isso nos ajuda muito né? É qual a gente costuma dizer né Tiago? Ninguém solta a mão de ninguém! E vamos nós!

Mediador (eu) – Ai que ótimo Márcia! É bem isso aí. E assim... isso ficou muito evidente para nós, enquanto o grupo de pesquisa, no ano passado. Quando a Fernanda trouxe pra gente essa provocação da gente escrever, da gente rascunhar, da gente fazer um pouco de catarse. Também sobre tudo que a gente estava vivendo. Dessas agonias, dessas urgências, daquilo que estava nos afetando naquele momento né? E o grupo de pesquisa

né, a gente passou a ter os nossos encontros semanais, e já disse isso várias vezes né? As nossas conversas, esse coletivo que nós escolhemos pra chamar de nosso né, como a Fernanda meio que outro dia pegou lá os versos daquela música da Marina Lima né? Arrume um coletivo para chamar de seu. Então, esse coletivo salvou a minha vida. A Fernanda disse, também, que salvou a vida dela. E todos os nossos colegas do grupo. E diante daquilo ali, depois daquele exercício, a gente começou a pensar: “olha, as professoras e os professores estavam precisando de falar, de conversar”. E eu acho que o mínimo que a gente pode fazer, neste momento, enquanto a atitude humana, é oferecer os ouvidos, é a escuta. A escuta ela é uma atitude que humaniza, é uma pré-disposição a você se colocar um pouco no lugar do outro, da outra, exercitar a sua empatia. E assim, o nosso objetivo principal aqui, com esse projeto né? Que é um projeto que, embora a gente esteja usando nesse momento atual para essas pesquisas objetivamente, é uma coisa que a gente quer tornar hábito como uma política nossa. Uma atividade permanente e constante do nosso grupo né, como forma da gente colocar é... de se colocar a serviço da classe e, também, da sociedade. Para fortalecer a nossa luta, pra gente se instrumentalizar, pra a gente vencer essa precarização, que inclusive eu quero aproveitar pra dizer pra vocês que vai ser, assim, diante de tudo que a gente vem escutando desde ontem e de vocês hoje, é o que a gente já tá definindo como tema né, gerador do primeiro encontro que vai acontecer daqui 15 dias. Que a gente não quer que seja uma coisa cansativa também toda semana. Por que a gente já sabe que tá todo mundo atolado de compromissos né? Então a gente tem que ser de uma coisa leve. Então vai ser sobre essa precarização da nossa vida, das nossas condições, a precarização da nossa existência, pra gente discutir, criticamente, sobre tudo isso que a gente está enfrentando e como a gente vai se municiar para enfrentar isso tudo. Para gente resistir para não sucumbir, como diz a Elza Soares na música “*libertação*”. Fala aí Fernanda um pouquinho.

Mediadora (Fernanda) – Tiago é o cara das músicas né? Os nossos trabalhos todos agora tão, assim, inspirados e sempre tem uma epígrafe de um verso de alguma música. Mas a gente precisa desse amparo na arte né? A arte a resistência né gente? Diante de tudo que a gente tá vivendo. Então, o que eu ia colocar né, complementando isso que o Tiago tá trazendo, é que a gente tem essa intenção né, de trabalhar a cada 15 dias né, só uma horinha. Não mais do que isso porque. Nossa, tá ainda. Porque a gente sabe né, do pouco tempo disponível. E a gente agradece muito, inclusive, vocês estarem aqui com a gente. Porque, como eu falei logo no início, a gente teve 1906 pessoas que fizeram a primeira... o primeiro... preencheram naquele primeiro questionário. No segundo questionário o

número caiu bastante e a gente já esperava isso né? E acabou que para essa roda a quantidade de pessoas também foi bem menor né? Mas era, de qualquer forma, algo que a gente esperava porque a maioria né, dos nossos colegas, até pelas respostas que a gente percebeu no questionário né? Que estão, não só sobrecarregados, como adoecidos né? Por toda essa situação, essa conjuntura muito difícil né? Eu acho que é um pouco porque a Lúcia falou né? Há um ano atrás era um momento de... que a gente percebe né? Nas respostas muita insegurança, de muito medo mesmo né? Que a gente estava enfrentando uma coisa que a gente, naquele momento, não tinha nenhuma noção né? Então tinha aquele medo todo de “nossa, mas se eu botar a cara na janela pode ser que eu pegue essa doença porque ela vem no ar, sei lá como que ela vem”. Era uma coisa muito mais difícil né? Hoje, com essa realidade da vacina isso já... claro, que o medo existe ainda, mas eu acho que de certa forma a gente né, pelo menos quem confia na ciência, né? Tem a crença de que, em algum momento, a gente vai conseguir sair dessa situação tão terrível de confinamento e da falta daquilo que nos constitui. Para mim é constituinte tá em grupo, tá em sala de aula, tá aglomerado. É muito duro, muito doloroso essa realidade há mais de um ano de isolamento, de confinamento, de não poder conhecer pessoas maravilhosas como a Márcia, por exemplo. Eu não conheço pessoalmente. A gente já tá trabalhando junto há quase um ano, a gente se conheceu ano passado, trabalhamos juntas num evento, nos aproximamos ali e ela fez disciplina comigo. E como o Tiago falou, que esse grupo permanecesse, que a gente possa levar isso adiante, que a gente possa trazer mais colegas né? É um espaço de resistência, de luta, de reflexões pra a gente pensar no que a gente tá vivendo, para a gente pensar como a gente, assim... uma coisa que é muito presente na fala de muitos colegas nossos é a frustração de muitas vezes fazer uma coisa que gosta tanto e ver um resultado muitas vezes pífio né porque é um sistema que não contribui para que a gente possa ter um resultado muitas vezes pífio. Porque é um sistema que não contribui para que a gente possa ter um resultado de maior expressão, com maior número de alunos e alunas que consigam absorver aquilo que a gente quer passar. Então isso é uma coisa que eu acho que pega muito para muitos colegas. E aí tem uma mistura de sentimentos que rola, e que muitas vezes a gente acaba meio que se culpabilizando sem se dar conta de que é algo que, como a Eliete falou, que tá plantado aí pelo sistema. O sistema que quer criar ciladas a gente... Eu fico brincando que a gente tá vivendo agora um terrorismo de Estado nessa coisa mesmo retorno presencial. Vai, não vai, vai, não vai né? É terrível e enfim. Mas eu acho que a gente, mesmo sendo nesse momento um grupo pequeno, aos poucos a gente vai fazendo algumas discussões e também trazer as outras

peessoas. A gente vai conversando. Eu acho que o importante é a gente trabalhando coisas que são relevantes para todos nós. Temas que vão surgindo no grupo. Eu gosto muito do movimento de grupo, de pertencer a algo que a gente se sinta representado, que a gente sinta aqui né? A gente não se sente tão sozinho. Eu acho que estar aqui com vocês é ter a certeza de que a gente tá junto nesse barco e que a gente tá tentando remar pra ir para um uma ilha (risos); pra sair do mar revolto né, pra ir pra um lugar mais... enfim... com o horizonte, sei lá, com uma paisagem mais bonita, com sol.

Professora Lúcia – E cada um, também, né, com uma realidade diferente. Eu vejo a realidade de todas as pessoas que falaram aqui. A minha realidade é completamente diferente. Porque a Faetec, a colega falou. Por exemplo, a minha escola, ela é polo. Polo de internet. Mas não tem internet desde abril. Parece uma piada né? Para os alunos que não têm acesso. E, por exemplo, mais assim a gente vê o Estado. O Estado do Rio de Janeiro ele deu para os professores mil e quinhentos reais. Não é grandes coisas para comprar um equipamento, mas pelo menos eles se deram conta e ajudaram. A gente vê em outros lugares não necessariamente essa mesma postura. E esse olhar dos pais e, também, da Secretaria de Educação do Estado achando que nós não estamos trabalhando. Porque o fato da gente não está presencialmente não significa que nós estamos trabalhando. Isso é muito importante.

Mediadora (Fernanda) – E foi legal você trazer isso Lúcia, dessas realidades diferentes, porque eu acho que a gente ganha muito com essa diversidade, no sentido de exercitar, também, empatia né? E de nos percebermos enquanto uma categoria que é ampla, que é diversa e que vive cada um na sua realidade. Vive as dificuldades de sermos de uma categoria que já, há algumas décadas, está sendo desvalorizada e deslegitimada né?

Professora Lúcia – A falta de uma política educacional né? Geral.

Mediadora (Fernanda) – Isso! Unidade né?

Professora Lúcia – Exatamente! Então você tem Portugal é nacional, é o ministério lá da educação para todo mundo né, como Estado, município. Então a gente vê. Eu fico, assim, na minha situação, de professora da Faetec. Eu sou de duas escolas da Faetec diferentes. Em uma, eles agora que estão entrando em contato. Querem que a gente volte presencialmente. A outra não há condição de voltar porque não há pessoal. É uma questão de você dizer assim: “vamos voltar”. Não, não há pessoal, não tem como. Não fizeram nada durante esse tempo todo. Então não tem como voltar. Os alunos, foi o que eu falei. Eu acho, que de uma certa forma, os alunos que tiveram um mês só de aula eu perguntei; “ah vocês já estavam gostando da escola no primeiro ano, ou vocês já estavam olhando

no relógio? E... que horas a aula vai acabar? Ah professora, é isso mesmo”. Aí eu perguntei: “e agora? Agora a gente só dá valor quando a gente perde”. Então eu tô sentindo que eles estão muito, com muita vontade. Então eu estou sentindo que eles estão com muita vontade, estão carentes. “Professora, a senhora vai dar aula na semana que vem?”. Porque a gente da Faetec é completamente livre. Se eu quiser dar algo, eu dou. Se eu não quiser, eu não dou. Ah, vai nas trilhas, clica aqui, faz esse caminho e se tiver algum problema manda e-mail. Então, são realidades muito diferentes.

Mediadora (Fernanda) – Mas então, eu agora eu tenho compromisso vou ter que sair. Mas eu acho que é bom a gente manter sempre esse esquema de uma horinha para não ficar pesado também né? E a gente vai conversando lá no grupo que o Tiago vai criar pra a gente acertar a data do próximo. Acredito que seja, de fato, daqui a 15 dias, na quinta, que ficou sendo o dia que é melhor para a maioria, inclusive para as meninas que estavam ontem. E aí a gente, acho que daria, de repente, para a gente já a pensar, a gente pode, a gente vai levar enquanto proposta para vocês, mas pensar em fazer essa discussão sobre a precarização. Uma discussão mais aprofundada talvez né? Que a gente possa trazer mais elementos das nossas realidades. Então é isso.

Mediador (eu) – Então tá joia. Gente olha eu quero agradecer, assim, imensamente a vocês porque assim, a gente passou aquele questionário em abril, maio do ano passado, e aí depois passamos um outro questionário. A gente viu falas angustiados, de pessoas, de professoras e professores que desejavam ser ouvidos. Mas a gente olha ali as palavras e hoje tá conhecendo vocês, conversando com vocês ao vivo né? E aquelas falas ganham rosto, ganham voz. Então isso é muito importante né? Eu assim, tô muito feliz, muito feliz com esses encontros que aconteceram ontem, e que está acontecendo hoje. E eu estou com uma expectativa né? Eu e nós do grupo NEIPE. Todos estamos com uma expectativa muito grande, muito boa e uma esperança para essas rodas né? Que elas tragam muitos bons frutos, flores, brotos, sementes e que a gente saia fortalecido cada vez mais. Que a gente consiga superar essa segmentação, que a gente se coletivise cada vez mais e se uma. Tá bem gente? Obrigado! E a gente vai se falando. Grande abraço pra vocês, se cuidem e até já!

Rodas de Conversa – 3º encontro (08/07/2021)

Transcrição

Mediador (eu) – Bom, então vamos lá gente! Boa noite, mais uma vez, pra a Lúcia, pra a Ana.

Professora Lúcia – Boa noite!

Professora Ana – Boa noite!

Mediador (eu) – Eu coloquei pra gravar aqui que exatamente nesse instante.

Mediadora (Fernanda) – Boa noite!

Mediador (eu) – Deu um problema na hora que eu coloquei pra gravar, e é segunda vez que acontece isso. Que eu boto para gravar e diz que, se eu colocar para gravar, que alguns participantes vão ter que solicitar para entrar de novo. E na hora de eu colocar pra gravar, parece que a chamada excluiu a Eliete.

Mediadora (Fernanda) – Eita! Que estranho né? É porque deve ser alguma coisa da sua instituição. Hoje de manhã, eu fui dar uma aula na UNIRIO, uma amiga minha, e eu tive que entrar com a senha da UNIRIO lá, com o login da UNIRIO, porque com o da UFF não tava entrando. Não tava dando, enfim não tava dando acesso.

Mediador (eu) – Bom, mas vamos lá então. Então gente, pra essa semana, como ficou definido na semana, há 15 dias atrás. E a gente quis conversar com vocês né, primeiro, antes da gente já impor um tema né? Porque como eu disse, a gente quer que esse espaço seja um espaço construção coletiva, de diálogo né, que a gente não chegue aqui pra prescrever, para impor nada. Porque, antes de tudo, isso aqui é um espaço da gente conversar né, como diz o próprio nome, e que as coisas, que elas aconteçam de forma natural e, principalmente, sejam demandas que afetam, que preocupam todos e todas que participam aqui conosco. E aí, assim, ficou muito evidente né, tanto pelo que a gente vem pesquisando desde lado do questionário, e, também nas falas de vocês, que era necessário a gente abrir essa primeira roda e, depois daquela roda que a gente se encontrou e se conheceu, que a gente falasse da precarização da vida, da nossa existência, de como está né, de como que as coisas se aprofundaram com esse momento de pandemia. Coisas que assim, que já existiam no nosso cotidiano, no nosso modo de existir, no nosso modo de viver e que ficaram ainda mais precárias, ainda mais aprofundadas né? Então, assim, isso ficou muito evidente nas falas que vocês trouxeram pra gente né? Vocês e demais participantes né, que participaram com a gente depois dessas das duas rodas da semana, de 15 dias atrás. E isso era a primeira das urgências da gente conversar né? E no nosso questionário, que a gente rodou né, das respostas né, daqueles mil e novecentos de tantos, tantas pessoas que participaram, depois vocês participaram com a gente novamente. Também ficou muito evidente o quanto as condições de vida, de trabalho. Principalmente

vocês, mulheres professoras. O quanto que isso se tornou ainda mais precário nesse contexto pandemia. Vocês que já tem às vezes que lidar com dupla, com tripla, com jornada quádrupla, que tem as tarefas cotidianas da casa, às vezes do filho, marido né, quem é casado, casada. E nas respostas ficou muito claro né? Eu lembro muito bem de uma pergunta que a gente fez. Como que... “você acha que a sua carga horária de trabalho aumentou?”. Então isso foi, assim, unânime! Foi geral né? E uma coisa que ficou muito, muito evidente. Outra coisa também que preocupou a gente demais, foi o aumento substancial, expressivo, de pessoas se medicalizando, com problemas de ansiedade, de falta de sono que são todos sintomas né, dessa precarização, desse *modus vivendi* da sociedade neoliberal né? Onde a gente se explora, onde a gente é cobrado, a gente se cobra também. E a gente acaba, como a Fernanda diz muito, a gente acaba entubando essas coisas, a gente vai colocando nos nossos ombros, e sofrendo, e adoecendo dia a dia e precarizando as nossas condições de vida cada vez mais. Então, assim, eu queria ouvi-las, nesse sentido, a respeito desse tema que vocês tem.

Professora Ana – Eu poderia ser a primeira?

Mediador (eu) – Pode falar Ana.

Professora Ana – É porque eu vou dar aula às sete. Pra ficar tranquilo. Então, nesse período né, eu, eu tive algumas dificuldades assim... bem complicado. Eu Sou coordenadora, eu não tenho dado aula, mas a parte de coordenação a gente tem que dá conta de muita coisa né, pra poder as coisas funcionarem. E no início da pandemia a gente não sabia o que era, o quê que ia fazer, quanto tempo ia ficar. E aí eu moro... Minha mãe mora comigo, eu tenho um filho. Somos só nós três e ela tem 97 anos. Fez 97 anos agora em maio. E tem as cuidadoras. Então, eu pedi para as cuidadoras, a menina que me ajuda aqui, pra todo mundo ficar em casa. Não deixei ninguém trabalhar. Paguei três meses, sei lá quantos meses sem ninguém trabalhar. Deixei todas em casa. E aí eu assumi todas as tarefas e, ainda, a coordenação. E, assim, foi muito, muito estressante mesmo né? Apesar da minha mãe se uma pessoa assim... não é acamada, mas tem 97 anos. Estava no início do ano. Ela precisa de ajuda pra tomar banho, pra comer e tal. Enfim. E a pressão na coordenação. Eu até chorei um dia na coordenação. Porque, assim, parecia que eu era uma idiota. E todo mundo “não, que tem que fazer isso, que o coordenador tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que buscar caminhos”. Então, assim, eu disse “gente, vocês estão num mundo diferente do meu”. Porque eu tô passando por dificuldade, eu não tô vinte e quatro horas. E e essa pressão de resolver problemas enquanto tinha que resolver problemas, ne, da minha casa, dar conta de tudo, de almoço e da minha mãe. E agora a

pandemia, que era algo que todo mundo desconhecia. Então, assim, foi muito difícil. E aí eu disse “não, vamos com calma”. E aí depois me ligaram “não Ana, vai devagar, não sei o quê, não é assim”. Mas no início tinha muita pressão né? E como eu também não sou muito tecnológica. Não sou muito de tele... assim, não tenho muito conhecimento nessa parte de aula online. A escola queria que a gente fizesse curso online para poder dar conta da carga horária. Então, foi muito complicado mesmo, mas graças a Deus eu consegui. Mas eu sempre dava um estouro (risos) porque assim, parecia assim, que a gente tava, que não tava acontecendo nada, que a gente tinha que dar conta daquilo tudo. Então o início foi bem... e continua né? A gente, o IF né, eu sou de um campus. Mas agora mesmo vieram com uma normativa que a gente tem, de 15 em 15 dias, dizer se o aluno tá frequentando, se não tá. E se ele não tiver, procurar o aluno pra ver o quê que pode fazer, porque não pode deixar o aluno fora do, do sistema. Mas isso é, assim, impraticável né? Porque a gente como coordenação e os professores, a gente não tem condição, de 15 em 15 dias, dar um relatório desse né? E, mesmo ao longo desse tempo, é... muitas, eu acompanho as minhas turmas. Meu curso é um curso pequeno e eu faço isso normalmente. Eu fiz... ligava pro pessoal, perguntava o que tava precisando, o quê que tava, né? Teve gente que preferiu ser no presencial. Eu fiz esse acompanhamento. Mas, assim, depois de um certo... pra saber né, se eles estavam tendo algum problema sério. A escola tem várias, várias maneiras de ajudar e tal, mas não cursos que tem uma quantidade muito maior de alunos. E era uma coisa minha né? Eu acho que todo coordenador tinha essa, essa obrigação porque era um curso bem mais complicado. Enfim, a gente tem passado por muita sobrecarga e aquele...

Mediadora (Márcia) – Boa noite gente!

Mediador (eu) – Boa noite Márcia! Mas Ana, uma coisa que, assim, que ficou muito evidente é que, assim, eu escutando você falar é que parece que eu tava, a pouco antes de você entrar – a Lúcia entrou primeiro – e parece que, ao invés deles, da coisa melhorar este ano né, no segundo ano de pandemia, parece que a burocracia aumentou.

Professora Ana – Aumentou muito! Aumentou muito! A gente tem que fazer um plano de aula que nem no presencial a gente fazia. Plano/aula o quê que vai fazer, cada semana o quê que vai dar, qual vai ser a avaliação, qual vai ser não sei o quê. Nós nunca fizemos isso (risos). E agora que é tudo mais complicado, querem a coisa toda engessada, toda fechadinha. Parece assim, uma coisa impressionante. Cada dia querem mais coisas. Realmente.

Mediador (eu) E você Lúcia? O quê que você traz pra gente de relato?

Professora Lúcia – Olha, foi que eu tinha falado para vocês no último encontro. Se tivesse que, eu preferiria refazer o questionário porque muitas coisas mudaram né? A Faetec, como eu falei, a Faetec nos deixou muito à vontade para trabalhar. Até hoje, se eu não quisesse dar aula síncrona, eu não precisaria dar. Eu tenho duas matrículas, ambas na Faetec. Numa delas, nós fomos esquecidas. Porque uma escola e a outra é um curso voltado para a comunidade. Então, a gente foi esquecido. E eu não tenho filhos, eu não tenho, assim, problemas dentro da minha casa, eu não tenho dupla jornada. Então eu pude, pude me dedicar. Eu pude me dedicar à escola. Então eu usei a minha carga horária, digamos, a minha carga horária da outra escola pra poder trabalhar nesta que eu venho trabalhando desde o ano passado. Mas a Faetec, ela mudava muito.

Mediador (eu) – Me desculpa te interromper Lúcia. Você disse que é um curso voltado pra comunidade.

Professora Lúcia – É um CVT.

Mediador (eu) – E que tipo de curso é esse?

Professora Lúcia – É curso de francês, é curso de idiomas voltado pra comunidade. Então tem inglês, francês, espanhol. Isso no CVT que eu trabalho, mas há outros CVTs. Por exemplo, cabeleireiro, soldador, vários tipos de cursos voltados pra a comunidade. Então, todos os cursos, que eu saiba, estavam suspensos.

Mediador (eu) – Então, daí a gente nota que as políticas públicas é pensam as comunidades como um espaço de inexistência né, de não a necessidade. Esqueceram vocês e esqueceram a comunidade também né?

Professora Lúcia – É, e foi o quê que aconteceu. Eu tenho um colega, que também é como eu, trabalha na escola e trabalha no CVT. No CVT, ano passado, ele chegou a fazer aula, ele chegou a ministrar curso. Nós não chegamos a ministrar curso porque as ordens, digamos, chegaram atrasadas. Então, falei “ah, como é que a gente vai fazer um curso agora?”. Acho que era em outubro. Foi uma coisa assim. A gente vai montar alguma coisa. Eu e algumas outras colegas nós chegamos a nossa alguma coisa, mas foi por montar. Agora, no início a gente voltou, foi em fevereiro, e eles pediram para que a gente fizesse um levantamento junto aos alunos. Mas nós temos um problema lá físico. Não há janelas. Então não tem como você abrir uma janela e deixar o ar circular. A gente fez um levantamento e pouquíssimos alunos responderam. Nenhum quis voltar. “Ah, se fosse pra voltar, você voltaria? Não. Gostaria que fosse online né? Remoto”. E agora, eles pediram pra que a gente fizesse, de novo, um levantamento pra ver quem é que quer voltar. Até então, a gente não tinha nenhuma comunicação. Hoje de manhã eu recebi uma CI dizendo

que existe a possibilidade de um retorno. Eu esqueci como eles disseram. Um retorno progressivo...

Mediador (eu) – Híbrido?

Professora Lúcia – Não. É como se fosse aos poucos. Mas não foi essa palavra que eles usaram não. Pra... pra escola. A partir do dia 2 de agosto, né. Então vamos esperar. Mas a escola mesmo não falou nada. Quem falou foi uma colega que recebeu e passou para gente. É, pode ser escalonado, mas não foi bem escalonado não Paulo. Eu esqueci o nome. Depois eu leio aqui e recupero. Enfim, e eu tô usando esse tempo pra trabalhar pra essa escola. Mas o que aconteceu no ano passado, a partir do segundo semestre. Eles uniram, acho que como havia pouco acesso às trilhas, né, que a gente tava publicando. Eles... nós unimos inglês, francês e espanhol, as línguas estrangeiras, e nós preparamos duas trilhas, dois bimestres de aulas pra eles. Então, pra eles, então foi uma coisa, assim, cansativa. Porque exigiu pesquisa, exigiu reunião e apresentação das trilhas pros os alunos, né, nas três línguas. E nem todo mundo faz os três idiomas. Tem gente que faz um, tem gente faz dois, tem gente que faz três, dependendo do curso. E a gente trabalhou dessa maneira. Então eu nós fomos nos ajudando. Entendeu? Eu, como professora de francês. Somos duas professoras de francês. Mas uma não tem muita... ela sequer tinha telefone celular. Não sei se eu cheguei a comentar isso da outra vez. Então pra ela foi muito difícil tomar pé de toda a situação. Muito difícil. Ela conta com a ajuda de um outro colega pra trabalhar. Mas assim, esse ano a gente tem essas obrigações, mas como eu disse, eu não tenho essa carga horária. Essa carga horária de casa pesada. Eu vou às compras, mas eu não tenho de quem cuidar, felizmente. Porque quando a gente tem, a barra é pesadíssima. Eu percebi naquele nosso outro encontro que eu tenho... a Faetec nos permite ficar à vontade. Você falou, por exemplo, que você tá completando carga horária numa outra escola. Se eu tiver um tempo a menos, não tem problema nenhum. Se eu tiver dois tempos, duas turmas a menos, não tem problema nenhum. Eu não vou completar em lugar nenhum. Eles já tentaram fazer com que a gente migrasse, fosse para uma outra escola. Alguns professores foram, mas, assim, que eu saiba, na minha escola, professor que tivesse numa escola e na outra, ao mesmo tempo, eu não me lembro. Entendeu?

Mediador (eu) – Obrigado Lúcia! Paulo, que chegou depois aí, a Márcia. A gente tá já falando da, assim, baseado também no que a gente ouviu das respostas, das falas das professoras e professores, como que ficou a vida né? As condições de existência né? E aí a Ana trouxe um pouco da experiência dela, a Lúcia tava falando agora. Então só para colocar vocês a par do que a gente tá conversando. E principalmente agora, nesse final de

período letivo, o pessoal que é do grupo, também, comigo eu tenho me queixado muito esses dias né? Até falei com você sobre a questão dessa parte burocrática né? Mas enfim, deixar aí o restante do pessoal falar. Ah, a Lúcia falou. É retorno progressivo.

Mediadora (Fernanda) – Ah é só pra, assim, pra uma questão de curiosidade mesmo. Lá na Faetec Lúcia, no caso da Ana no IF, tem alguma previsão de um retorno presidencial, total? Eles falam sobre isso?

Professora Lúcia – Até hoje de manhã, até ontem não. Hoje de manhã a gente recebeu uma CI, falando nesse retorno progressivo a partir do dia dois. Quem está vacinada, quem não sei o quê, duas doses. Duas doses eles falam só para quem tem acima de 60 anos. Os outros eles só falaram de uma dose, já que a maioria já tá praticamente vacinada.

Professora Ana – Então Lúcia, no IF o pessoal está sendo vacinado essa semana e aí há um planejamento de dois ciclos. O segundo ciclo é, do próximo semestre, seria é presencial ou híbrido, mas não tem assim uma definição não. Vai depender mesmo da liberação da prefeitura, das autoridades sanitárias. Mas já tá, assim, uma possibilidade né, de haver o Retorno. Mesmo que até a preparação de horário, previsão pra esse segundo ciclo, se houver né, a liberação. Mas se não houver vai fechar com... mas a gente tá com muita matéria pendente. Porque as matérias práticas não foram é... ministradas nesse período. A gente está com dois módulos, vai ficar com dois módulos – é que aqui é módulo – aguardando essas aulas pra poder se formar né? É uma grande preocupação nossa.

Mediadora (Fernanda) – É... a gente.

Professora Lúcia – Só que a gente. Me desculpa. Só que nós não temos funcionários pra voltar. Temos essa questão. Não há terceirizados, não há. Lá é integral, é são dois turnos. Não há quem faça o almoço, né. Então eu não sei como essa volta pode ser.

Mediadora (Márcia) – Nós aqui – é que eu sou funcionária contratada, no caso, não sou funcionária – na FAETEC. Nós temos só quatro turmas e a gente só tem o curso Pedagogia. Então ele funcionou né, tá funcionando direitinho esse ano eu consegui até adequar o calendário. Mas nós temos esse mesmo problema aí: não temos terceirizados, não temos ninguém nem pra limpar um pátio. E a gente é que tá revezando. Porque lá eu estou na coordenação. Então, tem uma funcionária que é inspetora e a diretora. Nós três é que estamos nos revezando na secretaria. Porque não tem ninguém. Tem dia que até o pátio, tudo a gente que resolve varrer e limpar, porque não tenho ninguém. Não tem ninguém pra fazer serviço de secretaria, não tem ninguém. E lá, inclusive – olha o problema maior – nós temos uma professora que é efetiva, que tá, assim, tem tempo para

aposentar, temos uma que é do Cetep, que é emprestada pra gente, e o outro professor, também, que é, esse também eu acho que é da Faetec. E o restante de nós somos todos contratados. Então, assim, se o nosso contrato, também, ninguém fala que dia que vence, que dia que renova, se chama alguém. Então, tá uma confusão e a gente nessa incerteza. Por quê? Se mandar a gente embora, não tem ninguém pra dar aula. Então tá uma loucura. E pro o interior ninguém quer vir. Quando fizeram o último concurso não tinha vaga aqui no interior também, não lançaram. Então tá uma situação complicada a nossa. Do jeito que tá, tá funcionando por quê? Nós continuamos. Como a gente é pequenininho, nós temos quatro turminhas – inclusive tem uma terminando agora – a gente tá com orientação de TCC. Eu mesmo tô com quatro duplas de TCC. Então a gente tá dando conta por conta disso. De tá cumprindo né, o calendário. Mas a gente sabe que não é a mesma coisa. Que o aluno que entra para o ensino presencial, ele não tem o mesmo jeito, ele não gosta, ele reclama. Eu tenho muitos alunos também que não tem acesso, que não tem uma internet boa, são da zona rural. Então tem todos esses problemas. Mas aqui a gente cumpre, mas é quando cê fala, assim, que a Faetec deixa à vontade. Desde quando eu entrei na Faetec, porque eu estava acostumada com Cederj, que eu sou coordenadora... coordenadora não, articulador. Só que a gente faz a mesma função. Articulador acadêmico no Cederj. Então na Faetec eu senti isso. Você fica, assim, solto no tempo. Então tem Faetec que tem aula, tem Faetec que não tem, cada um fala uma coisa, você pergunta um, ninguém te informa. Então a gente tá fazendo desse jeito. A gente faz, tenta seguir o calendário direitinho. Conseguimos adequar. E, conseguindo, a gente vai fechar certinho agora até. O primeiro período, que demorou um pouco mais – o vestibular demorou – é que vai ficar faltando uns dias letivos, mas que a gente depois dá conta de resolver, e vamos ver. E se tiver que voltar, nós também não temos condição. A minha diretora é idosa, não pode nem ir lá. Então a gente faz até o trabalho da diretora, eu e a Edinéia. Então tá com esse empecilho todo. E, principalmente por não termos funcionários. Como é que a gente vai organizar isso tudo sem ter ninguém? Eles não contratam ninguém. Enquanto a gente tá lá fazendo o serviço de secretaria, você acha que vão contratar? E nem limpeza. Não tem ninguém pra cuidar, pra limpar, para nada!

Mediadora (Fernanda) – Nossa, que loucura né? Então, assim, essa falta de terceirizados ela veio por causa da pandemia? Eles demitiram ou cancelaram os contratos? E é isso né? (risos).

Mediadora (Márcia) – Já tem bastante tempo sem ninguém. Aí hoje nós tivemos uma reunião.

Mediador (eu) – Parece um quadro bem geral.

Mediadora (Fernanda) – Então foi antes da pandemia?

Mediadora (Márcia) – Foi assim que entrou. No comecinho. Eu tenho doze alunos cotistas. Igual eu falei com vocês. Então é um número pequeno, ao todo, que eu devo estar com cento e poucos alunos. Acho que são 122, se eu me engano. Aí o que acontece. Tivemos uma reunião hoje e ninguém falou nada, assim, sobre um possível retorno. Mas, assim, todas as pessoas que estavam ali falaram a mesma coisa: que tá sem funcionário. Sem funcionário, sobrecarregado sem funcionário. Todos, todos, todos tão com esse mesmo problema. Porque não tem um terceirizado, não tem. Professor que tá aposentando, não coloca outro no lugar. E tem gente esperando, de concurso pra ser chamado. Na minha unidade tem um rapaz que fez pra libras, passou em primeiro lugar. Então ele tá guardando né, ser chamado. Por enquanto ele tá aqui como contratado, mas ele fez para Campos. Tem essa vaga. Então eu não sei como que vai ser, o quê que eles estão pensando. Porque ninguém te informa, ninguém! Já perguntei todo mundo.

Mediadora (Fernanda) – O Curioso é que abriram uma Faetec nova aqui em Campo Grande (risos).

Professora Lúcia – Mas essas Faetecs eles abrem. CVT, como eu trabalho, na minha segunda matrícula, eles abrem. Porque dá visibilidade, dá votos. As escolas mesmo, não tem qualquer investimento. Santa Cruz, eu não sei se apareceu na televisão, o pessoal mandou, mandou no Facebook, e tal. Foi assaltada, derrubaram uma porção de coisas, não tem condição! O diretor pede segurança, pede isso, pede aquilo e eles não mandam nada. Depois que roubaram tudo, praticamente, é que a Faetec tomou alguma iniciativa. Já não me lembro qual foi. E a questão dos terceirizados é assim, ela remonta lá de outros carnavais, de outros governos. E tinham uns acordos, digamos, 10 milhões. Não sei, tô chutando um número, por ano. Aí eles faziam no final do ano um aditivo de contrato. Bota aí, vinte por cento. Era um negócio assustador! E as escolas caindo aos pedaços, as escolas precisando de reformas né? Isso tudo, a gente tem um ex-governador preso, entre outras coisas, eram esses contratos absurdos que eram assinados. Os terceirizados, muitos não recebiam. A gente cansou de fazer vaquinha pra poder pagar, no final do ano ter alguma coisa, imagina? Alguma coisa porque eles iam trabalhar, eles eram forçados a trabalhar. Eles ganharam... como é que é? Vale transporte e ticket alimentação, refeição. Eles iam trabalhar. Eram forçados, diziam que, se eles não fossem trabalhar, que eles iam perder seus direitos. Eram coagidos. E a gente tá sem terceirizado desde agosto, eu acho.

Mediadora (Márcia) – E aqui Lúcia, a gente não tem nem prédio próprio. Nós funcionamos numa escola que é emprestada do município. Ainda tem esse porém.

Mediador (eu) – Uma coisa que, assim, que eu catei aqui na fala da Lúcia, é às vezes esses jeitinhos que a gente vai dando né, na nossa micropolítica. Às vezes, também, porque a gente faz as coisas por afeto e, às vezes, pela escola. Mas a gente vai sempre dando esse jeitinho de, às vezes, fazer uma vaquinha pra botar uma rede de uma internet. É onde o poder público falha na execução, na efetivação das políticas públicas né? Onde o Estado falha. E isso também faz pensar né, o quanto que a gente, quantos jeitinhos a gente não tá dando durante esse ensino remoto. A colega da semana passada – que ela não tá aqui hoje – que é lá de Itaocara. Agora eu esqueci o nome dela. Ela tava falando que ela teve que comprar um – que ela mora na zona rural – que ela teve que comprar um rádio pra colocar internet. E, assim, pegando um gancho com toda a discussão né, que a gente tá, também, trazendo, como parte da conversa para hoje. Lógico que, que assim, que a gente tá aqui pra um espaço de escuta né? Mas, assim, também pegando esse gancho, como que a gente vem se autossabotando, como a gente também vem se autocobrando e dando esses nossos jeitinhos, fazendo coisas né, que não são de nossa responsabilidade. Onde que a gente deveria ter um Estado né, um poder público mais eficiente no sentido de atender né? E isso, assim, acaba sendo uma própria artimanha do sistema. Que a gente vai fazendo, involuntariamente, e não percebe né? E assim, quando a gente rodou, também, o questionário, chamou a atenção de nós, enquanto grupo pesquisa, que a gente pediu as professoras, professores, quem respondeu o questionário, que definisse né, esse ensino remoto, e tudo que tava acontecendo, numa uma palavra. Aí teve muita gente que falou “ah isso é uma gambiarra”. Outros falaram “ah, isso é uma, um desafio”, “ah é reinvenção”. Então, palavras que traziam pra a esfera do indivíduo, essa responsabilidade, de fazer uma coisa num tempo em que, o mais importante, o mais óbvio né, deveria ser a gente cuidar da vida né? Cuidar da nossa saúde física e mental, né? E, assim, isso também nos preocupou muito. Que isso faz muito, muito a cara desse discurso né? Dessa sociedade neoliberal, do rendimento que até, assim, não sei se vocês tiveram a oportunidade dá uma olhadinha lá no texto, que é onde a gente é cobrado pela sociedade e é onde a gente, também, se cobra né? Então, assim, essa sua fala me fez pensar. E, também, uma coisa ainda maior, né? Como que a gente pensa no ensino remoto, num país de uma sociedade, que a gente já sabe que a maioria absurda, esmagadora não vai ter condições materiais de ter acesso a esse ensino? Então isso não deveria nunca ter existido, não é? Desde o início a Fernanda, como líder do nosso grupo de pesquisa né, é a fala, foi

a fala dela, e a gente todo mundo concorda, que isso nunca deveria ter existido né? Que se cancele né, o ano letivo, que a gente se guarde, que a gente se proteja. E visto que todas e todos não podem ter acesso. Então, esse tipo de modelo de educação, só aí ele já tem tudo para não existir, né?

Mediadora (Fernanda) – E é muito difícil né? Era uma luta inglória né, da gente contra o sistema. Porque é, assim como tem pressões do mercado né, para que as universidades não parem de formar as pessoas né? Então como a Ana tava falando... ela tá com turmas que não conseguiram fazer as disciplinas práticas. A gente formou alunos, no ano passado né, agora. Na verdade, foi agora né, que acabou 2020/2. Terminou agora em maio. E nós formamos turmas com alunos e alunas que não fizeram duas disciplinas estágio que eram para ser práticas, na escola. Eles fizeram uma modalidade. Virou seminário, sei lá! Virou grupo de roda de conversa, grupo de qualquer coisa pra falar sobre a escola, mas sem contato. Por que não tinha nem como né? As escolas da região, onde eles faziam os estágios, uma situação super precária né? Eu conversei com algumas professoras né, de educação infantil. As professoras sendo obrigadas a dar aula remota né? Fazer um trabalho remoto para as crianças da educação infantil. E, assim, coisas bem difíceis. Porque eu tenho um filho de 4 anos que não aceitou remoto, pra ele não rolou. Um mês a gente tentando e ele não quis. Foi falar da pessoa e ele apareceu aqui (risos).

Mediador (eu) – Esse é Marcelinho. Marcelinho é mais famoso que o William Bonner (risos). Mais famoso nas lives aí que o próprio, que o próprio Bonner.

Mediadora (Fernanda) – Ele trabalha pra caramba. Vinte e quatro horas por dia trabalhando. Ele aparece de vez em quando pelado, porque quer que eu vá limpar a bunda dele. Essas coisas né? Faz parte do trabalho remoto (risos).

Mediadora (Márcia) – O Marcelinho já é nosso também (risos)

Mediadora (Fernanda) – É!

Professora Ana – Faz parte do processo.

Mediador (eu) – É uma coisa, uma coisa que me chamou muito a atenção, no que eu retornei no texto, e uma coisa que chamou a atenção é que o Han né, que é o que publicou o texto, ele fala que é nosso campo de trabalho forçado que a gente cria, que é o teletrabalho ou ensino remoto. Que é onde a gente se explora mais, é onde a gente vai aprofundando essa exploração que já existia. E nisso vão desaparecendo aqueles rituais né, de quando a gente trabalha presencialmente, quando a gente encontra, a gente abraça, a gente conversa. No cafezinho da sala dos professores, no encontro no corredor. Mas, assim, é um texto muito né, que faz a gente... meio que me sacudi muito né? Me fez

refletir sobre muitas coisas que estão se passando né? É... e às vezes a gente não percebe e a gente vai normalizando.

Mediadora (Fernanda) – E ficou um silêncio (risos).

Mediador (eu) – Ana queria trazer mais alguma, mais algum comentário? Que a Ana daqui a pouco tem que sair né, Ana?

Professora Ana – É, então. Eu achei assim, esse texto, e aí eu fui procurar sobre ele né? E eu achei assim muito, muito bom essa questão dos rituais. A questão né, de que a gente vai, assim, entrar. É, parece assim, que a gente não tem domínio. Parece não, a gente não tem domínio sobre essas coisas né? A gente vai entrando, daí vai assim... parece que a gente é uma marionete e que as pessoas vão controlando e a gente nem percebe. Entra nessa questão né? Ah, ensino remoto, ali tem um texto que também fala sobre empreendedorismo. Muito bom também. Então, assim, e aí eu fico pensando como que a gente, eu já até li já, dois textos. Aliás, dois livros. Depois eu posso passar pra vocês. Sobre essa questão do computador, da internet, do controle né? Ele tem um texto que fala dessa questão do controle. Mas o que que a gente pode fazer nessa engrenagem? Parece que a gente não tem. Parece não, a gente não tem o poder. Eu acho que o poder que a gente pode ter é a questão no ensino crítico né? Diante de tudo que a gente recebe é ter uma certa crítica. Porque parece assim... parece não, é um rolo compressor. A gente faz as coisas mecanicamente, sem perceber a questão do neoliberalismo né, da questão de você não ir no bolo, ir no conjunto. Você... parece que não tem como frear. É uma situação muito difícil. Mas o quê que a gente pode fazer diante de tanta, tanto poder que a gente não tem como frear? Então eu acho que é essa a questão. É a gente dar esse olhar crítico né? Botar a pulga atrás da orelha dos alunos.

Mediador (eu) – Sem dúvida Ana! A crítica é o caminho! Você disse tudo! É, de fato, a única saída, a única tábua de salvação pra gente ir revisitando, repensando essas práticas, essa nossa existência. Pra gente ir reformando né, aos poucos né? Visto que as coisas estão postas né, de forma quase que, assim, engessadas. Então a gente realmente, pra gente fazer essa... digamos... não digo a revolução, mas a transformação. Eu acho que o único caminho é por aí.

Professora Ana – Pessoal, então eu vou dar boa noite. O papo tá muito bom. Que pena que eu tenho que ir embora. Mas nos próximos dias a gente conversa. E eu vou botar os livros que tem muito a ver com esse texto de, de como que a gente é manipulado é, sem a gente ter poder para resolver, né. Mas que a gente tem que ter essa visão crítica, tá? Um abraço para todos, saúde para todos.

Mediador (eu) – Tá bem. Coloca sim Ana, o texto. Nós vamos trocando essas leituras, essas referências né? E fica super à vontade, também, que vai ser um espaço de troca tá? Um bom restante de semana pra você aí, se cuida e saúde. Tchau!

Mediadora (Fernanda) – Tchau, tchau!

Mediador (eu) – Lúcia queria comentar mais alguma coisa?

Professora Lúcia – Vocês estavam falando desse texto. Esse texto me fez lembrar de um filme. Eu não sei se era filme ou se foi um documentário chamado “você não estava aqui”. Falando justamente da precarização do trabalho, mas do Uber, de quem entrega. Eu não sei se vocês ouviram falar nisso. Essa situação dessas pessoas me incomoda muito mais do que a minha situação, sabe? Porque pelo menos eu trabalho na minha casa. O governo, assim, eu não defendo o governo não. Mas pelo menos eu pude ficar em casa e obedecer. Eu só saio mesmo para ir ali, aqui, pra fazer o trabalho de professor voluntário e só! É... essas pessoas tiveram que ir pra rua, pra ganhar não sei nem quanto. Nem sei quando elas ganham. Eu não sei se vocês ouviram falar. O inglês é... sorry... eu esqueci.

Mediador (eu) – Depois, se você achar, compartilha com a gente.

Professora Lúcia – Eu posso procurar. É rapidinho. Hoje, no Google, a gente acha rápido.

Mediador (eu) – Depois, você achando, compartilha com a gente sim.

Professora Lúcia – Mas eu não cheguei a ver. Eu não sei porque, mas eu acho que foi só o trailer do filme. Falei “puxa a vida”. A vida dessas pessoas me incomoda muito. Porque é chuva, é sol, não pode parar. Os depoimentos são, assim, impressionantes né? Isso eu me lembro de ter lido em algum jornal por aí. Ele não pode, não tem tempo de parar, ele precisa da nota para poder continuar no aplicativo. Eu acho que isso sim é muito...

Mediadora (Fernanda) – O documentário dos entregadores?

Professora Lúcia – É!

Mediadora (Fernanda) – É, eu esqueci o nome agora, também. Mas é interessante. Porque, nossa, tem muitas reflexões que estão surgindo é, principalmente na pandemia né? Porque antes a gente já sabia da precarização desses, desse trabalho né, de quem, de quem trabalha pra essas empresas de entrega né? IFood, Uber eats e afins. Só que coisa ficou pior né? Porque na pandemia eles se tornaram extremamente importantes, né? Muito mais até do que do que eram antes, né? Porque nem todo mundo usava esse tipo de serviço, mas praticamente todo mundo né, naquele início de uma pandemia tava usando. E numa situação de precariedade absurda. Assim né, assim sem EPI né? Então assim, eu me lembro que, no início, eles nem tinham máscara e eu lembro de algumas pessoas que estavam doando máscaras para eles trabalharem, né? Eles chegavam pra fazer uma

entrega, aí tinha sempre alguém que doava. No meu prédio teve isso, noutros lugares eu soube de pessoas estavam fazendo isso. É, mas assim, e eles conseguiram se organizar. Eu acho que esse documentário fala um pouco sobre isso, né? No momento em que eles conseguem se organizar enquanto coletivo, eles conseguem ter acesso a alguns benefícios que antes eram negados, né? Por essas empresas. E isso é uma coisa positiva né, que a gente precisa, que é uma das questões que nos mobiliza, né a estar aqui inclusive, né? A gente acredita muito nessa força, né da gente de se organizar enquanto coletivo. Um coletivo que tem, que tem um objetivo né, principal, que é a lutar por uma educação emancipatória e que, pra isso, a gente tenha condições dignas de trabalho né? Porque senão a gente não vai conseguir (risos) dar conta. Porque são tantas dores pelo caminho, né? Tudo que a gente relatou aqui hoje, né dessa, dessas angústias, né? Tá, e aí vamos voltar? Como que vai voltar? Não tem terceirizado; os alunos estão se formando sem ter conseguido fazer a carga horária, né, a carga horária não foi. Eu tenho visto isso com os meus alunos. Eu tô no terceiro período remoto, eu tô acompanhando uma turma que começou, que entrou no 1º período, já no remoto, nunca pisou na universidade e que tão sentindo muito, assim, porque é muito pior assim. Além de ser a... a gente não consegue passar a quantidade de conteúdos necessária, minimamente. Então, assim, eu tenho trabalhado com eles 20% do que eu trabalharia no presencial. A gente também, mesmo assim, sendo uma carga horária bem menor, um terço, né, que a carga horária que a gente tá trabalhando, a gente já fica muito cansado. Não só nós, professores, como os alunos também, né? Eu percebo isso que muitas vezes não aguentam ficar mais do que duas horas na sala. E fora com essa tecnologia terrível. Fica caindo, toda hora. Você tá ali, falando, falando, falando. Daqui a pouco você fica vendo: fulano entrou, fulano saiu, fulano entrou, fulano saiu. Porque, e assim, não é de propósito. Porque é ruim mesmo (risos).

Professora Lúcia – E vocês fizeram curso?

Mediadora (Fernanda) – Nada, nada, nada!

Mediador (eu) – Foi na marra!

Mediadora (Fernanda) – E no caso do da Educação Básica ainda foi mais bizarro ainda. A gente viu isso na pesquisa e viu nas experiências né? Do Tiago, do Paulo, de várias pessoas que tão trabalhando comigo já há quase dois anos. Tiago já vai fazer dois 2 anos né? A gente já fez dois anos agora, em agosto que a gente né tem acompanhado, assim, né? O Thales, que também é professor de Educação Básica. E foi assim. Acho que foi 13 de março, não é? 13 de março acabou as atividades presenciais, né. “E aí! Beleza galera! Bom fim de semana! Tchau! Até segunda!”. E aí na segunda... foi quase isso né? Eu acho

que teve o intervalo de uma semana, pra poder né, as secretarias, das direções, enfim, as coordenações pensarem o quê que eles vão fazer, mas no final de março já tava todo mundo na frente das telas, né? Nas escolas privadas, nas públicas. A universidade, assim como a Faetec, o IF também, eu acho que segurou um pouco. Ah, e Pedro II. Foi o único, a única escola que eu conheço, de Educação Básica, é... pública que não voltou imediatamente foi o Pedro II. Eles seguraram bastante tempo porque eles estavam querendo, eles não queriam fazer o ensino remoto. Mas aí eles tiveram que fazer porque como essa pandemia é interminável, né? Isso é uma questão também, né? A gente não queria ensino remoto por todas as questões, principalmente por causa da exclusão daqueles que não tinham a tecnologia adequada. Mas a gente acabou tendo que sucumbir a isso porque, né? Pandemia interminável, né? Muito, de certa forma hoje a gente, né tem mais, mais noção disso ainda, né? Muito em função dessas de burlar medidas sanitárias, que estavam sendo apregoadas no mundo inteiro, e que aqui, né, foi considerado balela né? “Ah, isolamento social para quê? O Brasil não pode parar”. E aí o resultado é esse: a gente não consegue sair dessa situação pra voltar pra algo minimamente normal, né?

Mediador (eu) – É. Bom, assim, só reiterando, né, o que a Fernanda disse e, assim, é uma coisa que tem feito muito sentido, né? E, também, no que a Lúcia disse, eu acho que mundo bom é um mundo onde ninguém sofra né? É onde as condições de existência sejam boas pra todo mundo, né? E outro dia eu tava num grupo, a gente do Estado, a gente, a gente, a gente conseguiu uma conquista na semana passada, que foi a migração, a aprovação da migração de 16 pra 30 horas. Os professores do Estado. E foi uma mobilização coletiva. E aí, no grupo né, do WhatsApp que eu faço parte, o quê que acontece? Alguns professores falaram “ah, mas nem todo mundo vai poder migrar. Isso não vai beneficiar todo mundo”. Eu falei: “gente, mas aí só é bom quando me serve? Não serve às outras pessoas da minha categoria, da minha classe?”. Então, assim, o nosso espaço aqui é esse espaço que busca exatamente isso, né? Aquilo que seja de crescimento pra a categoria, pra a sociedade, pras as outras pessoas. Então, a gente busca, nesse fortalecimento desse espaço, esse tipo de mundo, esse tipo de sociedade, né? Como a Flora se afeta pela, pela, pela condição dos entregadores. E essa semana, me chamou muito a atenção, eu chorei de ver, a imagem de um entregador de iFood. Eu até mandei pra vocês, posteí lá no grupo lá, de uma página que eu sigo, da barbie fascista, de um entregador de cadeira de rodas atravessando a rua. E aí ele segurando na árvore, ele esbaforido, quase desmaiando de cansaço. Aí colocaram, embaixo na legenda: “o Estado falhou miseravelmente”. Então, assim, foi de doer o coração, essa semana, ver aquilo ali.

Então, assim, se a gente não se afeta né, com a dor do outro, então é que alguma coisa, algo de errado não está certo, né? E mundo bom, reitero, né? Reafirmo. Mundo bom é o mundo que é bom pra todo mundo, é a sociedade que é boa para todo mundo. Se não for assim, nem vale a existência, né? Bom, então assim, pra não estender muito, né; que a gente já tá passando aí, das dezenove horas, e respeitando o nosso horário, a gente já vai partindo aí pra, pras considerações finais, pra a parte final. Quem quiser a fazer alguma fala aí, pra gente já ir finalizando, né? E daqui 15 dias a gente se encontra novamente. Espero que os demais participantes, que estão lá no grupo com a gente, possam estar conosco, né? Essa semana foi semana de encerramento de bimestre, então o trabalho, a gente principalmente, nós do Estado, a gente tá por aqui, né, de trabalho com esse final de bimestre. Mas é isso!

Mediadora (Fernanda) - Obrigada Tiago! Eu vou ter que sair também, que eu tenho compromisso agora às 7. Obrigada Lúcia, Márcia. Vocês estarem com a gente.

Professora Lúcia – Obrigada vocês!

Mediadora (Fernanda) – A gente se vê, então, daqui a quinze dias. Acho que essa dinâmica, né, do texto.

Rodas de Conversa – 4º encontro (22/07/2021)

Transcrição

Mediador (eu) – Muito bem! Então hoje, dia vinte e dois de julho, né, de 2021, a gente tá iniciando aí o nosso terceiro encontro da nossa roda de conversa do NEIPE, né? E, na última roda, a gente é, nós iríamos eleger um tema, né, sugerir alguns temas e esses temas seriam eleitos né, votados no grupo né? Porque como desde o início nós dissemos. a gente quer que isso aqui seja um espaço de construção coletiva, de participação, né? Então, a gente não tá aqui pra impor nada. A gente tá aqui pra trocar mesmo ideia, dialogar e na semana passada, no início da semana, a gente sugeriu os dois temas, né? Sempre a gente vai estar sugerindo. E, sugerimos formação de professores e professoras, né? Formação docente e as suas precariedades e, também, a formação continuada. E só da gente tá fazendo isso aqui, já é um espaço de formação continuada pra nós. Que a propósito né? Que conta, além de ser um espaço de escuta, de conversa, de apoio também de formação continuada para nós. E sobre.

Professora Ana – Tá Atrapalhando um pouco Tiago.

Mediadora (Fernanda) – É porque tinha... é porque o dela tava aberto, aí tava falhando. O seu áudio ele falha quando tem um outro aberto, normalmente (risos). Aí por isso que eu fechei Ana. Só pra... tenta agora Tiago. Eu acho que vai dar certo.

Mediador (eu) – Tá me ouvindo, Ana, melhor?

Professora Ana – Agora sim!

Mediador (eu) – Ah tá! Então ok! Então, pra essa semana, votamos que a gente conversaria sobre a formação inicial e a formação continuada. Então eu vou colocar aqui uma, uma pergunta pra vocês, né? E aí a gente vai fazendo a roda, a gente vai conversando, vai rodando aí o pião, né (risos), e cada uma vai dizendo aí sobre as suas percepções, as suas experiências, que tiveram. Tá bem? Então, assim, a primeira questão que eu queria abordar com vocês hoje, é perguntar sobre como foi a formação inicial de vocês, a graduação, é... em sentido de prepará-las pra atuar na sala de aula, no chão da escola com todos os atravessamentos, que a gente tem no nosso dia a dia, com todas as questões de racismo, de machismo, de gênero, de pobreza, questões sociais. Lembrando que, o professor, ele, às vezes, a formação ela às vezes, assim, ela não nos capacita, né? E nem tem tempo, né, pra isso. Pra capacitar ninguém pra tá dando conta disso tudo. Mas assim, minimamente, a formação de vocês teve alguma coisa que vocês se lembrem que te instrumentalizou, em sentido de ter essa percepção crítica da sociedade, dos seus alunos das coisas que atravessam a escola, né, que atravessam é o cotidiano mesmo escolar? Então eu queria que vocês comentassem um pouquinho da experiência de vocês nesse sentido. Quem se habilita, primeiramente? Ana? Eliete?

Professora Eliete – Eu?

Professora Ana – É, eu posso falar primeiro? Porque eu tô com um problema aqui.

Professora Eliete – Vai, vai Ana! Tranquilo.

Professora Ana – Desculpa, eu tava é... Desculpa é que eu tive aqui com uma pessoa e é um problema meio complicado. Aí... eu vou ter que resolver. Mas enfim, é a minha formação, assim, eu sempre fui muito preocupada. Porque eu fiz o curso técnico, né, e fui... logo que eu terminei o técnico eu fui professora. Porque na época né que eu me formei não tinha muitos professores da área técnica. E aí eu sempre fui muito preocupada porque meu curso era curso de estradas, eu sou técnica em estradas e era um curso assim... até hoje né? Depois de quarenta anos é um curso, assim, que tem pouca procura, são poucos alunos. Mas que permaneceu, né, porque, apesar de ter pouca procura, porque as pessoas são desinformadas. Mas é um curso assim... muito bom e que o país, né, sempre qualquer cidade precisa de um técnico de estradas, qualquer região. Mas eu tinha muito

medo de perder meu emprego. Não sei. Eu tinha essa... Então sempre procurei me informar. E aí depois eu fiz português, inglês; depois eu fiz uma faculdade de... que era pra poder capacitar. Aqui não era engenheiro. E aí foi uma parte didática e a parte técnica, né, que foi dada. Era sábado, domingo e feriado no posto. A gente dava aula durante a semana e o curso era nesses dias mesmo: sábado, domingo e feriado. A gente ficou dois anos sem férias, sem nada, sem folga. E eu sempre assim, tive muita, gostei muito de palestra. Tanto que eu já tenho, né, todo esse tempo formada, né, e continuo fazendo os cursos porque eu acho que é importante a gente tá, né, assim, participando, tá se atualizando. Mas tem alguns professores, né, até professores novos que entraram agora. Eu falo que eu sou a mais nova velha professora porque eu sou da parte antiga e tô há dez anos na matrícula nova. Então, os meus colegas da matrícula nova eles se acham, principalmente por ser público, né? Não é a maioria, né. Mas muitos, acho que por tá com emprego, né, tipo, garantido, então não precisa fazer mais nada. Então isso é muito ruim. Mas, graças a Deus, são poucos, né? A maioria. O IF, ele dá muita oportunidade de curso é, assim, não é paga – pelo menos o nosso – eu não conheço assim outros IFs, mas tem essa coisa de sempre está oportunizando a fazer, assim, seminário, né. Então, eu sempre aproveitei todas essas oportunidades de fazer cursos fora, de me formar na minha área, na área de educação. Sempre quis estar, assim, preparada porque eu acho que o professor – aliás, não é só o professor, né? – toda profissão tem que tá assim, muito preparada e atualizada. Não adianta você – que eu falo com os meus alunos atualmente – o diploma não garante, né, o seu trabalho. Você tem que tá sempre se atualizando, estudando. E, assim, eu vejo, assim, outras, tipo o Estado, né? Eu tenho duas irmãs que são do Estado, eles não têm essa oportunidade. Muitos que fazem né, curso de graduação às vezes – que até a escola, lá o IF tem as licenciaturas – mas fazem com muito sacrifício né? Já a gente não. A gente, da parte Federal, tem bastante motivação e até, né, oportunidade. Então eu acho assim, muito importante que a gente esteja preparado pra, pra ser professor, pra até, também, já me coloquei num curso de... a questão mental. Não só a questão... nesse novo período pra ver se a gente pode ajudar em alguma coisa, né? Antes desse período, a gente, também, eu já encontrei aluno em alguma atividade que eu fiz na sala de aula. Alunos do técnico que eu gosto também de trabalhar com eles a questão de leitura, de eles estarem atento a questão de interpretação. Por que prova, né? Muitas vezes eles não respondem porque eles não aprendem, porque não sabem interpretar. Então ele, dentro das atividades que eu pedi para fazer desenhos, ele disse que tinha tentado se suicidar. Ele falou que queria se suicidar. Então, né? Aí é uma coisa assim... que a gente, né, tem, nos últimos

tempos, a gente tem acontecido que a gente, de alguma forma, tem que estar preparado. E mais uma vez a escola, né, o professor fica muito sobrecarregado porque ele tem que dar conta de uma série de coisas. Eu vou dar, assim, é, oportunidade de outras pessoas pra falar porque eu, infelizmente, vou ter que sair. E uma outra coisa que eu queria falar, também, eu também tava participando de um curso nessa semana que é a volta às aulas. É tão interessante, tem vários palestrantes. E aí eles estão falando, assim, no sentido que essa volta não é uma volta como se tivesse desligado uma chave lá em 2020. Eles agora vão ligar de novo e tá tudo normal, né? E aí existe né, que parece que essa coisa de fazer de conta que tá tudo... não aconteceu nada. E uma rapidez de que seja terminado, que dá já terminalidade em tudo pra poder, tipo como se fosse apagar. Então eu sou contra, assim, essa questão de você ter tanta rapidez em tudo.

Professora Lúcia – Boa noite gente! Desculpem o atraso.

Professora Ana – Oi Lúcia! Tudo bom? É parece que você tem que correr, tem que formar, tem que pro vestibular. E você se atropela. Atropela uma série de coisas né? Em nome de uma correria, pra ir pro o mercado, pra trabalhar, pra se formar. Eu acho que nesse momento a gente tá precisando de muita tranquilidade. Tá todo mundo muito estressado. Tudo de você, agora, iniciar um estressado e vamo correr, que nós temos que terminar, que a gente perdeu tempo que... sabe? É perda, mas o que alguns palestrantes estão falando aconteceu isso em 1900, ninguém, assim. “Ah porque perdeu muitos anos eu vou ter uma perda muito grande”. Essa é uma perda que faz parte da vida, né? Que você tem que conviver e tem que ir aos poucos. Desculpa. Eu acho que eu tô falando muito aí. Tá bom pessoal? Desculpa aí! Uma boa tarde e a gente vai se falando.

Mediador (eu) – Tá joia Ana! Obrigado!

Mediadora (Fernanda) – Você vai sair agora Ana? Ou a gente pode comentar um pouquinho do que você falou?

Professora Ana – Ah, pode comentar um pouquinho.

Mediadora (Fernanda) – Eu fiquei pensando nisso que você falou agora e nessa... quando você... logo que você chegou você comentou né, que não tá se sentindo bem, que é o emocional. E aí eu fico pensando como, talvez, essa pressão até né, que você comenta pro retorno, pra ter que dar conta de tudo que, “ah, perdemos muita coisa”. Esse é um discurso do mercado né? É um discurso que estão nos impondo né, como se a gente pudesse dar conta de tentar resolver o problema da pandemia né? A pandemia não veio porque a gente queria, né? Pra a gente poder ter folga, né? Talvez algumas pessoas que estão fazendo um julgamento muito equivocado dos professores, possa estar pensando. Mas a gente não

tem. Na verdade, é, eu fico pensando que a gente precisa ter força pra mostrar pra esses que que dominam, né o sistema que, assim, pra quê, né? Assim, acho que é pensar mesmo, pra refletir sobre. Mas a gente vai tentar recuperar o quê? Eu vou pensar daqui para frente. Eu acho que não é uma coisa da gente querer recuperar o tempo perdido, e correr pra poder dar todos os conteúdos que os alunos não tiveram nesse um ano e meio, né, que a gente tá nessa situação. E aí eu fico pensando como isso é adoecedor, né Ana?

Professora Anaa – Com certeza! Muito, muito porque parece que a gente tem que ser, assim, um super-homem, uma super-mulher. Porque, na verdade, fica aquela coisa de coordenação, direção, mas na ponta é o professor, né? Professor é que tem que tá lá com o aluno, com as suas dificuldades. Então o professor é muito afetado.

Mediador (eu) – Muito bem.

Mediadora (Fernanda) – Ah, desculpa!

Mediador (eu) – Ah Fernanda, pode continuar.

Mediadora (Fernanda) – Não, é só porque eu ia perguntar para Ana se ela percebe que, se essa queixa que ela tá trazendo pra gente hoje, é comum entre os colegas? Se outros colegas também trazem isso?

Professora Ana – Ah sim! Não, trazem. Porque, assim, a pandemia, ela parou algumas coisas, mas a vida não para, né? Os problemas. E tem gente que acha que tá tudo normal. É um conjunto de ações, de dificuldades e pressão né? Vários problemas que a própria pandemia trouxe, mas que a própria vida normalmente tem. Então, todo mundo muito exaurido. Eu acho que é uma coisa que... eu acho que o retorno vai ser muito mais forte essa questão de dificuldades emocionais da saúde do que no remoto. Assim, essa coisa de você tá exigindo mais agora, a gente tem que dá conta de tudo, né? A gente tá vendo. Eu tenho dois módulos IV que estão parados, esperando as aulas presenciais e as aulas práticas. Então, eu tenho que dar conta desses dois módulos IV que estão parados, que estão esperando concluir; os módulos IV que vai tá atual e os módulos que estão com atrasos. Então, a escola quer que a gente dê conta de tudo e eu não sei de que forma. Está sendo colocado pra gente.

Mediador (eu) – O mais importante é a gente respirar, e acredito que até passar pros nossos alunos e dizer: “calma! O importante é que estamos vivos”.

Professora Ana – É!

Mediador (eu) – Que é o mais importante.

Professora Ana – E não há essa necessidade de terminar tudo assim tão rápido.

Mediador (eu) – Sim. Tá joia!

Professora Ana – Bom gente, desculpa estar ocupando um espaço tão grande. Desculpe mais uma vez, tá? Um abraço!

Mediador (eu) – Imagina! Não tem do que se desculpar. E melhoras aí, viu? E conte sempre com a gente.

Professora Ana – Tá bom! Obrigada, tá?

Mediador (eu) – Porque acima de tudo, como a gente fala sempre, isso aqui é um espaço de acolhida, de apoio de escuta.

Professora Ana – Isso. É muito importante. É muito bom fazer parte desse grupo, tá?

Mediadora (Fernanda) – Muito obrigada Ana!

Professora Ana – Muito obrigada! De verdade!

Mediador (eu) – Eliete, antes de você... tchau Ana! Antes de você continuar, só pra Lúcia que chegou. Lúcia, eu coloquei aqui, o pessoal, a Ana comentou um pouquinho, a partir da experiência dela, agora a Eliete vai comentar, sobre a formação inicial, né, que vocês tiveram no sentido de... é porque a gente lida com os nossos alunos, no dia a dia né? E como que foi essa formação para atuar, né, no chão da escola, na sala de aula com os diversos atravessamentos, né, que a gente se depara né no nosso dia a dia, no nosso cotidiano escolar? Porque, às vezes, a educação ela se coloca de forma... e, assim, às vezes a gente passou por uma formação autoritária, de achar que o aluno é um repositório de conteúdos. E, às vezes, a gente não se dispõe a ouvir, a tentar olhar, né? A ter um pouco de empatia, né? Então, nesse sentido de como que a sua formação inicial te preparou, ou se te despreparou, se você foi adquirindo ao longo da sua vida essas percepções. Mas vamos lá! A Eliete estava inscrita. Ela vai comentar sobre a experiência dela pra gente.

Professora Eliete – Como eu falei inicialmente, né, eu tive – quando Ana até falou da formação técnica dela – eu lembrei né? Eu, realmente, no ensino médio, eu fiz um curso técnico. Porque, digamos assim. Naquele período em que eu estudava não tinha outra opção, a não ser fazer uma formação técnica né? Não tinha. Meus pais não tinham condições financeiras. Então, foi a formação técnica e daí fui fazer um curso de auxiliar de enfermagem, que não tinha nada a ver com que eu fiz inicialmente. E, nesse processo eu passei no concurso público, lá com vinte anos. Vinte e poucos anos chegou a oportunidade de fazer um concurso público que não tinha nada a ver. E fui para, digamos assim, trabalhando com crianças, né, numa instituição que do Estado. Depois, no decorrer, eu fiz pedagogia. Sou pedagoga. E a gente discutia muito na faculdade essa questão da formação, né? Do currículo, que tava mudando, dessa questão da formação do professor. Depois, é, eu sempre fui, sempre gostei de estudar, mesmo trabalhando. Trabalhando feito

uma louca, porque era plantonista. Saía do plantão e ia para a faculdade, e fazendo aquela loucura dessa rotina que é a nossa vida né? É, eu sempre peguei, na realidade, com a mudança que eu vejo no currículo, na época da pedagogia, e eu fui pegando as metodologias. Porque pra mim era interessante, né, essa formação. Quando eu me formei, e assim que me formei, comecei a... passei em outro concurso. Eu já fui pra professora. É porque no período que eu tava estudando eu fiz o concurso público. E eu acho que ele tava esperando a minha vaga. Porque quando eu terminei, eu fui chamada. Eu dei oportunidade. Aqui é semestre. Eu tava no quinto semestre. No oitavo semestre eu concluí e já fui chamada. Então, eu acho que, de certa forma, as coisas foram caminhando, né? Eu tenho 14 anos já na rede municipal. E o que eu posso dizer, assim, das formações, nesse processo todo. Particularmente, todas as informações que eu fiz fui eu que busquei, né? Todas. As outras formações que a própria, a própria Prefeitura Municipal de Salvador fez. Algumas tinha, tinha muita reunião, né? Algumas GRs – que aqui é dividido por GR, né? – Assim, então chamava gente, fazia formação. Mas assim, na maioria das vezes era eu mesmo. Então, eu sempre tive muita dificuldade em lidar – que eu ensino de 1º ao 5º ano. Eu tive oportunidade...

Mediador (eu) – Então você tá dizendo que, assim, você nota uma ausência do poder público, do Estado, no sentido de fornecer uma, uma... de proporcionar formações que te dê, no caso, instrumentos.

Professora Eliete – Sim. Suporte.

Mediador (eu) – Nesse sentido, né?

Professora Eliete – É. Tem a situação, tem algumas formações e geralmente, assim, você falou sobre a questão de formação, preparação sobre a questão de gênero, racismo, tal. Foram poucas, né? Normalmente, geralmente é, quando vem a formação, vinha de lá pra gente fazer uma vez por semana, digamos assim, mas que era muito pouco. E dentro da escola eu também sou uma pessoa que caminho muito. Eu não fico muito tempo. Tem um período que eu fico na escola, mas aí por questões de desajuste em minha vida eu sempre peço remoção. Não é que o problema é a escola não. Eu vou assim. Eu não consigo, lugar distante de minha casa, engravidei. Então eu disse: “ó, perai!”. Eu sou uma pessoa que procura muito isso. Então, eu caí numa escola muito interessante, porque a coordenação da escola tinha a preocupação em fazer as formações. Então a formação, muitas vezes ela era proporcionada pela coordenação, porque ela buscava muito. E isso era muito bom.

Aí mudou essa estrutura toda porque se adotou um programa que veio de fora, que era o “AlfíBeto”, que a prefeitura adotou. Então teve grande conflito. Eu votei contra. Mas

digamos assim, houve uma manipulação e aí terminou sendo adotada na escola. Então, as especializações que eu fiz foi por quê? Pelo interesse, né? Mas eu percebi assim, que, nessa pandemia, eu sofri muito, muito mesmo no início. Aí, o que eu fiz? Eu comecei a buscar as lives. Lives de formação de professores, né? Então eu me joguei! Acho, que de uma certa forma, como eu sempre gostei de estudar, de ler. Então eu fui fazendo, fui procurando. Assim, eu sinto isso você falou mesmo. Essa falta de investimento nos setores públicos, né? Essa... esse retorno que não tem um retorno, né? Uma cobrança que não tem... No ano passado o secretário de educação, que era o professor... que era o secretário aqui do município, Barral. Eu não lembro o nome dele direito não, eu lembro que é Barral (risos). Sobrenome. Ele fez uma live, e nessa live ele, assim, utilizou as redes pra dizer que as melhores professoras, no caso de fundamental I, eram aquelas professoras do método tradicional que alfabetizava. E porque, naquele processo, as professoras já tinham a formação. Sendo que a formação, na realidade, é contínua, né? Então ele desrespeitou todos é... todos os avanços, né, que nós temos em educação, em pesquisa. E aí desvalorizou, desqualificou todos os profissionais, né? De uma forma geral ele colocou todo mundo no mesmo pacote. Professor, pedagogo, os licenciados. Sabe, assim, foi muito, muito... foi terrível! Então essa falta, né? E eu posso dizer, assim, que no governo de... eu vou dizer né? Que no governo de ACM Neto houve um... um distanciamento né? Eu como tenho 14 anos na prefeitura, eu entrei na outra gestão. Então tinha pouca formação, mas ainda assim se buscava. Mas na gestão de Neto, foi muito difícil. Só tinha mesmo quando era a questão do... da questão do IDEB, é que veio esse IDEB porque a gente tinha que fazer essa formação. Mas direcionada, né, pra um processo de aprovação do aluno. E há a uma pressão, um discurso, como Adma falou, e eu sei que eu tava pensando muito nisso, né? Até hoje a gente teve uma live essa semana, assim... a escola teve o cuidado, a escola que eu tô agora atual, de chamar, fazer uma live pra essa questão, dessa retomada do professor. Que a gente vai ter essa retomada, provavelmente agosto, pro híbrido. Provavelmente vai ser híbrido. Então, assim, pra acalmar porque a gente precisa desse suporte. Então, o que eu vejo, na realidade Tiago, é a iniciativa sempre são dos nossos colegas mesmo, gestores que estão, que tem esse olhar, sabe? Mas de uma forma geral, da rede, nem estado, nem município. Acho que é discurso político mesmo que a gente tá vivendo dessa, dessa, desse governo ou desgoverno. Pra não dizer outra coisa pior né? Deixa eu calar minha boca porque senão eu começo a falar coisa que não devo (risos).

Mediador (eu) – Nada! Aqui você pode falar à vontade! Você está autorizadíssima. Pode falar, porque neutro é só o sabão.

Mediadora (Fernanda) – Aqui não tem censura não. Aqui não é o “escola sem partido” (risos).

Mediador (eu) – Nós estamos aqui para te abraçar ó, assim bem grande!

Professora Eliete – É isso mesmo! Ontem tive um problema quando fui tomar a segunda dose porque eu peguei e fiz: “viva o SUS! E não sei o quê”. E aí gritei bem alto “fora Bolsonaro”. A menina que tava aplicando disse assim: “você vai apanhar”. Eu disse assim: “eu quero é prova! Como uma boa baiana, eu quero é ver você me bater. Duvido! Um genocida!”. E aí comecei a gritar e os colegas sem entender nada (risos). Se fosse meu filho ele ia morrer de vergonha (risos) porque já aprontei... Então, assim, eu fiquei indignada, né? Ela dizer: “você está tomando a vacina por conta dele”. “Por conta dele? Um genocida!”. Aí foi que eu me exaltei mesmo e comecei a gritar fora Bolsonaro (risos).

Mediador (eu) – Diana, eu quero andar com você na hora do recreio. Eu posso? (risos).

Professora Eliete – Mas eu sou quieta, eu sou calma. Mas tem momentos que eu não consigo.

Mediadora (Fernanda) – A Eliete é aquelas amigas do recreio, que cuidam da gente, né? Que se vem alguém dá porrada ela vai na frente (risos).

Professora Eliete – Eu era a própria!

Mediador (eu) – Ai Eliete! Muito bom te ouvir Eliete. É... Lúcia, queria comentar com a gente? O Paulo, a Márcia?

Professora Eliete – Boa noite! Não, porque assim, a gente entra e chega com o bonde andando. É sempre complicado. Porque hoje foram aulas, reunião. A gente tava preparando. Eu até cheguei a justificar, né? Uma justificativa pra poder manter o nosso idioma, o francês, o espanhol e o inglês na grade. A gente tinha feito uma reunião em 2019 e tava tudo acordado. E aí, recentemente, nós soubemos que não. Tem que mudar e aí ficou uma com um idioma para cada. Pelo menos pra turismo, né? Um idioma só no ano, só no primeiro ano. Aí, caramba! Como é que fica isso? E eu tava tentado, minhas colegas escreveram, eu escrevi, tentando justificar. Tinha que entregar até hoje. A por isso que eu me atrasei. Mas nossa, fora Bolso, fora bo. Nossa, é até difícil falar o nome do homem, né? Mas fora Bolsonaro é tudo né? Agora você tava sozinha? Quando você gritou? Foi lá no posto?

Professora Eliete – Estava dentro da sala sozinha.

Professora Lúcia – Poxa, tem que ter coragem. Porque eu tenho uma vontade, eu admiro as pessoas que colocam essas coisas. Eu tenho uma vontade, mas onde eu moro, aqui tem muito bolsominion, sabe? E eu acho que até as pessoas estão mudando um pouco de, de mentalidade. Mais uma vez a minha mãe falou assim: “agora você em casa, por conta da pandemia, só vai saber gritar fora Bolsonaro”. Eu falei assim: “eu vou fazer o quê?”. Realmente é muito difícil, né? Tudo que a gente passa e você é quanto tempo, quantas horas no município? Eu queria saber.

Professora Eliete – Eu trabalho aqui. Aqui nós trabalhamos assim: eu sou 20 horas da manhã e tarde. Então, 40 no caso. Aí tem a reserva, que foi uma conquista, uma luta também. Tem essas questões, né? Em 2015.

Professora Lúcia – Pedagógica?

Professora Eliete – É.

Mediador (eu) – De planejamento?

Professora Eliete – Não. É fora da escola. A gente fica fora da escola. É um dia na semana. Porque, né? Digamos, de segunda a sábado, de segunda a sexta.

Mediador (eu) – Achei que você estivesse falando de um terço do tempo da carga horária pra planejamento, que é constitucional né?

Professora Eliete – É, tem esse terço, mas aí é fora da sala, fora escola. E temos as reservas que cada um tem os horários, né. Aí, digamos, 50 minutos, que seriam de aula, aí entra os especialistas que são professores de educação física, teatro e tal. Mas são 20 horas. Mas eu sou mais tranquila, viu Lúcia? Mas assim, aqui no prédio o pessoal já sabe (risos) que eu grito.

Professora Lúcia – Mas teve uma pessoa que escreveu. A Fernanda escreveu: “eta baiana arretada!”. Realmente. Não, porque, realmente a formação, a formação, né, nossa, depois da faculdade, passa a ser – acho que agora não – mas quem é mais antigo, passa a ser um esforço pessoal. Antigamente a gente retornava, a gente fazia uma prova. Eu me lembro que quando eu terminei, a própria professora falou assim: “olha, vocês não podem fazer mestrado, vocês não estão preparados pra isso, é muito forte e tal. Vai pro o mercado de trabalho”. Aí tá. Eu tinha até um exemplo de um colega, que tinha feito uma prova, e tirou zero, zero! Aí uma outra colega falou assim: “gente, mas como é que esse pessoal dá zero? Nem, pelo menos um dois, né? Pra... zero!? O garoto não conseguiu nada?” Era francês e literatura francesa. Aí, a gente foi trabalhar e, quando você começa a ganhar dinheiro, quando começa a ganhar dinheiro, trabalha, entra numa escola, entra num curso. E sair é muito difícil, né? Muito mesmo! Eu tentei voltar em 2008. Fui assistindo algumas

aulas como aluna ouvinte. Mas ali, naquele momento, eu já tinha percebido que eu já tava completamente desconectada, que eu tinha que fazer projeto. Eu nem sei mais quem são as pessoas. E a gente não aprende isso na faculdade, né? Então, se você tá numa iniciação científica você consegue continuar. Mas, fora disso eu sou uma pessoa acho que muito esforçada, muito especial. Eu hoje, “ah, eu vou falar de quê? De umas ideias em francês e linguística. Mas, ah tá bom Lúcia. Escreve, escreve, escreve”. Eu não consegui avançar. Ali parou. Eu tô só na experiência mesmo, entendeu? Agora, na minha formação. Eu posso falar da minha formação já? Ela foi, assim, bem atravessada na época do Collor. O Collor, ele tava entrando, cassando os marajás e falando, assim: “Ah, o professor é 40 horas só trabalha 12”, né? A pessoa não entende o que é o restante. Preparação de aula, correção, essas coisas todas. E aí pessoas falavam assim: “não, realmente um absurdo. 40 horas só trabalha 12, só trabalha 6. Ah, só quer dar aula em pós-graduação”. Então os professores na época, que tinham tempo de serviço, saíam. E os que ficaram, foram pra pós-graduação, foram pros últimos anos e a gente ficou muito na dependência de professor substituto. E nem sempre a UFRJ pagava, o governo pagava. Eu já não me lembro bem. Então, tchau professor. Eu tive uma professora que aquela, realmente, ela era heroica. Porque ela: “não, não se incomodem! Eu não tô recebendo, mas não tem problema. A gente, naquela época, a gente não entendia muito isso, né? Mas hoje, imagina? Você trabalha e você não recebe? Mas foi assim. Foi aos aos trancos e barrancos. Ameaça de... eu me lembro que eu devia ter começado em agosto, mas gente só começou outubro. Mas no primeiro semestre, né, você tá cheio de gás. Então, trabalha sem problema. “Faz isso”, sem problema. 18 anos a pessoa faz né? Mas na época... mas aí foi isso. Faz tanto tempo, também. Vai fazer 30 anos que eu entrei na faculdade, né? Meu Deus! Então, é muito tempo. Lembrar de tudo assim. Eu fui tendo assim, eu não comecei na escola pública. Eu comecei trabalhando como professora de curso. Então a minha ideia de língua, de escola era outra. Porque quem tava ali envolvia, né? Depois foi que eu fiz um concurso pra escola pública. E eu me lembro que até minha professora na época perguntou – da especialização – “e você vai assumir?”. Eu falei: “ai, não sei”. Foi quando eu conversei com a professora que tava se aposentando ela falou assim: “ah é você? Olha, assim, eles não querem nada, não aprendem nada”. Era um ano só, também, francês. “Não querem saber de nada?”. E eu: “ai, meu Deus do céu!”. Era uma realidade completamente diferente. Eu trabalhava em uma empresa na época. Curso, assim, da empresa pra funcionário. Para os próprios funcionários. E era uma experiência bem

assustadora. Desgastante. E eu achava, assim, que podia fazer várias coisas e eu me dei conta que não. Era todo um outro momento, toda uma outra coisa. Até hoje, né?

Mediador (eu) – Obrigado Flora! Márcia, Paulo?

Mediadora (Márcia) – Eu posso falar aqui agora? É, a minha formação foi assim. É, eu comecei, ao mesmo tempo. Aqui no interior, a gente tinha um curso de contabilidade e o curso normal. Então eu fazia o curso normal, curso de contabilidade, fazia o estágio na Caixa Econômica à tarde. Então, a minha vida, desde que me entendo por gente, é essa loucura. Aí, quando eu comecei, no ano que eu me formei, não teve concurso. Quando teve concurso aconteceu uma municipalização aqui na minha cidade. Então não tinha escola do estado pra ninguém fazer concurso. Aí fizemos primeiro pro município e depois que foi pro Estado. Então, a primeira matrícula minha foi no município. E eu, por incrível que pareça, eu tive sorte. Porque, nesse momento, a secretária de educação era uma pessoa muito interessada, muito interessada em estudo. Então, nós formamos grupo de estudo, eu estudava. Aí tinha uma amiga que fazia parte de um grupo de estudo lá em Carangola. E eu comecei a ir junto com ela, também. E foi assim. E desde o curso normal, antes de me formar, eu já trabalhava assim, nas escolas, eu ia substituir professor. As diretoras sempre deixaram que eu fizesse isso. Aí eu ia e ainda ganhava um dinheirinho extra, né? Quando o professor precisava faltar, eu ia substituir. Eu dava aula particular em casa. Então, eu sempre fui envolvida. E aí esse... quando eu fui fazer pedagogia, eu já estava casada, aí já trabalhava, também, em duas escolas e fui fazer em Itaperuna, naquela cidade próxima aqui onde eu moro. Lá na Pedagogia, a gente, que já fazia parte do grupo de estudos – no meu caso, eu já tava com esse pessoal – inclusive, há poucos, dias eu tive o prazer de rever esse professor. Não sei que vocês conhecem. Professor Domingos Barros Nobre. Ele é... eu acho que ele tá na UERJ, se eu não me engano. Um dia desses eu tive o prazer de, não sei como. Eu fui parar num curso que ele estava ministrando numa cidade dessa. Não lembro agora o nome. Se era Rio das Ostras ou próximo a Rio das Ostras. Mas, enfim. Então esse professor, ele me ajudou muito, ele foi muito importante nessa vontade, assim, de pesquisar, de ler, de estudar. Então, quando eu chegava na faculdade, eu já eu chegava com novidade para os meus professores. Eu lembro que a gente estudava, quando a gente começou a estudar Vygotsky. Estudamos muito. Teve um curso de extensão que nós fizemos só sobre o Pierre Bourdieu. Então, a gente que chegava com essa novidade. Então foi assim. Eu tive essa oportunidade de estar sempre estudando, sempre buscando, e eu sempre trabalhando com tudo. Porque no curso normal, na mesma escola que eu trabalhava no curso normal, eu trabalhei, também, no curso de

administração e chamava curso pós-médio. E nesse curso, quando eu fiz pedagogia, eu fiz uma especialização, também, na área de administração. Então, no curso desse pós-médio eu dava aula de tudo praticamente. Porque eu já tinha feito contabilidade, eu gostava muito administração. Então eu aproveitei e fui. Aí fui sempre me envolvendo. Trabalhei um tempo na secretaria do município também, no salto para o futuro. Então foi meu primeiro momento que eu tive, assim, contato com educação à distância. E era um material riquíssimo, tinha muita coisa boa pra gente estudar, muito o texto, bom pra gente ler. E fui por aí afora. Até que eu me aposentei, já tem uns 3 ou 4 anos, no curso normal, e tive oportunidade, porque eu era louca para fazer mestrado, e continuo trabalhando educação. Trabalha no Cederj, trabalho na Faetec, mas sempre nessa questão da formação, também. Inclusive a minha pesquisa, também nesse sentido de formação de professores, a questão da metodologia dos TCCs. Então eu posso dizer, assim, que eu fui, até agora, privilegiada por ter tido essa secretária de educação, que deu esse gosto, essa vontade da gente estudar. Inclusive quando eu fiz uma pós-graduação, em alfabetização, foi até por incentivo dela. Eu descobri, também, professores maravilhosos lá. Mas enfim, eu concordo muito quando vocês falaram que a formação parte da gente. E realmente, é maioria dos casos ela parte da gente, do professor. A gente que busca. Então nesse momento mesmo de pandemia, como eu fiz formação. Eu aproveitei muita coisa boa, eu fui parar em cada curso maravilhoso. Às vezes os meninos indicavam, aí a gente começa conhecer um, conhecer o outro e a gente, é aquele seminário que nós fizemos no nosso curso de mestrado, também. aquele encontro, né, como nós chamamos, foi maravilhoso. A gente teve oportunidade, assim, de uma gama muito diversa de pessoas. Então eu posso dizer que eu fui privilegiada nessa minha formação. Então, por isso que eu falo que eu gosto de tudo. Não tem uma disciplina, assim... Ah eu fiz uma formação, também, em letras. Toda vida eu dei aula português. A diretora chegava na escola e me deu turma até de sexto ano de português. Então até o sexto ano eu já tive. Então de português eu sempre amei escrever, sempre gostei de poesia e tudo, e aí resolvi fazer. Até em escola particular eu trabalhei dando aula de português. Aí eu fiz uma segunda licenciatura, mas infelizmente eu estou justa até hoje pra receber o meu diploma, que eu não consegui receber meu diploma. Eu só tenho o histórico. Então eu tenho, assim, eu gosto de estudar um pouquinho de cada coisa. É impressionante! Tem gente que acha que isso não é possível, mas eu, eu gosto. Então eu gosto muito da área da Psicologia, por isso que eu até vim fazer parte desse grupo que é uma questão que eu amo. Eu gosto de todas as áreas. De estudar um pouquinho, de ter conhecimento até pra orientar os meus alunos de TCC,

que é uma das coisas que eu mais gosto de fazer. Essa questão de nunca recusar. Então, às vezes a pessoa fala, assim, eu já escutei muito, até muito dos tutores que eu trabalho. “Ah, mas eu não oriento nessa área porque eu não conheço esse tema”. Então eu acho que é a hora da gente estudar aquele tema também, da gente entrar na área, de buscar, de conhecer pra você ter, subsídio também pra contribuir, né? Mas eu concordo muito com vocês, que depende só da gente. Essa questão, assim, inclusive até os próprios colegas da gente, né. Igual teve alguém que falou antes. Fala: “nossa, mas pra quê? Pra quê você tá estudando?”. Igual quando eu entrei no mercado todo mundo falava: “nossa, você tá ficando louca! Você não vai ganhar mais nada com isso, não vai aumentar”. Porque, nossa, se eu tivesse esperado, né, pra fazer, meu salário aumentaria uma merrequinha. Então, a questão assim, de crescimento pessoal e, também, assim, porque eu já aposentei, trabalhei mais de 30 anos. Essa matrícula do município também eu até pedi demissão dela. Hoje eu já trabalho nesses outros dois locais. Mas assim, um é contrato o outro, também, Cederj, a gente não em garantia nenhuma, não tem nada seguro. Mas eu pretendo ainda continuar trabalhando. Eu gosto demais disso. Desse movimento de tá junto, de tá lento, de tá produzindo, de tá discutindo, de conhecer gente, de tá junto dos meus alunos. Eu gosto muito mesmo, assim, desse contato meu com os meus alunos. Isso me faz muito bem também. De estar podendo contribuir um pouquinho, né? Mas enfim, estamos aí na caminhada pra gente ir trocando e crescendo junto.

Mediador (eu) – Tá joia Márcia. Aí antes do Paulo começar a falar e, assim, é uma coisa né, que acredito que todos vocês devem ter percebido, que é uma repetição, né? Que não é uma política educacional no nosso país, e muito menos ainda uma política de Estado, que a gente tenha uma formação que nos possibilite, né, se sentir, de fato, formatos pra atuar no chão da escola, né? Então, assim, fica evidente que às vezes depende muito do nosso esforço individual. Só pra marcar antes do Paulo entrar, que é uma coisa assim pra gente também pensar, né? A quantas anda a nossa formação, né? E se a gente não tiver a sorte de, de repente, ter alguém, igual a Márcia teve? Ou né, o quê que a gente encontra quando a gente chega pra se formar nessas graduações? Como que sai esse professor, essa professora, né? Bora lá Paulo!

Mediador (Paulo) - Oi gente! Boa noite! Eu também cheguei pouquinho depois e nem deu tempo de falar nada, né? Ô Eliete, eu sou das Ciências Sociais, também, a minha primeira graduação. Eu lembro que a época que eu entrei na universidade eu morava na região Oeste do Paraná. Então, os municípios todos ali recebiam um pouquinho dos benefícios dos royalties da Itaipu. Então, a União especialmente né, que era a principal

universidade pública da região, uma universidade estadual. Ela acabava tendo, conseguindo captar muitos recursos pra financiar pesquisas, bolsas, né? Então a gente viveu um tempo, a princípio, que poderia ter sido muito bem aproveitado, né. Mas entrou uma discussão, na época do Governo Jaime Lerner sobre a redistribuição dos royalties, né? Então os centros Acadêmicos, o DCE de todos os campus da Universidade foram muito decisivos nessa luta, né? Eu lembro que a gente até passou por um período de greve, justamente porque o governo começou a fazer uma série de cortes e haviam dois campus, o da cidade onde eu estudava, que não era na cidade onde eu morava, e o da minha cidade, onde eu nasci, poderiam ter alguns cursos fechados por conta desses cortes, né? E então eu já entrei na universidade vendo essa movimentação toda da galera, a importância dos diretórios estudantis, e tal. E a greve também trouxe essa dificuldade com relação à formação porque a gente teve o déficit, justamente na área pedagógica, né? Que nos daria o subsídio pra entrar em sala de aula. Só que o mais importante, e o mais legal eu considero que, em nenhum momento, os alunos deixaram de apoiar o movimento de greve porque, apesar de saber que haveria prejuízos pra todos, era essencial aquele movimento, né, naquela hora específica né. Quando eu entrei na graduação, eu tinha terminado ensino médio em 2003. Nesse mesmo ano eu prestei vestibular. Não, 2002. Em 2003, março, eu tinha entrado na universidade, né. Lá, todo gaiteiro, sorridente, achando que tava virando adulto já. Eu trabalhava como o sacoleiro junto com uma pessoa lá do município. Então a gente ia ao Paraguai, duas ou três vezes por semana, pra pegar muamba, fugir da polícia federal, aquelas coisas todas, né? E assim a gente é, eu fui conseguindo manter as despesas, apesar de estudar numa universidade pública, né? Era fora do meu Município. Então, era difícil bancar transporte, alimentação, material e essas coisas todas, né? E quando eu comecei a questão do estágio eu caí – é muambeiro (risos) – e a gente tinha cada truque pra esconder as coisas e passar na ponte (risos). Muito laranja trabalhando com a gente. Laranja, assim, pra conseguir cadastrar cota pra atravessar na aduana, né, então a gente tinha muitos amigos que faziam esse serviço pra gente, né. Pra a gente conseguir ter cota pra, pra não deixar de vender os nossos produtos. E eu fui começar o meu estágio dessa graduação em uma escola de periferia. Eu lembro até hoje, né? O prédio tava já condenado pela defesa civil, porque corria o risco de desabamento, mas a SIDE na época não autorizou o fechamento dela porque não tinha outro lugar pra onde levar os alunos, né. E aquela coisa. Eu tinha a mesma imaginação que a Lúcia, né? De que eu chegaria, né? “Nossa vou fazer muitos projetos, todo mundo vai se interessar”. Era o ano que a Sociologia e a Filosofia tinham acabado de retornar pra a grade do Ensino Médio,

né? Então eu tava muito empolgado com essa possibilidade da gente trazer outros tipos de discussões pra escola. E aí quando, eu chego na escola pra estagiar, na escola de periferia, o prédio correndo o risco de cair. Do lado, pertinho da fábrica da Sadia. Então aquele cheiro de galinha escaldada era horrível, né? A primeira coisa que eu ouço “ih, mais um professor viado chegando na escola. Ai que saco, né? Ai, lá vem a bicha. Ai, vamo ter aula com a bicha”. Aí eu já “pool”! Murchei, né? Não sabia me impor, não tinha, né? Então, essa foi a primeira, a primeira noção de realidade, né? E aí depois, quando eu terminei a graduação, os meus pais, eles já tinham se mudado para Minas Gerais. E aí quando eu cheguei em Minas, também, fui tentar, né, a sorte. Havia feito a prova do concurso. Na época pretendia pegar uma vaga em Miracema, né Tiago? Ia lá pra perto da casa dele. E tentando a sorte em colégio particular, né? E não consegui colocação, aquela coisa toda. Pedia sempre experiência, né? Até que me chamaram pro concurso da Secretaria aqui do Rio. Aí vim pra cá, foi outro balde de água fria, né? A gente via que, grande parte das pessoas que ocupavam as funções de coordenação pedagógica, não traziam nenhum tipo de benefício pra gente, no sentido de auxiliar a gente na busca de uma formação continuada, né? Eu lembro que, talvez, o programa mais organizado que a gente teve aqui, foi aquele que preparou a gente pra trabalhar com o novo ensino médio de jovens e adultos, né, o NEJA. Que a gente teve uma formação que foi até interessante na proposta, mas na prática não resultou em muita coisa, e uma série de situações esparsas, né, de cursos. E isso acabou me motivando a ir pra Pedagogia. Porque eu comecei a fuçar as escolas onde eu pudesse tentar essa vaga de coordenação pedagógica. Porque eu queria, eu queria formação pra mim e pensava: “poxa, às vezes os outros estão com essa mesma angústia, né?”. Porque não tentar entrar numa função dessa e, sei lá, tentar movimentar alguma coisa. De novo um romantismo, né? É, movimentar alguma coisa na escola pra colocar os professores, pra gente ir atrás, ou a gente mesmo construir o nosso próprio modelo. E por aí foi. Mas, exigia-se aí a pedagogia. Então fui fazer a pedagogia porque eu queria alguma coisa nesse sentido, né? E quando eu comecei a estudar pedagogia, aí eu vi que era muito melhor que eu imaginava, né? Muito mais interessante do que eu supunha. Porque o curso da pedagogia, lá no polo ali onde eu estudei – eu fiz pelo consórcio Cederj, também à distância – o diretor vivia dizendo que pedagogia era um curso pra mulher gorda e varizenta, né? Então, não havia muito espaço pra pedagogia. Eles queriam era os laboratórios de química, de física, aquela coisa toda, porque trazia projeto, investimento, né? E pedagogia ia lidar sempre com aquelas criancinhas remelentas, né? Ia sempre trazer aquela barulheira, aquela, aquele bando de

gente. “Ai, família pobre, não sei o quê, não sei o quê”. Era o estigma que eles colocaram sobre a gente, né? E a minha situação foi a mesma que vocês também relataram. Todos os cursos que eu busquei fazer foram sempre por minha própria vontade, né? Antes de entrar pro mestrado, no qual eu tenho muita, muita satisfação hoje, eu tentei uma outra prova. E aí é interessante é que, assim, como a gente percebe, como a gente percebe que, às vezes, a experiência de sala de aula vai dando a maturidade emocional e, até mesmo, cognitiva pra gente entender qual é a proposta de um mestrado, né? Porque, a princípio, eu fui porque eu queria: “ai, eu quero, eu quero um título. Ai, eu quero, eu quero ter outras oportunidades”, mas a necessidade, eu acho que eu não percebi naquele momento, é que, a coisa mais interessante que o mestrado podia me dar era me lapidar como professor, né? Me tornar mais consciente da minha função dentro da sala de aula. E aí eu olho pra aquele projeto, né? Eu tentei pela primeira vez em 2011, se eu não me engano. Tinha três anos de magistério só. Eu tentei na UENF, ia prestar prova pro programa de linguística deles. Aí eu olho pro meu projeto hoje, que eu apresentei na época e eu falei: “olha, se eu tivesse apresentado esse projeto com a mentalidade que eu tenho hoje, eu ficaria constrangido demais. Porque era muito ruim, era muito fora de contexto e não tinha, talvez, a missão que a pesquisa deveria cumprir que é, também, possibilitar a modificação da realidade das pessoas pra quem eu vou dividir o meu conhecimento, que seriam os alunos, né? Então eu acho que a gente só ganha com a formação continuada, a gente só ganha com especialização. Não em termos de agregar conhecimento, mas, também, de conhecer outras possibilidades de exercer a função e, principalmente, entender o que é estar ali, sabendo exatamente qual é a sua responsabilidade, vai dar muito mais resultado do que simplesmente fazer como muitos estudantes hoje infelizmente tem feito. Escolheu uma licenciatura porque é mais fácil, é menos concorrido. Então é um diploma, entre aspas, garantido. E aí eu tô, desculpa a expressão, cagando pra quem eu vou encontrar na sala, vou dar uma aula meia-boca, pra cumprir tabela e voltar pra casa porque eu sei que meu dinheirinho vai cair na conta bancária. Então, isso... e olha que, só pra encerrar, porque eu sei que eu já me estendi muito, na época que eu prestei o vestibular pra Ciências Sociais Diana, eu tinha escolhido outro curso. Meu interesse inicial era outro. Mas como eu falei que a universidade tava sendo meio boicotada pelo governo, o curso que eu tinha me inscrito, o governo fechou. Então, dentre os que haviam, naquele campus no qual eu tinha me inscrito, o de Ciências Sociais era o que mais me agradava, né? E eu entrei, assim, com muito receio de me arrepender pela escolha. Porque eu fiquei entre fazer História, fazer Ciências Sociais ou, uma terceira opção, que seria letras, né? Mas eu sabia

que eu queria uma licenciatura. E acho que ter optado pelas Ciências Sociais foi a melhor coisa que eu fiz no universo.

Mediador (eu) – Ah, que bom ouvir vocês. Eu tô me dando conta aqui de uma coisa. Já são mais sete horas, já são 7:03. E esse tema é um tema que ele suscita realmente muita conversa, muito debate, tinham outras questões que eu queria estar trazendo aqui hoje pra gente conversar mais, né, porque eu acho que a gente carece muito desses espaços, né? Da gente ouvir a outra, o outro e a gente acaba se enxergando nas experiências do colega, da colega. Então eu acho que a gente poderia continuar conversando sobre formação e formação continuada na próxima roda, porque, assim, é um tema que eu acho que mexe muito num ponto acho que dolorido. Às vezes, também, uma coisa muito visceral, uma coisa que define muito a nossa vida, o tipo de profissional que a gente é, o tipo de educação que a gente quer. Então eu acho que, de repente, a gente poderia estar retornando na próxima roda, continuando o tema que a gente colocou um tempo de uma hora pra não se estender, e a gente retornar. Eu vou estar sugerindo um texto e queria que vocês pensassem. Nós somos um grupo interseccional, o NEIPE, né, de estudos em psicologia escolar. Então, assim, a gente é muito atravessado por essas leituras da psicologia escolar na perspectiva crítica. E a gente entende a educação, a gente visualiza o nosso aluno, não só ele, não só o indivíduo, não só o aluno, a aluna, mas todo o contexto social que ele está inserido. Então a gente acredita que a educação ela tem que ser sócio referenciada. Então eu vou deixar um texto provocativo pra quem estiver à vontade, quem quiser ler. Um artigo, pequenininho, que no próximo encontro pra dar uma provocada aí nas ideias, pra gente continuar esse papo. Mas antes, lógico, antes de fechar, quem quiser falar e se manifestar, fazer algum comentário e, também, se concordam, se discorda de mim, se acha que a gente deve continuar conversando sobre isso. Isso é uma coisa minha, que eu achei sabe? Não sei se vocês concordam, mas eu queria também tá ouvindo vocês pra gente encerrar.

Professora Lúcia – Eu concordo sim! Também cheguei atrasada, né? Não pude aproveitar tudo. Mas é sempre bom porque eu me sinto sempre na necessidade de me aperfeiçoar. Eu confesso que durante a pandemia, eu tinha um livro aqui, parei na página e tá parada desde o ano passado. Eu não consegui ler nada assim de livro, me aprofundar. Eu não fiquei em depressão não, mas não tava afim de ler, né? Eu tava precisando entender o quê que tava acontecendo. E até já me sugeriram muitas coisas pela internet, mas, assim, eu só tô fazendo o essencial. Porque a tela já tá me cansando.

Mediador (eu) – Mas se perdoe porque estamos na pandemia. Então tem muitos outros temores, muitas outras coisas mais importantes que, assim...

Professora Lúcia – Mas leitura né? Se a gente tinha tempo? Pô, você tem um tempão pra ficar em casa, principalmente no princípio, porque a Faetec deixou a gente assim... Aí podia ler, né, tanta coisa... e na tela também eu não leio. Eu leio um artigo, claro, mas um livro, uma parte talvez, né? Mas eu acho bem legal a sugestão da gente continuar no próximo encontro.

Mediador (eu) – Eliete, Márcia, Paulo, Fernanda? Vocês concordam?

Mediadora (Márcia) – Eu concordo!

Mediadora (Fernanda) – E eu acho que vai ser legal a gente continuar no próximo encontro. Porque aí a gente pode ir aprofundando um pouco essas coisas, né? Eu fiquei pensando muito no que a Lúcia falou, né, de não ter, dessa distância, né, da universidade. Que quando a gente sai, é difícil de voltar. Assim, eu já ouvi isso de muitas pessoas que, assim... É, o Tiago é uma das pessoas que teve essa dificuldade, né? E eu fiquei pensando muito nisso que repetiu várias vezes, né? Tiago falou e, muito em função do que vocês trouxeram né, de como é injusto que a gente ter que fazer um esforço pessoal pra se capacitar. Muitas vezes um sacrifício até, né? A Márcia conta da história dela, de tudo né? A própria Eliete, né, que tinha lá os plantões e não sei o quê. Enfim, um sacrifício pra conseguir continuar se capacitando e fazer uma prática que seja, né, melhor pra, não só pra nós, né, que é óbvio que a gente, estando, né, se sentindo bem, seguro no trabalho a gente vai ficar mais satisfeito com isso. Mas é principalmente pela educação, né, que a gente faz isso. E é uma coisa que eu acho que é um diferencial, quando eu penso nos outros profissionais e em nós, né? Porque a gente faz algo que reverbera pra toda a comunidade, né? Um melhor, uma melhor prática do professor gera um benefício comunitário enorme, né? Enfim. Então, é muito injusto que a gente tem que fazer isso por um esforço pessoal, que isso não seja algo. E aí foi por isso que eu falei ali no chat, né, que eu acho que a gente precisa cobrar políticas públicas, e não o governo que resolve dar, e o outro tira, aí o outro muda e, enfim. No momento a gente é prioridade, no outro a gente deixa de ser. Então, é isso! Está mais do que na hora da gente consolidar, né, a formação, tanto inicial, quanto continuada, como uma política pública. Eliete tá com a mão levantada. Eu vou pedir licença que eu tenho um compromisso agora às 7:00, mas vocês fiquem à vontade se quiser continuar conversando, tá?

Mediador (eu) – Tá bem!

Mediadora (Fernanda) – Um beijo! A gente se vê, então, na próxima, daqui a 15 dias.

Mediador (eu) – Mas diga Eliete! Fernanda, Fernanda, pausa a gravação. Pausa a gravação.

Rodas de Conversa – 5º encontro (05/08/2021)

Transcrição

Mediador (eu) – Bom gente, hoje eu acho que é o nosso quarto encontro, se não me falha a memória, né? Mais uma vez eu quero agradecer, né, em nome do grupo de pesquisa. Hoje a gente tá aqui com a Sônia, que hoje conciliou, assim, o horário, o tempo né? E a gente tá nesse debate lá pra deliberar, pra gente resolver é as próximas rodas né? Então, assim, é uma coisa que a gente vai, ainda, resolver como é que isso vai ficar. Mas, assim, com a iminência desse retorno do trabalho presencial, que a gente já tava conversando aqui quando a Sônia chegou, e a nossa vida tá virando uma confusão, que a gente tem que postar conteúdo. E a gente fica, também, nessa insegurança né? Eliete tá pra voltar na semana que vem, também. Então, assim, a próxima roda, pode ser que ela não aconteça daqui 15 dias, né? E eu tava conversando até com Fernanda mais cedo, e até, assim, para a nossa pesquisa, né, que a gente já vem desenvolvendo aqui com vocês, a gente inclusive, assim, diante dos objetivos que a gente colocou, do que a gente queria propor, né, porque a gente pensou com a roda, a princípio a gente já tá assim com material muito legal pra nossa pesquisa. E a gente, assim, confirmou e, num sentido muito positivo, as nossas expectativas, né, a respeito desse espaço que a gente vem construindo aqui. Do afeto, dos vínculos que a gente tá criando, de como esse espaço tem sido importante. Primeiramente como um espaço onde a gente se identifica, uns nos outros, umas nas outras; é onde a gente se escuta, onde a gente compartilha as nossas dores, onde a gente se apoia e se articula, né? E mais cedo né, quando eu tava conversando lá no nosso grupo de pesquisa né, quando começou a surgir essa questão dos desencontros de horário, pra gente conseguir conciliar um horário pra todo mundo tá aqui participando. Eu até comentei com o Paulo, a gente tava na conversa lá. Como que as coisas, né, são organizadas pra desorganizar a gente, né? Como que o nosso tempo, como que ele é roubado. Como a nossa vida de professor, de professora é corrida é atribulada, né? Às vezes a gente tem um, dois, três vínculos. Trabalha no público e trabalha no particular. Quem é mãe e quem é mulher, que tem que dar conta das tarefas da casa. Então, assim, são vários atravessamentos, vários corres, várias jornadas da vida que acabam, né? Que, às vezes a

gente acha que é natural, que é normal essa loucuragem, essa doideragem toda, mas que, na verdade, não é! Na verdade, é todo um complexo de situações que é organizado pra gente não se organizar, pra desorganizar a gente enquanto classe, né? Pra mim, esses encontros – depois quero escutar vocês também – tem sido muito produtivos, tem sido muito importantes nesse sentido de confirmar, do quão potentes são esses encontros. Esses espaços, para nós, enquanto classe, enquanto categoria profissional. E, resgatando o que foi falado na última roda, quando a gente começou a falar sobre formação de professores, eu, assim, notei um pouco nas falas de vocês que, assim, a gente concluiu, né, com a última conversa, que tudo depende muito de um esforço nosso, individual, pra gente se formar, pra a gente acessar os espaços de saber; pra gente se qualificar pra tá no mercado. Porque, o sistema que a gente tá inserido, os sistemas educacionais, sejam eles públicos, sejam eles privados, e a própria existência da sociedade. Ela não permite que a gente tenha facilidade de acesso a espaços formativos, né? Então, eu lembro que a Lúcia comentou na última, na última conversa, que ela ficou muito tempo longe da universidade sem estudar e, que logo que ela começou a trabalhar, ela se viu no meio daquela loucura toda. A Eliete falando né, que também foi um perrengue pra ela conseguir continuar estudando, né? E hoje eu queria tá trazendo pra nossa conversa de hoje a questão da formação continuada, né? Visto que, a gente já passa por uma formação inicial que, às vezes, ela é muito deficitária em conteúdos que proporcionem um crescimento pra gente, uma ampliação da nossa leitura e visão sobre processo educativo, né? Até compartilhei com vocês lá o texto, né, do artigo. Depois eu queria escutar, brevemente, vocês, também caso dê tempo. Aquilo ali, por exemplo, é um texto que eu não tive contato, né, com aquele tipo de texto – um texto muito potente, um texto muito interessante. E faz a gente pensar, né? O próprio título dele é muito provocativo, né? “A culpa é sua”. Então, de quem é a culpa? Às vezes pelo próprio, pelo fracasso escolar? Então, assim, são debates que são muito urgentes, que são muito necessários que a gente não tem na nossa formação inicial; e que, a gente só tem na formação continuada, quando a gente corta um dobrado, sua uma camisa pra gente acessar esses espaços. Então, nada é facilitado pra gente. Então, se a gente não fizer um esforço, muito além da curva, a gente não acessa esses espaços, né? Então, hoje eu queria ouvir a Sônia, queria ouvir a Lúcia, Paulo, né? A Eliete, sobre essa questão da formação continuada. Como que foi, pra vocês, continuar estudando? Como que vocês percebem, né, essas dificuldades, diante das imposições que a gente já tem nessa nossa existência tão precarizada, na sociedade em que a gente vive. Tudo bem? Bora lá, quem quiser se alistar aí na fala, pode começar.

Professora Sônia – Posso começar?

Mediador (eu) – Pode começar Sônia! Estávamos com saudade de você.

Professora Sônia – Então gente, queria começar né, assim, me desculpando pela ausência nas duas últimas. Eu tive na primeira, eu lembro da Eliete, eu lembro da Lúcia, também. O Paulo eu acho que eu não conhecia ainda. Mas no meu processo aí, do final do primeiro semestre, eu me enrolei completamente e, ao tirar recesso, eu tirei recesso, também, das redes sociais, né? Eu precisava desse momento, assim, de que eu não acessasse tanto, né, as redes e fiquei, realmente, 15 dias mesmo sem, sem muito acesso e perdi a data do encontro, né? Eu vou ter que anotar manualmente, também voltar anotar a manualmente as coisas. Porque me fez falta assim, né, quando eu percebi que tinha passado eu falei, “nossa eu perdi uma coisa que eu me propus a fazer e que eu tava achando importante pra mim né nesse momento”. Mas enfim, coisas que acontecem. E aí eu perdi a discussão do último, né, que vocês já estavam falando disso. Mas eu queria muito falar desse processo que aconteceu comigo. Porque eu acho que essas histórias se cruzam. Então, essa introdução que o Tiago fez, né, de a gente tá sempre, assim, buscando para além. Nada é dado muito de graça, a gente que tem que fazer um esforço sobrenatural pra fazer essa formação continuada. E aí eu lembro, assim, que eu me especializei né? Eu sou de Sociologia. E aí, quando acabou a graduação, e eu comecei a trabalhar, né, no Estado, eu falei assim: gente, eu preciso de algo a mais, porque não foi suficiente o que eu tive de formação, né, pra trabalhar, especialmente na época quando eu entrei no Estado. Eu trabalhava numa escola compartilhada, noturna, né, com um índice de vulnerabilidade, assim, com estudantes que não sabiam ler direito, sabe? E, assim, eu me deparei com aquilo e eu fiquei, assim, muito chocada com uma realidade. Eu entrei no Estado em 2010. E aí comecei a pensar, né? Eu preciso de fazer alguma coisa, né, pra me qualificar melhor. Porque eu não tô sabendo trabalhar. E aí, na época, tava abrindo especialização na UFRJ o CESPEB, né – que é direcionado para professores da Educação Básica – e era a primeira turma de Ensino de Sociologia. E aí eu falei: vou me inscrever nisso aqui. E eu não tinha quase tempo, porque eu trabalhava em ONG, eu trabalhava no Estado e tinha que ir pra Praia Vermelha, né, pra UFRJ, duas vezes por semana, à noite. Mas, mesmo assim, eu falei: vou me enfiar aqui porque eu preciso de algo, né, pra trabalhar. E aí foi muito bom! Não só o curso da formação. A formação foi boa, mas o melhor foi o contato com colegas, da rede, já que tinham anos, assim, de experiência. Então, a gente trocava muito. Foi muito interessante, também, o movimento da troca que se fazia ali nesse, nessa

especialização. E lá, também, eu comecei a me interessar por pesquisa na área de educação. E aí, depois, foi isso que me possibilitou fazer um mestrado, né, na área, né? Investigar currículo, depois de Sociologia e fazer o mestrado. Foi esse contato, também com a universidade. Mas assim, quando eu fui fazer mestrado, uma das minhas maiores queixas com a instituição, né, era que a gente, que aquele programa de pós-graduação, eles, de certa forma, enchiam a boca pra falar que, aquele programa, era cheio de professores. E era mesmo! Mais de 50 e cinquenta por cento, né, do grupo que tava fazendo mestrado, era de professores da Educação Básica, mas que não tinha, por exemplo, aula durante a noite. A aula era galera manhã e tarde, né? E aí a gente tinha que fazer um esforço sobre-humano de conseguir conciliar as coisas. Eu trabalhava, trabalhei na época, assim, tava trabalhando 52 horas semanais e, mesmo assim, com o mestrado. Sorte minha que eu tinha uma orientadora que entendia né? Esse processo de um estudante trabalhador né?

Mediador (eu) – Só pra ver se eu entendi. Então, você tá trazendo uma queixa de que, assim, era um mestrado para professores e num horário de, assim, de trabalho né?

Professora Sônia – Exatamente!

Mediador (eu) – Ah tá. Só pra ver se foi isso mesmo que eu entendi.

Professora Sônia – É! Era manhã e tarde as disciplinas.

Mediador (eu) – Muito, muito interessante esse questionamento você traz.

Professora Sônia – E, também, assim...

Mediador (eu) – E se é um programa que se pretende pra atender a classe né? Então, automaticamente, ele exclui as professoras e professores, né? Muito, muito interessante.

Professora Sônia – Foi muito a nossa briga também. A gente participava lá dos colegiados, e tal, pra ter alguma disciplina ou mais disciplinas no noturno, especialmente as obrigatórias, né? Hoje eu acho que eles já tem mais uma... um... já oferecem algumas né, mas ainda não é a maioria. Então, assim, os mestrados acadêmicos também têm essa problemática né? O estudante trabalhador ele não é contemplado, né? E nem as suas práticas são muito vistas, né? Eu lembro, assim, das minhas, dos meus questionamentos em disciplinas que era assim: “gente, mas vocês não tem noção do que é uma escola da rede pública estadual”. Pros professores mesmo. E muitos, muitas teorizações, muitas

coisas e cadê a aplicação prática daquilo, né? Então, o mestrado foi muito, foi bom, mas também me trouxe é, questões que até agora não consegui fazer doutorado, cinco anos depois. Por conta, também, da pressão que é né? E, também, de eu não me sentir tão contemplada nas minhas questões. Então eu acho que tem essa, essa... isso né, na academia um pouco, ne, da gente ter esse... essa... essa questão né, de não tá tão relacionado à prática, os professores que tão lá, muitas vezes, não estão tão envolvidos né, com as redes. Então, não tem essa dimensão e sempre fica esse questionamento, né? Como que eu vou aplicar esse conhecimento se ele não tá refletindo tanto a minha realidade? Então é isso! Acho que vale a pena sim a gente se qualificar, é sempre muito bom, mas eu acho que, também, tem que ver, tem que haver por parte da universidade essa, esse entendimento da nossa realidade. Eu acho que falta um pouco, ainda.

Mediador (eu) – Obrigado Sônia pela sua fala. Muito interessante esse questionamento você traz. Até porque, assim, Paulo e eu, a gente faz aqui o mestrado no programa do PPGEn, aqui do INFES, da UFF. E as aulas realmente acontecem no turno, no matutino e no vespertino, né Paulo? Então, assim, não tem... volta e meia tem um evento à noite. Não tem é, assim... aula no noturno. Então, assim... para quem essa formação continuada, né? Ela está sendo ofereci... a serviço de quem, né? Então é uma coisa pra gente pensar. Diga lá Paulo!

Mediador (Paulo) – Eu queria só é aproveitar o embalo dessa nessa questão, porque, assim, a gente sempre teve, desde o início né, da nossa formação os nossos professores se justificando quando a gente entrou no programa que o curso não poderia ser à noite porque a vocação do campus é pra atender a população carente, que é estudante trabalhador, e que, então, por isso, precisa fazer a graduação à noite. Então, os professores que trabalham no programa de pós-graduação só teriam tempo livre durante o dia pra poder ofertar o curso, né? Aí a gente começa a pensar, até entende e tal, a questão que eles também acabam passando por um processo de precarização. Mas, é... acho que um detalhe passa despercebido: a direção do campus, né, de levar em conta essa demanda que também é de quem tá na pós-graduação, né? Que tão importante quanto a formação inicial, também é a formação continuada. Então, é tão raro pra gente, aqui na nossa região, ter a oportunidade de ter cursos tão próximos, né, como que a gente tem aqui no INFES, né? Porque, senão, nós teríamos que ir pra Campos, pro Rio né? Ou, então, pra Juiz de Fora. Passar três, quatro horas no ônibus, né? E muitas vezes seria completamente inviável, justamente por conta da carga horária na escola né? Então, eu acho que, muitas

vezes, a instituição, ela se preocupa em poder garantir o seu funcionamento, né, e privilegia pouco a necessidade do aluno nesse aspecto. E, com relação à Secretaria Estadual de Educação, né? Eu fiquei muito encantado com as coisas que Eliete falou no início aqui sobre a própria categoria (trecho inaudível do vídeo) porque ela tá esvaziada, porque não havia uma visão, né? Então, o sindicato tava perdendo força de barganha com o governo justamente porque não tinha apoio dos profissionais. Mas, com relação à SEEDUC, eu percebo que a formação continuada, ela tá muito voltada às necessidades emergenciais do calendário. O meu som? Agora vocês estão me ouvindo?

Mediador (eu) – É, eu não sei se é só pra mim Paulo. Tá picotando o áudio pra vocês dele também?

Professora Lúcia – Às vezes congela, dá uma travada.

Mediador (eu) – Ah, o áudio né?

Mediador (Paulo) – A minha conexão hoje tá ruim.

Mediador (eu) – De repente, fechando a câmera, melhora. Não tô te ouvindo Paulo.

Mediador (Paulo) – Agora voltou?

Professora Sônia – Sim.

Mediador (Paulo) – Bom, eu vou passar pra outra pessoa então. Ah então tá bom. É só pra não tomar mais o tempo. Eu vejo que a secretaria aqui ela tá muito preocupada em colocar cursos né, de formação continuada, pra a gente, no que diz respeito às necessidades emergenciais do calendário. Surgiu uma demanda x ou y, então eles abrem uma possibilidade, mas é uma coisa muito pontual, solta dentro do currículo né, e acaba servindo, muitas vezes, só pra cumprir tabela.

Mediador (eu) – Exatamente. Assim, como eu acabei de colocar no chat aí. É só pra constar né? Naquele momento ali aparece aquele conteúdo, aquela formação, mas não vira uma coisa permanente, uma coisa estável, né? Bom, e Lúcia, Eliete? Sobre formação continuada.

Professora Eliete – Eu, assim... vocês falando sobre isso. Sônia falando. Me lembrei muito dessa questão do chão da escola, né? Que realmente quem tá no chão da escola é que sabe as dificuldades, as nossas realidades. E aí, quando você vai pra universidade, ou quando

você vai pra um curso de formação, você vê que às vezes tá muito distante das propostas e da nossa realidade. Em relação à formação, hoje eu tô fazendo uma terceira especialização. Talvez eu possa dizer, assim, por falta de oportunidade e, também, pelas demandas pessoais, eu não fiz e nunca me inscrevi num mestrado. Toda vez, eu tenho uma amiga que sempre puxa minha orelha e me leva, né? Assim, “vão bora Eliete! Vão bora!”. Daí eu digo, tá certo. Aí, quando começo mesmo a estudar, eu paro. Pelas necessidades mesmo da vida, né? Algumas coisas. Quem é mãe também, a questão do cuidado com meu sogro, então? É um pouco complicado. Mas minhas formações, geralmente eram em finais de semana gente. Era final de semana sexta, sábado, domingo estudando, entendeu? Ou então, quando tinha alguma formação que, no caso, eu fiz uma formação que foi sobre alunos cegos. Que, como tinha uma aluna com deficiência visual, um outro aluno também que eu tive.

Professora Ana – Desculpe o atraso.

Professora Eliete – Oi Ana! Então aí, eles conseguiram fazer um acordo com a Secretaria de Educação do município. Então, eram às vezes uma vez por mês, ou então uma vez, uma semana. Então durante um mês eram semanais. Geralmente, todas as minhas formações, que eu sempre fiz, era assim, final de semana, sabe? Me desesperando (risos). Porque isso que acontece quem é mãe, quem é dona de casa também. Hoje eu tive, assim, vou falar uma coisa bem pessoal. Eu tive um papo com meu marido. É o seguinte: eu quero reduzir a minha carga horária. Então você vai ter que aumentar sua carga horária aí. Então, arranja um outro emprego pra multiplicar, porque eu quero estudar. Falei assim mesmo! E não é só questão de estudar. E ele olhando assim pra minha cara: “Eliete (porque ele é servidor público) eu já pedi a minha extensão de carga horária, mas não dá”. E a realidade é que a gente não tem né? Pra equilibrar um as contas, pra manter, você tem que... os dois tem que trabalhar ele tá sempre procurando outro emprego, mas eu sei que ele vai sofrer. Sabe? E eu digo assim: eu quero estudar, eu não tô mais aguentando pelo que eu passei hoje. Ontem eu fui na escola. Então, tem que comprar os meus recursos, os meus materiais, pra quando tiver o retorno. Então a gente não tem a garantia de que o governo – é a questão da precarização que você tava falando no início Tiago, e Lúcia, também – dessa segurança, desses protocolos de não sei o quê. Então, eu tô comprando álcool, isso e aquilo outro. Então, tem essas demandas também né? E hoje, digamos assim, eu dei uma pirada com meu marido em relação a isso. Porque eu tô estudando, eu tô fazendo a formação; eu tô fazendo uma capacitação e uma especialização, eu tô

terminando e, assim, é investimento pessoal sempre! É um desgaste também essa situação da gente não ter esse retorno desse investimento. E é uma fala. Uma colega tava me falando assim. Falou uma coisa que eu me lembrei ouvindo a fala de vocês, que é muito sutil. Sempre se fala assim: que é o professor que tem que fazer, que é o professor que pode abraçar. Aí, eu lendo o texto, eu tive assim, um grande choque porque, muitas falas, que tava ali no texto, são falas minhas, algumas, falas das minhas colegas. Às vezes são falas de cunho preconceituosas mesmo, sabe? E alguns aspectos ali foi muito pontual. E aí eu me lembrei de algumas situações que eu vivenciei na minha escola, na minha outra escola que eu passei. E digo a você: o fato de mudar de escola faz com que você tenha contato com inúmeros colegas de realidades, também, diferentes. E é um preconceito mesmo, viu gente? Da questão da alfabetização, de... eu nunca fui alfabetizadora e eu sempre falo isso. Que você, pra ser alfabetizadora, você tem que investir na sua formação; e que a gente não tem esse retorno, né? Então é sempre a busca do professor, sabe? Eu já trabalhei com diversas, né, anos e eu sempre me deparo com situações. E eu parei quando eu terminei o texto falando assim: então, eu acho que, o caminho que a coordenadora me deu, foi a gente analisar cada aluno – inclusive a educação de jovens e adultos – e ver que a gente tem que fazer, numa sala que tem 30 alunos, planos individuais. Sabe? Pra atender a demanda daquele aluno, ver a dificuldade, fazer os encaminhamentos. Mas eu acho que, enquanto professora, a gente tem que se despir de preconceito. Se despir totalmente de preconceito. Porque a gente vai encontrar muita coisa. E você falou da fome e eu encontrei isso a vida toda. E eu disse assim: eu trabalhei um período da minha vida na Fundac, que aqui trabalha com menor. Eu nunca trabalhei com menor infrator porque eu não quis. Porque na época que eu passei no concurso, alguns anos atrás, eu me recusei. Então eu trabalhar com crianças menores, que é o que eu gosto. E aí, trabalhei um período, passei no vestibular, fiz Pedagogia. Quando concluí, no pulso, passei no concurso da prefeitura. E quando eu saí fui para prefeitura, que na época eu era vinte horas, que eu cheguei na escola, aí eu fiz assim: “oxente! Eu mudei de instituição, mas eu continuo vivenciando as mesmas, os mesmos dramas”. Da miséria, né? Da culpabilização do outro, sabe? Da questão da responsabilidade. E quem é, realmente de fato, que deveria ser responsabilizado, que é o Estado, que é toda uma estrutura dessa sociedade, que tem imposto. Na minha caminhada de formação que vim entender, também né? Digamos assim: que essa sociedade que a gente vivencia, que nós estamos vivenciando hoje ainda muito mais. Que a miséria, assim, ela permeia em todas as instituições. Então, isso pra mim foi impactante. Então eu falei uma vez com uma colega que tem situações e

situações, mas o que eu vejo aqui é uma questão da sociedade. E aí foi um quebra-pau danado porque ela tinha umas ideias. E aí é que eu falo, é a questão do preconceito. Desculpa, viu gente! Eu acho que eu me alonguei (risos).

Mediador (eu) – Imagina Eliete! E assim gente, eu queria pedir desculpas pra vocês, que eu mandei o texto para vocês, e eu esqueci que aquele texto ali eu tinha grifado algumas partes dele num programa de edição. Então tava destacado algumas citações ali que... algumas partes que me marcaram muito. Daí eu não conferi antes de mandar pra vocês (risos). Peço perdão. Porque a marcação de um texto, eu entendo como uma história né? Passou ele pela sua mão e aquilo ali que te chamou a atenção. Então aquilo ali tá meio que a sua impressão digital, né? Mas bora lá! Diga Lúcia!

Professora Lúcia – Bom, em relação à minha formação eu fiz, por um acaso eu fiz uma pós-graduação, à noite. Mas isso data de novena... na UERJ. Uma universidade bem democrática nesse aspecto, né. Manhã, tarde, noite. Tem bastante... tinha, pelo menos na época bastante opção. Acho que agora ainda tem também. Mas desde então, eu terminei em 2000; veja só. Eu tentei voltar em 2008. Não consegui, mas sempre como aluna ouvinte né, no mestrado, e tal. Não consegui. E depois eu falei: “ah, tô trabalhando muito”. Não tinha possibilidade porque eu trabalhava em três lugares, trabalhava no particular, também. Na Faetec, a gente tem uma possibilidade de redução de carga horária, mas é preciso passar no concurso. A gente como o aluno especial, não consegue. Eu disse “ah, eu preciso me preparar”. E na Aliança Francesa – eu já trabalhei lá por muitos anos – quando eu pedi uma redução de carga horária, pra começar a pensar, né, me preparar, tentar buscar alguma coisa, eu fui mandada embora. Aí eu falei: ah, então agora mesmo é que eu não quero saber! Aí eu comecei a viajar mais, porque eu não podia viajar na época. Aí falei: ah, vou cuidar de mim, vou cuidar da minha vida. Deixa... deixa pra lá! Então, assim, os estudos, o que eu fazia mesmo era só leitura. Mas a leitura nunca debati com ninguém, nunca participei de nada, e a vida era assim, corrida. Sempre foi. Agora tá um pouco mais calma. Por isso até que eu posso participar de algumas conversas, participar de reunião, me dedicar um pouco mais porque eu não podia me dedicar. Chegava e saía, chegava e saía. Essa questão que a Eliete levantou, em relação do número de alunos, acho que isso é fundamental. Porque imagina ela for fazer um plano pra 30 alunos? Eu não consigo fazer isso. Hoje eu falei pra uma aluna; eu falei – porque eu mandei um recado pra ela – “olha, diz pra Fernanda pra aparecer”. Ela, de vez em quando, aparecia na aula. Aí hoje ela apareceu, eu perguntei pra ela e ela me disse que descobriu

é... diz que é TDA, TDAH, alguma coisa assim. E ela disse que toma um remédio pra parar a ansiedade, mas ela se esquece de muita coisa, ela fica muito lenta. Aí eu até aconselhei. “Por que que você não faz um pouco de meditação?”. Ela disse: “aí professora, acho que não funciona não”. Aí eu falei: “ah, mas é aos poucos né? As coisas vão voltando aos poucos”. Porque ela tava se sentindo completamente aérea. Quando ela vi as conversas do zap, ela diz: “nossa! Já passou a aula? Aula de não sei de quê, de não sei de quê”. A gente tá vendo muito aluno, ou diagnóstico está sendo bastante preciso. Porque eu me lembro, e a gente tem que falar: “na minha época a gente não tinha isso”. Esses diagnósticos, os alunos, as crianças, os adolescentes não iam pra psicóloga. Era muito raro, era difícil ter acesso a esse tipo de profissional, né? Ia pra um psicólogo porque tinha dinheiro. A realidade era essa. O resto era a psicologia da mãe, do pai né? Era essa a psicologia. Então, é isso! Quer dizer, eu sinto falta de formação. Sinto falta. Vejo que existe uma geração – uma nova geração né? – que conseguiu entrar, que conseguiu fazer estudos. Eu parei, realmente, no tempo. Parei no tempo. E como eu trabalhava em escola, na Aliança Francesa. Quer dizer, principalmente e, também, em fábrica. Já trabalhei em fábrica, ensinando francês pros funcionários. Quando eu entrei na escola pública eu tive um choque total. Porque eu falava. E eu falei: “como assim? Eu não posso falar francês em sala de aula e ninguém me entende?”. E nas outras, nos outros lugares eu falava e as pessoas me entendiam. Então pra mim foi muito complicado trabalhar em escola pública. Depois que eu saí da Aliança Francesa que eu comecei a ver, que eu conseguia olhar só pra eles. Mas, mesmo assim, desconhecendo a realidade. A realidade deles. Porque as turmas são muito grandes e se você for parar, pra conversar com eles, só, o lado seu profissional ficar pra trás, né? Como hoje, por exemplo, eu tinha que terminar a aula porque depois eu tinha uma reunião. A aula se estendeu 20 minutos porque eles passaram a falar das condições deles, né? Se eles iam voltar, ou não.

Mediador (eu) – Sim. E Lúcia você falou, né. Uma fala sua aí me chamou atenção. Você disse: “ah, eu parei no tempo”, né?

Professora Lúcia – É.

Mediador (eu) – Ou, de repente, se a gente invertesse, será que não tiraram, na verdade, né, os coros da vida, né, não roubaram, na verdade, esse tempo de você continuar?

Professora Lúcia – Porque, na realidade, quando a gente terminou, não havia qualquer expectativa. Eu terminei em 95, eu acho. Não havia qualquer perspectiva de alguém, de

vinte e poucos anos, entrar num mestrado. As pessoas entravam com 30 e tantos, 40 anos. Ficavam quatro anos no mestrado, mais seis no doutorado. Era essa a tônica. Você não tinha ninguém novinho. Aí, e eu até o tinha falado na nossa última reunião. A professora mesmo falou: vocês precisam ficar calejados pra participar de um mestrado. Muito bem. Aí eu tava na Aliança Francesa. Eu trabalhava na época. Fui pra lá logo. E depois de um certo tempo a gente começou a receber alunos. Quer dizer, a gente, a Aliança, né? Alunos de 23 anos, 24, 25 com mestrado. Eu falei: “poxa, eles são muito bons! 25 anos?”. E a gente não conseguia. Eu nem tentei na realidade. A gente não conseguia. Aí um colega falou: “não, é porque agora tá diferente. Existe uma possibilidade pra alunos mais novos e o mestrado ficou mais curto. Não existe mais a exigência da nossa época”. Hoje você tem pessoas 30 anos, que se fizerem, e se conseguirem passar pra um mestrado, aí sim. Emenda num doutorado com bolsa, né? E terminam cedo. São doutores muito cedo. Mas, também tem outro lado da moeda, que eles entram numa sala de aula com uma cabeça completamente teorizada e não tem aquele dia a dia.

Mediador (eu) – A vivência do chão da escola.

Professora Lúcia – A vivência do chão da escola realmente. Enfim. São as perdas e os ganhos de toda escolha. Da vida né? É assim! Mas eu gostaria sim de voltar a estudar. Eu digo que nessa pandemia eu tive bastante tempo no ano passado, mas não tive nenhuma. Vontade de zero de entrar internet pra fazer qualquer coisa ou ler. Eu li um artigo, uma coisa assim e mais nada.

Mediador (eu) – Diga Sônia! A Ana, a Fernanda. A Ana entrou, também, mas pode falar Sônia. A Sônia levantou a mão.

Professora Sônia – Então, eu lembrei de outra coisa, de outra possibilidade de formação que, às vezes, não tá só restrita a cursos né? É o encontro com os pares eu acho que proporciona, também, essa formação continuada né? Então eu sempre recebia, tenho hábito de receber estagiários, né, da licenciatura. E, também fui supervisora do Pibid, né, que é um programa de bolsas pra alunos de licenciatura, pra fazer iniciação à docência na escola. Então eles chegam na escola, tipo, no segundo, no terceiro período, já pra fazer esse estágio dentro da escola, né? E aí eu sempre falo que essas duas as coisas, né: receber estagiários da licenciatura, lá no final do curso, mas também os estudantes do Pibid, bolsistas do pibid, me promoveram, assim, uma formação continuada. Me promovem né? Agora, na pandemia, até isso me foi tirado. Porque eu não tenho nem uma coisa, nem

outra. E aí, assim, esse diálogo, pra mim, é superimportante né? Porque eles tão ali, se formando e com um pensamento muito ligado aos jovens, são superatentos à juventude né? Que a maioria do meu público de trabalho é jovem, atualmente. Então eles tão super antenados com as coisas que podem funcionar dentro da disciplina com os jovens, e tal; e tão sempre em diálogo, também, com essa questão acadêmica né? Então me proporciona né? Ter esse diálogo com eles, e a gente trocar experiências, e eu acho que faz muito isso pro professor também. A gente aprende muito. Eu lembro que, conversando com a coordenadora do Pibid, eu falava pra ela que eles oxigenavam as minhas práticas, né? No sentido de que traziam essa nova, esse novo vigor, essa respiração né, no sentido de refletir sempre pra proporcionar novas coisas. Então eu queria – e isso me veio aí com a fala de vocês – e eu acho que a gente nunca pensa na formação continuada sendo esses diálogos, também, que a gente trava com os nossos pares. Não só na possibilidade de estágio, mas, também, em eventos acadêmicos – quem consegue participar – ou, então, em reuniões, né, de sindicatos ou de associações. Eu acho que isso também é importante mencionar.

Mediador (eu) – Tá joia Sônia! E Ana, a gente hoje tá falando sobre a formação continuada e queria que você compartilhasse com a gente como é que foram aí, como é que foi aí o seu corre com a vida depois da formação inicial. Como que você fez pra, assim... É lógico que é uma conclusão que a gente já tá trazendo, desde a última roda, que é muito esforço nosso individual, que a gente não tem suporte nos nossos sistemas, que o nosso próprio modo de existir nosso, de sociedade neoliberal, às vezes nos poda muito, nos impede de acessar esses espaços, de ter contato com textos como esse que eu compartilhei aí com vocês que são, assim, fundamentais pra gente ter uma outra leitura da sala de aula; pra gente não continuar reproduzindo práticas culpabilizantes, medicalizantes. Práticas que discriminam, né? Então, assim, a formação continuada ela é muito necessária pra nós nesse sentido. Então, eu queria que você compartilhasse com a gente aí como é que foi.

Professora Ana – Então, eu tenho dois momentos né? Eu tenho um momento até 2012, que eu entrei em 81 e foi até 2012, que é até a minha primeira matrícula. E no período, nesse período, a gente tinha muita oportunidade. Na verdade a gente tinha quase que, que na época era assim. No início que era uma época mais militar e, assim, uma certa pressão. A gente era obrigada até a fazer curso (risos). Tinha os cursos que a escola oferecia e a gente era obrigado a fazer. Técnicas de ensino, técnicas... muito, muito curso mesmo.

Então foi um período, assim, apesar da questão política, não ser muito boa, mas tinha essa questão de estar sempre oferecendo cursos. E a questão pedagógica era muito mais forte. E aí nesse período, até 2012, eu fiz muitos cursos. Todos, assim, eu sempre gostei de estudar, gostei de tá, né? Tinha Piaget, tinha... depois houve outros autores, também. Frenet, né? Então havia, assim, muito mais engajamento na questão pedagógica. E eu sou da parte técnica. E o pessoal da parte técnica não é... a gente... que... a gente que tem a formação técnica. Mas o pessoal que tem informação de engenharia tem assim, muita aversão pela questão pedagógica. Professor, para alguns, era bico. Não era uma profissão, assim, que eles tinham como que precisasse estudar e tudo mais naquela época. Então são, assim, momentos distintos. Então, nesse período até 2012 eu fiz, é... eu pagando, ou escola oferecendo, eu fiz uma pós na parte educacional; eu fiz uma pós em qualidade... qualidade total, que na época começou, né, aquela coisa de qualidade total, de ter, né, qualidade em todas as questões. E eu, como na parte técnica, eu achei que eu deveria saber alguma coisa daquela parte que foi pago por mim. Depois eu fiz, né, um mestrado, que foi pago pela escola. A escola né, da parte Federal tem muita... Por exemplo, atualmente, a escola paga graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado, né, pra quem quiser fazer. E aí, né, a gente tem né? Só que muitas pessoas, às vezes, não querem fazer. Isso é muito ruim porque a gente vê que as pessoas têm oportunidade e não aproveitam. E quanto é questão pedagógica, de 2012 pra cá, a escola perdeu muito. A gente não vê mais pedagogo nas nossas reuniões, não vê a questão pedagógica sendo considerada. O pessoal que entrou novo não tem muito essa visão pedagógica de conhecer, de estudar. Houve até uma fase, assim, da escola; em alguns momentos que foi oferecido, até, mas o pessoal não aderiu. Sempre são as mesmas pessoas que participam dos cursos né? Grande parte da escola não participa. E aí, né, eu, nesse período agora de pandemia teve o Gaudêncio Frigotto. Eu até ia passar pra o grupo, mas é mais voltada pra a questão do ensino técnico. A questão da integração do ensino técnico com o ensino médio. Mas tem umas falas muito boas. Todos os cursos que apareceram de EAD, assim, que eu achava que era interessante, eu fiz, e eu gosto. Eu acho que mesmo com toda a minha formação, a minha experiência, eu gosto de tá atualizada. Mas, a maior parte do grupo, não só do meu grupo específico né, que a área de construção civil, mas toda a escola tem muita aversão à questão pedagógica. É uma coisa que contraditória né? Como é que é um professor tem aversão à questão pedagógica né? Parece que é uma coisa, assim, bem secundária mesmo. E aí é essa, assim, a minha formação. Atualmente eu, assim, gosto de participar. Não pretendo fazer doutorado né? Eu gastei, assim, acho toda minha (risos) eu

fiz dois segundos graus, eu fiz magistério, eu fiz curso de estradas, depois eu fiz duas faculdades: português, inglês e um curso que me dava habilitação pra dar aula no curso técnico. Fiz duas pós e o mestrado. Assim, fechou a conta, né? Não que eu não ache importante o doutorado, mas é uma coisa, assim, que eu vou deixar pros meus filhos (risos). É eu faço, assim, curso de atualização, e tudo mais, mas é uma coisa que... E eu tenho uma outra questão, também, que eu acho assim, que todos esses estudos deveriam ter uma aplicação prática. E muitas vezes você vê que tem alguns estudos que você não tem uma aplicação né? Uma coisa assim, que te leva a uma solução ou alguma aplicação. O meu mestrado foi na parte de o planejamento urbano, na parte de ciclovias, né? Que eu, através de uma análise, eu fiz uma ciclo-rota pros alunos percorrerem. Os alunos que utilizavam bicicleta na escola. Então, eu acho, assim, que os estudos devem ser mais focados em soluções. Se bem tem que tem alguns estudos, né, que é mais focado na questão da reflexão, mas hoje, assim, é uma carga, assim, muito pesada né? É uma opinião meio assim, mas eu gosto muito da objetividade, né, da praticidade. Tanto que eu sou da área técnica. Então é isso! Eu vejo que, atualmente, as pessoas não têm. As pessoas... os professores. Porque eu também é, mesmo acho que da parte é... é a questão pedagógica que eu acho que tinha que ser fundamental. O quê que o jovem estudante, o aluno estudante, é o quê que você pode fazer pra poder ir motivar? A motivação tá muito baixa. O quê que você pode fazer como técnica de poder atuar melhor na sua, no seu fazer, né, do dia a dia? Então é isso pessoal!

Mediador (eu) – Tá joia! Pela sua fala é realmente, assim, é o que a gente vem repetindo né? É um sentimento muito nosso de solidão, de iniciativa individual.

Professora Ana – É!

Mediador (eu) – A gente querer acessar esses espaços, de querer buscar. Porque as coisas não estão organizadas de forma que a gente possa ter acesso, ter essa essas leituras né? Até o texto né? O texto que eu sugeri. Até o texto fala que a gente não quer, não queremos, com isso, dotar os professores e as professoras de saberes em terapia, em... como é que foi falado lá gente, no texto? Não quero um professor psicanalista, mas é pra gente ter essa noção desses atravessamentos que entrecortam o chão da escola pra gente não ser...

Professora Ana – E a gente tá lidando com pessoas né?

Mediador (eu) – Um algoz a mais do sistema, né? A Fernanda que chegou aí atrasada, mas chegou. Que bom que veio, que deu tempo. Diga aí Fernanda!

Mediadora (Fernanda) – Ah, cheguei numa boa hora né? Que eu peguei umas falas bem legais aí. Eu tava ouvindo né? Eu tô aqui quietinha, só escutando. Fiquei pensando nisso de que a Ana falou, que é estranho né? Que a gente vê colegas professores que não querem saber do pedagógico né? Ela, que tá no curso técnico né, e eu que tô na universidade. E é muito comum isso, porque os professores, a maioria deles né, nesses cursos principalmente, que não são ligados a educação, eles não têm licenciatura né? Eu não tenho licenciatura né? Eu não sou licenciada. Eu sou psicóloga, fiz, né, formação, segui a formação acadêmica e, por isso, sou professora da UFF né? Universidade Federal. Mas eu não fiz a licenciatura, apesar de eu ter mais de 20 anos estudando a educação. Então assim, eu sei que eu sei educação (risos). Mas, né, porque eu quis. Assim, igual a Ana falou, eu sempre gostei, eu sempre corri atrás e é isso né? Um caminho muito solitário, muito individual, né, que a gente vai percorrendo na nossa capacitação. E tem um problema aí né? Tem alguma coisa errada né? Essa é que é a questão. Porque, né, a gente tem uma carreira, a gente escolheu, né, trabalhar com a docência. E isso é algo que tinha que ser estimulado, né, desde sempre, por aqueles que vão nos contratar, né? Enfim. A gente precisa tá o tempo todo se capacitando. Isso é algo, não só esperado, como exigido, né, na nossa formação. Que a gente, né, na nossa carreira, né, que a gente continue. Então, eu fiz o doutorado, aí eu tenho que fazer um pós-doutorado e eu tenho que ir né? Tem gente que para o tempo mesmo porque, assim: beleza, chegou onde chegou e acabou; não quer mais, tá com preguiça. Às vezes rola de tudo né? Não têm oportunidades, enfim. Mas, a maioria das pessoas, né, corre atrás sozinha, porque, e sem muitas... sem a garantia dos seus direitos, né? Porque é um direito constitucional, sabe, do docente uma licença pra capacitação. Quase ninguém consegue. Eu conheço várias pessoas que fizeram doutorado trabalhando 40 horas, ou mais. E assim, é muito pesado né? É muito difícil! Então, isso é outra coisa que desestimula muito, né, os nossos colegas e companheiros. Fala aí Ana, que você tá com a mão levantada.

Professora Ana - É e eu esqueci da fala da Flora sobre a questão da dificuldade, de como o pessoal hoje tem mais facilidade. A questão de que, a nossa geração, a gente não tinha essa coisa de fazer um TCC né, de ter essa continuidade né, de sair da graduação – às vezes nem faz pós – vai direto pro o mestrado, porque isso já é um já é uma questão atual. Como ela falou, na nossa época, pra você fazer um mestrado, você tinha que ir pro Rio,

tinha que parar de trabalhar, pegar, né, licença. Eram poucas pessoas que tinham essa oportunidade. Mas quando eu fiz mestrado, eu já tava, também, algum tempo, né, assim, parada e foi, assim, muito difícil mesmo. E aí a gente... essa questão da escrita, né, de você organizar é um... é pedreira! Atualmente alguns têm essa dificuldade. Mas em função dessa formação, que hoje é muito verticalizada né, ele tem mais facilidade. Mas, em contrapartida, eles não têm...

Mediador (eu) – Tinha falhado um pouco seu microfone.

Professora Ana – Ah, desculpa! É a questão de... eu tava falando da questão de que as pessoas têm uma verticalização, né, mais rápida e na nossa, é – acho que a Flora falou alguma coisa da dificuldade de continuidade – e a gente não tinha. Mas, em contrapartida, o pessoal, também, fica muito na academia e, às vezes, não pratica muito. Então a gente tem também essa dicotomia aí né? Essa coisa de que você vive muito na questão do estudo e pouca prática, em alguns casos, né? Então é sobre isso e, também né – só mais uma coisa, desculpa aí Fernanda – é a questão de como que as pessoas colocam a questão da... é... de como se isso fosse uma coisa simples assim, né? Que não fosse uma coisa de luta, de dificuldade, né? Eu terminei o meu mestrado aos trancos e barrancos, com uma série de dificuldades pessoais, mas eu consegui. Mas essa coisa de, também, de cobrar muito essa questão de ter mestrado, de ter doutorado; que, às vezes, em algumas situações, às vezes não são tão... assim... Não que a pessoa não deseje continuar a estudar, mas que, às vezes, não é uma coisa tão, eu acho assim, importante como você, de repente, ter um curso dentro da sua área de atuação, dentro da questão pedagógica, né? Então é isso!

Mediadora (Fernanda) – Eu acho Adma que, assim, óbvio que não é todo mundo que pensa assim, mas assim, eu já ouvi isso de algumas pessoas e eu mesma desisti de fazer a licenciatura, né? Eu comecei a fazer licenciatura em Psicologia, fiz duas disciplinas e depois não terminei. Eu tinha algumas outras pra fazer, o estágio acabei não fazendo porque... e eu ouvi isso de outras pessoas né? Que aquilo ali não servia pra nada. Tem, tem esse preconceito de profissionais que não são do magistério né, que não são das licenciaturas né, de achar que... E a gente sabe que, no mestrado e no doutorado, a gente não aprende sobre educação. Se você for fazer um mestrado e um doutorado, numa área que não tem nenhuma relação com educação, você vai ver, né? Assim, eu tenho colegas que são especialistas no cocô do morcego não sei o quê, entendeu? Biólogo e tal, que é maravilhoso nessa área, um cientista. Mas ele não sabe quem é Foucault. Ele nunca ouviu

falar e Foucault. Ele conhece, assim, muito de longe, assim, Paulo Freire. Já ouviu falar (risos), né? E ele é professor do curso de licenciatura. Então assim, eu acho isso sério (risos)! Não é? Por isso que eu falo, assim, eu não tenho licenciatura, mas eu fui descobrir quem eram essas pessoas, eu fui correr atrás, eu queria trabalhar com educação. Sempre quis! Não fui fazer uma licenciatura porque, de fato, não teve condição. Assim, a UFRJ, o que eles ofereciam, né, pra nós na época, 20 anos atrás, era muito complicado. Era impossível mesmo! Eu desisti porque não foi possível conciliar, né? Vai lá filho, vai lá!

Mediador (eu) – Bom, e assim, resgatando uma fala que a Bárbara trouxe, né, quando a Bárbara fez uma outra intervenção sobre o Pibid, né – e acredito que é por isso que a gente, que estamos aqui né, com esse propósito. É lógico que a gente lançou esse projeto de dar sequência pesquisa que a gente começou lá em março, abril de 2020. É lógico que a gente tá fazendo essas rodas num momento de pandemia, num momento que tá todo, que a classe, assim, que a gente tá passando por diversos ataques, por diversos desmontes. Momento que a gente tá com a nossa saúde emocional, mental um pouco mais fragilizada. É lógico que isso aqui é um espaço que a gente pensou, a princípio, como eu venho falando sempre com vocês, um espaço de apoio mútuo, de escuta, de afeto; da gente se identificar um outro; da gente né, como a Bárbara disse, né, de se identificar e crescer com os nossos pares. Com os nossos e as nossas colegas de classe. E assim, além disso tudo né – que é o mais importante – que a gente tá aqui unido, que a gente tá se apoiando, que a gente tá conversando, dialogando. Isso aqui também é um espaço, né, de formação. Que foi o principal - tem sido né? – o principal motivador. Então assim... isso são hipóteses que a gente é... tem outras colegas que já fizeram pesquisa – e que a Fernanda já orientou – que tiveram muito sucesso e um retorno muito positivo com as rodas de conversa. E a gente quer transformar isso aqui numa política nossa, numa atitude nossa, num movimento permanente do nosso grupo de pesquisa, enquanto coletivo. E assim, hoje mais cedo tava conversando com a Fernanda – vou repetir pra quem chegou depois – a gente assim, por enquanto, pra nossa pesquisa, a gente até já reuniu bastante material pra gente refletir, em sentido positivo né? Acho que as rodas, assim, pelo menos eu, particularmente, estou muito, assim, tinha uma expectativa muito positiva e tive essas expectativas superadas, né? O tanto que a gente conversou, o tanto que a gente trocou e o tanto que tem sido importante pra nós estarmos aqui, garantindo esse direito que é nosso, mas que nos é negado, né, pelos vários impedimentos, pelas várias precarizações, pelos vários ataques que a gente sofre só por a gente existir, só para a gente ser. Por nós sermos

quem a gente é enquanto classe, enquanto pessoas né, que vivemos numa sociedade com essa existência que, às vezes, não permite que a gente se realize, profundamente, naquilo que a gente se propõe a fazer, né? Aquilo que a gente escolhe fazer né, na da nossa vida. Principalmente profissionalmente, porque o trabalho ele é, assim, também, se você não se realiza no seu trabalho você passa uma vida acho de infelicidade. Então, a gente tá aqui também pra se realizar né? Não só pra trabalhar. A gente tem que trabalhar pra viver e não viver pra trabalhar, né? Então a gente não pode, às vezes, inverter essas coisas. Então, assim, diante dessa vida tão difícil, precarizada, entrecortada por essa loucura toda né, de falta de tempo, de limitações, de tempo roubado. Então, a gente tá aqui é um próprio ato de resistência. E, assim, eu fiquei até refletindo né. Agora a gente vai voltar ao ensino remoto e, assim, um começa a trabalhar num horário, outro começa a trabalhar no outro, aí fica um pouco difícil da gente se reunir. Então, olha como as coisas estão desorganizadas, como a vida tá precarizada no sentido de desorganizar a nossa luta pela nossa existência e pela nossa... pelo viver né? E viver com profundidade aquilo que a gente se propôs a fazer. Então, assim, eu queria agradecer novamente a vocês. Tem sido maravilhoso. Muito crescimento pra nós do grupo de pesquisa tá aqui conversando com vocês. Tem sido encontros maravilhosos. Dá daquele – como eu falei, né – aquele calorzinho no coração da gente toda vez que a gente se encontra, que a gente se reconhece na dor, na luta do outro, da outra. E assim, a gente já cria até aquele nosso apego né? Um pouco de apego uns com os outros e isso é bom! É disso que a gente precisa. Aí a gente vai tá se organizando pra próximos encontros. A gente sabe que agora né, com essa loucura toda pra onde estão nos conduzindo, pra onde estão nos empurrando; a gente não sabe como as coisas vão ficar, mas a gente não quer, assim, perder esse vínculo e fazer disso aqui uma política permanente. Tá joia? Mas já vamos encaminhando né, para o finalzinho. Queria abrir aí pras falas de vocês que daqui a pouco eu tenho que correr pra subir o morro, mas oito minutinhos eu tô lá, com os meus alunos e alunas.

Professora Ana – Aí esse é o último encontro?

Mediador (eu) – Não, não. Não é o último não. Ana, eu disse no sentido de que, assim: pra pesquisa, mas não é o último encontro não. Pra pesquisa...

Professora Ana – Pros objetivos de vocês primeiro.

Mediador (eu) – Para os nossos objetivos, a partir das hipóteses que a gente pensou, idealizou né, até superamos né, positivamente as hipóteses. Tá muito melhor do que a

gente esperava que fosse. Mas a gente, assim, eu tô falando porque a gente quer esperar esse momento de todo mundo se acertar com seus horários, que é um momento de muita insegurança né Diana? E, também a Flora. A Flora disse que não sabe ainda como é que vai tá o horário dela. Então a gente quer esperar só dar um tempo de todo mundo se organizar né? O grupo tá lá, a gente vai continuar se comunicando pra gente ir marcando os próximos encontros, tá?

Professora Ana – Queria agradecer, parabenizar pelo trabalho. É, vocês, né, um grupo novo que tá aí empenhado em poder ajudar né, contribuir pra que a gente tem espaço melhor, tenha melhorias na nossa caminhada. Então parabéns! Foi muito bom, assim, é poder contribuir de alguma forma. E depois vocês vão passando pra gente os resultados, as questões pra gente ler também os textos que vocês mandam. E assim...

Mediador (eu) – Tá saindo aí. Tem um monte de coisa no forno já.

Professora Ana – Ah que bom!

Mediador (eu) – Tem coisa que já saiu e tem coisa que já tá para sair, tá na boca aí pra sair. A gente compartilha com vocês sim.

Professora Ana – Vocês têm uma energia muito boa. Porque às vezes eu tenho alguns amigos que são... que tem a questão política, mas enfim, que pensa desse lado obscuro. Nossa é que é tão triste. Algumas coisas que eles mandam, mas que eu não respondo porque eu respeito. Mas acho que eles não respeitam a minha posição. Mandam cada barbaridade e a gente e fica pensando por que que pessoas estão pensando isso. Que estão nesse nível de entendimento quanto à sociedade, quanto à situação do país. É impressionante! Mas enfim, é um bálsamo essas reuniões. Saber que tem gente né, que tá né, caminhando com o interesse pelo bem comum. Tá? Parabéns!

Mediador (eu) – E, só abrindo um parêntese, rapidinho, uma coisa que eu pensei hoje. Uma coisa que eu queria muito dizer pra vocês. Eu fico até um pouco emocionado. Nos agradecimentos da minha dissertação o nome de vocês vai estar constando lá, também. Então eu queria muito, muito agradecer vocês pelas contribuições tão valorosas. Eu tô pensando isso a semana inteira. Aí ontem me ocorreu isso. Falei, “gente, eu vou colocar o nome das meninas, do pessoal, em agradecimento por esse presente por essa oportunidade que vocês estão me dando de dialogar, de discutir, de pensar, de ver do quanto que a gente pode quando a gente se reúne, quando a gente se junta, quando a gente

se aglomera, assim, positivamente né? Do quanto a nossa classe pode ir né? Que nós somos muito e podemos muito! Ok?

Mediadora (Fernanda) – Ai, eu queria falar um pouquinho assim. Mas eu não tô em tom de despedida não, tá Adma? Porque a gente conversou hoje, eu e Tiago, é que porque tá tendo esses impasses aí com relação ao horário. Porque esse é um momento muito difícil mesmo pra todo mundo. Essa semana eu tive duas reuniões que viraram, que duplicaram. Tipo, elas só acontecem uma vez por mês. Só que, por causa de toda essa insegurança com relação ao que que a gente vai fazer do retorno, retorno híbrido. Quê que é o híbrido? Ninguém sabe como vai fazer, enfim. Tá muito caótico pra todo mundo. Assim, pra quem já está, né, no presencial, pra quem tá indo, pra quem tá na insegurança de como vai ser essa ida, enfim. E aí, eu tive duas reuniões essa semana que viraram quatro. Porque a gente vai ter mais duas na semana que vem. Extra. Extraordinárias pra continuar essa discussão que não findou e não findará (risos). Porque assim, é essa coisa. Ontem eu até vi, não sei se chegou pros meninos. Mas uma prefeitura do Norte, Noroeste ali. Acho que São José do alto é Região Serrana né? Nem sei direito.

Mediador (eu) – É Serrana. São Sebastião do Alto.

Mediadora (Fernanda) – É. Uma cidade próxima, ali do Noroeste, que voltou a fechar as escolas porque teve um caso, de uma criança de 5 anos, com convite Delta. Enfim. E aí que essa situação é uma situação muito delicada, muito difícil né? Porque a gente sabe. Nós que amamos a educação, a docência, a gente sabe a falta que isso tá fazendo pros meninos e meninas né? De não ter a escola, de não ter esse contato com a gente. É muito pesado, é muito duro. Mas, ao mesmo tempo a gente tá falando de uma coisa que é questão de vida ou morte né? A gente não sabe o quê que pode acontecer. Mesmo vacinados – eu acredito que todo mundo já esteja, pelo menos, com a primeira dose – Paulo tomou a segunda né? Ou vai tomar. Foi hoje né?

Mediador (Paulo) – Foi. Tomei hoje na hora do almoço.

Mediadora (Fernanda) – Olha que maravilha! Que alívio né, que dá.

Mediador (Paulo) – Mas eles adiantaram só pra gente poder voltar para sala mesmo.

Mediadora (Fernanda) – É, eu sei disso, eu sei. Mas enfim, tá com a segunda dose né? Depois de tudo que você passou acho que é um alívio muito grande né? Enfim. E assim,

a gente tinha, de fato, como o Tiago falou. Há muitos anos eu queria que isso que a gente tá fazendo aqui hoje acontecesse. Tem muitos anos (risos). A minha tese de doutorado, que eu defendi há 11 anos atrás, já era sobre rodas de conversa com professoras e professores. Eu já estudo essas discussões, eu já faço essas propostas há, pelo menos, 16 anos. É muito louco né? E é muito difícil ao mesmo tempo. Porque nós mandamos esse e-mail para 337 pessoas convidando pra essa roda. E a gente tem vocês, as nossas heroínas né, que tão aqui né? Que aceitaram estar com a gente. E é óbvio que não é porque os professores não querem. É porque é louco demais né? A gente tá aqui agora com esse impasse do horário porque é isso! O sistema, como o Tiago gosta muito de dizer, nos rouba o tempo, tempo de vida. E é óbvio assim, pra mim é cada vez mais claro que o sistema não quer que a gente possa fazer essas rodas, que a gente se reúna. Esse sempre foi o principal complicador nesses 16 anos que eu estudo sobre grupos na educação. É o principal complicador. Porque os professores e professoras não tem tempo pra tá junto. Eles não conseguem! Exatamente Bárbara! É um projeto! A crise, né, é isso! Tiago acho que escreveu isso num artigo da gente por aí a fora (risos). Depois, eu não sei se vocês já mandaram, mas a gente pode mandar lá no grupo de novo o link. É o Paulo que é nosso especialista nas redes aí, é o nosso técnico super ninja (risos). Criou pra nós uma página. A gente tem uma página do nosso núcleo de pesquisa que tem todas as produções que a gente fez. A gente pode, inclusive, mandar para vocês o link daquelas que tem, que estão com os trabalhos que foram feitos a partir da pesquisa. Dessa pesquisa maior que vocês participaram na primeira fase, que foi em abril do ano passado, a segunda fase que foi agosto e essa, que seria a terceira fase né, dessas rodas. Então lá tem, já tem quatro trabalhos que foram baseados nessa pesquisa e o último vai ser publicado esse ano, que tá saindo no nosso segundo volume do fraturas expostas pela pandemia; que é um livro que a gente... é um e-book né? Gratuito. Isso foi uma outra coisa, uma conquista muito grande em tempos tão difíceis. Com a escassez de recursos, com desmonte da educação e além de desmonte né, perseguição aos docentes de todos os níveis. A gente conseguir fazer livro de gratuitos né, que a gente pode compartilhar livremente; isso, pra mim, é uma grande conquista também, uma coisa que há muitos anos eu queria, que eu achava que era impossível. Mas a gente conseguiu fazer esse primeiro volume, o segundo volume. Agora a gente vai fazer um terceiro livro também que, também vai ser nesse formato. Enfim. Então uma coisa que é muito gratificante né, da gente conseguir na educação. E tá aqui com você já muito gratificante também. Por tá né, percebendo que a gente não tá sozinho. Acho que é isso, assim, que é o mais importante. A gente percebe

que vocês aceitaram estar aqui com a gente porque vocês acreditam também na importância. E a fala da Bárbara me tocou muito assim né? Da importância do coletivo, da gente poder tá junto, da gente poder se capacitar ao estar junto né? É isso! É isso que eu sinto sempre! Sempre que eu tô no coletivo, sempre que eu tô num processo grupal como esse aqui. E é isso! E eu queria agradecer muito a vocês e dizer que a gente continua junto tá?

Professora Ana – Coloca lá no grupo do WhatsApp os links porque eu tô no celular e eu não consigo ler o chat, nem falar no chat.

Mediador (eu) – Tá bem Ana. A gente coloca lá depois pra vocês. Mais alguém gente, queria tá deixando aí mais alguma fala? Reafirmando, não é despedida. Assim, a gente tá fechando só uma fase e que isso aqui é uma política nossa. É algo que a gente quer manter enquanto grupo; que a gente quer deixar isso permanente. É o caminho que a gente entende pra sair né? É a possibilidade que a gente tem de dar a volta por cima de tudo que tão querendo impor e fazer a gente sofrer enquanto classe.

Professora Lúcia – Eu também vou agradecer a vocês, né? É sempre bom participar, conhecer outras pessoas e, apesar das vezes estar cansada, porque a gente, como eu falei, tem tido muitas reuniões em função do novo ensino médio né; mas eu gosto muito de participar, de ouvir vocês. Muito obrigada!

Professora Eliete – É, eu também agradeço. Por termos essa chance aí, como eu já falei da outra vez, da oportunidade mesmo desse espaço de conversa; e da importância mesmo, como disse a vocês, de estar conversando. Pra a mim é crescimento! Eu adoro conversar com vocês, ouvir, falar com vocês, Adma, com todos vocês. Fora, eu acho, que eu sou única baiana né? Então tem que abusar (risos).

Mediador (eu) – Baiana maravilhosa e arretada!

Professora Eliete – Eu que agradeço gente pela oportunidade mesmo. De coração! Pra mim, assim, é muito interessante. Muito bom mesmo! Obrigada, viu Tiago? Obrigado a vocês também!

Mediador (eu) – Eu vou interromper aqui a gravação, pra gente já encerrar.